

DENILSON BOTELHO

Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de
História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação
do Prof. Dr. Sidney Chalhoub.

Este exemplar corresponde à redação final da
Tese defendida e aprovada pela Comissão
Julgadora em: 11 / 12 / 2001.

Banca:

Prof. Dr. Sidney Chalhoub

Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha

Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira

Prof^a. Dr^a. Magali Gouveia Engel

Prof^a. Dr^a. Maria Izilda Santos de Matos

Prof^a. Dr^a. Maria Clementina Pereira Cunha (Suplente)

Prof^a. Dr^a. Silvia Hunold Lara (Suplente)

Dezembro 2001

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA	T/ UNICAMP
	B657L
V.	47800
PREA	837/02
C	☐
D	☒
PREC	R\$ 11,00
DATA	14-02-02
N.º CPD	

CM00163500-8

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

B657L Botelho, Denilson
Letras militantes : história, política e literatura em Lima
Barreto / Denilson Botelho . - - Campinas, SP : [s. n.], 2001.

Orientador: Sidney Chalhoub.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Barreto, Lima, 1882-1922. 2. Política e literatura – Brasil.
3. Imprensa. 4. Brasil – História – República Velha, 1889-1930.
I. Chalhoub, Sidney, 1957- . II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Esta tese é dedicada à memória do escritor **João Antônio**, mestre do conto, que nos deixou de maneira trágica e melancólica em 1996. O autor do inesquecível *Malagueta, Perus e Bacanaço* dedicou toda a sua obra a Lima Barreto e nos legou algumas das páginas mais emocionadas que já se escreveram sobre o “mulato de Todos os Santos”: *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, publicado em 1977. Tal como dedicava a Lima Barreto cada um dos seus livros, permito-me consagrar esta tese ao seu talento, caráter e (humildemente) à atualidade da sua prosa.

Agradecimentos

Inicialmente registro meu agradecimento à Fapesp pela bolsa e pelos recursos que me concedeu, viabilizando concretamente a realização deste trabalho.

Na Biblioteca Nacional fui atendido com muita atenção por diversos profissionais, que, apesar dos poucos salários e das precárias condições de trabalho, insistem em dignificar esta instituição que não existiria sem eles. Agradeço especialmente à Vera, que providenciou a microfilmagem de alguns jornais e revistas com agilidade e competência.

Nas bibliotecas da Fundação Casa de Rui Barbosa e da Associação Brasileira de Imprensa, bem como no Arquivo Edgar Leuenroth, na Unicamp, também sempre fui muito bem atendido.

Sidney Chalhoub foi orientador exemplar, sempre disposto a ler e comentar com entusiasmo os meus relatórios e textos que antecederam à tese. Sua experiência deu-me também o norte para alguns momentos de indefinição na pesquisa. Depois de tanto tempo contando com um interlocutor privilegiado como ele sempre foi, já começo a sentir saudades ...

Aos professores da Unicamp devo agradecer pela atenção que dedicaram ao meu trabalho em diferentes momentos, particularmente a Claudio Batalha e Michael Hall – este pela leitura atenta e inúmeras sugestões bibliográficas que me forneceu inclusive no exame de qualificação. Leonardo, colega de pós e depois também presente na qualificação, sempre me ajudou muito a avançar nas minhas reflexões e espero continuar contando com a sua interlocução.

Álvaro Nascimento é amigo-irmão inseparável, companheiro de graduação na UFF e de mestrado e doutorado na Unicamp. Desde então temos nos dedicado a estudar o mesmo período: a Primeira República. Ele através da revolta liderada por João Cândido e eu através da pena de Lima Barreto. Sempre que me vi diante de dificuldades recorri a sua garra e determinação inigualáveis. Devo-lhe muito por ter chegado até aqui, tarefa que seria bem mais difícil sem o seu apoio inestimável.

Em 2001, já na reta final da redação da tese, contei com um estímulo inesperado. Lecionando na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, em São Gonçalo, como Professor Substituto nas disciplinas de Historiografia e História Fluminense, recebi dos meus alunos uma contribuição que eles nem imaginam que tenham me dado. O olhar atento e interessado de cada um deles e o seu entusiasmo com o ofício a que nos dedicamos foi o empurrão final do qual eu precisava para concluir a tese. Agradeço-lhes imensamente.

Os companheiros dos cursos do doutorado também foram importantes no início dessa longa jornada, bem como os colegas da Linha de Pesquisa de História Social da Cultura que transformam aquelas reuniões num verdadeiro fórum de discussões, como raramente se vê na academia. Aldrin foi mais que um companheiro de jornada, me abrigando em sua casa por várias semanas.

Quero agradecer também a algumas pessoas que, mesmo vivendo no mundo para além da academia (em alguns casos), deram-me seu apoio e estímulo, até mesmo sem saber que o faziam: meus pais, Adilson e Angela, e minha querida irmã Dayse, que sempre me reservam um carinhoso apoio incondicional; João Henrique Christóvão, parceiro de muitas lutas, aventuras e desventuras; Renato Saldanha Lima, que desde o

pré-vestibular tornou-se amigo de coração e com quem compartilhei a emoção de assistir à peça *Cemitério dos vivos*; Marco Aurélio Pina de Carvalho, companheiro de viagem desde os tempos do velho Caminhando, um jornal que fez história; Keila Grinberg,, companheira desde a Uff e uma historiadora admirável; Alessandra Schueller, cuja garra e competência são contagiantes; Adriana Freixo e Adriana Morgado, amigas cujos descaminhos da vida insistem em nos afastar, mas que basta um encontro para resgatar aquela sensação gostosa de que somos inseparáveis; Heloisa Pinto de Brito, que mesmo na distante Guapimirim sempre envia sinais de que continuamos juntos, cada um na sua jornada; e tantos outros aos quais sou igualmente muito grato.

Por fim, não há agradecimento bastante para o tanto que Gladys representou todos esses anos pra mim. Suportou com galhardia e compreensão todos os meus impasses e incertezas, principalmente durante o ano de 2001, sempre disposta a me reanimar nos momentos mais difíceis. Companheira de todas as horas, juntos construímos com amor o dia-a-dia dos últimos anos de nossas vidas. A tese é mais uma conquista que compartilho especialmente com ela, que sabe melhor do que qualquer outra pessoa o quanto isto nos custou.

RESUMO

Esta tese tem como objeto central a trajetória intelectual do escritor carioca Lima Barreto (1881-1922). Analisando sua extensa colaboração em jornais e revistas do Rio de Janeiro no início do século XX, sua produção literária e a rede de interlocutores com os quais dialogava através de seus artigos e correspondências, traçamos um perfil do significado histórico da sua militância político-literária. Nosso objetivo foi compreender o processo de construção da sua carreira como literato e os meios pelos quais esta carreira se tornou indissociável das suas idéias políticas e da sua concepção de literatura engajada.

Nesse sentido, resgatamos sua trajetória na imprensa desde os jornais e revistas nos quais publicou seus primeiros textos, passando pela *Floreal*, revista criada e dirigida por Lima Barreto em 1907, bem como a sua produção literária, que teve na publicação de *Recordações do escrивão Isaías Caminha*, em 1909, o seu romance de estréia.

Destacam-se ainda neste trabalho, a análise dos artigos e crônicas através dos quais Lima Barreto se insere nos debates políticos sobre as eleições na Primeira República, as greves do Rio de Janeiro e São Paulo em 1917 e 1918, a Grande Guerra e a Revolução Russa, entre outros temas. Este conjunto de textos nos permitiu avaliar até que ponto o escritor se envolveu com idéias ligadas ao anarquismo e ao socialismo dessa época.

Por fim, a tese contém também um estudo pioneiro e original sobre a biblioteca particular do escritor. Analisando um inventário dos livros que possuía, seus textos de crítica literária e registros de impressões de leitura, foi possível identificar algumas relações entre as leituras que Lima Barreto possivelmente fez e as idéias políticas que defendeu.

ABSTRACT

The main objective of this work is to present the intellectual path of Lima Barreto, a famous Rio de Janeiro born writer (1881-1922). Through the analysis of his wide collaboration to the Rio de Janeiro press at the beginning of the 20th century, his literary production and the interlocutors network with whom he talked through his articles and letters, it was possible to build up a profile of the historical meaning of his literary and political engagement. The aim here is to understand the building process of his career as writer and the means through which this career has turned into just one thing along with his political ideas and from his literature engaged conception.

Following this concept, his journey in the press was rescued from the newspapers and magazines on which he has published his first articles, not only going from *FLOREAL* – a magazine created and managed by himself on 1907 -, but also from his literary production which has begun with *Recordações do escrивão Isaías Caminha* on 1909, his first novel.

On this work there is also an analysis of chronicles and articles through which Lima Barreto has entered the political debates about the First Republic elections, the strikes in Rio de Janeiro and São Paulo in 1917 and 1918, the Great War and the Russian Revolution, among other subjects. This group of texts has made possible an evaluation of at which point he has involved himself with the ideas of anarchism and socialism at that time.

Finally, this study also presents a pioneer and original view over his private library. Through NA analysis of the books he had, of his texts of literary criticism and of the registration of his reading impressions, it was possible to identify some relationship between Lima Barreto's possible readings and the political ideas he fought for.

Índice

Capítulo 1 – O lugar de Lima Barreto na história	pág. 1
Capítulo 2 – Sob o signo da <i>Floreal</i>	pág. 35
Capítulo 3 – Um “snob” anarquista chega às páginas da imprensa	pág. 71
Capítulo 4 – “Ave Rússia” – A militância maximalista	pág. 117
Capítulo 5 – Livros, leituras e idéias	pág. 165
Fontes	pág. 191
Bibliografia	pág. 193
Anexo: Ilustrações	pág. 206

Capítulo 1

O lugar de Lima Barreto na história

“E quem sabe, então
O Rio será
Alguma cidade submersa
Os escafandristas virão
Explorar sua casa
Seu quarto, suas coisas
Sua alma, desvãos

Sábios em vão
Tentarão decifrar
O eco de antigas palavras
Fragmentos de cartas, poemas
Mentiras, retratos
Vestígios de estranha civilização”

Chico Buarque

Qual historiador não se sente um pouco como os escafandristas dos versos¹ de Chico Buarque, tentando decifrar o eco de antigas palavras? De fato, o Rio de Janeiro aqui retratado encontra-se mesmo submerso, mas não pelas águas, e sim pelo passado que nós, historiadores, insistimos em visitar. E percorrendo cartas, diários, crônicas, artigos, romances e outros escritos de Lima Barreto, muitas vezes me vi explorando sua casa, seu quarto, sua biblioteca, suas coisas e, por que não, sua alma, desvãos ...

¹ Esses versos pertencem à letra da música “Futuros Amantes”, do CD **Paratodos**.

Se tivesse que resumir em poucas palavras o objetivo desta tese, poderia afirmar que ela pretende decifrar um pouco mais esse literato tão instigante que foi Lima Barreto. Decifrá-lo - que fique bem entendido - sob a perspectiva da história, ou seja, refiro-me ao significado histórico e, especialmente, político da sua vida e obra produzida no seu tempo - as primeiras décadas republicanas. Trata-se, em poucas palavras, de compreender como o escritor se comportava politicamente ou como podemos situá-lo politicamente na conjuntura histórica do início do século XX em que viveu.

Mas ao longo da pesquisa e elaboração desta tese de doutorado, inúmeras vezes fui colocado diante de uma mesma questão. A pergunta surgia não só nas rodas de discussão acadêmica, mas também nos mais variados ambientes. Trata-se de uma questão que, antes de qualquer um, eu mesmo formulei e respondi reiteradas vezes. Fosse nas salas de aula da graduação e pós-graduação, passando pelos corredores e pátios, até as mesas dos bares e conversas informais com amigos, volta e meia, lá estava eu e a tal questão que já há algum tempo me acompanha.

Afinal, por que estudar Lima Barreto?

É verdade que a pergunta nem sempre veio assim, curta e objetiva. Digamos que esse é o eixo principal de um conjunto de questões que eu mesmo venho me propondo a responder e sendo chamado a fazê-lo. Dependendo do ambiente em que ela surge, chega mais ou menos elaborada. Vinda dos colegas de ofício, torna-se mais longa e cheia de desdobramentos: por que a vida e obra de Lima Barreto são relevantes para a nossa História? De que modo se dá a minha abordagem de Lima Barreto? Qual a contribuição desta pesquisa para a historiografia? Nas conversas informais - e não menos importantes -, predominava a curiosidade e uma certa inquietação com relação a escolha do tema: por que eu escolhi estudar

e pesquisar a vida e a obra de Lima Barreto? O que me levou a fazer esta escolha? Em suma, variações em torno de uma mesma questão.

A justificativa teórica e a relevância historiográfica deste trabalho acadêmico sobre Lima Barreto será devidamente abordada logo adiante. Por ora, prefiro começar tratando das razões que me levaram a escolha de Lima Barreto como tema central desta tese. Isto remete a uma discussão que desde cedo travamos em nossa formação. Já nos primeiros cursos feitos na graduação, longos debates tivemos procurando avaliar em que medida a história e os historiadores são fruto do seu tempo. Ou seja, até que ponto o conhecimento histórico que é produzido hoje - nossas dissertações e teses - e os temas e abordagens escolhidos pelos historiadores são delimitados pelo momento histórico por nós vivido.

Foi através de Marc Bloch que entrei em contato pela primeira vez com este tipo de reflexão. Na sua *Introdução à História*, o historiador francês expunha com clareza e didatismo a razão pela qual escolhemos este ofício – ainda que muitas vezes sequer nos damos conta disso – e um objeto a ser pesquisado. Trata-se de compreender o passado pelo presente: “Em boa verdade, conscientemente ou não, é sempre às nossas experiências cotidianas que, em última análise, vamos buscar, dando-lhes, onde for necessário, os matizes de novas tintas, os elementos que nos servem para a reconstituição do passado”.²

Tendo nascido e crescido sob a ditadura militar instalada no país em 1964, cheguei à juventude quando emergíamos daqueles anos de chumbo. Era o tempo da campanha pelas diretas que ganhava as ruas e dos primeiros governos civis que estavam por vir, após os sucessivos governos militares. Era um tempo de esperanças e também de muitas frustrações, particularmente a partir da eleição do primeiro nefasto Fernando, o Collor de Melo, para a presidência da República.

² BLOCH, Marc. **Introdução à história**. s.l., Publicações Europa-América, 1974. P. 43.

Foi nessa conjuntura de crescente liberdade política, esperanças de um futuro melhor que não veio e frustrações com os caminhos políticos tomados pelo país que brotou o interesse pela origem da nossa república. Afinal, como começou tudo isso? Como nasceu o regime republicano no Brasil? Como foram tratados na sua origem questões tão caras a nós hoje, como a cidadania, a democracia e a justiça social? Na verdade, gritava dentro de mim o desejo de compreender a dura realidade dos anos 1980/1990 e imaginava que talvez a chave para essa compreensão estivesse no conhecimento das origens do atual regime e do nosso passado republicano. É o mesmo Bloch quem afirma: “É tal a força da solidariedade das épocas que os laços de inteligibilidade entre elas se tecem verdadeiramente nos dois sentidos. A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja mais útil esforçarmo-nos por compreender o passado, se nada sabemos do presente”.³

Nessa busca pela compreensão do passado “esbarrei” com o escritor carioca Lima Barreto (1881-1922) e o escolhi como um guia para o passado. Foi um encontro e tanto: eu nas últimas décadas do século XX e o literato nas duas primeiras décadas desse mesmo século, período que coincide com os nossos primeiros tempos republicanos. E foi através de seus romances, contos, crônicas, artigos, diários e correspondências que fui entrando em contato com uma visão peculiar sobre aquele tempo, uma espécie de testemunha privilegiada das primeiras décadas do novo regime.

Contudo, saltava-me aos olhos mais do que o testemunho de Lima Barreto. Chamava-me a atenção sua preocupação com a política no sentido mais amplo possível em relação àquele momento. A mesma política que me trouxera esperanças e frustrações no fim do século. Então decidi-me por transformar o conteúdo político da obra de Lima Barreto em

³ *Ibidem.*, p. 42.

objeto de investigação histórica. Afinal, se Lima Barreto fez da sua literatura uma missão⁴, interessei-me então pelo conteúdo político desta missão.

As transformações vividas no âmbito da produção dos conhecimentos históricos nas últimas décadas permitiram-me a realização de um trabalho como este. Nas páginas que se seguem estaremos em companhia de um literato que nos levará ao alvorecer do século XX. Alçado à condição de objeto central de uma tese, mais do que a sua biografia interessa-nos compreender melhor a sua militância político-literária e a contribuição que isto pode trazer para o entendimento que temos do momento histórico em que viveu, qual seja, a Primeira República.

A abordagem aqui desenvolvida é tributária, ainda que longinquamente, do movimento dos *Annales* que revolucionou a historiografia em boa parte do mundo, particularmente na França⁵. A partir daquele movimento iniciado por Bloch e Febvre em 1929, tornou-se possível pensar na história como uma disciplina problematizadora – a história-problema – e capaz de instituir novos temas, novos objetos e novas abordagens⁶. Data daí o surgimento da história social enquanto campo específico de investigação que, particularmente a partir da década de 1970, torna-se bastante frequentado pelos historiadores⁷. Para ser mais preciso, poderíamos afirmar que nossos referenciais teóricos situam-se numa vertente dessa história social que tem priorizado a experiência humana e os processos coletivos nas

⁴ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**; tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, 1985.

⁵ Um bom panorama sobre o significado do movimento dos *Annales* pode ser encontrado em BURKE, Peter. **A Escola dos Annales, 1929-1989**; a revolução francesa da Historiografia. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

⁶ Convém lembrar nesse sentido a publicação de uma coletânea de artigos em 3 volumes, organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora, que marcou os anos 70 e as décadas seguintes no Brasil: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (dir.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979. _____. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979. _____. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.

⁷ CASTRO, Hebe. "História social" in CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro, Campus, 1997. Pp. 45-59.

explicações históricas que constrói. Trata-se de uma história social da cultura, cujas principais influências seriam Carlo Ginzburg e Roger Chartier, entre outros.

De Ginzburg tomamos os pressupostos da sua micro-história. Na Itália, *Microstorie* foi o nome de uma coleção publicada pela Einaudi (Turim), dedicada a pesquisas biográficas, estudos de comunidades e reconstituição de episódios excepcionais na vida cotidiana de certas populações, entre outros temas⁸. Nas palavras de Chartier,

“a *micro-storia* pretende construir, a partir de uma situação particular, normal porque excepcional, a maneira como os indivíduos produzem o mundo social, por meio de suas alianças e seus confrontos, através das dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem. O objeto da história, portanto, não são, ou não são mais, as estruturas e os mecanismos que regulam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, e sim as racionalidades e estratégias acionadas pelas comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos”.⁹

É nossa preocupação identificar o conteúdo político da obra e das atitudes do indivíduo Lima Barreto. Interessa-nos justamente compreender o seu ideário político investigando as formas pelas quais ele produz o seu mundo social na imprensa e na literatura e através das alianças e confrontos que estabeleceu ao longo de sua trajetória enquanto literato na capital da República no início do século. Pretendeu-se portanto, analisar as racionalidades e estratégias que o escritor foi capaz de acionar e pôr em prática durante sua vida.

Inclui-se desta forma em nosso horizonte de reflexões as noções de cultura popular e circularidade cultural propostas por Ginzburg. Entendendo-se cultura popular como um conjunto de atitudes, crenças e códigos de comportamento próprios das classes subalternas em determinado período histórico, ou seja, uma visão original de cultura popular que não se

⁸ VAINFAS, Ronaldo. “História das mentalidades e história cultural” in CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro, Campus, 1997. P. 147.

⁹ CHARTIER, Roger. “A história hoje: dúvidas, desafios, propostas” in **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13. 1994, p. 102.

confunde em hipótese alguma com uma cultura imposta às classes populares pelas classes dominantes.

Contudo, esta cultura popular que se define por oposição à cultura das classes dominantes, também mantém relações com a cultura dominante. Relações estas que são reelaboradas pelas classes subalternas de acordo com os seus próprios valores e condições de vida. A esta dinâmica entre as culturas popular e erudita Ginzburg chama de circularidade cultural. Tais noções foram expostas de maneira hábil e articulada no estudo das idéias de Menochio¹⁰, um moleiro friulano condenado pelo Santo Ofício. Longe de querer aqui transformar Lima Barreto no meu Menochio, invoco o aparato conceitual daquele historiador como o pano de fundo sobre o qual desenvolvo esta tese.

De Chartier tomamos aqui emprestado o conceito de representação, pensada como diferentes formas de relação com o mundo social. Vejamos como o próprio autor as define:

“em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações sociais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade”.¹¹

Nesse sentido, é possível pensar sobre o modo pelo qual Lima Barreto se insere no contexto social, político e intelectual do Rio de Janeiro na Primeira República, identificando através de

¹⁰ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo, Companhia das Letras, 1987. Ver também: _____. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil; Lisboa, Difel, 1989.

¹¹ CHARTIER, Roger. **A história cultural**; entre práticas e representações. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil; Lisboa, Difel, 1990.

suas “práticas e representações” o significado histórico de sua trajetória e de suas idéias políticas.

Embora eu não pretenda construir uma explicação histórica ou uma teoria sobre a sociedade em que viveu Lima Barreto, tal como fez Sidney Chalhoub ao estudar o processo de abolição da escravidão no Rio de Janeiro¹², devo admitir que o seu trabalho certamente influenciou-me. E levou-me a pretender também estudar os homens como donos do seu destino, a fim de recuperar o que há de indeterminação e imprevisibilidade nos acontecimentos, ou buscando recuperar o sentido que os indivíduos de outra época atribuíam às suas próprias lutas¹³.

No meu caso, trata-se aqui de recuperar o sentido que Lima Barreto atribuiu às suas lutas, ou seja, às lutas em que se envolveu no seu tempo histórico. Perseguir o caminho da sua militância político-literária é certamente uma das melhores formas de compreender o sentido das lutas que travou.

E o fato de estar lidando com a trajetória de um escritor, um literato, obrigou-me a refletir também sobre as relações entre história e literatura. Por mais que dedique grande parte da minha análise aos textos que não são ficcionais, como artigos, crônicas, correspondências e diários, não pude deixar de contemplar também os romances e contos, os textos ficcionais. Isto me fez enveredar, ainda que minimamente, por uma reflexão sobre a natureza do conhecimento histórico que produzimos e suas semelhanças e diferenças com o fazer literário.

Cabe assinalar que a literatura já se anunciava como objeto da história, no Brasil, pelo menos desde a publicação da coletânea organizada por Jacques Le Goff e Pierre

¹² CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

¹³ *Ibidem*, p. 19-20.

Nora, em que Jean Starobinski escrevia sobre o tema¹⁴. De lá pra cá, a literatura e os literatos tornaram-se seara cada vez mais frequentada pelos historiadores, aprofundando ainda mais as questões relativas ao modo como entramos em contato com o passado.

A partir das propostas de Michel de Certeau¹⁵ e Hayden White¹⁶, chegamos ao estágio atual em que este debate se encontra: se só podemos ter acesso ao passado através dos documentos que chegaram até nós, então nós só temos acesso de fato a representações textuais dos fatos ocorridos no passado (os documentos). Desta forma, a historiografia coloca-se como um discurso construído pelo historiador sobre o passado, com base nas representações textuais disponíveis. O alargamento da noção de documento pode perfeitamente incluir a literatura como um dos seus objetos.

Portanto não surpreende que se chegue a formular o problema do seguinte modo: “Ler a história como se fosse literatura, ver na literatura a história que se escreve, será que isso é possível?”¹⁷ Segundo Ria Lemaire, são inegáveis os laços entre os discursos históricos e literários. Contudo, convém não radicalizar esta aproximação, sob pena de incorreremos no erro de considerar a história apenas mais uma ficção como outra qualquer, desprovida de qualquer compromisso com a racionalidade, em suma, uma história pós-moderna, segundo o diagnóstico de Ciro Cardoso¹⁸. A história, diferente da literatura, busca nas representações textuais do passado (os documentos) a contrução de explicações que devem ter um compromisso absoluto com a verossimilhança, a construção de uma versão plausível.

¹⁴ STAROBINSKI, Jean. “A literatura: o texto e o seu intérprete” in LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *op. cit.*, p. 132-143.

¹⁵ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1982.

¹⁶ WHITE, Hayden. **Meta-História; a imaginação histórica do século XIX**. São Paulo, Edusp, 1992. _____. **Trópicos do discurso; ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo, Edusp, 1994.

¹⁷ LEMAIRE, Ria. “O mundo feito texto” in LEMAIRE, Ria e DECCA, Edgard S. de (Orgs.). **Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura**. Campinas, Porto Alegre, Editora da Unicamp, Editora da Universidade – UFRGS, 2000. P. 9

Ou seja, estamos sempre investigando o passado no sentido de reconstruí-lo tal como poderia ter sido. Além disso, a história, de novo diferente da literatura, não pode prescindir das fontes, dos documentos. A citação precisa das fontes utilizadas permitem ao leitor e a outros pesquisadores a verificação dos dados apresentados e a discussão a respeito da interpretação desenvolvida. Este critério permite-nos identificar com exatidão o que é ou não historiografia.

Nesse sentido, ainda que saibamos que o discurso literário não está fundado na verossimilhança nem no uso das fontes, temos que reconhecer que é possível, muitas vezes, “ver na literatura a história que se escreve”. Para isso, faz-se necessário contextualizar a obra literária, interpretando-a à luz dos contextos econômicos, sociais, políticos e culturais dos quais ela faz parte¹⁹. Ou seja, trata-se de compreender o texto literário também como uma construção permeada pela condições históricas que lhe deram origem, procurando enxergar nela possíveis representações do passado, tal como fazemos com os documentos.

Convém lembrar que, superada a visão positivista da obra literária, que a considerava um todo fechado em si, dotado de estrutura autônoma, preparou-se o caminho para uma nova concepção da literatura, como obra aberta à experiência das mais diversas leituras. Umberto Eco, convidando-nos a passear pelos “bosques da ficção”, lembra-nos que o historiador pode também se credenciar ao posto de leitor: “numa história, sempre há um leitor, e esse leitor é ingrediente fundamental não só do processo de contar uma história, como também da própria história”²⁰. E lembra-nos mais ainda: “Afim (como já escrevi), todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte do seu trabalho. Que problema seria se um texto tivesse de dizer tudo que o receptor deve compreender – não

¹⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion. **Ensaio racionalistas**. Rio de Janeiro, Campus, 1988. _____. “História e paradigmas rivais” in CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

¹⁹ LEMAIRE, R. Op. Cit. P. 10.

²⁰ ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994. P. 7.

terminaria nunca”²¹. Empregando o termo “bosque” como uma metáfora para o texto narrativo, Eco explica a escolha desta palavra:

“Usando uma metáfora criada por Jorge Luis Borges, um bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam. Mesmo quando não existem num bosque trilhas bem definidas, todos podem traçar sua própria trilha, decidindo ir para a esquerda ou para a direita de determinada árvore e, a cada árvore que encontrar, optando por esta ou aquela direção”²².

Como não é minha intenção transformar esta introdução num tratado teórico, faço minhas as palavras de Eco e convido o leitor a passear pelos textos ficcionais de Lima Barreto como quem passeia pelos bosques da República Velha, deixando que as demais referências teórico-metodológicas exigidas se façam presentes – implícita ou explicitamente – ao longo dos capítulos da tese. Na verdade, compartilho com Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira

“a disposição de se apropriar da literatura com a maior sem-cerimônia – despidoradamente, se nos permitem dizer assim. Diante dos poetas e prosadores do Olimpo das letras, não passamos com o chapéu à mão, curvando-nos respeitosamente. Chapéu à banda, passamos gingando. Por obrigação de ofício, historiadores sociais são profanadores”.

“[...] A proposta é historicizar a obra literária, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo. Em suma, é preciso desnudar o rei, tomar a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos, dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático que é uma obrigação do nosso ofício. Para historiadores a literatura é, enfim, *testemunho histórico*”.²³

²¹ *Ibidem*, p. 9.

²² *Ibidem*, p. 12.

²³ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Apresentação” in _____ (Orgs.). *A História contada*; capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998. P. 7.

Assim, é hora de fazermos um necessário balanço bibliográfico sobre o tema aqui abordado. Afinal, passados 120 anos do seu nascimento (em 1881), muito se escreveu e publicou sobre Lima Barreto.

Nos estudos sobre este escritor desponta primeiramente o nome de Francisco de Assis Barbosa. Autor da sua mais completa biografia, escreveu também outros artigos a respeito do seu biografado. Mas *A vida de Lima Barreto*²⁴ é hoje para historiadores e quaisquer outros estudiosos ou interessados no assunto uma verdadeira obra de referência. Lê-la é quase como acompanhar, passo a passo, a breve existência do escritor. Apesar do apego à cronologia, a narrativa factual é de leitura agradável e torna-se uma deliciosa viagem para o tempo do literato.

Ao longo de toda a minha pesquisa, sempre me fiz acompanhar da biografia feita por Francisco de Assis Barbosa, pois além de obra de referência, serviu para mim também como um instrumento de pesquisa. Muitas vezes sofremos com biografias que tecem considerações a respeito do biografado, sem contudo revelar as fontes que serviram de base para tais afirmações. Ao historiador impõe-se o dever de checar as informações com base nas fontes que lhes deram origem. *A vida de Lima Barreto* não sofre deste problema. Seu autor foi pródigo em fornecer ao leitor as referências de todas ou quase todas as fontes por ele consultadas. Então temos ali um roteiro para qualquer pesquisa que se queira realizar sobre Lima Barreto. Sua biografia compartilha democraticamente com o leitor as fontes utilizadas e assim resulta num verdadeiro estímulo a novas pesquisas sobre este intelectual e sua obra.

Além de indispensável instrumento de pesquisa, vários trechos da obra sugerem e instigam uma investigação mais aprofundada sobre aquilo que mais nos interessa por ora: o envolvimento do escritor com questões políticas ou o seu engajamento político. Como, por

exemplo, quando afirma: “Lima Barreto nunca foi, nem seria nunca, um revolucionário militante. Mas é fora de dúvida que sempre alimentou idéias, princípios e sentimentos anarquistas. Era, como se usa dizer, um simpatizante”²⁵. Considerações como essa, no mínimo, despertam-nos o interesse em saber no que veio a dar este namoro com o anarquismo.

Se há algum reparo a fazer quanto ao trabalho de Francisco de Assis Barbosa, é quanto a sua forma teleológica de conceber a história de vida do escritor. Por vezes, o leitor incauto é levado a crer que talvez Lima Barreto sentisse a aproximação da sua morte precoce aos 41 anos. Frequentemente as explicações fornecidas pelo biógrafo justificam-se pelo fato de o biografado estar no meio ou no fim da vida, o que se reflete inclusive pela estrutura da biografia, dividida em seis partes intituladas: Infância, Adolescência, Mocidade, Intermezzo, Maturidade e Declínio.

Outro roteiro importantíssimo para a leitura da obra de Lima Barreto foi organizado pelo historiador Afonso Carlos Marques Santos, com a colaboração de Francisco de Assis Barbosa e Paula Beiguelman. Trata-se de uma obra em dois volumes intitulada *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*²⁶, a primeira publicação da Coleção Roteiro Artístico e Literário do Rio de Janeiro que lamentavelmente não teve continuidade. O primeiro volume é dedicado à obra ficcional do escritor e o segundo aos textos jornalísticos e memorialistas.

O volume dedicado ao Lima Barreto ficcionista contém artigos dos organizadores acima citados seguidos de uma cuidadosa seleção de temas que aparecem na produção ficcional do escritor, ricamente ilustrados por iconografias da época. Assim, é

²⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1988. Esta é a 7ª edição da biografia, sendo a 1ª edição de 1952.

²⁵ *Ibidem*, p. 192.

²⁶ SANTOS, Afonso Carlos Marques (Coord.). **O Rio de Janeiro de Lima Barreto**. Rio de Janeiro, RIOARTE, 1983. 2 Vols.

possível localizar, por exemplo, trechos de obras em que o literato abordava o tema “Política e Políticos”, ou em que o assunto tratado eram “Contradições e Tensões sociais”.

O segundo volume repete a fórmula do primeiro, só que desta vez selecionando trechos da produção jornalística e memorialista do escritor, também precedidos de artigos do organizador e de Joel Rufino dos Santos. Ao final dessa parte há ainda uma detalhada “Cronologia da Época Barretiana”, organizada por André Luiz Vieira de Campos, relacionando episódios da vida do escritor com fatos da conjuntura nacional e internacional do período em questão.

Este extraordinário roteiro de leitura resultante de um trabalho de equipe capitaneado por Afonso Carlos M. Santos e publicado em 1983 já indicava a pertinência e a necessidade de se lançar um olhar mais atento e cuidadoso sobre Lima Barreto. A própria forma pela qual os dois volumes se apresentam sugere isto: a seleção de trechos da obra do escritor compõe um verdadeiro mosaico daquela época. E como se não bastasse a sugestão, Francisco de Assis Barbosa a explicita:

“É amplo o espectro da obra do ficcionista e do jornalista, na verdade um impressionante documentário das mudanças sociais e políticas da transição da sociedade escravista (...) para um sistema de falsa democracia (...).

“Viu e registrou todo o avesso do regime, o fundo podre, com olhos que nada tinham de falsamente brasileiro, como os da maioria dos escritores seus contemporâneos. E o fez sempre com sinceridade e com coragem, e não raro com grandeza. Retrato certos políticos e certos escritores como o eram de fato: caricaturas de líderes e caricaturas de escritores. Através desses personagens-símbolos, ressurgem sem retoques e sem distorções toda a mentalidade burguesa, com as suas fraquezas e alienações, que predominou no Brasil nos primeiros trinta anos de nossa vida republicana”.²⁷

²⁷ BARBOSA, Francisco de Assis. “O carioca Lima Barreto – Sentido nacional de sua obra” in SANTOS, Afonso Carlos Marques (Coord.). *op. cit.*, Vol. 1, p. 25.

Nesse amplo espectro da sua obra, que compõe um rico testemunho dos primeiros tempos do regime republicano, chama-nos a atenção “o seu comportamento de escritor militante, quase que de guerrilheiro”²⁸ preocupado e comprometido em participar e, se possível, interferir em tudo que diz respeito ao interesse público. Seus inúmeros artigos e crônicas mostraram-se espaço privilegiado dessa intervenção ou militância, como preferiu chamá-la Nicolau Sevcenko, ao realizar uma análise comparativa entre as obras e as trajetórias de Lima Barreto e Euclides da Cunha. Militância tão expressiva que levou este historiador à seguinte conclusão: “Suas obras exprimem projetos de construção e condução do Estado-Nação republicano obstados e rejeitados pelas oligarquias situacionistas, mas rigorosamente inferidos das condições históricas mais significativas do período”²⁹. E o próprio Sevcenko apontou um caminho a ser desbravado: explorar o universo da militância literária desse “escritor-cidadão” ou “mosqueteiro intelectual”³⁰ da República Velha.

Contudo, Sevcenko destaca o “temperamento liberal” de Lima Barreto, assentando os parâmetros políticos do seu projeto de transformação social no “liberalismo reformista de cunho marcadamente social, que se constituíra na conjuntura do fim do século europeu”³¹. Esta perspectiva simplifica o perfil das idéias políticas defendidas por Lima Barreto. Defendo justamente que há um grau mais acentuado de complexidade neste assunto, visto que é necessário decifrar a aproximação de Lima Barreto das idéias anarquistas e socialistas da época, a fim de compreender sua trajetória de intelectual militante.

Nesse sentido, Maria Alice Rezende de Carvalho desenvolveu reflexões que contribuem para a compreensão do papel desempenhado pelo intelectual nesta sociedade.

²⁸ *Ibidem*, p. 22.

²⁹ SEVCENKO, Nicolau. *Op. Cit.*, p. 209.

³⁰ *Ibidem*, p. 78.

Segundo a historiadora, a atividade intelectual no Rio de Janeiro do início do século XX foi marcada pela “ausência de mecanismos de incorporação da *intelligentzia* à vida institucional”³², fato que contribuiu para que a produção intelectual se desenvolvesse sem os controles tradicionalmente operados pelas elites, sendo deste modo dotada de relativa autonomia. Trata-se de um período em que muitos escritores buscavam na imprensa uma forma de sobreviver ou de custear parcilamente a sobrevivência e de se profissionalizar, já que o funcionalismo público ainda não se apresentava como subterfúgio ideal para garantir as mínimas condições de vida desses intelectuais, como aconteceria na era Vargas. Nelson Werneck Sodré observa que neste momento, a imprensa vive da literatura tanto quanto esta vive daquela: “os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível”³³. Assim, “a atividade intelectual no Rio de Janeiro enfrentou condições bastante diversas das que se desenvolveram em outras cidades brasileiras, nas quais as elites econômicas ou políticas mantiveram a cultura sob controle institucional”³⁴.

Por outro lado, a determinação política de transformar a capital da República do início do século XX num cartão de visitas da nação, banuiu de suas ruas centrais “o espectro da desordem representada pelos mulatos e pelos cortiços”³⁵. E os intelectuais passaram a transitar entre esses dois mundos, constituídos de um lado pela capital da ordem, do progresso

³¹ **Ibidem**, p. 190. Magali Gouveia Engel adota o mesmo ponto de vista sobre as idéias políticas de Lima Barreto em “A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto: críticas e cumplicidades” in CHALHOUB, Sidney (Org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas, CECULT, Ed. Da Unicamp, no prelo.

³² CARVALHO, Maria Alice Rezende de. “A produção de uma cidade: o Rio de Janeiro por seus autores” in **Quatro vezes cidade**. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1994. P. 32.

³³ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966. Pp. 334-336.

³⁴ CARVALHO, Maria A. R. de. **Op. Cit.**, p. 32.

³⁵ **Ibidem**, p. 33. As idéias apresentadas de forma resumida a seguir foram desenvolvidas com base neste mesmo texto.

e da modernidade – de fachada - e de outro lado pela capital da exclusão, dos cortiços, dos subúrbios, da desordem, do atraso, dos mulatos, dos banidos enfim.

Deste modo teremos um intelectual como Luis Edmundo, seguido de tantos outros, que faz do progresso um dos temas principais da sua atividade jornalística ou literária - a ponto de ver em tudo o dedo do almejado progresso. Da mesma forma que no campo oposto, situam-se desde um Machado de Assis, céptico e pessimista quanto ao progresso, até os críticos mais incisivos da modernização como Lima Barreto e João do Rio.

Durante a República Velha permanece este quadro de debilidade do processo de institucionalização da produção intelectual, até que o Estado Novo venha tomar pra si esta tarefa, adotando uma explícita estratégia de cooptação que tratá para os quadros do Estado os intelectuais do período pós-1930 – estratégia esta capitaneada por Gustavo Capanema³⁶, que retira os intelectuais da arena política para a esfera do governo. Na ausência de elites políticas vocacionadas para dirigir o processo de modernização, caberia então, em tese, aos intelectuais (engenheiros, médicos, sanitaristas e também os literatos) o “governo” da cidade, não no sentido institucional mas sim no sentido de “governar” as mentes através da atuação política. Era a miragem da intervenção ilustrada que somente será superada após 1930, quando o status do papel reservado aos intelectuais na política será secundário. Com o Estado Novo, esvazia-se o papel do intelectual como mediador da modernização, trazendo-se esta função para o Estado e neutralizando-se as vozes que insistissem em se manter dissonantes.

A análise desenvolvida por Carvalho permite-nos identificar Lima Barreto nessa arena de lutas que se tornou a capital republicana da sua época, em plena disputa pelo “governo” das mentes, imbuído de uma missão salvadora a que parte dos intelectuais se atribuíam naquele período. Contudo, o campo de sua escolha foi o dos excluídos, mulatos e

suburbanos como ele. É daí que o escritor exerce a sua militância político-literária, expressa de maneira tão contundente em 1919, talvez influenciado pela recente Revolução Russa:

“Se a convulsão não trazer ao mundo o reino da felicidade, pelo menos substituirá a camada podre, ruim, má, exploradora, sem ideal, sem gosto, perversa, sem inteligência, inimiga do saber, desleal, vesga que nos governa, por uma outra até agora recalcada, que virá com outras idéias, com outra visão da vida, com outros sentimentos para com os homens (...). A vida do homem e o progresso da humanidade pedem mais do que dinheiro, caixas-fortes atestadas de moedas, casarões imbecis com lambrequins vulgares. Pedem sonho, pedem arte, pedem cultura, pedem caridade, piedade, pedem amor, pedem felicidade; e esta, a não ser que se seja um burguês burro e intoxicado de ganância, ninguém pode ter, quando se vê cercado da fome, da dor, da moléstia, da miséria de quase toda uma grande população”³⁷.

A militância a que me refiro foi estudada também por Antonio Arnoni Prado, que desenvolveu uma das análises mais abrangentes da obra de Lima Barreto, com o objetivo de identificar o projeto literário do escritor³⁸. Verificou assim que este projeto está intrinsecamente relacionado com um esboço de projeto político, cujo escopo ideológico Prado chega a delinear. Embora considere que este projeto político é incipiente e não passa do ensaio, sua tese reforça o caráter indissociável entre a literatura de Lima Barreto e a dimensão política da sua obra. Em suma, este autor opta por concordar com o diagnóstico que Astrojildo Pereira certa vez proferiu sobre o ideário político do escritor: o de que padece do mal muito comum do ecletismo³⁹. Resta-nos decifrar a constituição desse suposto ecletismo político.

³⁶ SCHWARTZMAN, Simon. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro, Paz e Terra; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

³⁷ BARRETO, A. H. de Lima. “Sobre o maximalismo” in **Revista Contemporânea**, 1º de março de 1919. Ou: **Bagatelas**. São Paulo, Brasiliense, 1956. P. 164.

³⁸ PRADO, Antonio Arnoni. **Lima Barreto, o crítico e a crise**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

³⁹ **Ibidem**, p. 71. O diagnóstico de Astrojildo Pereira encontra-se no seu prefácio ao seguinte livro: BARRETO, A. H. de Lima. **Bagatelas**. São Paulo, Brasiliense, 1956. P. 14.

Nesse sentido o filósofo Anoar Aiex também produziu um ligeiro ensaio a respeito do que chama de “idéias sócio-literárias” de Lima Barreto⁴⁰. Analisando o mesmo conjunto de artigos e crônicas que foi objeto da minha dissertação de mestrado⁴¹, o autor relaciona alguns aspectos do contexto histórico da época que teriam influenciado o escritor, como o movimento operário, o anarquismo e a Revolução Russa, e discute o significado que tiveram Guyau, Taine e Brunetiere para a sua concepção de literatura. Deste modo, contribui de maneira efetiva para um conhecimento preliminar das idéias políticas de Lima Barreto, tendo em vista a brevidade da análise contida em seu livro.

O também filósofo Regis de Moraes faz o “elogio da subversão” em Lima Barreto, num ensaio que mescla esboço biográfico e “impressões que um leitor apaixonado reuniu ao contato com a obra e a vida desse ‘mestiço genial’”⁴². O texto faz parte de uma coleção de pequenos livros de vulgarização da Editora Brasiliense, chamada “Encanto Radical”, que converge contudo para o mesmo ponto de vista que procuraremos desenvolver nesta tese:

“Ele [Lima Barreto], em pessoa, nunca participou de efetivos movimentos políticos, no sentido de engajar-se em ações anarquistas ou de filiar-se a associações, já no tempo existentes, de militância política marcada por empreendimentos exigentes de uma presença física. Seu sentido de independência pessoal afastava-o dos agrupamentos de agitação do tempo, pois, adentrar um grupo é aceitar submeter-se às normas e objetivos todos deste. Entretanto é de todo equivocado pensarmos que, por razões como essas, o romancista foi apenas um teórico ou como hoje se diz em tom pejorativo – um ‘revolucionário de estufa’, vertendo idéias mas medroso de engajamentos desabusados.

“[...] Viu logo e claro, Lima Barreto, que sua forma de presença, que o seu expediente de ação era a literatura. A dos romances, dos contos, dos

⁴⁰ AIEX, Anoar. **As idéias sócio-literárias de Lima Barreto**. São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

⁴¹ BOTELHO, Denilson. **“A pátria que quisera ter era um mito”** – Uma introdução ao pensamento político de Lima Barreto. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1996.

⁴² MORAIS, Regis de. **Lima Barreto; o elogio da subversão**. São Paulo, Brasiliense, 1983. P. 7.

inúmeros artigos e crônicas. [...] Nunca pôde imaginar qualquer dissociação entre arte e militância.

“Esta militância é que se faz no elogio da subversão, buscando desestruturar desde os valores vigentes da estética da composição literária até o jeitoso, mas iníquo, modo de a Belle Époque conceber as relações sociais. As rápidas fortunas conquistadas da noite para o dia, num clima de arrivismo e corrupção que marcou a Primeira República, passaram a dar uma visão mais fluida da sociedade, isto é, aparentemente a rigidez que no Império separava privilegiados e pobres dera lugar a um tempo mais plástico no qual, com astúcia (bem mais do que com trabalho), o progresso pessoal parecia ter-se de fato democratizado”⁴³.

Morais aponta com precisão para o tipo de militância desenvolvida pelo escritor, que se situa no universo das letras e das idéias, justamente o campo que aqui pretendemos investigar em maior profundidade. De fato, o literato absteve-se de filiar-se a qualquer movimento político ou associação, visto que a sua ética pessoal o obrigaria a seguir os objetivos e as regras do grupo, o que era incompatível com a sua determinação em manter-se independente do ponto de vista ideológico ou doutrinário. Em 1906, por exemplo, ao ser nomeado por Pausílipo da Fonseca delegado do Partido Operário Independente, Lima Barreto recusa-se a exercer esta função partidária⁴⁴. A visão de subversivo portanto deve manter-se nos limites da literatura que produzia e do sentido estrito da idéia de subverter a nova ordem que se tentava impor naquela conjuntura histórica.

Esta mesma subversão fez pairar sobre Lima Barreto o estigma do escritor maldito que acabou dando título ao livro de Helcio Pereira da Silva⁴⁵. Neste trabalho, o autor constrói uma espécie de biografia que visa resgatar mais o “lado humano” ou “a desgraça do homem de letras, escorraçado, espezinhado, chutado nas canelas e da cintura pra cima, à vista de um juiz

⁴³ *Ibidem.*, pp. 57-60.

⁴⁴ BARRETO, A. H. de Lima. **Correspondência**. São Paulo, Brasiliense, 1956. Tomo I, pp. 155-156. Cf. Minuta de carta de Lima Barreto enviada a Pausílipo da Fonseca, fundador e organizador do Partido Operário Independente, criado em 1904.

⁴⁵ SILVA, Helcio Pereira da. **Lima Barreto escritor maldito**. Rio de Janeiro, [s.ed.], 1976.

indiferente: a sociedade intelectualizada do seu tempo”⁴⁶. Sua análise é conduzida pela seguinte orientação:

“Malditos são todos aqueles que dizem verdades incômodas. E Lima Barreto incomodava como ainda incomoda. O escritor que silencia já nasceu morto. O escritor que não incomoda acaba refestelado em cadeiras acadêmicas, glorificadas por outro extinto imortal. O escritor, enfim, bem comportado toma chá às quintas-feiras. Lima Barreto tomava cachaça todos os dias. Às vezes, era obrigado a parar: tirava férias no hospício”⁴⁷.

O problema de se considerar Lima Barreto um escritor subversivo ou maldito está na facilidade com que assim se encobre uma análise mais cuidadosa das idéias e da trajetória do escritor, desprezando-se as possíveis contradições e ambiguidades que se evidenciam em diferentes episódios da sua vida, como veremos adiante. É um texto apaixonado, propositalmente parcial, que resgata o escritor repassando o que teriam sido as injustiças que sofreu em vida. Ou seja, é obra que procura defender o legado do literato cujos “romances são germes de uma ordem social que tanto se transforma na aparência quanto se mantém intacta na essência. Uma peça teatral onde o cenário muda, mas só o cenário”⁴⁸.

Regis de Moraes e Helcio Pereira da Silva constituem uma espécie de leitura engajada da obra de Lima Barreto, um tanto distanciada das abordagens acadêmicas de que o escritor tem sido alvo – aspecto que não implica em demérito algum, mas apenas a caracteriza. O que resulta dessa perspectiva é o fortalecimento do mito que se criou em torno de Lima Barreto como radical e maldito. Mito esse que procuraremos aqui questionar, visto que o mesmo não ajuda a compreender quem foi Lima Barreto.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 26.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 26.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 198.

De qualquer forma tais autores induzem o leitor a um certo roteiro sobre “como ler Lima Barreto”, tarefa semelhante aquela a que Paula Beiguelman⁴⁹ se propôs. Tomando como objeto de análise e interpretação uma pequena parte da obra ficcional - *Aventuras do Doutor Bogóloff* e *Numa e a Ninfa*⁵⁰ -, a autora constrói um quadro de referências sobre o contexto histórico da Primeira República, onde procura situar Lima Barreto. Assim, é como se tomasse o leitor pela mão e o fosse guiando, fornecendo-lhe a todo instante o referencial histórico necessário para informar a sua leitura. Como ela própria admite, ao invés do seu livro intitular-se *Por que Lima Barreto*, na verdade deveria chamar-se “como ler”⁵¹ Lima Barreto, pois a autora procura inserir os textos ficcionais no tempo cronológico em que foram produzidos e ao qual se remetem. Ou seja, seu trabalho consiste em contextualizar o texto literário em face das questões mais pungentes vividas por volta de 1910: a sucessão presidencial de Afonso Pena, a candidatura de Rui Barbosa, a Campanha Civilista, a eleição do Marechal Hermes da Fonseca e o papel político desempenhado por Pinheiro Machado, entre outras.

Assim como Paula Beiguelman desenvolve sua análise centrada em *Numa e a Ninfa*, outros estudiosos adotaram estratégia semelhante de refletir, em separado, sobre uma das obras do escritor. É o caso, por exemplo, de Robert Herron e Carlos Erivany Fantinati com *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e de Vera Regina Teixeira com *Clara dos Anjos*.

⁴⁹ BEIGUELMAN, Paula. **Por que Lima Barreto**. São Paulo, Brasiliense, 1981.

⁵⁰ Os quatro fascículos que compõem as *Aventuras do Doutor Bogóloff* foram escritos em 1912 e apenas os dois primeiros foram publicados no mesmo ano. A série aparece completa em BARRETO, A. H. de Lima. **Os Bruzundangas**. São Paulo, 1956. p. 197-284. *Numa e a Ninfa* foi inicialmente título de um conto provavelmente escrito também em 1912 e incluído em **Marginália**. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 284-90. Já o romance com o mesmo título foi escrito em outubro de 1914, posteriormente sendo publicado em folhetins por **A Noite**, entre 15 de março e 26 de julho de 1915. As *Aventuras do Doutor Bogóloff* e o conto *Numa e a Ninfa* foram então incorporados ao romance que circulou em 1917 e posteriormente integrou as Obras Completas da Brasiliense. **Numa e a Ninfa**. São Paulo, Brasiliense, 1956. Cf. BEIGUELMAN, Paula. **op. cit.**

Herron⁵² preferiu deslocar sua análise das questões sociais que aparecem no romance para uma breve investigação dos processos mentais e do universo psicológico que caracterizam seu autor, a fim de determinar o lugar individual de Lima Barreto no mundo social em que viveu, como esta sociedade o influenciou e como ele pôde influenciá-la.

Já Fantinati desenvolveu tese de doutorado em que estudou o escritor e a sua concepção de literatura, dedicando especial atenção ao romance supracitado. Neste trabalho, identificou um certo “messianismo profético” que manifestava-se, por exemplo, ao propugnar uma literatura militante: “estamos convencidos de que a empostação messiânica de caráter profético constitui basicamente a visão de mundo de Lima Barreto, aglutinando as condições pessoais, intelectuais e artísticas num todo coerente”. Quanto ao caráter messiânico da conduta de Lima Barreto podemos concordar que o escritor alimentava o desejo da “intervenção ilustrada” e da missão redentora que lhe caberia como “mosqueteiro-intelectual” no “governo” das mentes dos leitores e cidadãos. Já quanto ao caráter profético da sua literatura que teria antecipado o que estava por vir com o modernismo de 1922, parece-nos uma avaliação teleológica inadequada.

Vera Regina Teixeira⁵³ analisa a construção de *Clara dos Anjos* desde a sua versão inicial de 1904, que teria resultado da intenção de escrever um *Germinal* negro, até a definitiva concluída quase duas décadas depois. A autora deslinda os meandros – ou faz a biópsia, como prefere dizer – da sociedade suburbana carioca do início do século XX, em que Lima Barreto tece a trama de uma jovem mulatinha seduzida e abandonada pelo vilão branco Cassi Jones.

⁵¹ BEIGUELMAN, Paula. *op. cit.*, p. 7.

⁵² HERRON, Robert. “Lima Barreto’s Isaiás Caminha as a psychological novel” in *Luso-Brazilian Review*, December 1971, Vol. VIII, n. 2, pp. 26-38.

⁵³ TEIXEIRA, Vera Regina. “Clara dos Anjos de Lima Barreto: Biópsia de uma Sociedade” in *Luso-Brazilian Review*, Summer 1980, Vol. 17, n. 1, pp. 41-50.

Tais contribuições para a numerosa bibliografia a respeito de Lima Barreto vem somar-se a outros trabalhos, como o que Beatriz Resende tem desenvolvido ao longo dos últimos anos. Certamente uma das maiores especialistas na obra do escritor em questão, a autora defendeu dissertação de mestrado em Teoria Literária, de 1979, analisando o conteúdo crítico da obra de Lima Barreto em relação aos padrões culturais e ao contexto histórico daquela época. Nas suas próprias palavras, interessava-lhe “investigar de que forma a obra literária se faz crítica de sua cultura (com sua linguagem), de seu momento histórico-social, permanecendo, no entanto, obra literária de ficção”⁵⁴.

Embora tenha feito uso de uma leitura integral da obra do escritor, a dissertação contempla em especial o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* e mais alguns contos selecionados. E dessa reflexão, Resende extrai a seguinte conclusão, com a qual devo concordar:

“A leitura da obra de Lima Barreto evoca, no leitor, imediatamente, uma série de reflexões sobre a relação imaginário-real, sobre a relação universo literário – universo social. Mesmo que se pretendesse ler a obra em sua unicidade e tratá-la como um objeto finito, fechado em si, não conseguiríamos descolar os signos literários de sua matriz contextual. [...] Fica claro a necessidade que tivemos de estabelecer uma relação constante entre texto e contexto na abordagem dos textos escolhidos”⁵⁵.

Uma tal perspectiva remete-nos ao que já foi dito ao formularmos os pressupostos teóricos que enunciamos com base em Ria Lemaire e Umberto Eco. Mas Beatriz Resende deu prosseguimento aos seus estudos sobre Lima Barreto, que passam pela publicação de um pequeno artigo a respeito da forma como os pobres aparecem na ficção do escritor. O texto faz parte de uma coletânea organizada por Roberto Schwarz que pretendeu

⁵⁴ RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto crítico da modernidade**. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária apresentada à UFRJ. Rio de Janeiro, 1979. P. 9

⁵⁵ *Ibidem*, pp. 11-12.

lançar um olhar sobre os pobres na literatura brasileira. E “a trajetória desses personagens se faz de forma similar”, segundo a autora:

“Policarpo Quaresma, Ricardo Coração dos Outros, Clara dos Anjos e sua família (para tomar apenas exemplos do mais bem realizado e do mais popular dos romances de nosso autor) fazem o mesmo percurso:

1º) Partilhando dos valores socialmente dominantes, reiteram o discurso ideológico da classe hegemônica.

2º) Tentam satisfazer ideais comuns a toda a sociedade urbana: o emprego estável, o casamento para as moças, e eventualmente, num vôo mais ousado, o sucesso em Botafogo para o poeta-compositor.

3º) Constatam, então, a impossibilidade de cumprir a trajetória reservada apenas às camadas superiores, pela inexistência de iguais possibilidades. É a falência de posturas humanitárias.

4º) Só então dá-se a tomada de consciência das desigualdades existentes”⁵⁶.

Certamente as trajetórias acima apontadas contém detalhes e aspectos que ficam encobertos diante de uma tentativa de síntese como esta, porém o mérito desse texto está em tentar decifrar um pouco da estratégia engendrada por Lima Barreto na concepção de alguns dos seus principais personagens.

A participação de Beatriz Resende no seminário sobre pré-modernismo realizado na Fundação Casa de Rui Barbosa em 1986 já revelava para onde se encaminhavam então os seus estudos sobre o escritor. Seus comentários sobre a representação do Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto⁵⁷ antecipavam o que viria a ser a sua tese de doutorado. Privilegiando as crônicas e diários do literato, elegeu como tema central a questão da cidadania e da exclusão social no Rio de Janeiro da Primeira República. Verificou assim uma

⁵⁶ RESENDE, Beatriz. “Lima Barreto: a opção pela Marginalia” in SCHWARZ, Roberto (Org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo, Brasiliense, 1983. P. 77.

⁵⁷ RESENDE, Beatriz. “A representação do Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto” in CARVALHO, José Murilo de e outros. **Sobre o Pré-Modernismo**. Rio de Janeiro, FCRB, 1988. Pp. 107-114.

“profunda vinculação do escritor com a vida do Rio de Janeiro, inclusive numa identificação entre os aspectos de fragmentação deste cidadão [o próprio literato] e sua cidade”⁵⁸.

Além disso, “à medida que as crônicas do autor foram sendo analisadas, a importância política de sua publicação em periódicos dos mais diversos perfis, assim como a relação que o próprio texto era capaz de estabelecer com o público leitor, foram se firmando”⁵⁹. Ou seja, mais uma vez, reafirma-se a relevância desse conjunto de fontes – as crônicas – para se conhecer melhor o significado político da militância literária do escritor, tarefa que comecei a desenvolver em trabalho anterior⁶⁰.

Diferente dos trabalhos que vimos até aqui, Carmen Lúcia N. de Figueiredo adotou um caminho original para investigar o ideário político do escritor no que diz respeito ao regime republicano recém proclamado. Sua dissertação de mestrado⁶¹ traçou uma reflexão sobre o lugar da ironia na obra do escritor – considerando principalmente três romances: *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, que foram confrontados com charges e ilustrações publicadas n’*O Malho*, *A Avenida* e *Fon-Fon*.

Segundo a autora, a ironia se faz presente nos textos de Lima Barreto como uma escolha do autor para fazer a literatura cumprir a sua missão de desvendamento, desmascarando para um público anônimo – e não a elite culta e bem informada – os

⁵⁸ RESENDE, Beatriz. **Dentes negros cabelos azuis; Lima Barreto e a cidadania em fragmentos**. Tese de doutorado em Letras, apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 1989. P. 272. Com algumas alterações, a tese foi posteriormente publicada: _____. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, Editora UNICAMP, 1993.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 272.

⁶⁰ BOTELHO, Denilson. *op. cit.*

⁶¹ FIGUEIREDO, Carmen Lúcia Negreiros de. **O fim do sonho republicano; o lugar da ironia em Lima Barreto**. Dissertação de Mestrado em Letras, apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1990. Posteriormente a dissertação foi publicada com título diferente: FIGUEIREDO, Carmen Lúcia Negreiros de **Lima Barreto e o fim do sonho republicano**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1995.

“opressores fetiches do cotidiano”⁶². Além disso ela ocupa os espaços deixados pelas frustrações com a República, constituindo-se num poderoso instrumento de crítica política.

“Compreendemos que o lugar da ironia não é o do desabafo pessoal que justifica a ausência de talento. Ela está nos espaços vazios, outrora ocupados pelo sonho de realizações grandiosas, e vem revelar aos homens os grilhões que amordaçaram a gargalhada; por isso, a ironia de Lima Barreto, mais próxima da sátira verbal, está no mesmo lugar questionador da caricatura”⁶³.

Ao optar pelos romances acima mencionados como eixo da sua dissertação, a autora deixou contudo, de lado, uma parte da obra do escritor em que a ironia tem lugar destacado. Trata-se do livro *Os Bruzundangas*⁶⁴ que reúne uma série de crônicas sobre a imaginária República das Bruzundangas, publicadas originalmente, em sua maioria, no semanário *A.B.C.*, periódico que recebeu parte significativa da sua colaboração para a imprensa da época. Talvez não seja difícil transpor sua análise para o país que incontestavelmente encerra toda a frustração do literato com o regime republicano: a caricata Bruzundangas.

Além da ironia, a questão do negro também já foi analisada em trabalho de cunho acadêmico. Carlos Henrique Gileno viu em Lima Barreto a possibilidade discutir a problemática da exclusão social e do preconceito racial nos primeiros anos do século XX no Brasil. Mais que isso, pretendeu ajudar a elucidar a história do negro e do mestiço depois da abolição através do escritor⁶⁵.

Tão nobre missão deveria ter atentado para a necessidade de se fazer uso da edição mais bem cuidada das obras de Lima Barreto, coordenada pelo seu biógrafo, Francisco de Assis Barbosa. No lugar da edição de 1956, Gileno preferiu as descuidadas edições da

⁶² *Ibidem*, p. 12. Referimo-nos aqui ao livro publicado.

⁶³ *Ibidem*., p. 13.

⁶⁴ BARRETO, Afonso H. de Lima. *Os Bruzundangas*. São Paulo, Brasiliense, 1956.

Ediouro. Contudo este é um problema menor, que não impediu o autor de percorrer atentamente a obra do mulato literato em busca dos trechos em que a situação do negro surge em primeiro plano. Lamentavelmente não dedicou a mesma atenção ao *Diário íntimo* e com isso passou ao largo de algumas delicadas confissões de racismo do próprio Lima Barreto, reveladoras de contradições que marcam o seu pensamento. Como resultado, Gileno anuncia o que qualquer leitor dos seus romances pode concluir: o escritor denuncia a desigualdade e a exclusão social do negro na sociedade brasileira pós-abolição.

Nesta bibliografia cada vez mais diversificada sobre o escritor, assim como o negro, também a mulher tem lugar garantido. Tal como Gileno, Eliane Vasconcellos desenvolveu sua investigação sobre o lugar da mulher na obra de Lima Barreto⁶⁶. Tratou com profundidade do assunto, identificando o significado da figura feminina na vida e na obra do escritor. Analisando minuciosamente seus escritos, concluiu – como já se suspeitava – que, de fato, as únicas presenças femininas em sua vida foram a irmã, no âmbito familiar, já que perdeu a mãe ainda na infância, e as prostitutas com as quais por vezes ia se encontrar. No mais, oscilava entre o desejo de constituir família e o medo da rejeição e do sofrimentos que as paixões poderiam lhe causar.

Mas além de satisfazer a curiosidade do leitor quanto à intimidade e à vida sexual do literato, a autora empreendeu densa discussão sobre a forma contraditória como a mulher aparece nos seus textos. Afinal, ao mesmo tempo que da sua pena sai a defesa acalorada do divórcio, sai também a crítica ao movimento feminista da época; da mesma forma que encontramos a veemente condenação aos uxoricidas, vemos Lima Barreto confessar que, certa

⁶⁵ GILENO, Carlos Henrique. **Lima Barreto e a condição do negro e do mulato na Primeira República (1889-1930)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Campinas, 1997.

⁶⁶ VASCONCELLOS, Eliane. **Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto**. Rio de Janeiro, Lacerda Ed., 1999.

vez, atuando no júri absolveu um uxoricida. Esta postura contraditória do escritor já tinha sido analisada em artigo que antecedeu a publicação desta tese, no qual Eliane Vasconcellos perguntava-se: trata-se de um misógino ou feminista?⁶⁷ Então, qual o lugar da mulher em sua obra? Passo a palavra à autora, cuja conclusão é esclarecedora:

“[...] Dizer que o autor de *Triste fim* era ‘antifeminista’ e misógino é assumir uma posição precipitada. A sua posição ambígua nas crônicas, ora atacando, ora defendendo a mulher, é o resultado do momento histórico em que viveu. E, também, da sua própria duplicidade, como romancista e cronista, entre o real e o ficcional.

“[...] O jornalista, em contato direto com a realidade não se permitiu assumir uma posição inovadora, vai-se manter preso às normas que a sociedade ditava para a mulher. Já o romancista, resguardado sob a máscara do narrador, não se encontrava tão preso ao que a ideologia ditava, deixava seu inconsciente fluir, podendo, assim, sob alguns aspectos, libertar a mulher da tirania da sociedade patriarcal.

“Apesar de conter idéias bem avançadas para a sua época, os escritos de Lima Barreto aparecem ainda conservadores sob alguns aspectos.

“[...] De qualquer forma, conservador ou moderno, Lima Barreto concede às mulheres um amplo espaço em sua obra: elas a enriquecem em suas múltiplas facetas. Espírito alerta e homem de seu tempo, sabendo, com Terêncio, que tudo que diz respeito ao ser humano dizia também respeito a si, Lima Barreto preocupou-se com os mais variados aspectos da condição humana oprimida, e nos legou seu brado de denúncia e dor”⁶⁸.

Não creio que a “máscara do narrador” desse a liberdade necessária para que Lima Barreto fosse mais moderno ou menos conservador. Esta liberdade aparece em suas crônicas, repletas dessa ambiguidade, nas quais defende com fervor o divórcio - para que as mulheres possam se libertar do amor possessivo de maridos que, sob a ameaça de perdê-las para outro

⁶⁷ VASCONCELLOS, Eliane. “Lima Barreto: misógino ou feminista?” in CANDIDO, Antonio e outros. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, Rio de Janeiro; Editora da Unicamp, FCRB, 1992.

⁶⁸ VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro, Lacerda Ed., 1999. Pp. 340-341.

homem, preferem matá-las, lavando a honra com o sangue da traidora – e com a mesma ênfase critica o nascente movimento feminista, acusando-o de elitista.

De qualquer modo, é hora de encerrar este balanço bibliográfico que já vai se tornando por demais extenso. Longe de mim afirmar que aqui foi contemplado tudo que já se escreveu sobre o escritor. No espaço desta introdução, procurei dialogar com alguns dos trabalhos que mais se aproximam da abordagem desenvolvida ao longo dos quatro capítulos que se seguem. Outros não de ser discutidos nas próximas páginas, restando ainda aqueles que são apenas mencionados na bibliografia, o que não significa que sejam de menor importância.

Antes porém, voltemos a pergunta formulada nas páginas iniciais deste capítulo. Diante da bibliografia aqui analisada, podemos de novo formular a questão: afinal, por que estudar Lima Barreto? Qual seria o lugar desta tese em meio à bibliografia sobre Lima Barreto?

O que defendo nas próximas páginas é ao mesmo tempo uma tese e um convite ao leitor. Meu objetivo é demonstrar que o tão citado “projeto político-literário” de Lima Barreto é mais complexo do que apontam alguns autores que procurei apresentar brevemente até aqui. A militância política deste escritor não pode ser entendida somente através da simpatia pelas idéias anarquistas, como quis Francisco de Assis Barbosa, ou pelos parâmetros do liberalismo reformista que Sevcenko lhe atribuiu, ou ainda pelo ecletismo com que Arnoni Prado diagnosticou seu ideário político.

Convido o leitor a efetuar, junto comigo, um deslocamento na perspectiva de análise da trajetória intelectual de Lima Barreto, para que decifremos o seu engajamento para além do liberalismo que professava. Proponho que acompanhemos detalhadamente a trajetória militante deste escritor e sua aproximação das idéias anarquistas e socialistas difundidas neste período. Vamos aqui investigar detalhadamente o significado e a importância do seu contato

com essas correntes de pensamento a fim de verificar o que se pode trazer de novo para a compreensão da sua militância político-literária.

Nesse sentido, a perspectiva de análise adotada apresenta um aspecto fundamental que consiste em enfrentar as contradições e ambiguidades que caracterizam Lima Barreto, jogando por terra de uma vez por todas a tentação de conceber a trajetória intelectual do escritor como algo coerente e unívoco. Só assim torna-se possível analisar passagens delicadas da obra do escritor, como por exemplo uma manifestação inequívoca de racismo (da qual trataremos no Capítulo 3) que aparece nas páginas do seu diário e sobre a qual, aparentemente, se tem feito vista grossa até o momento.

Assim, o Lima Barreto que é objeto desta tese não é apenas o liberal, mas também, e principalmente, o que defende abertamente ideais anarquistas e socialistas. Não é apenas o mulato vítima do preconceito racial, mas também o racista. É sobretudo o militante ambíguo que temos pela frente.

Além disso, em nossa busca da compreensão deste intelectual, desenvolvemos no último capítulo um estudo pioneiro e original sobre a biblioteca do escritor, com o objetivo de estabelecer relações entre a sua militância e as suas possíveis leituras, ou seja, entre as idéias políticas que defendeu e o universo dos livros que colecionou. Desta forma, fica também o convite para que o leitor nos acompanhe nesse passeio imaginário pelas estantes da biblioteca de Lima Barreto, procurando enxergar ali um pouco do ambiente em que foram concebidas as idéias que discutiremos a seguir.

Tratemos então do que nos espera daqui por diante. No Capítulo 1 abordamos os primeiros anos de atuação de Lima Barreto na imprensa, traçando um itinerário dos jornais e revistas em que escreveu e destacando a sua iniciação no meio jornalístico carioca do início do século, até 1909. O período até 1909 guarda uma certa identidade pelo fato de remeter ao

início da carreira literária de Lima Barreto, trata dos anos do “anonimato”, da passagem por pequenos e inexpressivos jornais e revistas. É também o período marcado pela saída da Escola Politécnica e suas primeiras tentativas de se inserir no meio jornalístico e literário da época. Um episódio serve de eixo para o capítulo: a publicação da *Floreal*. A revista, criada em 1907, logo após a saída de Lima Barreto da *Fon-Fon*, representa para o escritor a concretização de um ideal. Com a sua própria publicação, poderia expor livremente suas idéias e pensamentos, abrindo espaço também para aqueles com os quais compartilhava os mesmos ideais políticos e literários.

No Capítulo 2 estaremos analisando um segundo momento da trajetória de Lima Barreto. Passado o fracasso da revista *Floreal* e publicado o primeiro livro, *Isaías Caminha*, o escritor deixa para trás os anos do “anonimato”. Passa a ter uma atuação política efetiva, como se pode verificar já através de sua participação na campanha civilista contra Hermes da Fonseca, e busca espaço em periódicos de maior expressão - *Correio da Noite* (1913-1915) e *Careta* (a partir de 1915), por exemplo - nos quais expõe suas opiniões e idéias políticas de maneira mais explícita. Surgem com mais regularidade os artigos e crônicas sobre temas como o movimento feminista e a condição social da mulher, a miséria e a mendicância, a situação econômica do país e o anarquismo. Quanto a este último assunto, destaca-se a publicação do artigo “Palavras de um snob anarquista”, n’*A Voz do Trabalhador*, órgão da Confederação Operária Brasileira, em 1913.

Nessa fase verifica-se também uma intensa produção literária, cujo conteúdo político e social não pode ser desprezado: os contos *A Nova Califórnia* (1910) e *O homem que sabia javanês* (1911), e os romances *Triste fim de Policarpo Quaresma* (escrito em 1911) e *Numa e a Ninfa* (1914). Enquanto a vida pessoal de Lima Barreto é sacudida pela primeira internação psiquiátrica forçada (1914) e sucessivas licenças médicas do serviço público, devido ao

impaludismo (1910-1911) e à neurastenia (1914-1915 e 1916), o escritor vive a consolidação de sua carreira literária.

O capítulo 3 cobre os anos mais produtivos no que diz respeito à publicação de artigos e crônicas em jornais e revistas. Produtivo não só quantitativamente, mas também qualitativamente, visto que atravessam esse período a colaboração permanente de Lima Barreto para a *Careta* (1915-1922) e o *ABC* (1916-1922), por exemplo. Também intensificam-se os artigos em que o escritor expõe suas posições políticas abertamente, inserindo-se nos debates em curso na época, como os que tratam do movimento operário, da Revolução Russa e da Grande Guerra, entre outros. A publicação do “manifesto maximalista”, no qual o escritor chega a formular uma proposta concreta de revolução para o país rumo ao socialismo é o ápice da sua militância político-literária. O que se identifica nesse momento é um Lima Barreto em plena maturidade, esgrimindo suas idéias com outros interlocutores e lutando para se fazer ouvir no ambiente letrado da Primeira República.

Enquanto a vida pessoal torna-se cada vez mais atribulada com a aposentadoria por invalidez e a segunda internação no hospício, os romances escritos na fase anterior (contemplada no Capítulo 2) são finalmente publicados em livro: *Policarpo Quaresma* em 1916, *Numa e a Ninfa* em 1917 e *Gonzaga de Sá* em 1919.

O Capítulo 4, que é também o último capítulo, é um estudo sobre a “Limana” - modo pelo qual Lima Barreto se referia a sua biblioteca particular. Embora a biblioteca não mais exista fisicamente, “sobreviveu” através de um inventário dos 800 livros que a compunham. Como existem inúmeros registros do escritor sobre as suas impressões de leitura, desenvolvemos uma reflexão histórica sobre o “universo mental” do escritor através da sua biblioteca particular. Este tipo de abordagem vem ganhando, nos últimos anos, novos adeptos

e nossa intenção foi tentar identificar nos livros que o literato possivelmente lia e colecionava um pouco das bases de sustentação de suas idéias políticas e da sua militância.

Por fim, apenas a título de observação, cabe ressaltar que os cortes cronológicos definidos para os capítulos 1 (até 1909), 2 (de 1909 a 1916) e 3 (de 1916 a 1922) não devem ser entendidos como períodos estanques. Os anos de 1909 e 1916 servem de interseção entre os períodos e entre os capítulos. Notar-se-á que fatos de 1909 são tratados tanto no capítulo 1 quanto no 2, o mesmo ocorrendo em relação a 1916 para os capítulos 2 e 3. A divisão do tempo que foi estabelecida nada mais é que um recurso de análise e também - porque não - dissertativo. Estamos convencidos de que cada um dos três períodos guarda uma identidade própria que a tese se incumbe de revelar.

Capítulo 2

Sob o signo da *Floreal*

“Li a tua Floreal. Ela está cheia de ti, da tua forte, original individualidade, do teu talento. É uma formosa revista como são formosos os blocos das cristalizações. Cintila e tem resistência.

“O teu artigo inicial, as ‘Recordações do Isaías Caminha’, os ‘Pretextos’, dizem-me bem do teu valor, que eu admiro e desejo ver triunfar.

“[...] Recebe o meu sincero parabéns pela tua revista”.

(Carta¹ de Gonzaga Duque a Lima Barreto, em 26/10/1907)

Sábado, 25 de outubro de 1907. Chegara enfim o grande dia. Não, não é que um grande acontecimento histórico fosse ocorrer naquela data. O último sábado daquele outubro foi certamente um dia importante apenas no âmbito da trajetória de uma vida: a do editor e diretor da mais nova revista que chegava às bancas nesta data. Num formato simples e pequeno, 15 x 22 cm, *Floreal* aparecia para disputar com outras revistas a preferência e o gosto dos leitores.

Vale ressaltar que se tratava de uma disputa árdua. Na capa pequena só chamava a atenção do eventual leitor o nome da revista, do diretor e o preço. Difícil devia ser

fixar os olhos em tão simples publicação em meio a tantas outras revistas e jornais, cujas capas ainda por cima eram ilustradas. Mais tarde, o próprio distribuidor, fazendo um balanço das vendas do primeiro número, diagnosticara: “a capa matou muito; é bom que os senhores ponham uma vista: a alameda do Jardim Botânico, a Itapuca ...”², disse Thomaz Labanca aos editores. Mas como ilustrar a capa da *Floreal* com uma bucólica paisagem? Labanca talvez não soubesse que o idealizador da revista ambicionava vendê-la única e exclusivamente pelo que ia impresso em suas páginas, desejava que o seu conteúdo falasse por si mesmo e fosse o suficiente para vender-se. O objetivo não era lançar um caça-níqueis em forma de revista ou muito menos seduzir o leitor através de uma atraente ilustração de capa, mas sim conquistá-lo pelo que ia nas 40 páginas recheadas de textos e mais textos.

Na redação da *Floreal*, instalada na rua Sete de Setembro 89, 1º andar, fizera-se mais do que uma revista nos dias que antecederam a publicação do primeiro número. Era a materialização de um sonho acalentado por um jovem de 26 anos: dirigir a sua própria revista e fazer dela um instrumento de intervenção na sociedade em que vivia. *Floreal* tinha como editor, diretor e mentor intelectual Lima Barreto. Mas um Lima Barreto que ainda não conseguira inscrever seu nome entre os literatos da época e que ainda não tinha um romance sequer publicado. Daí o artigo inicial de *Floreal*, uma espécie de editorial da publicação, apontar de imediato a direção a ser seguida pela revista: “É uma revista individualista, em que cada um poderá, pelas suas páginas, com a responsabilidade de sua assinatura, manifestar as suas preferências, comunicar as suas intuições, dizer os seus julgamentos, quaisquer que sejam”³.

¹ BARRETO, A. H. de Lima. **Correspondência**. São Paulo, Brasiliense, 1956. Tomo I, p. 167-168.

² *Floreal*, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1907. Ano I, Nº 2, p. 34.

³ *Floreal*, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1907. Ano I, Nº 1, p. 3-7.

Na concepção do editor, *Floreal* trazia primordialmente “nomes dispostos a dizer abnegadamente as suas opiniões sobre tudo o que interessar a nossa sociedade, guardando as conveniências de quem quer ser respeitado”⁴. Esse caráter tão afirmadamente autoral que Lima Barreto imprime à *Floreal* deve ser compreendido à luz da trajetória do escritor até a criação dessa revista. Veremos que a revista é como um grito de afirmação - ainda que um grito rouco e ouvido por poucos, pouquíssimos na época - de um indivíduo que sonha e deseja pra si um destino literário. Um grito e um desabafo de quem quer escrever e não encontra espaço. Está lá no mesmo editorial da *Floreal* o desabafo a que me refiro. Usando a primeira pessoa do plural, já que em nenhum momento deixa de reconhecer a revista como uma empreitada coletiva, que partilha com nomes como Antonio Noronha Santos - amigo de toda uma vida -, Domingos Ribeiro Filho e Mário Tibúrcio Gomes Carneiro, declara:

“(...) Há entre nós uma razão de completo contato: é a nossa incapacidade de tentar os meios de publicidade habituais e o nosso dever de nos publicar.

“Este caminho se nos impunha, pois nenhum de nós teve a rara felicidade de nascer de pai livreiro, e pouca gente sabe que, não sendo assim, só há um meio de se chegar ao editor - é o jornal”⁵.

Esse desejo de se publicar já pode ser notado a partir de 1902, quando Lima Barreto é convidado por Bastos Tigre a iniciar colaboração num jornal estudantil chamado *A Lanterna*. Nessa época já malograra o sonho do pai de Lima Barreto de ver o filho formado pela Escola Politécnica. Sucessivas reprovações, particularmente em Mecânica, encerraram de vez sua vida estudantil, mas a participação n’*A Lanterna* já sinalizava qual rumo seria

⁴ *Ibidem*.

⁵ *Ibidem*

tomado. Afinal, nesse mesmo ano, Lima Barreto editaria junto com Bastos Tigre *A Quinzena Alegre*, periódico de efêmera duração. Infelizmente não se conhece o teor dessas publicações, pois não se têm notícia de onde podem ser encontradas ainda hoje, se é que podem ser encontradas. Graças a Francisco de Assis Barbosa⁶, biógrafo de Lima Barreto, sabemos que existiram e que delas participou o biografado⁷.

A Lanterna era um jornalzinho de estudantes, fundado e dirigido por Julio Pompeu de Castro e Albuquerque, aluno da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, que fazia as vezes de proprietário, redator, colaborador, distribuidor, cobrador, escriturário e caixa do jornal. Intitulava-se um “órgão officioso da mocidade de nossas escolas superiores” e mantinha uma seção para cada faculdade. Bastos Tigre redigia a seção da Escola Politécnica e, segundo depoimento de Julio Pompeu a Francisco de Assis Barbosa, um certo dia deixou de enviar sua colaboração.

“Pompeu reclamou:

“- Que isso, ó Tigre! O número está a sair. Quando mandas o artigo?

“Os dois se encontravam na Rua do Ouvidor, junto ao Café do Rio, a que o carioca chamava Cafedório. Tigre amaciou a bigodeira, pensou um pouco e disse ao colega:

“- Sabes, Pompeu. Não vou escrever mais a seção. Quem vai fazê-la daqui por diante é o Lima Barreto.

“- Mas quem é esse Lima Barreto? - perguntou, agoniado, o diretor-proprietário-distribuidor e caixa.

“- Um rapaz muito inteligente. Você vai gostar dele. Bem, até logo. Estou com muita pressa. Tenho certeza de que você gostará do Barreto.

“(...) Dias depois, aparece na redação (...).

“- Sou eu o Lima Barreto, colega do Tigre. Aqui tem a seção da Politécnica.

⁶ BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1988. Para uma consulta rápida aos fatos citados, ver a Sinopse Cronológica nas págs. 296-300.

⁷ Quanto à *Quinzena Alegre*, Francisco de Assis Barbosa informa que “não existe hoje sequer um exemplar”. BARBOSA, F. de A. **op. cit.**, p. 110.

“(...) Tomou o diretor d’*A Lanterna* as duas tiras de almanaque e começou a ler o trabalho do novo colaborador. Era um comentário sobre a recepção dada pela Politécnica aos marinheiros chilenos. Bem feito! Com piadas em cima dos professores (...). Dos estudantes, nem o próprio Tigre escapava ... Ótimo!”

“O rapaz assinava-se Alfa Z. - Coisas de aluno da Politécnica! - disse consigo mesmo o nosso Pompeu, molhando a pena no tinteiro e marcando a matéria - 2 colunas, corpo 8 - para remetê-la, logo em seguida à tipografia”⁸

A participação n’*A Lanterna* é o primeiro passo para que Lima Barreto comece a aumentar o seu círculo de relações. A seção da Politécnica vai torná-lo conhecido nos meios acadêmicos. Pouco depois ele troca de pseudônimo, passando a assinar como Momento de Inércia e “traça o perfil de colegas e lentes com azedume. A pena é ferina. O sarcasmo já brilha nas suas crônicas”⁹. Os pseudônimos contudo não impedem que os colegas comecem a desconfiar de que é ele o autor das pilhérias veiculadas contra os professores. Certamente suas atividades de cronista já não eram ignoradas, como mostra um epitáfio publicado por Nemo na própria *A Lanterna*:

“Com o seu chapeuzinho ao lado
(Não sei bem se é verde ou preto)
Aqui jaz o decantado
Cronista Lima Barreto...

Ninguém, ninguém escapava
À sua crítica mordaz...
Agora que não tem língua
O Barreto nada faz...”¹⁰

O epitáfio escrito por Nemo foi publicado na edição de 30 de dezembro de 1902, quando Lima Barreto ainda participava do jornal. Na verdade, trata-se de uma pilhéria,

⁸ BARBOSA, F. de A. *op. cit.*, p. 78. As informações sobre *A Lanterna* citadas nesse trecho podem ser encontradas nas páginas 77-81.

⁹ BARBOSA, F. de A. *op. cit.*, p. 79.

pois ao invés de tratar-se de uma inscrição tumular ou um elogio fúnebre, nesse caso o epitáfio funcionou como uma espécie de poesia satírica feita sobre um vivo, como se se tratasse de um morto¹¹. Estando o homenageado com a quadrinha poética perfeitamente vivo, Nemo brinca com a realidade e publica um epitáfio dedicado ao escritor como se este houvesse falecido, reafirmando uma das características dos seus textos n'*A Lanterna*: a crítica mordaz, da qual ninguém escapava.

Nessa época Lima Barreto escreve também no *Tagarela - Semanário Crítico, Humorístico, Ilustrado e de propaganda comercial* e *O Diabo*, logo no ano seguinte, em 1903. Do *Tagarela* sabe-se que foi um jornal humorístico no qual desenhavam Raul, Calixto Cordeiro, Falstaff e outros, tendo Lima Barreto colaborado sob o pseudônimo de Rui de Pina. Dirigida por Peres Júnior, esta folha de humor, de 8 páginas em média, foi lançada no ano anterior, em 1º de março de 1902. Seu carro-chefe era mesmo os desenhos e ilustrações, e seu programa, anunciado no primeiro número pode ser resumido na seguinte frase do “editorial”:

“- Programa ... para que programa? - O Riso é o raciocínio”¹²

N'*O Diabo* novamente Lima Barreto estará ao lado de Bastos Tigre. O semanário intitulava-se uma “revista infernal de troça e filosofia”, no qual também escreve o mesmo Rui de Pina do *Tagarela*. Tal qual a *Floreal* de anos mais tarde, *O Diabo*, lançado em 12 de agosto de 1903, não ultrapassa o quarto número¹³.

Nesse preâmbulo de carreira jornalística e literária, deve-se ainda registrar a sua passagem pela *Revista da Época*. Lançada em julho de 1903 e dirigida por Carlos Viana,

¹⁰ BARBOSA, F. de A. *op. cit.*, p. 81.

¹¹ Este significado da palavra “epitáfio” pode ser verificado nos dicionários, como por exemplo em: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975. p. 542.

¹² *Tagarela - Semanário Crítico, Humorístico, Ilustrado e de propaganda comercial*, Rio de Janeiro, 1º de março de 1902. Ano I, nº 1, p. 2.

¹³ BARBOSA, F. de A. *Op. Cit.*, p. 112.

esteve Lima Barreto exercendo as funções de secretário por alguns meses. Contudo, no único exemplar que foi localizado, não aparece texto algum assinado pelo escritor. Há sim, na edição de 1º de agosto daquele ano, uma coluna de assuntos variados, que trata de temas como a morte do Papa e uma erupção do Vesúvio, entre outros, assinada por Philéas Fogg¹⁴. Deduz-se que o colunista seja Lima Barreto, porque mais tarde, em 1907, este pseudônimo também será usado pelo escritor na *Fon-Fon*.

De qualquer modo, pelo que certa vez Noronha Santos afirmara, a *Revista da Época* não era mesmo um periódico com o qual Lima Barreto pudesse se identificar e se realizar profissionalmente. Segundo Santos, não passava de uma revista de “cavação”: “revista limpa, pois Lima Barreto não trabalharia em outras”, mas que só vivia de elogiar, graças a Carlos Viana, que “era ao mesmo tempo diretor, chefe de publicidade, agente de anúncios e paginador”¹⁵.

No que foi possível consultar dos cinco periódicos acima citados - *A Lanterna*, *A Quinzena Alegre*, *Tagarela*, *O Diabo* e *Revista da Época* - Lima Barreto aparece invariavelmente através de pseudônimos, seja Rui de Pina, seja Philéas Fogg. As razões que o levaram a este procedimento não são muito claras. O uso de pseudônimos lhe teria sido imposto? Ou seria uma decisão pessoal? Afinal, qual o porquê dos pseudônimos? Tratam-se de perguntas relevantes, para as quais não se tem resposta - com exceção do caso d'*A Lanterna*, no qual é evidente que o escritor fez uso dos pseudônimos Alfa Z e Momento de Inércia para exercer sua crítica mordaz aos professores, livre de possíveis retaliações. No máximo, podemos conjecturar hipóteses e explicações para tais indagações.

¹⁴ **Revista da Época**. Rio de Janeiro, 1º de agosto de 1903, p. 7.

¹⁵ SANTOS, Antonio Noronha. “Prefácio” in BARRETO, A. H. de Lima. **Correspondência**. Tomo I. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 11.

Na verdade, é importante considerar que era prática comum naquela época o uso de pseudônimos, até mesmo por escritores já consagrados. As razões dessa prática eram variadas. Verifica-se que alguns autores transformavam pseudônimos em personagens que emitiam opiniões com as quais muitas vezes não compartilhavam. Este artifício muitas vezes era usado pelo escritor como uma estratégia narrativa¹⁶.

No caso de Lima Barreto, nota-se que, em geral, há uma tendência a abandonar os pseudônimos com o passar dos anos. Eles foram mais frequentes até cerca de 1909, quando é publicado o seu primeiro romance, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Daí em diante, verifica-se que poucas vezes voltaria à cena. Não que o livro lhe tenha aberto todas as portas, até porque o seu romance de estréia trazia como cenário principal justamente o ambiente encontrado atrás das portas das redações dos jornais da época. E do enredo não se pode dizer que fosse edulcorado. Pelo contrário, houve até quem tornasse Lima Barreto um nome proibido dali por diante. Mas não se pode negar que *Isaías Caminha* era o seu passaporte para ingressar no inquietante universo das letras da Primeira República. Goste-se ou não, o homem tinha lá o seu livro publicado - e outros viriam - e passava a ser tido como escritor. Antes de 1909, isso era mais difícil.

Essa tendência a deixar os pseudônimos de lado também pode ser notada na doutrina proposta pela revista *Floreal*. Lima Barreto defenderia enfaticamente no programa da sua revista que ali era indispensável que os autores se identificassem abertamente perante

¹⁶ Ver, por exemplo, o caso de um pseudônimo chamado Policarpo, usado por Machado de Assis em suas crônicas para a *Gazeta de Notícias*, estudado por PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O Carnaval das Letras**. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994. Ver particularmente o capítulo intitulado "Por trás das máscaras: Policarpo e os sentidos da festa", pp. 115-156.

os leitores. Assim sendo, pode-se supor que, embora o escritor usasse pseudônimos, era um crítico desta prática, visto que a condenara de maneira veemente no artigo inicial da *Floreal*.¹⁷

Já no caso do *Correio da Manhã* - um jornal bastante expressivo na época, de tiragem significativa e dirigido pelo polêmico Edmundo Bittencourt -, Lima Barreto escreveu e publicou uma série de reportagens no formato de um folhetim, entre 28 de abril e 3 de junho de 1905, sobre escavações que a Prefeitura do Rio de Janeiro realizava no Morro do Castelo. O folhetim contudo não apareceu assinado, pois o *Correio* não identificara o seu autor, Lima Barreto. Coube, mais uma vez, a Francisco de Assis Barbosa registrar a sua existência na biografia já citada. Recentemente, este texto, publicado unicamente no jornal, foi transformado em livro¹⁸. Segundo Beatriz Resende, uma especialista na obra do escritor, não resta qualquer dúvida sobre a autoria daquela série de reportagens. “O que legitima a autoria, no entanto, é a inclusão no interior da reportagem da história de D. Graça, narrativa quase seguramente escrita antes de sua contribuição à imprensa, cujos manuscritos estão guardados na Biblioteca Nacional”¹⁹. Além disso, crê Resende que já nesse texto está presente de modo marcante o “estilo característico do jornalista” e a “presença de suas *obsessões*, como a defesa do patrimônio público, a implicância e a descrença nos políticos”²⁰. O motivo pelo qual Lima Barreto, aos 24 anos de idade, não assinou seus textos publicados no *Correio da Manhã* não foi revelado.

O episódio do *Correio da Manhã* reforça a tese de que os anos da primeira década deste século foram para Lima Barreto um tempo de quase anonimato. Um tempo

¹⁷ *Floreal*, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1907. Ano I, Nº 1, p. 3-7.

¹⁸ BARRETO, A. H. de Lima. *O Subterrâneo do Morro do Castelo*. Rio de Janeiro, Dantes, 1997.

¹⁹ RESENDE, Beatriz. “Introdução” in BARRETO, A. H. de Lima. *O Subterrâneo do Morro do Castelo*. Rio de Janeiro, Dantes, 1997, p. II. Quanto aos manuscritos contendo a história de D. Graça, ver na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, o Arquivo Lima Barreto, Item 917 do Catálogo publicado nos *Anais da Biblioteca Nacional*, Vol. 105, 1985.

²⁰ RESENDE, B. *op. cit.*, p. II.

marcado pela busca de uma oportunidade de se tornar jornalista e escritor, pela busca de um espaço no meio literário, jornalístico e intelectual do início do século.

Analisando o diário íntimo do escritor nesses anos a que nos referimos, Beatriz Resende reforça a idéia de que Lima Barreto vivia uma situação típica de quem vê as portas do mundo letrado da época fechadas: “Quando ainda não encontrara oportunidade de ser publicado ou de financiar ele mesmo os seus romances, Lima Barreto usava seu diário ‘íntimo’ como espaço de criação”. E sobre um trecho específico do diário, observa:

“Em 1º de janeiro de 1905, o cronista já aparece, com um belíssimo texto sobre o Rio de Janeiro, lastimavelmente ainda distante do público leitor. (...) Como se vê, ignorado pelo público ou editores, o escritor já estava pronto. A escrita que rompia com os padrões parnasianos vigentes era acompanhada por uma intenção de dar às suas páginas uma preocupação social e política que incluirá o desejo de ser voz dos segregados, como eram, os negros como ele”²¹.

De fato, apesar de “distante” dos leitores, o escritor já estava pronto e em tudo que escrevia já apareciam suas idéias políticas e sociais, que Resende prefere chamar de “obsessões”. Não é à toa que já em 1904 estava pronta a primeira versão de *Clara dos Anjos*. No ano seguinte provavelmente teve início a redação de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, que seria seu romance de estréia, ao ser publicado em dezembro de 1909. E em 1906, também começa a escrever *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, concluído em 1907 e cuja publicação em livro ocorreria somente em 1919. Ou seja, nessa fase inicial da carreira literária, já estavam escritos três dos seus romances que viriam a ser mais conhecidos. Enquanto as páginas da imprensa não se encontravam abertas para o escritor, sua verve literária era exercida intensamente.

O ano de 1907 será marcante em sua vida, pois 1907 é o ano da *Floreal*. Mas antes de criar sua própria revista, Lima Barreto viveu uma experiência que talvez tenha sido decisiva no sentido de levá-lo a lançar o seu próprio periódico. Trata-se de sua passagem pela *Fon-Fon*. Lançada em 13 de abril, passaria a disputar as preferências do público do início do século com a *Revista da Semana*, a *Kosmos*, *O Malho* e a *Careta* ²². Intitulando-se um “semanário alegre, político, crítico e esfuziante”, a revista pretendia ser assumidamente humorística e para levar a cabo essa tarefa, Mário Pederneiras, um de seus fundadores, chamara Lima Barreto para assumir a função de secretário da redação. Contudo, apesar do cargo que lhe fora destinado, o escritor não encontrava o espaço que desejava para expor suas idéias. Durante o primeiro ano de circulação do *Fon-Fon*, não teria mais do que três crônicas publicadas, fazendo uso dos pseudônimos Philéas Fogg e S. Holmes²³.

Decepcionado, já no terceiro mês de vida da revista, escreve carta a Pederneiras (que não se sabe se foi ou não enviada) comunicando o seu afastamento, que no entanto só viria a se concretizar meses depois.

“Generoso Mário,

“(...) Graves coisas eu te queria comunicar; entre elas (...) era, nada mais, nada menos, levar ao teu conhecimento que não colaboro mais no *Fon-Fon*.

“Vejo que as coisas minhas não agradam, ficam à espera enquanto a de vocês nem sequer são lidas, vão logo para a composição (...).

“Atribuo à antipatia dos donos da revista o desfavor em que estou, e toda a gente sabe o que é a antipatia no julgamento de um escritor ...

“Induzi também que é a tua bondade que me mantém lá - o que agradeço de coração - mas que o meu orgulho não aceita.

²¹ RESENDE, Beatriz. “Introdução” in BARRETO, A. H. de Lima. *O Subterrâneo do Morro do Castelo*. Rio de Janeiro, Dantes, 1997, p. II-III.

²² SODRÉ, Nelson W. *A História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966. p. 344.

²³ As crônicas são as seguintes: “Falsificações”, em 20 de abril de 1907, e “Um novo sport”, em 13 de julho de 1907, assinadas por Philéas Fogg; “O fio de linha”, em 11 de maio de 1907, por S. Holmes.

“(...) Hás de me perdoar; Mário, sempre foi do meu gênio a franqueza, a retidão de proceder e uma dose de orgulho pela minha própria pessoa”²⁴.

Deduz-se que Lima Barreto pode ter continuado no *Fon-Fon* até o final de 1907, porque no inventário da Limana²⁵ constava que 3 volumes encadernados - nº 322, 323 e 324 - reuniam a sua colaboração ao longo de todo o ano de 1907.

A decepção com o *Fon-Fon* parece ter lhe dado a certeza de que chegara a hora de ousar ter a própria revista, na qual não haveria pseudônimos e poderia enfim assumir com a sua assinatura tudo o que desejasse publicar. A propósito, Francisco de Assis Barbosa faria o seguinte comentário: “A sua rápida passagem pela redação do *Fon-Fon*, logo que esse semanário apareceu, sob a direção de Mário Pederneras, acabou por convencê-lo da inutilidade do seu esforço de procurar o caminho da imprensa burguesa, para a sua iniciação na carreira de escritor”²⁶. Recorrendo ao *Diário Íntimo*, encontramos em sua primeira anotação de 1908, um balanço do ano recém terminado que diz o seguinte:

“5 de janeiro.

“O ano que passou foi bom para mim. Em geral, os anos em 7 fazem grandes avanços aos meus desejos. Nasci em 1881; em 1887, meti-me no alfabeto; em 1897, matriculei-me na Escola Politécnica. Neste andei um pouco, no caminho dos meus sonhos. Escrevi quase todo o *Gonzaga de Sá*, entrei para o *Fon-Fon*, com sucesso, fiz a *Floreal* e tive elogio do José Veríssimo, nas colunas de um dos *Jornais do Comércio* do mês passado. Já começo a ser notado. Pelas vésperas do Natal, fui ao Veríssimo, eu e o Manuel Ribeiro. Recebeu-nos afetuosamente. Ribeiro falou muito, doidamente, difusamente; eu estive calado, ouvi, dei uma opinião aqui e ali. Deu-me conselhos, leu-me Flaubert e Renan, aconselhando aos jovens escritores. Falou da nossa literatura sem sinceridade, cerebral e artificial. Sempre achei a condição para obra superior a mais cega e mais absoluta

²⁴ BARRETO, A. H. de Lima. *Correspondência*. Tomo I. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 162-163.

²⁵ BARBOSA, F. de A. *op. cit.* p. 133 e 290.

²⁶ BARBOSA, F. de A. *op. cit.* p. 132.

sinceridade. O jato interior que a determina é irresistível e o poder de comunicação que transmite à palavra morta é de vivificar”²⁷.

O ano de 1907 foi bom para Lima Barreto principalmente porque ele começa a ser notado. E a *Floreal* deu uma enorme contribuição para que ele começasse a ser notado. A revista foi também uma parte importante desse “caminho dos sonhos”, desse avanço na realização dos seus desejos. Embora tenha tido uma baixa vendagem, seu surgimento foi percebido por ninguém menos que José Veríssimo, um dos críticos literários de maior visibilidade no início do século. Uma grande satisfação de Lima Barreto foi ver seu nome e sua revista comentada nas páginas do *Jornal do Comércio*, periódico de expressiva circulação na época. E um comentário elogioso:

“Ai de mim, se fosse a ‘revistar’ aqui quanta revistinha por aí aparece com presunção de literária, artística e científica.

“Não teria mãos a medir e descontentaria a quase todos; pois a máxima parte delas me parecem sem o menor valor, por qualquer lado que as encaremos. Abro uma justa exceção, que não desejo fique como precedente, para uma magra brochurazinha que com o nome esperançoso de *Floreal* veio ultimamente a público, e onde li um artigo “Spencerismo e Anarquia”, do Senhor M. Ribeiro de Almeida, e o começo de uma novela *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, pelo Senhor Lima Barreto, nos quais creio descobrir alguma cousa. E escritos com uma simplicidade e sobriedade, e já tal qual sentimento de estilo que corroboram essa impressão”²⁸.

Vejamos mais detalhadamente o que foi essa “brochurazinha” que tanto chamou a atenção de José Veríssimo, dando a Lima Barreto a sensação de finalmente estar sendo descoberto. A *Floreal* que estréia em 25 de outubro de 1907 é aparentemente o resultado de um esforço associativo capitaneado pelo seu diretor. A redação, por exemplo, foi instalada numa saleta no centro da cidade, atrás da oficina do alfaiate de Mário Tibúrcio

²⁷ BARRETO, A. H. de Lima. **Diário Íntimo**. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 125. O sublinhado é meu.

Gomes Carneiro, um dos integrantes do grupo da *Floreal*. Coube a Carneiro convencer o alfaiate Pedroso a alugar a tal sala. E mesmo assim, a revista só veio ao mundo porque cada “sócio” dessa empreitada viabilizara sua existência dispondo-se a contribuir com uma cota de dez a vinte mil réis mensais²⁹.

No primeiro número, o artigo inicial do diretor explica que a revista dividir-se-á em duas partes, apresentando o que habitualmente uma revista apresenta, mas também trazendo algo que remeta ao estilo noticioso dos jornais diários. Esse formato da revista deve-se fundamentalmente às reflexões de Lima Barreto a respeito da imprensa da época, que ele julga invariavelmente sensacionalista e disposta, acima de tudo, a obter sucesso comercial e altas tiragens - custe o que custar.

“Pouca gente sabe também que o nosso jornal atual é a coisa mais ininteligente que se possa imaginar. É alguma coisa como um cinematógrafo, menos que isso, qualquer coisa semelhante a uma *féerie*, a uma espécie de mágica, com encantamentos, alçapões e fogos de bengala, destinada a alcançar, a tocar, a comover o maior número possível de pessoas, donde tudo que for insuficiente para esse fim deve ser varrido completamente.

“Cada um de nós está certo que seria perfeitamente incapaz de levar emoções aos habitantes respeitáveis de Paracutú ou de atrair leitores da rua Presidente Barroso ou Marquês de Abrantes; mas estamos certos também que essa média entre a sensibilidade obstruída de afastados compatriotas, o semi-analfabetismo de uns e a futilidade de outros, atualmente representada pelo jornal diário, não tem direito a distribuir celebridade e a estabelecer uma escala de méritos intelectuais.

“E de tal forma sentimos que o público (tão habituado anda ele aos processos jornalísticos!) nos era inacessível se não lhe dêssemos aqui alguma coisa do jornal, que fomos buscar numa revista estrangeira um modelo que participasse das duas coisas. Assim é que, nesta, uma parte será toda consagrada à matéria habitual das revistas e a outra, dividida em

²⁸ VERÍSSIMO, José. “Revista Literária” in JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1907.

²⁹ O caráter associativo da *Floreal* e a contribuição mensal de dez mil réis podem ser verificados na correspondência trocada entre Lima Barreto e Mário Tibúrcio Gomes Carneiro. BARRETO, A. H. de Lima. **Correspondência**. Tomo I. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 121-127. Ver também BARBOSA, F. de A. **op. cit.**, p. 134.

seções, será como que um jornal de quinze em quinze dias, onde serão examinados, tratados, explanados, segundo as nossas forças e aptidões, os acontecimentos de toda a ordem que se houverem passado no nosso meio”

³⁰

O caminho a ser trilhado pela *Floreal* será o de um efetivo distanciamento desses periódicos tão comuns no início do século, que buscavam ganhar a atenção do leitor com o brilho falso das emoções fáceis. E se esse tipo de jornal podia “distribuir celebridades”, baseando-se numa “escala de méritos intelectuais” - ainda que injusta -, porque a revista não poderia lutar para inscrever os nomes de seus colaboradores no rol das “celebridades” intelectuais da época? Apesar da proposta por excelência marginal, a *Floreal* vinha a público com a missão a mostrar o valor dos que escreviam em suas páginas.

Voltando ao conteúdo propriamente dito do número de estréia, vejamos o que vai pelas suas 40 páginas. A presença de Lima Barreto nesse primeiro número é avassaladora, visto que ocupa pelo menos 17 páginas com seus textos em ambas as partes da revista. Na primeira parte, temos o artigo inicial de Lima Barreto, um artigo de Antonio Noronha Santos, uma parte de um conto de Domingos Ribeiro Filho, um poema de Mario Pinto de Souza e o primeiro capítulo de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, que o autor tencionava publicar em formato de folhetim nesta revista. A segunda parte da revista, que seria uma espécie de jornal quinzenal, é dividida entre Lima Barreto e Antonio Noronha Santos. Esse é basicamente o conteúdo do número inicial da *Floreal*.

É Antonio Noronha Santos que aparece nas páginas seguintes ao editorial ou “Artigo inicial” do diretor. Foi talvez o amigo mais constante de Lima Barreto ao longo de

³⁰ *Floreal*, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1907. Ano I, N° 1, p. 3-7

toda a sua vida³¹. Conheceram-se no tempo em que eram estudantes e desde então ficaram amigos. A assídua correspondência que ambos trocaram dá inegável testemunho do estreito relacionamento que sempre mantiveram. Dos oito aos onze anos viveu em Paris, para onde fora acompanhando o pai médico, e mais tarde tornou-se bacharel em Direito e jornalista. A experiência de viver na França, ainda que quando criança, fez com que mais tarde se mantivesse sempre em dia com o que se publicava naquele país. Nesse aspecto, talvez tenha exercido alguma influência sobre as leituras de Lima Barreto. Além da *Floreal*, publicaram juntos um panfleto por ocasião da campanha civilista, em 1909, chamado *O Papão - Semanário dos bastidores da política, das artes e das ... candidaturas*³², que circulou apenas uma vez. O panfleto foi a contribuição de ambos na campanha contra a candidatura de Hermes da Fonseca, marcando a trajetória de engajamento político que Lima Barreto adotaria de maneira cada vez mais explícita.

Noronha Santos trabalhou também na *Gazeta de Notícias*, na fase em que lá estava Antonio Torres, e ao transferir-se para Niterói, em 1919, foi secretário de *O Estado*, onde também contou com a colaboração de Lima Barreto. Seu artigo de estréia na *Floreal*, intitulado “Diálogo”³³, é uma conversa fictícia entre dois personagens que criticam tanto a prática do uxoricídio - crime em que a mulher é assassinada pelo marido ou companheiro -, quanto a crescente emancipação da mulher na sociedade daquela época. Curiosamente, Lima Barreto faria coro com o amigo em outros artigos publicados posteriormente, fosse no que diz respeito à veemente condenação do uxoricídio tão frequente naquele início do século, fosse na

³¹ O que consta nestas linhas sobre Antonio Noronha Santos baseia-se na extensa correspondência trocada com Lima Barreto. BARRETO, A. H. de Lima. **Correspondência**. Tomo I. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 59-119.

³² O panfleto *O Papão* também não foi localizado para consulta.

³³ *Floreal*, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1907. Ano I, Nº 1, p. 7-11.

reprovação das mulheres que ousavam ingressar no serviço público ou pleiteavam o direito de votar³⁴.

Na sequência dos textos publicados no primeiro número de *Floreal*, surge a colaboração de Domingos Ribeiro Filho: o conto “Dia de amor”³⁵. Na verdade, trata-se do terceiro capítulo de um conto, cujos dois primeiros capítulos haviam sido publicados nas edições dominicais do *Correio da Manhã*. Entretanto, o jornal de Edmundo Bittencourt decidiu não dar prosseguimento à publicação do conto, por tê-lo julgado imoral. O capítulo narra o ardente encontro sexual entre dois personagens adúlteros: Pedro e Vera. A narrativa descreve um dia que ambos passam juntos, praticamente o tempo todo nus, num intenso relacionamento amoroso e sexual em que traem seus respectivos cônjuges.

Esta pequena peça ficcional contribui para revelar um pouco mais o perfil da revista. O mesmo texto que escandalizara o *Correio da Manhã* ganha espaço nas páginas do número de estréia da *Floreal*. Por trás da ousadia, percebe-se a crítica contumaz à moral burguesa da época, através da descrição de um picante encontro sexual entre adúlteros. Adultério que, diga-se de passagem, era frequentemente invocado como motivação para diversos crimes, como o uxoricídio. O homem que assassinava a própria esposa por suspeitar que estava sendo traído, embora fosse imputado como assassino, gozava de certa benevolência e compreensão por parte de uma sociedade que via num episódio deste tipo nada mais do que um homem lavando sua própria honra com o sangue da mulher adúltera³⁶.

³⁴ BOTELHO, Denilson. “A pátria que quisera ter era um mito” - Uma introdução ao pensamento político de Lima Barreto. Dissertação de Mestrado. Departamento de História do IFCH da UNICAMP. Campinas, 1996. Ver p. 55-56 e 137. Ver também: VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta*; a mulher na obra de Lima Barreto. Rio de Janeiro, Lacerda, 1999. Sobre o uxoricídio, ver pp. 276-290, e sobre o feminismo, ver pp. 319-333.

³⁵ *Floreal*, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1907. Ano I, Nº 1, p. 12-20.

³⁶ A questão da violência contra a mulher e a análise dessa moral burguesa vigente no início do século recebeu abordagem detalhada por parte de SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência; mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989. Ver também: CORREA,

Cabe lembrar que a questão do adultério e da violência contra a mulher que frequentemente resultava no uxoricídio, é um tema caro a Lima Barreto e recorrente em seus artigos e crônicas. Em artigo para o *Correio da Noite*, em 1915, observaria: “Nós já tínhamos os maridos que matavam as esposas adúlteras; agora temos os noivos que matam as ex-noivas”. E nesse texto faz uma reflexão que apresentamos resumidamente a seguir:

“Todos esses senhores parece que não sabem o que é a vontade dos outros.

“Eles se julgam com o direito de impor o seu amor ou o seu desejo a quem não os quer. Não sei se se julgam muito diferentes dos ladrões à mão armada; mas o certo é que estes não nos arrebataam senão o dinheiro, enquanto esses tais noivos assassinos querem tudo que é de mais sagrado em outro ente, de pistola na mão.

“O ladrão ainda nos deixa com vida, se lhe passamos o dinheiro; os tais passionais porém, nem estabelecem a alternativa: a bolsa ou a vida. Eles, não; matam logo.

“(...) Esse obsoleto domínio à valentona, do homem sobre a mulher, é coisa tão horrorosa, que enche de indignação.

“(...) Todos os experimentadores e observadores dos fatos morais têm mostrado a inanidade de generalizar a eternidade do amor. Pode existir, existe, mas, excepcionalmente; e exigi-la nas leis ou no cano de revólver, é um absurdo tão grande como querer impedir que o sol varie a hora do seu nascimento.

“Deixem as mulheres amar à vontade.

“Não as matem, pelo amor de Deus!”³⁷.

Contudo, o próprio Lima Barreto viveu um episódio em que deixou-se trair pela mesma moral burguesa que tanto criticava. Ainda que soe contraditório, o escritor demonstra ter cedido a valores burgueses que também ele carregava consigo. Ocorre que ao

Mariza. **Morte em família**; representações jurídicas de papéis sexuais. Rio de Janeiro, Graal, 1983. Ver também VASCONCELLOS, Eliane. **Op. Cit.**

³⁷ BARRETO, A. H. de Lima. “Não as matem” in *Correio da Noite*. Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1915.

participar de um júri, votou pela absolvição de um indivíduo que matara a própria mulher³⁸.

Anos depois, revelaria num artigo publicado na *Lanterna* o seu profundo arrependimento:

“ “Eu julguei um uxoricida. Entrei no júri com reiterados pedidos de sua própria mãe, que me foi procurar por toda a parte. A minha firme opinião era de condenar o tal matador conjugal. Entretanto a mãe ... Durante a acusação, fiquei determinado a mandá-lo para o xilindró ... Entretanto a mãe ... A defesa do doutor Evaristo de Moraes não me abalou ... Entretanto a mãe ... Indo para a sala secreta (...) afinal cedi ... A mãe ... Absolvi o imbecil marido que lavou a sua honra, matando uma pobre mulher que tinha todo o direito de não amá-lo, se o amou, algum dia, e amar um outro qualquer ... Eu me arrependo profundamente”³⁹.

É curioso que o escritor tenha atribuído à mãe do réu o poder de dissuadi-lo da condenação. De qualquer modo, interessa ressaltar aqui a afinidade do diretor da *Floreal* com a temática abordada por Domingos Ribeiro Filho no lançamento da revista. Quando publica, anos depois, o seu “manifesto maximalista”⁴⁰, Lima Barreto defende o estabelecimento do divórcio como um dos pilares da sua proposta de transformação da sociedade capitalista. Pois Domingos Ribeiro Filho foi durante toda a sua vida um anarquista convicto, partidário das idéias de Kropotkin, cuja doutrina divulgava em artigos de jornal e palestras de café. Consta que ao escrever o romance *O Cravo vermelho*, publicado também em 1907, no mesmo estilo do conto publicado em *Floreal*, Ribeiro Filho propunha-se a fazer um estudo da moral burguesa do início do século⁴¹.

Afinidades políticas à parte, nem tudo eram flores na convivência entre esses dois escritores, que frequentaram também por longo tempo as páginas da *Careta*. Por um lado, *O Cravo vermelho* recebeu crítica de Lima Barreto no terceiro número da *Floreal*,

³⁸ Não há indicações sobre quando se deu exatamente sua participação neste júri.

³⁹ BARRETO, A. H. de Lima. “Lavar a honra, matando?” in *Lanterna*. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1918.

⁴⁰ BARRETO, A. H. de Lima. “No ajuste de contas” in *Bagatelas*. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 91-96.

apontando “qualidades e defeitos” no romance. Por outro lado, em 1938, Ribeiro Filho reavalia a trajetória do companheiro já falecido, contestando os que pretendiam fazer de Lima Barreto um gênio após a sua morte:

“Lima Barreto não foi um revolucionário, não foi um acomodado, não foi um cabotino; tinha os pés, as mãos e a cabeça amarrados ao liame de um terrível complexo. Tinha - coisa interessante - caráter e coração: um e outro, podendo impeli-lo para um melhor destino, serviram para ponderar e equilibrar as suas ambições. É que ele via, arrepiado, a ascensão de uns tantos escritores, por uma escada de frases feitas, versos frouxos e conceitos de tonelada e meia, até a consagração acadêmica. Entretanto - terrível complexo - a revolta de Lima Barreto nunca passou da ironia. E a felicidade notável dos impostores letrados e de seus patrões e patronos consistiu precisamente em não ter contra eles um revolucionário dispondo do talento, da cultura e do caráter do autor de *Isaías Caminha*”⁴².

Como se vê, o anarquista kropotkiniano frustrou-se com o Lima Barreto ao lado do qual formara na *Floreal*. Pelo menos no balanço pós-morte que faz da trajetória do diretor da revista, revela que esperava vê-lo tornar-se um revolucionário. Contudo, considera que seu talento, cultura e caráter, não foram maiores do que seu complexo, impedindo-o de cumprir seu destino incômodo aos “impostores letrados”.

Nem que seja por mera curiosidade, vale registrar ainda um comentário nada lisonjeiro que Lima Barreto escreveu nas páginas do seu *Diário* a respeito de Domingos Ribeiro Filho: “escreveu um romance rebarbativo e idiota, para fazer constar que é um voluptuoso, um lascivo, e põe-se nas ruas a fazer os mais baixos comentários sobre as mulheres que passam: ‘Que peixão! Que bunda! Oh! A carne!’ Isso! Aquilo! É um

⁴¹ BARRETO, A. H. de Lima. *Correspondência*. Tomo I. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 211-215.

⁴² Esse texto é parte de um artigo de Domingos Ribeiro Filho sobre Lima Barreto, publicado na revista *Visão Brasileira*, em 3 de setembro de 1938.

imbecil”⁴³. Não sabemos ao certo a que romance se refere, mas pode ter sido *O cravo vermelho* lido em primeira mão, já que esses comentários datam de 24 de janeiro de 1905. Mas nem por isso o “lascivo” escritor deixou de participar da *Floreal*.

É possível que a publicação simultânea de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e *O cravo vermelho* na *Floreal* representassem parte de um esforço comum para atingir o rival *Correio da Manhã*. Enquanto o primeiro romance ridicularizava a redação de um jornal que se supunha ser o diário dirigido por Edmundo Bittencourt, o segundo migrava das páginas em que fora vetada sua publicação para vir a público através de uma nova revista que buscava se estabelecer entre os periódicos da época basicamente pelo seu conteúdo. Ainda que com poucos recursos e uma pífia vendagem, *Floreal* parecia eleger o *Correio da Manhã* como um de seus alvos prediletos. Criticava não só o modo como ali se fazia o jornalismo como também a censura moralizadora do diretor do jornal.

Vale a pena observar ainda que foi através de Domingos Ribeiro Filho que Astrojildo Pereira conheceu Lima Barreto. Não era somente nos jornais e revistas que se construía a rede de sociabilidades na qual se incluía Lima Barreto, mas também nos cafés, como o Jeremias e o Papagaio. Neste último café, reuniam-se a um canto os integrantes da confraria chamada de Esplendor dos Amanuenses, da qual faziam parte os escritores acima e outros companheiros de trabalho e de boemia. Sobre Domingos, conta Astrojildo: “por seu intermédio é que vim a conhecer pessoalmente Lima Barreto, que acabava de publicar, com esplêndido êxito literário, as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Eram ambos funcionários da mesma repartição”⁴⁴.

⁴³ BARRETO, A. H. de Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo, Brasiliense, 1956. P. 90.

⁴⁴ PEREIRA, Astrojildo. “Domingos Ribeiro Filho” in *Tribuna Popular*, 15 de julho de 1945.

Aliás, além de terem atuado juntos como amanuense da Secretaria da Guerra, compartilharam não só as páginas da *Floreal*, mas também d'A *Estação Teatral* e da *Careta*, na qual Domingos assinava várias seções com o próprio nome e com o pseudônimo Dierre Effe⁴⁵. Astrojildo Pereira tece considerações a respeito de Domingos que bem poderiam se aplicar a Lima Barreto:

“Domingos Ribeiro Filho era o tipo de escritor não conformista, rebelde por natureza, extremamente cioso da sua dignidade e independência como tal. Daí, muito naturalmente, a posição de combatente solitário, de guerrilheiro das letras, implacável no combate a todas as formas e manifestações de farisaísmo intelectual ou de torpeza política”⁴⁶.

A julgar pela avaliação de Astrojildo, *Floreal* reunia em suas páginas colaboradores que, por vezes, mantinham afinidades no campo intelectual e político.

Nada mais merece ser destacado nessa primeira parte da revista, a não ser a já comentada publicação do primeiro capítulo de *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. Embora fosse a estréia do romancista, ainda que em folhetim, não seria dessa vez que chamaria a atenção do público leitor pelo seu conteúdo. Não fosse o atento José Veríssimo, o primeiro capítulo do primeiro romance de Lima Barreto teria passado despercebido.

Na segunda parte da revista, que pretende dar conta do noticiário mais corriqueiro, a chamada “Revista da Quinzena”, vale observar os comentários do diretor sobre uma sociedade artística que acabava de ser fundada por Coelho Neto⁴⁷, chamada Caravana, que “organiza um concurso de bandas de música cujo fim é extirpar da sensibilidade popular

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ *Ibidem*.

⁴⁷ MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. P. 75. Segundo o autor, tratava-se de uma “instituição destinada a reviver os famosos jantares da Panelinha e do Clube Rabelais, dos fins do século passado”. João do Rio, sob o pseudônimo Joe, teria

do soldado o gosto pelo tango e pelo maxixe”. A propósito do referido concurso, Lima Barreto critica um certo tipo de atitude que ele julga recorrente entre os nossos literatos: a de fundar clubes e sociedades que se propõem a disseminar o gosto artístico e “levantar a cultura artística da população brasileira”:

“Singular maneira de melhorar o gosto público e de levantar a cultura de massa!

“(…) Não acredito também que os nossos literatos amem o povo, interessem-se pela sua sorte, achem nele poesia, matéria para suas obras.

“Pelo menos, não se encontram vestígios disso nos seus volumes. (...) Entretanto, as nossas letras, quando se voltam para a cidade, não encontram material para a sua obra senão na roda do Lyrice, nos bondes de Botafogo, nas barcas de Petrópolis e nos passeios da Tijuca. É singular! (...)”

“Referindo-se aos indivíduos que não fazem parte da gente que eles adoram e exageram num romantismo curioso, os nossos literatos, só lhes vendo defeitos superficiais, degradam, amesquinham-nos, sem absolutamente descobrir neles as grandezas que têm, as qualidades que possuem; entretanto - como são as cousas? - para as árvores do Sumaré, para a praia de Copacabana, que, positivamente, não são homens de carne e osso, quanta ternura, quanta palavra bonita!

“Eu julgava que os literatos e jornalistas, que se propõem a levantar a cultura geral do povo, deviam ter, por intermédio de suas obras, revistas e jornais, comunicado aos seus leitores as idéias condutoras para que eles fizessem essa ascensão por si mesmos”⁴⁸.

Fica evidente que Lima Barreto não concordava com a idéia de se extirpar o gosto popular pelo tango e o maxixe. Incomodava-o nessa campanha da Caravana o pressuposto de que o gosto e a sensibilidade artística das classes populares era inferior ao das demais classes sociais. Sendo ele próprio oriundo de uma família de poucos recursos, amanuense da Secretaria da Guerra e morador do subúrbio carioca, com certeza se perguntava quanto ao valor de sua própria literatura. Seria ela também inferior?

comentado na *Gazeta de Notícias*, em 18 de agosto de 1907, o primeiro jantar do novo grupo, logo após a criação”. da Caravana.

⁴⁸ Floreal, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1907. Ano I, Nº 1, p. 29-32.

Não só a *Floreal*, mas toda a sua vida, é dedicada à missão que o escritor se atribui de demonstrar justamente o contrário. Ao desprezo e ao desconhecimento que os literatos demonstram ter em relação às camadas mais baixas da população, Lima Barreto responderá criando para seus romances personagens justamente dessas classes sociais. Frequentemente, o cenário em que se passam as histórias narradas em seus romances e contos não é a bela paisagem de Botafogo, de Petrópolis ou Tijuca, mas as mal cuidadas ruas dos subúrbios e os trens que partem da Central rumo àquelas áreas esquecidas e renegadas da cidade.

Não se pode negar também que o estigma inferiorizante implícito em clubes e sociedades tipo a Caravana - e seu concurso de bandas de música - explique, pelo menos em parte, a personalidade complexada do escritor, apontada por Domingos Ribeiro Filho, como já foi visto. Mas verifica-se que enseja também o enunciado de um dos seus lemas de vida: comunicar aos seus leitores, através dos seus escritos, as idéias que lhes possam ser úteis para alcançar a cidadania. Sua obra é impregnada por esse objetivo de instrumentalizar, no plano das idéias e pela palavra escrita, um povo desde sempre excluído social e politicamente. A *Floreal* é apenas o primeiro passo dessa trajetória.

Um primeiro passo que vale mais pelo seu significado, do que pelo número de exemplares vendidos, que foi irrisório. Nas últimas páginas da edição seguinte, lançada em 12 de novembro de 1907, a própria redação da revista encarrega-se dessa prestação de contas, feita com humor e ironia. A avaliação das vendas se inicia com a reprodução do diálogo ocorrido entre a redação e Thomaz Labanca, o distribuidor da *Floreal*:

“- Quantos, Labanca?

“- Trinta e oito, respondeu o Labanca, com entonação compungida.

“- 38 ! Sim, tinham sido 38 os exemplares avulsos, vendidos do

primeiro número da *Floreal!* Trinta e oito - 38 - sobre os 850.000 habitantes da cidade do Rio de Janeiro, por curiosidade, por esquecimento, por qualquer motivo, este aqui, aquele ali, aquele mais adiante, haviam composto unidade por unidade, aquele número, único entre todos os da série dos números inteiros, que teriam que figurar no ativo da *Floreal!*:

VENDA AVULSA 38 EXEMPLARES

“Trinta e oito heróis eram esses, seguramente que ousavam assim proceder diante de toda esta heróica cidade, talvez na Rua do Ouvidor, à vista do Dr. Ataulpho e da Casa Raunier ! Uma onda de gratidão nos invadiu a alma. Benditos 38! Dignos 38! A vida vos seja propícia e os pecados vos sejam perdoados! Que um gênio bom vos conduza os passos, e sonhos amigos vos indiquem, sem capciosidades, o bicho de cada dia!...”⁴⁹

Como se vê, o fracasso de vendas não abatera a verve humorística dos realizadores da revista, que no segundo número traz como principais atrações Manuel Ribeiro de Almeida com o artigo “Spencerismo e Anarquia”, Antonio Noronha Santos e Edmundo Enéas Galvão discutindo a questão do serviço militar obrigatório e Lima Barreto publicando o segundo capítulo de *Isaías Caminha*. Dessa vez, a venda avulsa chegaria a 82 exemplares⁵⁰.

Manuel Ribeiro de Almeida foi colega de infância de Lima Barreto no Liceu Popular Niteroiense, onde ambos estudaram a partir de 1891. Segundo Francisco de Assis Barbosa, era um dos melhores colégios daquele tempo, sendo frequentado por gente rica. Entre os colegas de Ribeiro de Almeida e Lima Barreto, estavam Otávio Kelly, Américo Ferraz de Castro, Ricardo Greenhalgh, Caio Guimarães, os irmãos Sauerbronn Magalhães e Carlos Pereira Guimarães. “Todos vão se destacar, mais tarde, na magistratura, no jornalismo, na carreira das armas, no magistério”⁵¹. Naturalmente João Henrique, pai de Lima Barreto, não dispunha de recursos para matricular o filho num colégio tão conceituado e frequentado por meninos de classe social mais abastada. Desejando para o filho um futuro melhor do que o seu, de tipógrafo, queria vê-lo doutor. E foi buscar amparo no compadre

⁴⁹ *Floreal*, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1907. Ano I, n° 2, p. 38-39. Não se conhece a tiragem da revista.

⁵⁰ BARBOSA, F. de A. *op. cit.*, p. 134.

Visconde de Ouro Preto, que além de batizar Lima Barreto custeou-lhe os estudos no conceituado Liceu dirigido pelo escocês William Henry Cunditt. De certo que o filho do tipógrafo deve ter se sentido um peixe fora d'água num colégio onde se via cercado de crianças de origem social tão diferente da dele, pois disso o próprio Manuel Ribeiro de Almeida nos dá testemunho: “Não me lembro de ter visto o Barreto brincando no colégio”⁵².

Contudo, Almeida foi um dos colegas mais chegados do escritor. Através do “esquivo companheiro de colégio”, travou conhecimento com os livros de Júlio Verne, cuja coleção João Henrique dera ao filho por ocasião de seu ingresso no Liceu. Lima Barreto compartilhara com Almeida *Cinco Semanas em um Balão* e *Vinte Mil Léguas Submarinas*.

Dez anos mais tarde, em 1901, estariam juntos de novo na Escola Politécnica, onde veriam nascer a Federação de Estudantes Brasileiros. A fundação dessa entidade agitou o ambiente estudantil da época. Um manifesto resumia em poucas palavras o objetivo da Federação: “É absolutamente necessário que nos façamos conhecer, é urgente que entre os Estados do Brasil se elimine o isolamento quase hostil, cuja manutenção já é profundamente lamentável entre as Repúblicas da América”⁵³. Nessa época, além de Almeida, tinha também entre seus amigos Bastos Tigre, que o levaria a ser colaborador n’*A Lanterna*, como já foi dito. Em 1902, Lima Barreto seria eleito para a diretoria da Federação, numa chapa encabeçada por Barreto Dantas, estudante de direito. Mas logo se afastaria da entidade por discordar de uma representação da Federação, dirigida ao Congresso Nacional, favorável ao serviço militar obrigatório. Considerava esta idéia uma monstruosidade contra a qual protestou durante toda a sua vida.⁵⁴

⁵¹ BARBOSA, F. de A. *op. cit.*, p. 46.

⁵² BARBOSA, F. de A. *op. cit.*, p. 41.

⁵³ BARBOSA, F. de A. *op. cit.*, p. 76.

⁵⁴ BARBOSA, F. de A. *op. cit.*, p. 77.

Foi o artigo de Manuel Ribeiro de Almeida e o romance que Lima Barreto começava a publicar em fascículos na *Floreal* o que mais chamou a atenção de José Veríssimo. “Spencerismo e Anarquia” e *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* levaram Veríssimo a acreditar ter descoberto alguma coisa em meio as tantas revistas que se publicavam na época. Se no primeiro número o anarquismo se fizera presente em *Floreal* através da colaboração de Domingos Ribeiro Filho, no segundo número é Almeida quem abre a revista ocupando 9 páginas (quase 1/4 do espaço disponível na publicação) para fazer uma reflexão sobre as atribuições do Estado frente ao anarquismo e ao socialismo, tomando a obra de Spencer como referência para discussão. Embora o autor não chegue a uma conclusão sobre que tipo de limitação faz-se necessário impor à ação do Estado ou se é possível e conveniente sustentar uma “posição média” em que “a ação do Estado se limita à manutenção da ordem, à defesa externa, à distribuição da justiça, a certas questões de higiene e de segurança, a certa intervenção nos trabalhos públicos - tudo isto considerado em qualidade e não em quantidade”⁵⁵, verifica-se que o tema do anarquismo é relevante na pauta da *Floreal*, na qual a opinião de Lima Barreto certamente tinha algum peso.

No outro tema fartamente abordado no segundo número da revista temos Antonio Noronha Santos criticando o serviço militar obrigatório, ou por sorteio, como se propunha na época. Observava que o uso do sorteio não eliminaria a obrigatoriedade do serviço militar, mas apenas a encobriria de maneira tosca, visto que o sorteado não poderia se negar a vestir a farda. Assim, Santos defende um serviço militar voluntário, tornando o

⁵⁵ ALMEIDA, Manuel de Almeida. “Spencerismo e Anarquia” in *Floreal*, Ano I, Nº 2, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1907, p. 5-6.

soldado “um profissional bem pago e bem tratado”⁵⁶. A este ponto de vista, Edmundo Enéas Galvão vem somar sua argumentação:

“O tirar 50 ou 60 mil homens dos nossos centros de produção, a fim de distraí-los nos quartéis, sem utilidade prática para a sua economia particular, é atrasar um tanto o nosso evoluir.

“Estes homens, tirados das ciências, artes, das indústrias, lavoura, etc., naturalmente deixarão de produzir, para ficarem em uma estagnação de dois ou três anos.

“As despesas originadas com o seu custeio não são pequenas, ponto capital para nós que procuramos o equilíbrio estável das nossas finanças”⁵⁷.

Esse era o estilo e a conduta adotada por *Floreal*. Dispunha-se a abordar abertamente os temas mais candentes da atualidade, permitindo e exigindo que as opiniões expressas em suas páginas se fizessem acompanhar obrigatoriamente da assinatura dos seus colaboradores. Ensejava assim o debate de idéias tão desejado por aquele que a concebeu. Como não foram encontrados exemplares dos números 3 e 4, não foi possível proceder a uma análise integral da curta existência desta revista. Fica entretanto a certeza de que ela foi uma experiência fecunda na vida do escritor, que no número de estréia vaticinava: “Não é sem temor que me vejo à frente desta publicação. Embora não se trate do *Jornal do Comércio* nem da *Gazeta* de Pequim, sei, graças a um tirocínio prolongado em revistas efêmeras e obscuras, que imenso esforço demanda a sua manutenção e que futuro lhe está reservado”⁵⁸. Por isso, em 5 de janeiro de 1908, no mesmo instante em que fazia em seu diário o balanço do ano anterior, a publicação do quarto número trazia-lhe preocupação e arrancava-lhe um misto

⁵⁶ SANTOS, Antonio Noronha. “Pretextos - A lei do sorteio” in *Floreal*, Ano I, Nº 2, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1907, p. 25-28.

⁵⁷ GALVÃO, Edmundo Enéas. “Questões atuais” in *Floreal*, Ano I, Nº 2, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1907, p. 29.

⁵⁸ *Floreal*, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1907. Ano I, Nº 1, p. 3-7

de lamento e pressentimento: “A *Floreal* vai mal”. Ainda era cedo para ele ter certeza de que a quarta edição, publicada em 31 de dezembro de 1907, seria também a última.

Passado o insucesso editorial da revista, Lima Barreto busca incessantemente um editor que lhe permita lançar seu primeiro romance. No Brasil não via grandes chances de êxito, pois a grande casa editorial do momento era a Garnier. “Mas publicava apenas os autores consagrados. Novos, só os empistolados”⁵⁹. Quando falece, em 1911, Hippolyte Garnier, que comandava de Paris a livraria e a editora no Brasil, o escritor comenta as dificuldades que vivia no início do século “quem quer ser autor e quer ter na sua obra a necessária e indispensável independência”⁶⁰. Em artigo para a *Gazeta da Tarde*, descreve um pouco do ambiente no qual iniciara sua carreira literária:

“(…) A Livraria Garnier era a única casa editora que havia entre nós.

“Se mesmo aqui há algumas que editem, não há nenhuma que o faça com constância e regularidade para que possa ser assim considerada.

“A Garnier era a única; e se, ainda há poucos anos, havia a Casa Laemmert, ultimamente, porém, só ficou em campo a velha livraria.

“De modo que ela era o único desagudouro da produção literária nacional e exercia sobre as edições um monopólio nem sempre favorável a nós.

“Curiosa é a maneira por que essa casa, com matriz em Paris e filial aqui e não sei onde mais, se saía de tão árdua empreitada.

“Dirigida por um velho mentecapto, que nem lia português e nunca tinha vivido no nosso meio, as suas edições eram feitas atendendo mais à representação oficial do autor do que mesmo ao valor da obra.

“(…) A coisa não podia ser de outro modo. Sem uma pessoa interessada que conhecesse o meio nacional e julgasse o merecimento da obra, tanto monetário, como intelectual, pessoa que devia estar presa à casa por sólidos interesses, não podia a famosa casa publicar novos e desconhecidos.

“(…) Velho rico, ignorante das nossas coisas, certamente já mentecapto, o seu critério nas publicações era o dos pistolões recebidos e do nome que o autor tinha no mundo.

⁵⁹ BARBOSA, F. de A. *op. cit.*, p. 138.

⁶⁰ BARRETO, A. H. de Lima. “O Garnier Morreu” in *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1911. Ou *Impressões de leitura*. São Paulo Brasiliense, 1956. p. 280-284.

“(...) Para verificar que não exagero basta ver a quantidade de diplomatas que ela tem editado. (...) Ora, convenhamos que é aborrecido isso de estar a pedir empenhos para tudo. (...) É de desesperar.

“Um livreiro experimentado e conhecedor do meio, deve até não aceitá-los. Não faltam meninos bonitos, cheios de relações, que colecionem mediocridades e queiram publicá-las sem despesa; e uma casa que se preza, deve contar em cada edição um sucesso literário e monetário.

“Mas a Garnier não queria saber disso. Era a casa rica, não tinha concorrentes de valor e editava por editar.

“Não há aqui nenhum despeito. Eu nunca tentei editar-me nela, tanto mais que isso era demorado e me repugna usar os famosos pistolões.

“(...) É necessário que surjam outras casas editoras; é necessário que os lucros imensos que a Garnier tem tido provoquem o aparecimento de energias e capitais, que nos libertem totalmente de tão abjeta tutela.

“Não é possível que um país como o nosso, só tenha um editor e esse editor seja estrangeiro, e viva fora do país, nada conheça de nossa atividade literária e mental, se deixe guiar por pistolões e recomendações.

“(...) Essa pressão que a velha casa exercia sobre a nossa atividade literária, precisava cessar, em bem nosso e das letras em geral; e a morte desse octogenário rico e egoísta, talvez determine isso e eu me alegro com ela”⁶¹.

Descontadas a alegria com que Lima Barreto recebe a morte de Garnier e a gratuidade com que insiste em chamá-lo de mentecapto, a longa citação serve para demonstrar as agruras pelas quais passava qualquer novo escritor que pretendesse se lançar com dignidade no ramo da literatura brasileira da época. Como negava-se a bater à porta da Garnier, ocorreu-lhe apelar a um dos colegas que colaborara na Floreal: o poeta João Pereira Barreto⁶². Este conseguira editar o seu livro em Lisboa, na Livraria Clássica. É bem verdade que o volume de versos trazia Sílvio Romero no prefácio, que o encaminhara ao editor.

Contudo, Lima Barreto não buscava um padrinho e não aceitava pistolão, queria apenas uma carta de apresentação a Antônio Maria Teixeira, o editor português. E em

⁶¹ *Ibidem*.

⁶² Na verdade, João Pereira Barreto era cunhado de Sílvio Romero e, mais tarde, adquiriria notoriedade devido a um trágico episódio que marcou a sua vida: o assassinato da própria esposa. Consta que ficou conhecido como o poeta uxoricida. BARBOSA, F. de A. *op. cit.*, p. 139.

1909 fez de Antonio Noronha Santos, que viajava para a Europa e passaria por Lisboa, o seu portador, levando a carta e os originais do livro.

Sabe-se que nesse momento três romances já haviam saído da lavra do escritor: *Clara do Anjos*, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Cabe perguntar por que este último teria sido o escolhido para Lima Barreto se lançar como romancista. De *Clara dos Anjos* na verdade havia apenas uma primeira versão pronta, que só mais tarde será revista e o autor julgará conveniente publicar. Além disso, seu conteúdo não se prestava ao impacto que o escritor desejava causar na imprensa e no meio intelectual em geral. Para explicar porque *Caminha* em detrimento de *Gonzaga*, passo a palavra ao criador. Em carta ao amigo Luis de Gonzaga Duque Estrada, Lima Barreto esclareceria:

“(...) Viaja para a Europa na mala do meu amigo Noronha Santos o mesmo livro que comecei a publicar na *Floreal*.

“Era um tanto cerebrino, o *Gonzaga de Sá*, muito calmo e solene, pouco acessível, portanto. Mandeí as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, um livro desigual, propositalmente mal feito, brutal por vezes, mas sincero sempre. Espero muito nele para escandalizar e desagradar (...). Espero que esse primeiro movimento, muito natural, seja seguido de um outro de reflexão em que vocês considerem bem que não foi só o escândalo, o egotismo e a charge que pus ali. (...) Hás de ver que a tela que manchei tenciona dizer aquilo que os simples fatos não dizem, segundo o nosso Taine, de modo a esclarecê-los melhor, dar-lhes importância, em virtude do poder da forma literária, agitá-los, porque são importantes para o nosso destino”⁶³.

De Lisboa, Santos trocava correspondência com o escritor, que aguardava com ansiedade o aceite e a publicação do seu primeiro livro. Logo na primeira carta⁶⁴, Santos comunica que o editor decidira publicá-lo, mas não dispunha-se a pagar ao autor. Argumenta

⁶³ BARRETO, A. H. de Lima. *Correspondência*. Tomo I. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 169-170.

que João Barreto teria sido pago em exemplares. Antes mesmo de consultar Lima Barreto, autorizara o editor a mandar o livro para a tipografia. Assim, em breve as provas lhe seriam enviadas para o Brasil.

“Santos sabia o que estava fazendo, autorizando a remessa dos originais para a tipografia. Lima Barreto não se importaria com o pagamento dos direitos autorais. O que queria era ver o livro publicado”⁶⁵. Tanto é que, em resposta, lhe escreveria: “Fizeste bem em lhe autorizar a imprimir o livro. Não tenho pretensão alguma de lucro com o *Caminha*. Além de saber que um primeiro livro tem fortuna arriscada, sabes muito bem o que penso sobre essa coisa de *make money* com livros”⁶⁶. Posteriormente, negociando por carta com o editor, pediria como pagamento 50 exemplares “para os oferecimentos de praxe”⁶⁷. Longe de exercer a literatura por diletantismo, abria mão do lucro no seu lançamento, numa espécie de investimento que fazia de olhos postos no futuro. Futuro em que almejava sustentar-se com a pena e tudo que através dela produzisse. Lima Barreto desejava sobretudo viver e sustentar-se da letras.

Feito o acerto inicial, passaram-se meses até um novo contato com o editor. Nesse período, passou por Lisboa João do Rio e foi ter com A. M. Teixeira. O episódio foi narrado por Noronha Santos em carta a Lima Barreto: “Agora ouve esta: o Paulo Barreto, que aqui chegou há dias, foi lá (na editora de Teixeira) parar creio que a inscrever-se num banquete ao Júlio Dantas. O M. Teixeira perguntou-lhe, sem falar no romance, se ele te

⁶⁴ *Ibidem*. p. 67-68.

⁶⁵ BARBOSA, F. de A. *op. cit.*, p. 141.

⁶⁶ BARRETO, A. H. de Lima. *Correspondência*. Tomo I. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 69.

⁶⁷ *Ibidem*. p. 174.

conhecia. Ele respondeu que não. Que f. da p.!”⁶⁸ O acontecido preocupara Lima Barreto, fazendo crescer a sua ansiedade e desconfiança de que algo pudesse não dar certo em Lisboa.

Sabemos que João do Rio conhecia Lima Barreto pelo menos desde 1905, quando foram contemporâneos nas páginas do *Correio da Manhã*. Então, por que João do Rio negou-se a admitir que conhecia Lima Barreto? O fato é que se, por acaso, João do Rio foi um dos poucos leitores da *Floreal* e acompanhou os primeiros capítulos de *Recordações do escrивão Isaías Caminha* publicados nesta revista, só por isso já teria motivos de sobra até para desabonar o nome de Lima Barreto perante o editor português.

Logo no início do terceiro capítulo entra em cena Raul Gusmão, “um jovem jornalista”, que é uma caricatura de João do Rio. Quando o romance é lançado em livro, o referido personagem é definitivamente associado a figura desse escritor, como veremos no próximo capítulo desta tese. E sua caracterização não é nada lisonjeira, visto que Isaías Caminha, depois de conhecê-lo no café de um teatro, assim descrevia aquele sujeito de “alentado corpanzil encostado à bengala vergada”, que até no tipo físico lembrava João do Rio:

“Nos confins da minha aldeia natal, eu não podia adivinhar que o Rio contivesse exemplar tão curioso do gênero humano, uma desconhecida mistura de porco e de símio adiantado, ainda por cima jornalista ou coisa que o valha, exuberante de gestos inéditos e frases imprevistas”⁶⁹.

Jamais saberemos ao certo se João do Rio leu esta descrição e se reconheceu nela, mas isto certamente já era motivo suficiente para que se recusasse a admitir que conhecia um jovem escritor que o dedicara palavras tão agressivas.

⁶⁸ *Ibidem*. p. 68.

⁶⁹ BARRETO, A. H. de Lima. *Recordações do escrивão Isaías Caminha*. São Paulo, Brasiliense, 1956. P. 69.

Finalmente, em dezembro de 1909, Lima Barreto recebia os primeiros exemplares da brochura de 316 páginas, formato 19 x 12 cms, com capa cor de vinho, editada em Lisboa, pela Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & Cia, situada na Praça dos Restauradores nº 20. “É de imaginar-se o que esse livro representava para o jovem amanuense da Secretaria da Guerra. (...) Agora, sim! Tinha livro publicado! Poderia, se quisesse, exhibir a prova aos que o olhavam com desdém e lhe ridicularizavam as pretensões literárias”⁷⁰. Independentemente da repercussão que teria o livro, a sua publicação marca o início de uma nova etapa na sua trajetória de vida, particularmente no que diz respeito à sua inserção na imprensa da época.

Ao encerrar este capítulo, nossa intenção foi analisar a trajetória de Lima Barreto até a publicação do seu primeiro romance. Trata-se do período em que o escritor trava as primeiras lutas para se estabelecer no meio literário e na imprensa do Rio de Janeiro. É o tempo do anonimato e da busca pela inserção entre os intelectuais do seu tempo. Sua passagem por pequenos e inexpressivos periódicos culmina com a criação da *Floreal* e a sua estréia como romancista perante o público leitor.

Escrevendo na década de 1890, Adolfo Caminha descreve um cenário de dificuldades bem semelhante ao que Lima Barreto enfrentou alguns anos depois. Talvez seja oportuno resgatá-lo aqui para que possamos compreender o sentido deste período de iniciação de Lima Barreto através das palavras de um literato que é quase seu contemporâneo. Num artigo em que “trata da luta dos escritores brasileiros para se manterem fiéis a seus ideais e verbera a má vontade dos editores para com ‘os que ousam estrear na literatura sem uma

⁷⁰ BARBOSA, F. de A. **op. cit.**, p. 144.

carta, um bilhete de apresentação' ou coisa semelhante"⁷¹, Caminha vê o meio editorial da época como um verdadeiro "protetorado de Midas", cujo funcionamento é o seguinte:

"Quem se colocar diante do 'meio' intelectual brasileiro, em frente ao pequeno círculo de escritores e artistas que, numa sede voraz de popularidade e glória, andam a mendigar os favores da imprensa jornalística, ordinariamente leal a um rigoroso programa econômico e a um *modus vivendi* pouco literário e muito burguês, há de reconhecer três classes notáveis de indivíduos empenhados na luta pelo renome: a dos nulos, ou dos felizes, que marcham triunfalmente na vanguarda, cobertos da bênção protetora de seus ídolos; a grande classe dos medíocres, numerosa como um exército, abençoada também, e pouco menos feliz que aquela, dominando, às vezes, pelo charlatanismo e pela audácia irreverente; e, em terceiro lugar, a classe oprimida, a triste classe obscura dos homens de talento, que preferem a glória definitiva e soberana, a glória póstuma, conquistada pelo trabalho de muitos anos, [...] ao incenso vaporoso da atualidade, às aclamações momentâneas do presente".

"Artistas (eu sei de alguns), escritores e poetas, cuja pena seria talvez orgulho de qualquer nação mais literária que a nossa, vivem por aí, sabe Deus! num abandono de párias malditos, quase totalmente desprezados, rimando versos que são verdadeiros primores de arte, extravasando a alma em páginas de um colorido pomposo e fidalgo ou de uma simplicidade escultural, burilada e nobre, enquanto a legião charmosa dos medíocres e dos nulos campeia triunfante, viseira erguida, *remplie de soi-même*, sem olhar para aqueles que o futuro espera, e que vêm atrás, lentamente, cheios de convicção, salmodiando estranhas harmonias..."⁷².

O diagnóstico de Adolfo Caminha aparentemente pode ser estendido às décadas seguintes, quando se verifica que a muitos escritores "estão interditas as portas da imprensa, essas mesmas portas que se abrem largamente para receber toda casta de escrevinhadores, cujo único ideal é o dinheiro ganho num abrir e fechar de olhos, o santo

⁷¹ AZEVEDO, Sâncio de. "A crítica de Adolfo Caminha" in CAMINHA, Adolfo. **Cartas literárias**. Fortaleza, EUFC, 1999. P. 9.

⁷² CAMINHA, Adolfo. "Protetorado de Midas" in **Cartas literárias**. Fortaleza, EUFC, 1999. Pp. 25-26. Artigo escrito e publicado em 1894, no Rio de Janeiro.

dinheiro obtido sem esforço”⁷³. O meio editorial não se apresenta de forma muito diferente do que Caminha observa na imprensa:

“Incontestavelmente uma das causas que muito influem no ânimo de nossos escritores, obrigando-os ao recolhimento, à vida obscura de autores inéditos, a uma espécie de ascetismo literário duas vezes prejudicial, roubando-lhes o estímulo e amesquinhando-lhes o talento, é o monopólio, a ganância, a desenfreada ambição do elemento editor. Não há por aí quem desconheça que o escritor brasileiro, na maioria dos casos, vive tristemente de um mísero emprego público, sem recursos de outra espécie, ocultando-se da sociedade para não ser visto com os seus trajes de boêmio à força, macambúzio, chorando suas necessidades, alimentando-se mal, contraindo favores, enquanto não lhe chega o minguado subsídio com que vai pagar aos agiotas que o socorrem durante o mês”.⁷⁴

Foi neste cenário de dificuldades que Lima Barreto se debateu para se firmar como escritor. Até aqui procuramos iluminar os caminhos cheios de obstáculos que o levaram às páginas da imprensa e aos editores. Vejamos agora como seria a sua trajetória em meio ao que Adolfo Caminha denominou como “protetorado de Midas”, dominado por gananciosos editores.

⁷³ *Ibidem*, p. 27.

⁷⁴ CAMINHA, Adolfo. “Editores” in *Cartas literárias*. Fortaleza, EUFC, 1999. Pp. 119. Artigo escrito e publicado em 1894, no Rio de Janeiro.

Capítulo 3

Um “snob” anarquista chega às páginas da imprensa

O romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* marcou inegavelmente o ingresso de Lima Barreto no cenário intelectual brasileiro da época. Independentemente do número de exemplares que conseguiu vender, o livro sacudiu a poeira acumulada sobre a suposta reputação de literatos e homens da imprensa carioca do início do século. Narrando a trajetória fracassada do jovem mulato Isaías, que não consegue entrar no mundo das letras - não por ser desprovido de méritos, mas porque devido à cor da sua pele vê-se impedido de mostrar suas qualidades - o escritor coloca em cena algumas das grandes personalidades da imprensa da época, dirigindo críticas impiedosas a cada uma delas, sem contudo citar seus nomes, visto que surgem camufladas sob pseudônimos.

Como vimos no primeiro capítulo, não foi à toa que Lima Barreto escolheu este romance, entre os que já havia escrito até 1909, para se lançar como escritor. Embora seu livro de estréia tenha sido recebido por muitos como excessivamente confessional ou autobiográfico, ou como vingança contra um meio que até então se lhe apresentava hostil, ou mesmo como mera provocação travestida num jogo de adivinhação que convida o leitor a tentar descobrir quem, na vida real, inspirara tal ou qual personagem do enredo do romance, há na escolha de *Isaías Caminha* - e não outro romance - uma motivação pessoal.

É certo que Lima Barreto, em seu romance de estréia, pretendeu atingir o *Correio da Manhã* e alguns literatos que giravam em torno desse jornal no início do século.

E fez isso com a intenção assumida de causar um certo escândalo a fim de atrair a atenção para o seu livro. “Se lá pus certas figuras e o jornal, foi para escandalizar e provocar a atenção para a minha brochura. Não sei se o processo é decente, mas foi aquele que me surgiu para lutar contra a indiferença, a má vontade dos nossos mandarins literários”¹. A escolha desse romance consiste numa estratégia de inserção no meio literário da época, adotada pelo seu autor, com o intuito de polemizar e chamar a atenção para o seu *début* na literatura. Além disso, ao invocar Taine e Brunetière, seus mestres da literatura, procurava dizer com sua obra aquilo que os simples fatos do dia-a-dia não dizem. O escritor crê que é através da literatura que poderá resgatar a importância dos acontecimentos para o nosso destino. Sua arte jamais será desinteressada, mas sim engajada, militante, com objetivo definido e declarado, e comprometida com o público leitor no sentido de ajudá-lo a conhecer e compreender cada vez melhor os dramas, os problemas e as misérias da sociedade em que vivia.

As idéias políticas de Lima Barreto não podem ser compreendidas senão à luz da sua concepção do que vem a ser a literatura. A todo instante, a pena com que escreve seus romances, contos, crônicas, artigos, cartas e diários revela uma crença inesgotável na função social da literatura. Nestas variadas modalidades da sua escrita está presente a concepção de literatura como arte engajada e militante. Seu anarquismo, socialismo, provocações e implicâncias pessoais só podem ser compreendidos enquanto elementos de sua concepção de literatura. Para cumprir a sua missão literária, Lima Barreto compra brigas, faz provocações, coleciona implicâncias, flerta com o anarquismo e propõe o socialismo, mas tudo porque esta é a sua vocação: uma literatura destinada a contribuir para a compreensão dos acontecimentos do presente e, porque não, do passado, a fim de ajudar ao leitor a construir uma sociedade mais justa e igualitária.

¹ BARRETO, A. H. de Lima. **Correspondência**. Tomo I. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 238. Carta de Lima

Difícil é avaliar o desempenho editorial da primeira publicação deste romance. Saber quantos exemplares foram efetivamente publicados e vendidos é assunto até hoje misterioso no mercado editorial. Parece que a escassez de fontes tem concorrido para a existência de pouquíssimas pesquisas sobre o tema. Lajolo e Zilberman² empreenderam louvável esforço para delinear o processo de formação do leitor no Brasil. Deste trabalho consta um quadro contendo o preço de livros, jornais e revistas e a remuneração de escritores entre 1820 e 1930. Naturalmente existem diversas lacunas neste quadro, certamente em função da exiguidade das fontes, e dele não constam tiragens ou levantamentos sobre as vendas dos produtos editoriais em questão. Mas é possível verificar, por exemplo, que no mesmo ano do lançamento de estréia de Lima Barreto, 1909, a Garnier pagava a João do Rio 1:000\$000 pela venda dos direitos do livro *Dentro da Noite*. No ano anterior, o mesmo autor receberia 1:500\$000 da Francisco Alves, pela venda dos direitos de *Era uma vez ...*, em co-autoria com Viriato Corrêa. Em 1907, a Garnier teria pago a João do Rio 2:000\$000 pela propriedade das obras *Momento Literário* e *A alma encantadora das ruas*. Enquanto isso, sabemos - como mostra o Capítulo 1 desta tese -que o iniciante Lima Barreto recebera como pagamento por *Isaías Caminha*, apenas alguns exemplares para que pudesse ele próprio divulgar o seu trabalho. Em se tratando de uma editora portuguesa então, como foi o seu caso, torna-se ainda mais difícil aferir o seu desempenho no mercado editorial da época.

Se não dispomos dos dados quantitativos desejáveis sobre a trajetória editorial do seu livro de estréia, podemos recorrer a outras fontes, que inclusive permitem-nos assegurar que seu ingresso no cenário da literatura não se restringe aos limites da capital. Disso nos dá testemunho uma carta ao jornalista e magistrado recifense Esmaragdo de Freitas, que publicou

Barreto a Esmaragdo de Freitas, em 15 de outubro de 1911.

² LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo, Ática, 1996. O quadro citado em seguida encontra-se nas páginas 312-323.

artigo na imprensa local sobre o *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Nesta carta temos o próprio Lima Barreto fazendo um balanço sobre o modo como o seu romance foi recebido:

“Li o seu artigo sobre o meu livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, com muito interesse e grande satisfação. (...) Aqui, no Rio, onde nasci e me tenho feito, onde também tenho relações, não houve quem tratasse do meu volume com a abundância e a sagacidade que há no seu artigo. Ninguém quis ver no livro nada mais que um simples romance *à cléf*, destinado a atacar tais e quais pessoas; os que gostaram foi por isto, os que não gostaram foi por isto também. Há alguma coisa a mais do que isso no meu modesto volume, suponho; e essa suposição marchou mais para a certeza desde que li o seu trabalho”³.

De fato, o livro de estréia de Lima Barreto recebeu a única forma de crítica que desagradava ao seu autor: o silêncio. O volume foi recebido com desprezo e poucas palavras. Um silêncio frustrante para quem pretendia polemizar. Anos mais tarde, comentaria: “A única crítica que me aborrece é a do silêncio”⁴.

O *Correio da Manhã*, por razões óbvias, ignorou a existência do romance e o nome do seu autor tornou-se proibido em suas páginas. Escolhido para ambientar o romance provavelmente por ser um dos mais bem sucedidos e representativos da época, o periódico de Edmundo Bittencourt foi alvo da sátira e da mordacidade do escritor.

Os demais periódicos certamente optaram pela prudência e, acuados diante do que lhes parecia uma obra inconveniente e atrevida, também calaram a seu respeito. As exceções foram Medeiros e Albuquerque, na *Notícia*, afirmando tratar-se de “um mau romance e um mau panfleto” e Alcides Maya, no *Diário de Notícias*, para quem o livro não passara de “um diário

³BARRETO, A. H. de Lima. *Correspondência*. Tomo I. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 237-238. Carta de Lima Barreto a Esmaragdo de Freitas, em 15 de outubro de 1911.

⁴BARRETO, A. H. de Lima. “Amplius!” in *A Época*. Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1916.

atormetado de reminiscências más”.⁵ Em meio ao silêncio e à apressada condenação, qualquer um pode se fazer as mesmas perguntas de Sodré: “Até que ponto o receio ao *Correio da Manhã*, o medo de aborrecer a folha combativa e prestigiosa de Edmundo Bittencourt pesou nesses julgamentos?” Ou ainda: “Até que ponto a sórdida política dos elogios mútuos e da consagração limitada às mediocridades amigas influiu neles? Um romance em que Paulo Barreto, o João do Rio, aparecia como ‘misto de suíno e símio’, poderia ser aplaudido pelos seus confrades?”⁶

O mesmo José Veríssimo que dedicara algumas linhas a tecer elogios públicos à *Floreal*, a revista editada por Lima Barreto em 1907, também manifesta suas impressões sobre o romance inaugural do ex-editor daquela promissora revista. A crítica, dessa vez, é feita por carta endereçada ao autor, já que Veríssimo não exercia mais o ofício de crítico literário em 1910. Embora afirme que sua “impressão geral” do livro é excelente, observa:

“Há nele [o livro], porém, um defeito grave, julgo-o ao menos, (...) o seu excessivo personalismo. É pessoalíssimo, e, o que é pior, sente-se demais que o é. Perdoe-me o pedantismo, mas a arte, a arte que o senhor tem capacidades para fazer, é representação, é síntese, é, mesmo realista, idealização. Não há um só fato literário que me desminta. A cópia, a reprodução, mais ou menos exata, mais ou menos caricatural, mas que se não chega a fazer a síntese de tipos, situações, estados d’alma, a fotografia literária da vida, pode agradar a malícia dos contemporâneos que põe um nome sobre cada pseudônimo, mas, escapando à posteridade, não a interessando, fazem efêmero e ocasional o valor das obras.

“Eu que isto lhe digo, eu mesmo me delicieei, com a sua exata e justa pintura da nossa vida jornalística e literária, mas não dou por boa a emoção que ela me causou”.⁷

⁵ O artigo de Medeiros e Albuquerque foi publicado sob o pseudônimo de J. Santos, na *Notícia*, de 15 de dezembro de 1909. Já a crítica de Alcides Maya veio à luz no *Diário de Notícias* do dia seguinte, 16 de dezembro de 1909.

⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966. p. 349.

⁷ BARRETO, A. H. de Lima. *Correspondência*. Tomo I. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 204.

Deixando de lado a sentença do velho crítico literário sobre a efemeridade da obra em questão, até porque a posteridade encarregou-se de contrariá-lo, é curioso que embora Veríssimo negue a *Isaías Caminha* valor artístico, admita ter se deliciado ao percorrer-lhe as páginas cheio de emoção. Deve ter sido o mesmo tipo de emoção que tomou conta das rodas de escritores e jornalistas nas quais o assunto predileto por muito tempo era “pôr um nome sobre cada pseudônimo” ou personagem, ainda que ninguém se arriscasse a publicar uma letra que fosse sobre o livro. Somente após a morte do escritor, surgiu o quem é quem⁸ no *Isaías Caminha*:

Plínio de Andrade ou Plínio Gravatá -	Lima Barreto
Ricardo Loberant -	Edmundo Bittencourt
Aires d'Ávila -	Leão Veloso (Gil Vidal)
Leporace -	Vicente Pirajibe
Lobo, o gramático -	Cândido Lago
Floc -	João Itiberê da Cunha (Jic)
Veiga Filho -	Coelho Neto
Raul Gusmão -	João do Rio
Michaelowsky, Gregorovitch e Rostolopp -	Mário Cataruzza
Pranzini, o gerente -	o Fogliani, do Fon-Fon
Florêncio -	Figueiredo Pimentel

⁸ As indicações das identidades que estariam por trás dos personagens foram extraídas de: QUADROS, B. “Primeiro contato com Lima Barreto” in *Vida Nova*. Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1936. N. 279, pp. 23-24. (B. Quadros era um pseudônimo usado por Antônio Noronha Santos). FONSECA, Gondin da. *Santos Dumont*. Rio de Janeiro, Vecchi Editor, 1940. pp. 133-134. BARBOSA, Francisco de A. *A vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1988. p. 148.

Senador Carvalho	-	Marechal Pires Ferreira
Doutor Franco de Andrade	-	Afrânio Peixoto
Losque	-	Gastão Bousquet
Deodoro Ramalho	-	Florianio de Lemos
Rolim	-	Francisco Souto
Agostinho Marques	-	Pedro Ferreira Serrado
Doutor Demóstenes Brandão	-	o juiz Cícero Seabra (irmão de J.J. Seabra)
Laje da Silva	-	Pascoal Segreto
Adelermo Caxias	-	Viriato Correia
Oliveira	-	Costa Rego

Além disso, pode-se afirmar com certeza que a redação do jornal *O Globo* certamente era a do *Correio da Manhã*. Quanto à Casa da Valentina há divergências: seria a Valéry ou a Richard, duas das mais célebres “pensões” do tempo, segundo Noronha Santos, ou a “pensão” de Tina Tatti, um célebre *rendez-vous* do Russell, segundo Gondin da Fonseca.

Apesar das críticas e do silêncio que se fez sobre o romance, o autor jamais se arrependeu da forma que resolveu dar ao seu primeiro livro. Onze anos depois reafirmaria publicamente as mesmas convicções artísticas e políticas que o levaram a conceber *Isaías Caminha* tal como o fez.

Na edição do *A.B.C.* de 24 de dezembro de 1921, Lima Barreto exercita sua crítica literária ao analisar *O Homem sem máscara*, de Vinício da Veiga. Trata-se de uma novela em que o autor “pretendeu pintar uma parte da sociedade carioca que, ou devido a irremediáveis taras hereditárias ou a simples imitação de elegâncias estrangeiras, se entrega às

mais repugnantes aberrações sexuais que nos é dado imaginar. São pessoas da ‘alta’; ricos, barões e condes do Papa, meninas mal saídas do Sion e gente que tal”. Daí o título da crítica: “Um livro desabusado”. Em meio a comentários por vezes elogiosos, outras nem tanto, ressurgiu a convicção no modelo adotado há cerca de uma década:

“O autor se enganou quando, tentando o romance da espécie que tentou, *à clef*, se esqueceu que era preciso retratar o personagem, dar-lhe a sua fisionomia própria, fotografá-lo, por assim dizer. Julgou que era bastante pôr um pseudônimo transparente para que os leitores reconhecessem nas suas criações certos e determinados cidadãos que nós encontramos todos os dias na avenida, afivelando toda a sorte de máscaras de austeridade e moralidade. A força dos romances dessa natureza reside em que relações do personagem com o modelo não devem ser encontradas no nome, mas na descrição do tipo, feita pelo romancista de um só golpe, numa frase. Dessa forma, para os que conhecem o modelo, a charge é artística, fica clara, é expressiva e fornece-lhes um maldoso regalo; para os que não o conhecem, recebem o personagem como uma ficção qualquer de um romance qualquer e a obra, em si, nada sofre”.⁹

Além de explicitar esta concepção de arte inerente a este tipo de romance, bem semelhante a *Isaiás Caminha*, como sempre Lima Barreto aproveita para mais uma vez mostrar o quanto acredita que a arte deve ser mesmo militante e engajada, daí a sua concepção de literatura estar sempre vinculada à política. Dirigindo-se ao escritor em questão, propõe aquilo que sempre procurou pôr em prática ao escrever:

“se o Senhor Vinício da Veiga me permite, lhe dou um conselho: empregue a energia do seu estilo, a força de sua capacidade de descrever, de romancear, criticando semelhante ‘pessoal’, não em relação ao plano normal da sexualidade humana, mas em relação

⁹ BARRETO, A. H. de Lima. “Um livro desabusado” in A.B.C., Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1921. O grifo é meu.

aos interesses sociais, que, na vida comum, ele lesa mais do que quando entrega-se às suas mórbidas abjecções sexuais”.¹⁰

É assim que encerra a sua crítica, propondo a Veiga que junte-se a ele na luta contra os interesses desse “pessoal” (“pessoas da ‘alta’; ricos, barões e condes do Papa, meninas mal saídas do Sion e gente que tal”), sempre privilegiados na sociedade republicana do início do século, em detrimento de uma maioria de excluídos, a gente simples que resgata em seus romances. É contra eles que Lima Barreto propõe-se a “romancear”, empregando toda a sua energia.

O problema com *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* ou *O homem sem máscaras*, certamente não está no fato de ser um romance *à clef*. Fosse esse o problema e *A Esfinge*, também um romance de Afrânio Peixoto, não teria a boa acolhida que teve da crítica e da imprensa em geral. Note-se que *A Esfinge* foi publicada dois anos após *Isaías Caminha*, retratando a vida mundana do Rio de Janeiro e Petrópolis. Na ocasião, Lima Barreto compartilharia toda a sua revolta com Antônio Noronha Santos, a quem entregaria o exemplar que leu e anotou. Entre as muitas anotações existentes no volume, a dedicatória já revela um pouco da sua irônica avaliação: “Ao Sr. Dr. Antônio Noronha Santos, desejando que tenha na sua estante uma eloquente prova da importância do senso literário nacional e também do critério que, por este século XX, ainda se tem, entre nós, do romance (...)”. Em outra anotação, aflora a indignação: “É *à clef*, e eles elogiaram”.¹¹

E elogiaram muito, em diferentes jornais da época, inclusive o mesmo Medeiros e Albuquerque, que vira no *Isaías Caminha* “um mau romance e um mau panfleto”, curiosamente viu no romance de Peixoto qualidades que um crítico generoso bem poderia ter lhe atribuído:

¹⁰ *Ibidem*.

“É o lado original do livro, o lado que o fará conservar como um documento precioso para o estudo do nosso tempo. A descrição dos tipos que enchem o romance é maravilhosa de justeza. Não há excesso, não há caricatura. Há uma fotografia perfeita (...). É um depoimento para a história da sociedade atual, no momento atual. Desse ponto de vista, o livro é simplesmente maravilhoso”¹².

Para Lima Barreto, na verdade estavam em jogo mais do que o valor do romance à *clef* e mesmo as obras em questão. Estava em jogo também a origem social dos autores: um, mulato, humilde morador do subúrbio e funcionário público sem expressão que ousava se lançar como escritor; o outro, um jovem branco, médico e professor da Faculdade de Medicina, que antes mesmo de lançar o seu primeiro romance tornara-se membro da Academia Brasileira de Letras, na vaga de Euclides da Cunha. Na sua alma já atormentada pelo estigma racial, via-se como um zé ninguém a pretender o mesmo destino de um pequeno sábio bem nascido.

Mesmo assim, nesse período é intensa a sua produção literária e um dos melhores contos de Lima Barreto data dessa época. Intitula-se “O homem que sabia javanês”¹³ e o seu tema de fundo é o arrivismo, tantas vezes denunciado pelo escritor, que insistia em contar histórias de pessoas como Castelo, um sujeito disposto a subir na vida de qualquer modo, sem ética e sem escrúpulos. Castelo intitula-se professor de javanês para atender um anúncio de jornal que pede aulas do idioma. Por obra do acaso, seu aluno vai ser o Barão de Jacuecanga, cuja casa passa a frequentar a fim de ensiná-lo o exótico idioma. Graças ao Barão, ingressa na carreira diplomática e vai tornar-se cônsul. Deste modo, assim como quem parte do nada para a

¹¹ BARBOSA, Francisco de A. *op. cit.* p. 154.

¹² A crítica de Medeiros e Albuquerque foi publicada em *A Notícia*, Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1911.

¹³ BARRETO, A. H. de Lima. “O homem que sabia javanês” in *Clara dos Anjos*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 237-246. O conto foi republicado várias vezes, tendo sido a publicação original na *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 20 de abril de 1911.

glória num salto, Castelo torna-se uma falsa celebridade enganando ora uns, ora outros, numa farsa sem fim. Por isso, ao final do conto, confia a um amigo:

“- Olha: se não fosse estar contente, sabes que ia ser?

“- Que?

“- Bacteriologista eminente.”¹⁴

Curiosamente, Castelo, o protagonista de “O homem que sabia javanês”, é nascido em Canavieiras, na Bahia, mesma cidade onde Afrânio Peixoto foi criado e viveu sua infância. A coincidência sugere que Lima Barreto teria se inspirado em Peixoto, a fim de satirizá-lo, visto que o considerava “um falso erudito e um péssimo escritor”¹⁵. Além do arrivismo, a conclusão do conto respinga na credibilidade da ciência e da medicina da época, já que o autor acredita que a farsa que faz um eminente professor de javanês, pode fazer também um eminente bacteriologista.

Ainda em matéria de contos, destaca-se também “A nova Califórnia”, de 1910. Misturando ambição e arrivismo desenfreados e, mais uma vez, descrença no compromisso ético da ciência com os homens, o autor narra a trágica influência do químico Raimundo Flamel sobre a pequenina cidade de Tubiacanga. De uma hora para outra, os três ou quatro mil moradores daquela localidade descobrem-se anfitriões de um químico, com ares de alquimista, a fazer experiências macabras que o teriam levado a uma fórmula para transformar ossos em ouro, “o segredo de todo um Potosi”. A partir daí, a Tubiacanga onde havia cinco anos não se registrava furto ou roubo, jamais será a mesma: “qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos mais repugnantes crimes de que se tem memória!” Revolviam-se as sepulturas do Sossego, seu cemitério, e ossos eram saqueados.

¹⁴ Idem, *ibidem*.

Num dia era um jazigo perpétuo, no outro um carneiro, no seguinte uma sepultura rasa e os saques não paravam mais.

Por fim:

“A desinteligência não tardou a surgir; os mortos eram poucos e não bastavam para satisfazer a fome dos vivos. Houve facadas, tiros, cachações (...).

“De manhã, o cemitério tinha mais mortos do que aqueles que recebera em trinta anos de existência. Uma única pessoa lá não estivera, não matara nem profanara sepulturas: fora o bêbado Belmiro.

“Entrando numa venda, meio aberta, e nela não encontrando ninguém, enchera uma garrafa de parati e se deixara ficar a beber sentado na margem do Tubiacanga, vendo escorrer mansamente as suas águas sobre o áspero leito de granito - ambos, ele e o rio, indiferentes ao que já viram, ao que viam (...).”¹⁶

Belmiro nos remete ao seu criador, Lima Barreto, irmanados na admiração que tinham por um copo de parati. Obviamente, não se tem notícia de que alguém tivesse descoberto uma fórmula para transformar ossos em ouro no Rio de Janeiro do início do século, uma fórmula enfim para alcançar riqueza e poder. Mas o que era a redação daquele jornal descrito no *Isaías Caminha* senão uma Tubiacanga onde uns se punham a devorar os outros em busca do reconhecimento e movidos pela ganância desenfreada? De certo que as armas empregadas não eram tão rudes quanto facadas e cachações, mas penas a erguer reputações e a enterrar jovens talentos sem padrinhos.

Certamente Tubiacanga não evoca apenas a redação de *O Globo*, mas o Rio de Janeiro, a capital do país, a República como um todo e os seus poderosos a se alimentarem da miséria da massa de excluídos também. E propositalmente a figura redentora do conto é

¹⁵ BARBOSA, Francisco de A. *op. cit.* p. 171. É Barbosa quem chama atenção para a infância de Castelo e Peixoto na mesma Canavieiras.

Belmiro, mergulhado no seu parati a contemplar o curso das águas do rio, indiferente a todo aquele destruidor arrivismo. O autor resgata o papel do bêbado alçando-lhe à condição de um sábio, o único que não se entregou ao brilho falso da riqueza fácil, mantendo-se tão fiel aos seus valores e ideais quanto à bebida. Talvez Lima Barreto estivesse a justificar o seu próprio vício e a reafirmar a sua convicção em não se deixar corromper e prosseguir na defesa de suas idéias e da sua literatura militante.

É importante destacar o denso significado de “A nova Califórnia” para a compreensão de Lima Barreto e sua obra. Este conto anuncia em 1910 o lugar que o seu autor pretende ocupar na vida. Ele jamais estará entre pessoas como aquelas que habitam a pequena Tubiacanga, se entregando à sanha desmedida em busca do enriquecimento. Não o veremos devorar o seu semelhante a fim de subir na vida. Se não puder vencer pelos seus próprios méritos, mantendo sua crença inabalável na igualdade de oportunidades, na solidariedade e nos valores democráticos, optará por ser visto ao lado de gente como Belmiro. Mais que um personagem, Belmiro é uma declaração de princípios éticos e políticos, de quem não quer ver aqui uma nova Califórnia, uma nova corrida do ouro tal qual a que ocorrera em meados do século XIX nos Estados Unidos. Ainda que nos pareça empobrecedora a idéia de dividir o mundo em dois lados, o conto sugere a trincheira. E o escritor não estará do lado de lá, no Sossego, entregue à selvageria que descreve. Prefere o lado de cá e sua convicção é tão forte que o levará à militância anarquista e socialista. Com orgulho, aceitará o rótulo de maximalista e também se assumirá um esnobe anarquista.

Mas seu campo de luta é sobretudo o campo das letras, pois é com as palavras que sabe militar. Embora a militância literária se faça acompanhar também da militância política. Em meio aos esforços para a publicação do seu primeiro romance e de contos como

¹⁶ BARRETO, A. H. de Lima. “A nova Califórnia” in *Clara dos Anjos*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 223-

os que foram aqui citados, o escritor engaja-se na campanha eleitoral para a presidência, que ocorreu entre 1909 e 1910. Diante dos dois candidatos, Marechal Hermes da Fonseca e Rui Barbosa, decide pelo apoio ao segundo, participando do que ficou conhecido como a Campanha Civilista.

O ano de 1909 será marcante na vida desse escritor de 28 anos não só pela publicação do seu primeiro romance, mas também pelo efetivo engajamento em atividades políticas. Quando já se aproximava o final da gestão do governo de Afonso Pena na presidência da República (1906-1910), e portanto estavam em curso as articulações políticas para a sua sucessão, todos são surpreendidos com a morte repentina do presidente. Em seu lugar, assume o vice, Epitácio Pessoa, e o quadro sucessório se altera.

Já em 1908 Afonso Pena começara a gestar precocemente a candidatura do seu Ministro da Fazenda, Davi Campista, a fim de sucedê-lo¹⁷. O presidente tentava assim fortalecer o grupo do “Jardim da Infância”¹⁸ que compunha parte da base de sustentação do seu governo. Contudo, os grupos dominantes na política do Rio Grande do Sul, liderados por Pinheiro Machado, e de Minas Gerais, descontentes com a escolha do presidente, reuniram-se em torno de Hermes da Fonseca como candidatura alternativa, em cuja chapa viria a ser vice o presidente de Minas, Wenceslau Brás.

235. O conto foi republicado várias vezes, sendo a primeira em 10 de novembro de 1910.

¹⁷ As informações aqui utilizadas a respeito da sucessão presidencial de Afonso Pena podem ser encontradas em: SOUZA, Maria do Carmo Campello de. “O processo político-partidário na Primeira República” in MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Brasil em perspectiva**. Rio de Janeiro, Difel, 1977. pp. 162-226. Ver também: CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Liberalismo & Oligarquias na República Velha: O Paiz e a campanha do Marechal Hermes da Fonseca (1909/1910)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas de São Paulo. São Paulo, 1976. Ver principalmente o Capítulo II: “O Paiz e a Campanha Sucessória”, pp. 22-56.

¹⁸ Esta denominação surgiu como forma de referir-se pejorativamente na época a uma nova geração de políticos, ainda desprestigiados dentro dos partidos e grupos existentes naquele momento, formada pelo próprio Davi Campista e outros, como Carlos Peixoto, líder da bancada mineira e presidente da Câmara dos Deputados; Miguel Calmon, Ministro da Viação; e James Darcy, líder da maioria. SOUZA, M. do C. C. de. *op. cit.*

Quando o líder político gaúcho, Pinheiro Machado, parte em busca de apoio à candidatura Hermes na Bahia, recebe uma dura resposta de Rui Barbosa, liderança política desse estado, presidido então por Araújo Pena. Uma carta, publicada em vários jornais, critica o caráter militar daquela candidatura que, ao lançar Hermes, parecia pretender contar com o Exército na luta contra Afonso Pena e seu candidato.

Nesse meio tempo, morre o presidente e a candidatura Campista soçobra. Então a carta de Rui Barbosa o credencia a candidatar-se em seu lugar e incendeia os ânimos, pondo-se ao seu lado os que se diziam civilistas e do outro lado os militaristas hermistas.

Em carta à Noronha Santos - que a essa altura andava em Portugal cuidando inclusive da publicação do *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* -, Lima Barreto analisa o quadro sucessório em questão:

“Sabias que o Campista era candidato à presidência do Pena. Bem. A estupidez nacional e a cavação também começaram a agitar o nome do Hermes. Ele tomou a sério. O Laje e o Alcindo levantaram a candidatura dele no *País* e na *Imprensa*. A rã começou a encher-se. Há dias fizeram uma ovação ao Rio Branco e logo os ‘alferes’ lembraram-se de fazer uma a esse tolo, no dia do seu aniversário, como se os dois, Rio B. e H. fossem homens do mesmo quilate. O Pena pediu então à gralha que declarasse se era ou não candidato. Ele prometeu, mas não fez. Isto foi a 12 e a 14, o Pena, à vista da evasiva de 12, pediu-lhe que fizesse por escrito a declaração. Ele a fez, pedindo demissão e atacando a candidatura Campista. Sabes o que o Pena fez? Mandou chamá-lo, pediu-lhe desculpas, abandonou o Campista e a gralha ficou na pasta. Está aí a que está reduzido o Brasil! Engraçado é que o Campista ficou também e só o Carlos Peixoto julgou-se obrigado a resignar a presidência da Câmara. Quando voltares, estará eleito o Hermes, e o império dos alferes voltará e - quem sabe? - o ‘Minas Gerais’ talvez ainda asseste os canhões para o Rio”.¹⁹

¹⁹ BARRETO, A. H. de Lima. **Correspondência**. 1º Tomo. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 76. Carta de Lima Barreto a Antonio Noronha Santos, datada de 18 de maio de 1909. O Laje citado na carta é João Laje, diretor d’ *O País*, e Alcindo é Alcindo Guanabara, diretor d’ *A Imprensa*. As datas de 12 e 14 referem-se ao mesmo mês de maio em curso. Quando informa que “a gralha ficou na pasta” está dizendo que Hermes da Fonseca permaneceu no Ministério.

A carta é reveladora no sentido de nos permitir entrar em contato com a leitura que Lima Barreto faz dos acontecimentos políticos daquele momento. O fato de estar se dirigindo a um amigo pessoal, de sua inteira confiança, o faz expressar-se de maneira livre, sincera e objetiva. A carta flui como uma conversa de botequim, sem papas na língua, e nela o missivista se coloca por inteiro, com toda a ironia, sarcasmo, indignação e perplexidade que lhe são peculiares.

Convém lembrar que no momento em que escreve esta carta, o escritor era funcionário de baixo escalão na Secretaria da Guerra, sendo portanto seu chefe superior o ministro Hermes da Fonseca, ou, como prefere nominar na carta ao amigo, a “rã” ou a “gralha”. Certamente os seis anos de experiência adquiridos com a vivência nos meandros da Secretaria contribuíram para a construção do perfil que Lima Barreto tinha do próximo ocupante da cadeira presidencial. O fato é que via essa candidatura como fruto da “estupidez nacional” e da “cavação”, uma forma nada inocente de referir-se ao que outros chamariam de articulação política. A construção dessa candidatura tinha assim sua versão mais crua e, porque não, cruel.

Destaque-se também na carta a observação quanto ao apoio prestado por João Laje e Alcindo Guanabara, dois mestres do que o escritor chama de “cavação” nacional. Era importante contar com a colaboração desse tipo de imprensa para alavancar uma candidatura surgida assim quase do nada. Esse é exatamente o tipo de jornal no qual Lima Barreto se recusa a militar, posto que tem como principal meta erguer e enterrar reputações. Não tolerava a idéia de colocar a pena a serviço do fazer e desfazer nomes, mas sim em defesa de causas, de princípios e de projetos. Por isso espanta-se com a falta de escrúpulos que mantêm abrigados no mesmo governo Afonso Pena, Hermes da Fonseca e Davi Campista, mesmo após

as punhaladas desferidas entre os três, na luta política que protagonizavam. “Está aí a que está reduzido o Brasil!”, conclui com indignação e estranheza diante da surpreendente acomodação de interesses de que são capazes os próceres da República.

A preocupação com o possível e provável retorno do “império dos alferes” o levará a se lançar na campanha civilista. Como já foi dito, não apóia nomes, mas idéias. Sua luta será contra o mesmo alvo erguido por Rui Barbosa: o caráter militar intrínseco à candidatura Hermes da Fonseca. Jamais foi um ruista e a mesma carta acima nos dá testemunho disso, quando comenta a intervenção de Rui na recepção que se fez para Anatole France na Academia Brasileira de Letras, em 17 de maio de 1909: “O Rui falou, falou com aquela pretensão e aquela falta de visão que lhe são peculiares”. Apesar da pretensão e da falta de visão, adere com tamanha convicção à campanha civilista que, logo após Noronha Santos desembarcar no Rio, de volta do *tour* europeu em que até há pouco se encontrava, editam juntos *O Papão*, um “semanário dos bastidores da política, das artes e das ... candidaturas”. Na verdade, trata-se de um panfleto de apoio à candidatura civil de Rui Barbosa em contraposição ao candidato militar. Segundo Noronha Santos, “o primeiro e único número do jornalzinho anti-hermista foi escrito quase inteiramente pelo romancista”²⁰, mas infelizmente nenhum exemplar sobreviveu para contar essa história, ou seja, não se tem notícia da existência de sequer um exemplar em bibliotecas ou arquivos públicos até hoje. Resta a esperança de que tenha sobrevivido em algum acervo particular que ainda se desconhece.

Em agosto de 1909, Lima Barreto manifestou pessoalmente sua convicção na opção que fizera para o pleito de 1910 em carta ao candidato:

²⁰ BARBOSA, F. de A. *op. cit.*, pp. 164-165.

“Queira, Senhor Conselheiro Rui Barbosa, aceitar os meus parabéns e o voto ardente que faço pela vitória do seu nome nas urnas.

“É em nome da liberdade, da cultura e da tolerância, que um ‘roto’ como eu, se anima a lhe declarar tão grandes sentimentos de suas ambições políticas, que consistem simplesmente em não desejar para o Brasil o regime do Haiti, governado sempre por manipansos de farda, cujo culto exige sangue e violência de toda a ordem”.²¹

Hermes da Fonseca e Wenceslau Brás derrotaram a chapa civilista na disputa eleitoral, e o sangue e a violência temidas pelo escritor na missiva citada já se anunciavam no decorrer da campanha ao longo do ano de 1909. A sucessão lançara civis e militares uns contra os outros e a agitação tomara conta das ruas da capital. Um episódio ocorrido a 22 de setembro comoveu a cidade e ficou registrado na crônica política da época. Além de marcar a vida da cidade, marcaria sobretudo a do escritor e, mais ainda, a do funcionário público Lima Barreto.

Com a chegada da primavera, estudantes tinham organizado uma passeata com a finalidade de comemorar a entrada da nova estação. A polícia teria se excedido ao tentar disciplinar a manifestação estudantil e alguns rapazes acharam por bem prestar queixa contra o procedimento dos soldados ao comandante da Brigada Policial, o General Sousa Aguiar. Ao invés de receber os queixosos, o general deu provas da sua falta de habilidade em lidar com a estudantada e nem sequer os recebeu. Agindo assim, atirou lenha na fogueira e atçou os estudantes, que organizaram nova passeata, desta vez em protesto contra a atitude do general e, durante o ato, organizaram um enterro simbólico do comandante.

Partindo da Escola de Medicina, na rua Santa Luzia, percorreram a rua da Misericórdia e a Primeiro de Março, tomando em seguida a movimentada rua do Ouvidor até o

²¹ BARRETO, A. H. de Lima. **Correspondência**. 1º Tomo. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 194. Carta de Lima Barreto a Rui Barbosa, datada de 25 de agosto de 1909.

local do “sepultamento”, em pleno Largo de São Francisco de Paula, diante da Escola Politécnica. Os jornais descrevem que um estudante vestido de padre ia à frente dos demais, acompanhado de perto por outro fantasiado de sacristão, ambos seguidos pelo caixão de madeira, sobre o qual depositaram uma coroa de palha com os dizeres “Ao General Sousa Aguiar, os estudantes”. Nas laterais do caixão, anunciavam em letras garrafais: “Morreu o General Sousa Aguiar. Orai por ele”²².

A irreverência e a galhofa dos estudantes certamente terminaria ali e entraria para o rol das inúmeras manifestações de rua da cidade, não fosse a polícia entrar em cena com sua truculência exacerbada. Consta que soldados à paisana, armados de cacetetes e punhais investiram contra os estudantes desarmados e indefesos. Tudo indica que capoeiras²³ teriam sido arregimentados a fim de se misturar aos manifestantes, aumentando a sensação de desordem quando a polícia fez eclodir o conflito. O saldo final foram dois estudantes mortos: o “sacristão”, que era acadêmico de Medicina e chamava-se José de Araújo Guimarães, morto com uma facada no ventre; e outro estudante chamado Pedro Ribeiro Junqueira.

A brutalidade com que a polícia reprimiu os estudantes chocou e comoveu todo o Rio e Rui Barbosa capitalizou politicamente o episódio, que ficou conhecido como “Primavera de Sangue”. Em discurso pronunciado no Senado, no dia seguinte às cenas de selvageria que escandalizaram a cidade, ocupava a tribuna contra-atacando:

²² Vários jornais deram ampla cobertura ao episódio. Um dos mais importantes da época, cobriu dias a fio os seus desdobramentos: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 22 a 30 de setembro de 1909. Uma descrição detalhada dos fatos também consta em BARBOSA, F. de A. *op. cit.* p. 162-167.

²³ A participação dos capoeiras em episódios como esse já foi objeto de alguns estudos e reflexões. Soares mostrou o quanto a participação dos capoeiras foi decisiva no jogo político da Corte durante as últimas décadas da Monarquia. SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890**. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994. E Pires abordou as relações entre a capoeiragem e os movimentos sociais e políticos na Primeira República. PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira no**

“A honra militar não difere da honra civil, senão em graduações convencionais. Em um país constitucional, onde não pode haver privilégio de classe, muito menos regalias de casta, aqueles que vestem a farda e cingem a espada não estão isentos da crítica e da responsabilidade que pesa sobre todos os cidadãos”²⁴.

O pronunciamento soa como um alerta contra o que estaria por vir, caso prevalecesse, como prevaleceu, a candidatura hermista: um governo de privilégios da casta dos militares, pouco afeitos à crítica e às regras constitucionais. Mas o alerta não foi ouvido, pois apesar do massacre, Hermes da Fonseca saiu vitorioso.

Um ano depois, em setembro de 1910, o assassinato dos dois estudantes é julgado no Tribunal do Júri. Todos os quatorze réus são militares e o principal acusado é o jovem tenente João Aurélio Lins Wanderley, 35 anos e casado justamente com uma sobrinha do general Sousa Aguiar, o mesmo que recusara-se a receber os estudantes e causara, com sua arrogância, o derramamento de sangue agora em julgamento. Evaristo de Moraes, advogado dos estudantes, conta que uma atmosfera de terror instalara-se ao redor do júri. Entre os boatos que rondavam o tribunal, dizia-se que o mesmo seria invadido por colegas do tenente e dos companheiros acusados, a fim de intimidar os acusadores. Dizia-se também que, caso o júri decidisse pela condenação, a vida dos jurados correria perigo. “Diante do que se espalhara, cada um de nós praticava ato de heroísmo, comparecendo”, relataria Evaristo de Moraes.²⁵

O júri causou enorme repercussão na cidade e esteve reunido durante quatro dias e três noites seguidas. Uma das maiores dificuldades encontradas foi a escolha dos

jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937). Dissertação de Mestrado apresentada ao Depto. de História do IFCH da UNICAMP. Campinas, 1996.

²⁴ **Anais do Senado Federal.** Sessões de 1 a 30 de setembro de 1909. Vol V. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1910. p. 155. Discurso pronunciado por Rui Barbosa em 23 de setembro de 1909.

²⁵ A cobertura do julgamento pode ser encontrada tanto em MORAIS, Evaristo de. **Reminiscências de um rábula criminalista.** Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Editora Briguier, 1989. pp. 169-174. Como também nos jornais da cidade que circularam naquele período.

jurados, que atrasou inclusive o início dos trabalhos. E entre esses jurados, lá estava o escriturário da Secretaria da Guerra, Afonso Henriques de Lima Barreto. Estava em suas mãos, nas mãos de um militante civilista - que apesar de subordinado a Hermes da Fonseca numa pasta militar lhe fazia aberta oposição política - decidir se mandava para a prisão um tenente muito bem casado.

Amanhecia o dia do veredito no Tribunal localizado na rua da Relação e o conselho de sentença ainda estava reunido na sala secreta. Coube a um repórter do *Correio da Manhã* sugerir um equívoco que traria danos incalculáveis a Lima Barreto. O dito repórter conseguira avistar por uma fresta da janela a inexpugnável sala secreta onde se reuniam os jurados. Pela fresta avistara “apenas um braço moreno e musculoso, liberto das mangas do casaco, corria velozmente sobre laudas de alçaço, respondendo a quesitos”.²⁶

O tenente Wanderley e os principais matadores foram condenados à pena máxima, de 30 anos de prisão, e a visão de um braço moreno foi o suficiente para que se espalhasse pelos jornais a versão de que o escritor teria sido o secretário do conselho de sentença. Levou a fama e não se preocupou em desmentir a notícia, pois sabia que José Borges Ribeiro da Costa Júnior tinha sido o secretário, conforme consta dos autos, e não ele.²⁷ Lima Barreto não se deixou sucumbir à atmosfera de terror que cercara o julgamento. Segundo depoimentos de Antônio Noronha Santos e Mário Galvão²⁸, o Exército e o Clube Militar mobilizaram-se na defesa dos colegas de farda e assumiram de coletar recursos e pagar os encargos da defesa. Teriam chegado mesmo a cabalar os jurados, mas o escritor não cedera e tais solicitações não tiveram êxito.

²⁶ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1910.

²⁷ Segundo Francisco de Assis Barbosa, os dois volumes que compõem os autos encontram-se no Tribunal do Júri, 1ª Vara Criminal, Maço 287. Contudo o processo não foi localizado.

²⁸ BARBOSA, F. de A. *op. cit.*, p. 166.

Quatro meses depois, em janeiro de 1911, o tenente Wanderley seria absolvido por um novo júri²⁹, sendo que dessa vez Lima Barreto não constava entre os jurados. É difícil avaliar de que modo sua participação naquele julgamento o impossibilitara de obter progressões funcionais na Secretaria da Guerra. O fato é que seu nome era sempre posto de lado quando se tratava de promoções, o que inclusive precipitaria seu desencanto e impaciência com a carreira de funcionário público. Passados quatro anos de sua participação no referido júri, confidenciava ao seu diário:

“O que me aborrece mais na vida é esta secretaria. Não é pelos companheiros, não é pelos diretores. É pela sua ambiência militar, onde me sinto deslocado e em contradição com a minha consciência.

“Não posso suportá-la. É o meu pesadelo, é a minha angústia.

“Tenho por ela um ódio, um nojo, uma repugnância que me acabrunha.

“Queria ganhar menos, muito menos, mas não suportar aqueles generais do Haiti que, parece, comandaram ou vão comandar em Austerlitz.

“Demais, o meu feitio é tão oposto àquela atmosfera de violência, de opressão, de bajulação, que me enche de revolta. Não sei o que hei de arranjar para substituir aquilo, e a minha gana de sair de lá é tão grande, que não me promovem, não me fazem dar um passo à frente.

“Eu fiz parte do júri de um Wanderley, alferes, e condenei-o. Fui posto no *index*”.³⁰

²⁹ Segundo Evaristo de Moraes, “operou-se, principalmente em relação ao tenente, um fenômeno que é de frequente observação: quando são aplicadas penas maciças, muito pesadas, contra réus, cuja criminalidade não é monstruosa, ou não resulta bem provada; sensibiliza-se a opinião pública, há como vira-volta no pensamento coletivo, em benefício dos condenados. Dir-se-ia que o grau da pena desloca a piedade, retirando-a do lado da vítima e conduzindo-a para o lado do réu”. Além disso, o estado de sítio em vigor naquele período também teria contribuído para a absolvição, “porque no espírito do povo, se associavam estas idéias: - o governo é militar; põe e dispõe, suspensas as garantias, da liberdade alheia; o Clube Militar e os militares em geral querem a absolvição do tenente Wanderley; logo, é perigoso condená-lo”. MORAIS, Evaristo de. *Op. Cit.*, p. 172-173.

³⁰ BARRETO, A. H. de Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 171-172.

Este calvário durou ainda mais quatro anos, já que em 1918 requereria sua aposentadoria por invalidez. Depois de 14 anos de serviços prestados naquela secretaria, saíra tal como entrara: amanuense. Fora ou não posto no índice?

O julgamento da “Primavera de Sangue” ensejou o desmascaramento da perseguição que o escritor passara a sofrer por parte do *Correio da Manhã*. *Recordações do escrivão Isaías Caminha* havia sido publicado no final de 1909 e o grande diário de Edmundo Bittencourt proibiu a publicação do nome do autor nas páginas do periódico, tamanho o incômodo causado pelo irônico retrato que fizera da redação do jornal no romance. Meses depois, em setembro de 1910, o mesmo *Correio* relatava os trabalhos do júri e escreveu o nome de Lima Barreto no artigo de fundo, afirmando que a condenação do tenente Wanderley foi lavrada por doze homens honrados. A *Careta* então não desperdiçou a oportunidade de tecer um comentário malicioso, não assinado, pondo a nú o procedimento contraditório do concorrente:

“O Sr. Leão Veloso, o Aires da Silva do *Recordações*, é o atual diretor do *Correio*. Heitor Melo, parente protegido do Sr. Edmundo, é o secretário da folha e nessa qualidade devia ter visado o artigo a que aludimos. Responda-nos, pois, Heitor Melo: se as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* são obra de um homem honrado, e por consequência obra honesta, que juízo devemos fazer das personagens que figuram nelas?”³¹

Tal qual *Isaías Caminha*, o romance *Numa e a Ninfa* também constitui-se numa sátira ancorada na realidade, só que dessa vez não numa redação de jornal, mas nos bastidores da política justamente no período da campanha sucessória de 1909-1910. Inicialmente Lima Barreto publicaria um conto no *Correio da Tarde*, em 3 de junho de 1911,

³¹ *Careta*, Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1910.

intitulado “Numa e a Ninfa”³², que seria o embrião de um romance satírico homônimo, retratando com personagens ficcionais o contexto do hermismo. O romance só veio a público depois de Hermes da Fonseca deixar o poder e graças à iniciativa de Irineu Marinho, que o publicaria em folhetins n’*A Noite*, entre março e julho de 1915³³. Já nas vésperas do início da publicação do folhetim, a primeira página d’*A Noite* anunciava: “Um romance que vai causar sucesso - A NOITE começará a publicar por estes dias um livro novo de Lima Barreto”. Logo abaixo, uma charge de Seth ilustrava “a galeria onde Lima Barreto foi buscar os personagens do Numa e a Ninfa”, que a legenda identificava como Pinheiro Machado, Rivadávia Correia, Antônio Azeredo, Lauro Muller, Fonseca Hermes, Hermes da Fonseca, João Laje, Paulo de Frontin, Luis Bartolomeu, Leão Veloso e Sabino Barroso. Mas ressalve-se que a galeria que constava da charge era apenas uma peça de divulgação do romance, pois Lima Barreto recusara-se a identificar seus personagens com os políticos da época³⁴, sem negar contudo a origem de sua inspiração.

O governo de Hermes da Fonseca foi marcado pelo autoritarismo, pelo estado de sítio e pela repressão aos seus opositores. Nessa ocasião, foram para detrás das grades alguns jornalistas que militavam na oposição à gestão do Marechal, como Edmundo Bittencourt, do *Correio da Manhã*, Macedo Soares do *Imparcial*, Vicente Piragibe, da *Época*, e Leônidas Rezende³⁵. Logo após esse período conturbado da política nacional, Lima Barreto estréia na *Careta*, com uma crônica que daria o tom de boa parte da colaboração que

³² Publicado também em BARRETO, A. H. de Lima. **Marginália**. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 284-290.

³³ Para expressar a gratidão por Irineu Marinho, Lima Barreto lhe dedica o romance **Numa e a Ninfa**, quando da sua publicação em livro, em 1917.

³⁴ Contudo, na biografia de Francisco de Assis Barbosa, encontra-se de novo - tal como fez em relação a *Isaías Caminha* - a “chave” do romance: o Dr. Bastos seria Pinheiro Machado; o general Bentes, Hermes da Fonseca; Xisto, Davi Campista; Fuas Bandeira, João Laje; o Deputado Pieterzoon, Germano Hasslocher; “o velho”, Afonso Pena; Senador Martinho, Joaquim Murtinho; J. F. Brochado, J. J. Seabra; o secretário de Brochado, Pelino Guedes; Sarmiento Heltz, Lauro Muller; D. Florinda Seixas, a professora D. Deolinda Daltro. Barbosa atribui a Antonio Noronha Santos a revelação da identidade dos personagens. BARBOSA, F. de A. **op. cit.** p. 161.

ainda estava por vir. Na edição de 27 de março de 1915, lá estava o escritor narrando o retorno à cidade do Rio de Janeiro de um certo senador Bastos, vindo de uma temporada em Poços de Caldas, Minas Gerais. Na verdade, a narrativa é um mero pretexto para o exercício da crítica política tão frequente em seus escritos nesta revista. Na crônica, o senador aparece explicando com suas próprias palavras o que significa ser “coerente com os princípios republicanos”:

“- Primeiro: devemos entendê-los [os princípios republicanos] como sendo eu chefe absoluto do país, tal e qual o czar das Rússias; segundo: considerando que somos no Brasil um único povo, um Estado tem o direito de reter cereais de que não precisa, para esfomear os outros; terceiro: para favorecer a liberdade, temos a obrigação de decretar um estado de sítio permanente; quarto (e este é o mais importante dos itens): as eleições ou a escolha dos representantes da Nação não deve ser feita pelo povo, mas por uma camarilha que vela como *muezzins* na catedral gótica da república. Podia dizer mais; creio, porém, que isto basta”.³⁶

Nota-se, entre outros elementos citados nesse trecho, a preocupação do escritor com a identificação dos princípios republicanos à proposta de um “chefe absoluto” para o país, um chefe de perfil czarista, e à idéia de eleições sem o voto popular, restringindo o universo de eleitores a uma “camarilha” e transformando a república numa igreja. Numa clara alusão ao recém encerrado governo hermista, Lima Barreto denuncia o contraditório argumento tantas vezes utilizado para justificar a decretação do estado de sítio: destina-se, antes de tudo, a preservar e a favorecer a liberdade.

Veremos que a maneira resumida como o dito senador Bastos apresenta os princípios republicanos causa espécie ao escritor justamente por representar a negação da

³⁵ SODRÉ, N. W. *op. cit.*, p. 379.

República, de cuja implantação ele foi testemunha e que tantas expectativas lhe despertou. Em artigo escrito um dia após o aniversário da proclamação da República, em 1921 - e dias depois publicado na *Careta* -, nota-se que Lima Barreto lança um olhar melancólico sobre a República, trinta e dois anos depois daquele histórico 15 de novembro. Tentando lembrar-se das transformações que o novo regime teria trazido ao país, lhe vem à mente as imagens do morro da Favela, do Salgueiro e uma indagação: “Não será (...) que a República é o regime da fachada, da ostentação, do falso brilho e do luxo de *parvenu*, tendo como *repoussoir* a miséria geral ?”³⁷ Apesar do desencanto com o regime, o artigo se encerra com o autor tentando saber “como devia qualificar perfeitamente a República”, e na falta de algo melhor que o convença, repete ironicamente um chavão que não convence nem a ele próprio: “o 15 de novembro é uma data gloriosa, nos fastos da nossa história, marcando um grande passo na evolução política do país”.

O fato é que a estréia de Lima Barreto, naquela crônica em que o senador expõe os princípios republicanos, parece ter ocorrido num momento de certa sintonia com o pensamento e as preocupações políticas dos editores da *Careta*. Isto porque um mês antes, o artigo da primeira página, aparentemente o editorial da revista, tece uma breve reflexão sobre o aniversário da Constituição republicana e faz um balanço das sucessivas violações que vêm manchando sua existência.

“É assim que, em vinte quatro anos de vida constitucional, o nosso país tem presenciado: o golpe de estado de 3 de novembro de 1891; a sedição de 10 de abril de 1892; a pavorosa revolução da Armada, a 6 de setembro de 1893; a revolução federalista no Rio Grande do Sul; o atentado do Arsenal de Guerra, a 5 de novembro de 1897; a

³⁶ BARRETO, A. H. de Lima. “A Chegada” in *Marginália*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 210-211. Ou: *Careta*. Rio de Janeiro, 27 de março de 1915.

³⁷ BARRETO, A. H. de Lima. “15 de Novembro” in *Marginália*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 35-36. Ou: *Careta*. Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1921.

sombria tragédia de Canudos; a revolução de 14 de novembro de 1904 e - a pior das catástrofes - o governo Hermes, *tout court*".³⁸

Da mesma forma que questões de fundo, como o caminho tomado pelo regime republicano, situavam-se no centro das atenções da *Careta* e do seu mais recente colaborador - Lima Barreto -, verificava-se também o estreito acompanhamento da conjuntura política posterior ao governo de Hermes da Fonseca. O ano de 1915 marcava o início de um novo mandato presidencial, com Wenceslau Brás, e também dos novos mandatos a serem cumpridos em face das eleições parlamentares de 30 de janeiro desse mesmo ano. A primeira edição da revista logo após às eleições para a Câmara dos Deputados traz um editorial revelador de como transcorreria o pleito:

"As últimas eleições para renovação de mandato legislativo, às câmaras federais, vieram demonstrar ainda uma vez as falhas práticas do regime vigente. Ninguém no Brasil se ilude com o resultado desses pleitos. Falta-lhes o concurso da opinião nacional, da verdadeira, da grande opinião, da que se funda nos interesses essenciais do país e resume as várias correntes de idéias predominantes no seio do povo.

"Entre nós, a política, avassalada pelos corrilhos, não se diferenciou em partidos de princípios. Não há programas, não há bandeiras, não há ideais. Os elementos conservadores isolam-se na sua esfera particular de atividade: o radicalismo descamba para uma vaga propaganda platônica, sem aplicações; ainda se não organizou a opinião média, que em todas as democracias serve para ligar ou neutralizar, segundo os assuntos e os fatos, os conceitos extremados de reação ou progresso. Em tais circunstâncias, a luta das urnas ficou entregue aos *politicians* sem escrúpulos e aos seus *capangas*.

"(...) Remédios para o mal? Estão de há muito indicados. O que determina a abstenção eleitoral é a falta de confiança no resultado dos pleitos. Ora, (...) poderemos atribuir semelhante suspeita ao *envenenamento constitucional* de que vamos morrendo aos poucos. A má interpretação de todos os textos legais, o desrespeito às garantias civis e políticas, a ambição de mando, a ausência de programas, tudo isso havia de produzir ao cabo de algum tempo o retraimento lamentável do eleitorado livre. E que

³⁸ "O Aniversário da Constituição da República" in *Careta*. Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1915.

estranheza causará a violência grosseiramente partidária dos arrebatamentos de urnas e das atas falsas?

“Findou o primeiro ato da comédia. Está corrido o velário. Mas não tarda a apuração e o reconhecimento de poderes. Quando o pano subir de novo, assistiremos divertidos às duplicatas, às triplicatas, às quadruplicatas. Esses motivos cômicos abrirão a nova fase da nossa vida legislativa ...”³⁹

Frequentemente Lima Barreto também denunciava as “falhas práticas do regime vigente”, para as quais o editorial chama a atenção do leitor. O escritor, tal como a revista, defendia que a política pudesse se livrar da tutela de grupos da elite conservadora e viesse a se fortalecer através de partidos políticos com programas claros e ideais definidos. Só assim acreditava que viesse a existir de fato o “curso da opinião nacional”, livre das eleições maculadas pela fraude escancarada e da opressão dos capangas de certas lideranças políticas. Nota-se na *Careta* e nos textos de Lima Barreto para esta revista uma vigilância permanente contra o “desrespeito às garantias civis e políticas”, conforme aponta o editorial acima.

Ainda nessa mesma edição da *Careta*, registram-se outras páginas repercutindo as eleições parlamentares de 1915. Uma crônica assinada por Plutarcho (certamente um pseudônimo), narra de modo satírico a saga de um cidadão imaginário, chamado Terêncio Fernandes, republicano desde antes da proclamação da República, que após seguidas decepções com o regime que sonhara democrático, termina os seus dias clamando: “República? Viva Sua Magestade D. Pedro II!”⁴⁰ A propósito, Lima Barreto, igualmente decepcionado com o regime que sucedeu a monarquia, diria nessa mesma época, em outra folha: “sem ser monarquista, não amo a República”⁴¹.

³⁹ “Política” in *Careta*. Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1915.

⁴⁰ Plutarcho, “A última sóva” in *Careta*. Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1915.

⁴¹ BARRETO, A. H. de Lima. “O momento” in *Coisas do Reino do Jambon*. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 79-80. Ou: *Correio da Noite*, 3 de março de 1915.

Há também a cobertura propriamente dita das eleições, acompanhada de fotos com cenas da votação. O texto que divide uma das páginas com as fotos não está assinado, mas contém a mesma inflexão do editorial:

“Tanto mais isso muda quanto mais fica a mesma coisa ... Nenhuma frase define melhor as nossas eleições do que esta.

“De fato. Para prová-lo basta considerar as que se realizaram sábado passado.

“O Dr. Wenceslau Braz prometeu assegurar a liberdade das urnas e o que presenciamos a 30 de janeiro nesta capital foi uma comédia porca, abaixo de toda a crítica, tal qual como nos desopilantes tempos do marechal Hermes.

“Parece incrível que no Distrito Federal, no centro mais adiantado e mais culto do país, onde estão os representantes diplomáticos de todas as nações civilizadas do mundo, onde residem numerosas colônias estrangeiras, onde a imprensa independente é arregimentadíssima, as eleições sejam a mesma farsa inqualificável do mais remoto dos sertões do norte!”⁴²

Ilustrando a “comédia porca” da “farsa inqualificável”, uma das fotos, ao lado do texto da nota, mostra dois homens dormindo com a cabeça debruçada sobre a mesa de votação e a seguinte legenda: “As eleições de 30 de janeiro. - A mesa da Prefeitura Municipal. Na hora puderam dormir por terem trazido o trabalho pronto de casa”.

Nos meses que se seguem às eleições parlamentares daquele 1915, os artigos e crônicas de Lima Barreto para a *Careta* demonstram uma certa disposição do escritor em manter aceso um diálogo permanente com a revista, em torno da questão da importância da eleição para a concretização dos ideais republicanos. Tudo indica que se trata de um diálogo não entre opositores, mas sim entre militantes de uma mesma causa: o fortalecimento da República enquanto um regime que garanta as liberdades democráticas através de eleições limpas, sem fraudes, e capazes de traduzir minimamente a vontade popular.

⁴² *Careta*. Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1915.

Dando vazão sobretudo a sua veia satírica, várias crônicas de Lima Barreto aparecem nas páginas da *Careta*. Na edição de 3 de abril de 1915, por exemplo, sua crônica retrata um candidato que promove abertamente a fraude e a falsificação das atas eleitorais. O diálogo travado entre o narrador da crônica e um suposto candidato é o seguinte:

“- Teve grande votação?

“- Que votação, menino! Isso é lá preciso!... Eu tenho atas e atas, livros e livros ... Não preciso mais nada.

“- Mas o seu rival talvez tivesse eleitores e ...

“- Que eleitores! Pra que? Eleitores são as assinaturas dos mesários e arranjei um espanhol que faz elas tão bem como cada um deles”⁴³.

Corria o mês de abril e as eleições de 30 de janeiro continuavam em pauta na revista. De novo na primeira página, o editorial intitulado “A ficção da soberania popular” questiona a representatividade dos integrantes do Congresso e critica a fraude, a falsificação de atas e a conversão do mandato popular em emprego público. A *Careta* questiona se deputados eleitos com um ou dois mil votos - “um ou dois milésimos da vontade popular” - podem ser considerados legítimos representantes do povo?

“Não, evidentemente. Pois é o que se passa com os srs. ‘deputados’ do Distrito Federal. Mas há melhor. É que, apesar de trazerem um bocadinho de votos, a maioria deles são falsos. Os jornais citam nomes de cidadãos mortos, enterrados, (...) e cujos nomes figuram nos livros eleitorais do Distrito como tendo votado. Mas já ninguém se scandaliza disso, porque toda gente sabe que o exercício da soberania popular é uma fantasia, e ninguém a toma ao sério.

“(...) Qual o motivo desse fato tão deprimente para o nosso país? Um, principalmente. É que o mandato popular foi convertido em emprego público, e o mais rendoso e cômodo dos empregos. Se o deputado não recebesse subsídio, como sucede em vários países,

⁴³ BARRETO, A. H. de Lima. “Um Candidato” in *Marginália*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 212-213. Ou: *Careta*. Rio de Janeiro, 3 de abril de 1915.

ou se o subsídio fosse apenas um auxílio modesto para os representantes do povo de poucos recursos, as eleições seriam mais moralizadas, e o congresso representaria a vontade real do povo. Mas assim não é. Quem nomeia os deputados e senadores são os chefes políticos que dirigem a manipulação das atas. Os congressistas, por sua vez, procuram cada qual exceder ao outro em subserviência ao chefe (...).

“Um Congresso de papa-subsídios, de olhos pregados nos chefes que dirigem os reconhecimentos, não merece a confiança do povo que por isso se desinteressa da sua escolha e composição”⁴⁴.

Páginas depois, na mesma edição, Lima Barreto publica uma crônica que conta a história dos quatro filhos do coronel Felizardo José Senomenho, chefe político do distrito imaginário de Anunciação⁴⁵. Preocupado com o destino de seus filhos, resolve encaminhá-los na vida. “Pensou bem e viu que os quatro deviam ser encaminhados para a política, porque, só na política, atualmente, se obtêm glórias retumbantes e proventos magníficos”. Fez dos filhos “bacharéis em direito ou coisa que o valha” e em seguida pôs em prática sua estratégia de aproveitar-se das brigas políticas entre integrantes do governo e oposição a fim de encontrar um lugar ao sol para seus rebentos. O 1º filho, Manuel, foi ser oficial de gabinete de Magalão, presidente do Estado. O 2º, José, foi servir ao Senador Mariano, num jornal da oposição. O 3º, Otávio, foi trabalhar com o Senador Juventino, após um desentendimento deste com Magalão. E Carlos, o 4º e último filho, foi também para um jornal, só que do deputado federal Brochado, recentemente rompido com Mariano. Resultado: nas eleições federais seguintes os quatro vieram candidatos a deputado e foram eleitos, passando a sentar-se juntos na Câmara dos Deputados.

De certa forma, o conteúdo crítico do editorial sobre a traição da soberania popular do voto, que torna as eleições do regime republicano bastante questionáveis do ponto

⁴⁴ “A ficção da soberania popular” in **Careta**, 17 de abril de 1915.

⁴⁵ BARRETO, A. H. de Lima. “Os quatro filhos d’Aymon” in **Marginália**. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 216-218. Ou: **Careta**. Rio de Janeiro, 17 de abril de 1915.

de vista da legitimidade, é transformado por Lima Barreto numa peça de ficção que cabe no espaço de uma crônica, na mesma edição da revista. Enquanto o editorial discute o problema, o escritor cria um fato - inteiramente calcado na realidade - que expõe o tema de forma didática e irônica para o leitor. O didatismo está em mostrar na prática como o mandato que deveria ser popular foi se convertendo em rendoso e cômodo emprego público. A ironia, além de aparecer finamente destilada ao longo do texto, está evidenciada nos nomes criados para os personagens. O coronel, além de felizardo traz no sobrenome uma de suas habilidades, pois Senomenho lembra bem a pronúncia de “se nomeio”. Afinal, José é um felizardo se nomeia os filhos para o que bem entender. Os rebentos do coronel tem nomes que são significativamente comuns, tão comuns quanto suas trajetórias que em nada os qualifica a serem deputados. Já entre os deputados da trama, temos um certo Magalão que talvez lembre um maganão, sujeito muito magano, engraçado, travesso, atrevido, malicioso ou mesmo um indivíduo de baixa extração, como vaticina o Aurélio⁴⁶. Mas poderíamos citar apenas o tal Brochado, cujo ridículo do nome já nos bastaria, sendo desnecessário explicá-lo.

Num dos seus romances, que já citamos aqui, Lima Barreto constrói um personagem típico dessa estirpe de políticos criticados nos editoriais da *Careta* e nas próprias crônicas do romancista. Trata-se de Numa Pompílio de Castro, do *Numa e a Ninfa*. O romance só foi publicado em 1915 em folhetins, e em 1917, em livro, mas num conto de 1911 os traços da personalidade e a trajetória de Numa já estavam definidos: a origem humilde, o canudo de bacharel em direito, o arrivismo, a subserviência para com os poderosos de plantão, o casamento arranjado com a filha de um figurão da República e, por fim, a cadeira na Câmara dos Deputados.

⁴⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova

“A história de Numa era simples. Filho de um pequeno empregado de um hospital militar do Norte, fizera-se, à custa de muito esforço, bacharel em direito. Não que houvesse nele um entranhado amor ao estudo ou às letras jurídicas. Não havia no pobre estudante nada de semelhante a isso. O estudo de tais coisas era-lhe um suplício cruciante; mas Numa queria ser bacharel, para ter cargos e proventos (...). Não abria livros; penso que nunca viu um que tivesse relação próxima ou remota com as disciplinas dos cinco anos de bacharelado. Decorava apostilas, cadernos; e, com esse saber mastigado, fazia exames e tirava distinções.

“(…) Formado em direito, tentou advogar; mas, nada conseguindo, veio ao Rio, agarrou-se à sobrecasaca de um figurão, que o fez promotor de justiça do tal Sernambi, para livrar-se dele.

“Aos poucos, com aquele seu faro de advinhar onde estava o vencedor - qualidade que lhe vinha da ausência total de emoção, de imaginação, de personalidade forte e orgulhosa - Numa foi subindo.

“Nas suas mãos, a justiça estava a serviço do governo; e, como juiz de direito, foi na comarca mais um ditador que um sereno apreciador de litígios.

“(…) Numa não queria fazer mediocrementemente uma carreira de justiça de roça. Sonhava a câmara, a Cadeia Velha, a Rua do Ouvidor, com dinheiro nas algibeiras, roupas em alfaiates caros, passeios à Europa; e se lhe antolhou, meio seguro de obter isso, aproximar-se do novo governador, captar-lhe a confiança e fazer-se deputado.

“(…) Viu logo que o caminho mais fácil para chegar a seu fim era casar-se com a filha do dono daquela ‘comarca’ (...).

“Casaram-se, e Numa Pompílio de Castro foi logo eleito deputado pelo Estado de Sernambi”.⁴⁷

Aí está a síntese da composição do personagem, um típico deputado republicano. Note-se que o primeiro passo a ser dado pelo futuro parlamentar é buscar o título de doutor numa faculdade de direito⁴⁸. Esse parece ser um traço muito comum na época. Mas as humilhações a que Numa se submete para manter a posição alcançada vão muito além do que expusemos aqui. Basta dizer que, apesar da sua incapacidade de participar de qualquer debate na Câmara ou mesmo proferir algum discurso, o deputado passa a fazer sucesso com

Fronteira, 1975. p. 865.

⁴⁷ BARRETO, A. H de Lima. “Numa e a Ninfa” in *Marginália*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 284-290. Originalmente publicado no *Correio da Tarde*, em 3 de junho de 1911.

seus pronunciamentos no plenário. Contudo, seus discursos são redigidos pela mulher, a filha do governador, juntamente com o amante que recebe em sua própria casa. E embora Numa descubra como eles são redigidos, prefere calar-se e fingir que desconhece a traição, a pôr a perder sua carreira política, que certamente cairia em desgraça com um escândalo dessa natureza.

Considerando que a Câmara encontrava-se povoada de tipos como Numa, enquanto *A Noite* lançava em folhetins o seu romance contando a história do referido parlamentar, Lima Barreto anunciava na *Careta* a criação de uma Escola de Deputados, “escola que o momento estava pedindo se fundasse”. Numa crônica explica como funcionaria a instituição:

“O curso é meramente prático. Nada de coisas indigestas. Não há cadeiras de Economia Política, de Finanças, de Sociologia, de História social ou política, de Geografia política; nada disso: o curso é prático, simplesmente prático e dura o pequeno espaço de dois anos. O primeiro ano compõe-se das seguintes cadeiras: Francês das Pensões Chics e respectivos exercícios práticos; Falsificação de Atas e assinaturas de eleitores; Meios e modos de fazer os defuntos votarem; O sistema de vestir economicamente na Barra do Rio ou no Brandão.

“(...) Feito este ano (...) os alunos cursarão o seguinte que consta: Do engrossamento aos chefes e da maneira de lhes lustrar as botas; O que se pode tirar de certas concessões; Como se arranjam casamentos bons; A melhor forma de não ter opinião alguma”⁴⁹.

Nesta revista fundada por Jorge Schmidt⁵⁰ o escritor parece ter encontrado muito mais do que o tão desejado espaço para os seus escritos, pois compartilha com outros colaboradores e com os próprios editores não só a atitude crítica e vigilante em relação à

⁴⁸ BOTELHO, D. *op. cit.*, p. 143-169. Ver Cap. 4, “A superstição do doutor”.

⁴⁹ BARRETO, A. H. de Lima. “Escola de Deputados” in *Coisas do Reino do Jambon*. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 88-89. Ou: *Careta*, 22 de maio de 1915.

⁵⁰ SODRÉ, N. W. *op. cit.*, p. 345.

classe política e às eleições, como também a preocupação com os problemas sociais resultantes da insensibilidade dos governantes e administradores públicos. Lima Barreto sempre olhou para a sociedade brasileira pela ótica dos excluídos, visto que se julgava um deles. Embora fosse um literato, morava no distante subúrbio de Todos os Santos, andava de trem, circulava pela Central e conhecia de perto o drama dos miseráveis habitantes de uma cidade que se esforçava para ignorá-los. Curiosamente, sua leitura dos problemas sociais era bastante semelhante ao que frequentemente encontrava nas páginas da *Careta*. Isto nos leva a suspeitar - ainda que não possamos provar - que o artigo intitulado “O direito de ser pobre”, veiculado na revista, embora fosse assinado por um enigmático “X.”, bem poderia ser da lavra do escritor.

“Há pouco tempo o prefeito inquisilou com os pobres diabos que elegem os jardins públicos para cozinhareem a sua miséria, e ordenou aos guardas municipais que os perseguissem. Puseram-se os guardas em atividade e têm encontrado bastante em que exercê-la. Aproximam-se dos bancos dos jardins, onde os miseráveis sentados dormem por não terem que comer, e o sacodem pelo ombro.

“- Ande daí, coisa! Pois isto aqui não é lugar de dormir.

“O miserável apatetado se levanta sem uma palavra de protesto, e segue trôpego, entregando-se à sorte. Às vezes o desespero o leva a um mergulho final no mar. Outras vezes cai de inanição em um recanto qualquer e morre. Já se contam no plural as mortes de fome noticiadas pelos jornais.

“A polícia secunda a prefeitura na perseguição aos miseráveis. A imprensa também.

“Não é isso um extravio do senso comum?

“O governo arruinou o país. Reduziu à miséria a sua população. Que hão de fazer os miseráveis?

“(...) Proibir que (...) adormeçam nos jardins é uma desumanidade. Eles é que têm o direito de protestar contra a opulência dos autores da miséria geral.

“Vá trabalhar! dizem-lhes os guardas municipais, ou civis, quando os encontram a vagar. Mas não há trabalho. Todas as obras públicas e empresas particulares reduziram o número de operários. Dessem-lhes empregos e eles trabalhariam de boa vontade, embora

vejam os deputados, por exemplo, a ganharem dinheiro sem trabalhar.

“É necessário alterar essa política desumana da polícia e da prefeitura. Se não querem que os miseráveis durmam nos bancos dos jardins, dêem-lhes camas, ou trabalho com que possam pagar uma dormida na hospedaria.

“Não se pode desconhecer a ninguém o direito de ser pobre; principalmente quando essa pobreza é causada pelos próprios que a perseguem”⁵¹.

Vale ressaltar que o artigo insiste em politizar o problema da miséria, responsabilizando os seus causadores. Enquanto se procura transformar a miséria num mero problema administrativo ou em caso de polícia, o articulista da *Careta* não se furta a desmascarar a “opulência dos autores da miséria geral” e a apontar os aspectos políticos, sociais e econômicos envolvidos na questão, tal como faria Lima Barreto.

Nessa mesma época, o diário *Correio da Noite*, dirigido por Vitor Silveira, tem um importante papel na trajetória do escritor. Depois da revista *Careta* e do *A.B.C.*, foi o periódico que publicou o maior número de artigos e crônicas de sua autoria - ao todo 42 colaborações. Além disso, pela primeira vez o leitor teve oportunidade de verificar a sua presença mais contínua nas páginas de um órgão da imprensa. Com exceção de uma série de três crônicas publicadas em 1913, a partir de 14 de dezembro de 1914 até 13 de março de 1915 seus textos aparecem com frequência até então inédita num mesmo periódico.

O jornal de Vitor Silveira começa a circular em 1907 e interrompe sua publicação em 1915, para ser retomada somente em 1931. Num primeiro momento o escritor ocupa um pequeno espaço no alto da segunda página que parece destinado a tornar-se uma crônica da vida cultural da cidade. O escritor é alçado à condição de crítico de todas as artes, recomendando ou criticando sem a menor cerimônia este ou aquele espetáculo, artista, poeta e o que mais lhe convier. Se as crônicas semanais tivessem vingado seria interessante

acompanhar os olhos do romancista a julgar tudo que lhe parecesse digno de atenção na agenda cultural do Rio de Janeiro do início do século. Porém, essa regularidade não acontece - não sabemos o motivo - e o que temos são apenas três crônicas, duas em abril e uma em junho de 1913. Depois disso, somente em dezembro de 1914 ressurgirão as suas crônicas no *Correio da Noite*.

Numa dessas primeiras três crônicas, por exemplo, o tema é a poesia⁵². Destaca principalmente o poeta mineiro Mendes de Oliveira, que ao lado de Luis Franco, faz parte da geração dos novos a formar na fileira da vanguarda. Mas aproveita para elogiar também dois poetas bem mais conhecidos: Olavo Bilac e Emílio de Meneses, “nossos dois poetas típicos”, em cujas poesias “a disciplina da forma não constringe nunca o pensamento”. A crítica à disciplina da forma tem endereço certo: “que nos perdoem estas heresias os simbolistas, os decadentes, os nefelibatas e catervas ...” Pelo visto, defendia a liberdade na forma de escrever tanto para os seus romances quanto para os poetas do seu tempo.

Mas entre essas crônicas iniciais, vale a pena atentar particularmente para a primeira delas⁵³. Os destaques da programação cultural da semana vão para uma exposição de objetos indígenas ocorrida no Gabinete Português de Leitura e os espetáculos em cartaz nos teatros Lírico, Apolo e Municipal. O escritor revela-se maravilhado com a importância e o significado das peças da Exposição Etnográfica realizada por H. Jaramillo, visto que “muitos dos objetos expostos não são encontrados no Museu Nacional”. Faz um apelo ao governo para que examine a coleção exposta, pois “será bastante vergonhoso para o nosso país se a coleção Jaramillo for adquirida aqui por preço ínfimo para ir figurar em algum museu da velha

⁵¹ “X.”. “O direito de ser pobre” in *Careta*, 15 de maio de 1915.

⁵² BARRETO, A. H. de Lima. “Semana Artística - III”. *Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 28 de junho de 1913. Ver também: *Impressões de Leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 290-293.

⁵³ BARRETO, A. H. de Lima. “Semana Artística - I”. *Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1913. Ver também: *Impressões de Leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 285-288

Europa”. No âmbito teatral, chama a atenção do leitor para a representação da peça *Cabotinos*, de Oscar Lopes, no Municipal.

Contudo, uma nota cheia de amargura encerra a crônica em questão. Numa semana em que os eventos que mais se destacaram na sua opinião foram a referida exposição no seletor Gabinete Português de Leitura e a peça teatral em cartaz no Municipal, o cronista deplora a manifesta preferência do grande público pelos campeonatos de luta romana e boxe. “A incultura do povo justifica exuberantemente essa predileção”. Com pesar, condena “a lamentável predileção que o nosso povo revela por essas exhibições de força bruta, em que homens lutam como feras”. E esboça uma explicação para esse gosto das massas por um espetáculo tão brutal:

“Acharemos nisso, contudo, um fundo de razão, se nos recordarmos do lugar ocupado pelo homem na série animal, e se tivermos presente que nem sempre nos é possível evitar que em nós acorde e se manifeste em atos exteriores alguns instintos que são como que reminiscências atávicas dos nossos ancestrais.

“As ‘lutas romanas’ e os ‘combates de box’, aos nossos olhos, sendo uma manifestação de animalidade e revertendo o homem a um estágio inferior na escala evolutiva, são a expressão máxima da estupidez humana.

“Falando em ‘luta romana’, lembramo-nos logo de Darwin ...”

Ao condenar a atração do povo pelas lutas corporais no mesmo artigo em que exalta a importância do teatro e de uma exposição histórico-etnográfica, Lima Barreto mostra mais uma vez quão contraditórias são algumas das suas opiniões. Ao mesmo tempo que invoca Darwin para justificar a inferioridade da prática daquelas lutas, manifestando assim uma certa crença nas teorias evolucionistas, frequentemente assumirá um tom de crítica ao darwinismo social. Ou seja, ao mesmo tempo que acusa o povo de ser culturalmente inferior

valendo-se até mesmo de Darwin para isso, Lima Barreto questiona esses pressupostos científicos.

Inúmeras vezes essa contradição aparece nos textos e na vida do escritor. Nascido e criado numa família humilde e de poucas posses, Lima Barreto teve porém uma sólida formação escolar e cultural, graças ao padrinho rico que lhe custeara os estudos numa escola frequentada pelos filhos das famílias ricas de Niterói. Chegou mesmo a frequentar a Politécnica e nessa fase de sua vida frequentava também com assiduidade os salões da Biblioteca Nacional, visto que já tinha se afeiçoado aos estudos e à leitura. Mas se nessa trajetória galgara diversos degraus numa escala imaginária de níveis culturais, sofisticando seus gostos e hábitos, tornando-se um homem culto e exigente, suas condições materiais de vida não acompanharam seus progressos no campo intelectual. Continuava morando no subúrbio e desde os vinte e um anos passou a sustentar o pai, inválido e louco. No serviço público também não progredira, permanecendo sempre no cargo de escriturário, de baixa remuneração. E a literatura e o jornalismo não se constituíram para ele num ofício rentável.

Assim, jamais renegará as suas origens, referindo-se a elas com orgulho e honra. Mas ao ingressar nesse outro mundo letrado, intelectualizado e distante dos subúrbios, chegará mesmo a expressar desprezo e ódio pela gente simples com a qual convive. Embora seja ao lado dela que sempre colocará a sua literatura militante, admite não suportar a convivência com boa parte dessa camada mais pobre da população. Age, desta forma, como um intelectual que pensa um projeto para as classes populares, da qual não faz parte. É o que se observa no seu próprio diário, em 1905, nas notas transcritas abaixo:

“Eu tenho muita simpatia pela gente pobre do Brasil, especialmente pelos de côm, mas não me é possível transformar essa simpatia literária, artística, por assim dizer em vida comum com

eles, pelo menos com os que vivo, que, sem reconhecerem a minha superioridade, absolutamente não têm por mim nenhum respeito e nenhum amor que lhes fizesse obedecer cegamente”⁵⁴.

A confissão dessa ambiguidade é dolorosa para o escritor, que admite nutrir esses sentimentos impúblicáveis, reveladores de um preconceito social e racial que ele tanto combate e ao mesmo tempo manifesta. Constrangido e preocupado com o que acabara de escrever em seu diário, prossegue avisando:

“Se essas notas forem algum dia lidas, o que eu não espero, há de ser difícil explicar esse sentimento doloroso que eu tenho de minha casa, do desacordo profundo entre mim e ela; é de tal forma nuançoso a razão de ser disso, que para bem ser compreendido exigiria uma autobiografia, que nunca farei. Há cousas que, sentidas em nós, não podemos dizer. A minha melancolia, a mobilidade do meu espírito, o ceticismo que me corrói (...) nasceu da minha adolescência feita nesse sentimento da minha vergonha doméstica, que também deu nascimento a minha única grande falta.

“(...) Aqui bem alto declaro que, se a morte me surpreender, não permitindo que as [essas notas] inutilize, peço a quem se servir delas que se sirva com o máximo cuidado e discrição, porque mesmo no túmulo eu poderia ter vergonha”.⁵⁵

De fato, nesse dia o escritor parecia ter deixado aflorar toda a sorte de sentimentos que mal lhe cabiam na alma e na consciência. Algumas linhas acima desse trecho, narra ter implicado com a irmã e uma moça de nome Paulina - “uma vulgar mulatinha, muito estúpida, cheia de farofas de beleza e de presunção” -, que lhe fazia companhia. Repreendeu as meninas porque as flagrara, já tarde da noite, cumprimentando pela janela “um pequeno da vizinhança”. Em seguida, justifica-se:

⁵⁴ BARRETO, A. H. de Lima. *Diário íntimo*. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 76.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 77.

“Achei aquilo inconveniente. Que um sujeito, passando por uma casa fechada, desse boas-noites a moças recolhidas num quarto de dormir. Nesse sentido, inquiri minha irmã, que desmentiu. Há em minha gente toda uma tendência baixa, vulgar, sórdida. Minha irmã, esquecida que, como mulata que se quer salvar, deve ter um certo recato, uma certa timidez, se atira ou se quer atirar a toda a espécie de namoros, mais ou menos mal intencionados, que lhe aparecem.

“(...) Eu, entretanto, penso me ter salvo”.⁵⁶

Essas anotações, curiosamente, foram feitas em 1905, logo depois da primeira versão de Clara dos Anjos, cujo enredo narra justamente a história de uma jovem mulatinha – Clara – que “se perde” seduzida por um rapaz branco – Cassi Jones. Ou seja, é a história de uma mulata que não conseguiu “se salvar”, tal como Lima Barreto temia que ocorresse com a irmã.

E pelo visto, durante muito tempo os estudiosos que se debruçaram sobre a vida e a obra de Lima Barreto se excederam no cuidado e discrição em lidar com essa faceta do escritor. Afinal, ela não se coaduna com a imagem de maldito e excluído que se insistiu em cultivar em torno de seu nome. Como juntar na mesma pessoa a luta contra o preconceito racial e exclusão social e uma personalidade assumidamente preconceituosa? Como juntar numa mesma pessoa a crítica às desigualdades sociais e a defesa das causas dos excluídos da República com uma declarada ojeriza aos pobres e negros do Brasil? Como juntar numa mesma pessoa a crença no anarquismo, ou no socialismo, ou na democracia e a certeza da inferioridade das classes populares?

Esta investigação histórica do ideário político desse escritor apresenta-se como oportunidade ímpar para revelar sua trajetória política controversa. Por mais sedutoras que sejam as fontes aqui pesquisadas, induzindo-nos na direção de construir uma biografia reta e coerente do literato transformado em objeto de pesquisa, não é possível nos deixarmos trair

por esta sedução e simplesmente renegar as suas confissões “inconfessáveis”, fazendo-lhes vista grossa.

É esse Lima Barreto que temos e é dos seus textos que vemos emergir uma intensa militância política. Ainda que ele insista em despistar, como nesse artigo de 1911, em que afirma: “O que tenho são implicâncias parvas; e é só isso. Implico com três ou quatro sujeitos das letras, com a Câmara, com os diplomatas, com Botafogo e Petrópolis; e não é em nome de teoria alguma, porque não sou republicano, não sou socialista, não sou anarquista, não sou nada: tenho implicâncias”⁵⁷. Citando esta declaração, Nicolau Sevcenko observa que Lima Barreto preocupava-se em demonstrar seu desligamento de qualquer corrente política organizada e que o seu espaço de atuação era o da “mais completa independência. Ele recusava qualquer espécie de alinhamento ou categorização que lhe restringisse a mais completa autonomia de pensamento ou que classificasse os seres humanos em grupos diferenciados por qualquer critério”⁵⁸. Sevcenko afirma ainda que “a única caracterização política que o autor chegou a admitir para si era a referente ao seu ‘temperamento liberal’, ou ajuizando a partir da fórmula ‘um liberal como eu’”⁵⁹.

Mas se há dificuldades em precisar como Lima Barreto pensava politicamente, não devemos confundi-las com desligamento de qualquer corrente política. Sem dúvida o escritor sempre procurou manter uma conduta política independente, mas daí a afirmar que teria recusado qualquer alinhamento ou identificação com grupos políticos há enorme distância. E muito menos podemos concordar com a afirmação de que a única caracterização que ele teria admitido para si mesmo era a de um liberal.

⁵⁶ *Ibidem*, pp. 75-76.

⁵⁷ BARRETO, A. H. de Lima. “Alguns reparos”, in *A Estação Teatral*, 15 de julho de 1911.

⁵⁸ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1985. p. 189.

É fundamental observar o contexto em que o escritor afirma ter apenas implicações e não ser nada, nem anarquista, nem socialista. Trata-se de um artigo repleto de ironias e troças. O recém-criado periódico *A Estação Teatral* completara seu primeiro ano de vida e Lima Barreto registra que não pôde dar nada ao jornal nesse seu primeiro aniversário. Embora tivesse anunciado uma série de estudos rápidos sobre caricaturistas, avisa que não foi possível elaborá-los porque requereriam muitas horas de trabalho “e os meus rendimentos como escritor não são avultados, para que me abalance a tais extras”. Assim, “não foi possível dar-lhes um medíocre artigo; entretanto, viram o meu retrato, não foi? Tirei-o de surpresa, senão teria cortado o cabelo e pedido emprestado uma outra pigmentação para que a coisa saísse mais decente”. Ou seja, na falta dos caricaturistas, os leitores tiveram uma foto do escritor para apreciar. No mais, o autor desanca o próprio jornal, argumentando que da mesma forma que a teologia podia ser considerada uma ciência que inventara seu próprio objeto - Deus -, *A Estação* inventou no Brasil o seu próprio objeto também - o teatro. “Não há nas rudimentares necessidades estéticas e motivos da nossa população nada que se encaminhe para o teatro”, embora “quem sabe se a sua invenção não se alargará, não se ampliará, e um teatro em português, nacional ou imitado, venha a aparecer afinal”, conclui o artigo⁶⁰.

Pois é nesse contexto que aparece o “não sou nada” do escritor, como se fosse uma frase de efeito, cheia de ironia e disposta a cativar o riso discreto do leitor que percorre as páginas d’*A Estação Teatral* num país sem teatro nacional - pelo menos na visão do articulista. Além disso, note-se que o artigo é de 1911, momento em que apenas está se iniciando a militância político-literária de Lima Barreto.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 190. Sevcenko está se apoiando em artigo de Lima Barreto para o **ABC**, publicado em 24 de abril de 1921, intitulado “Reflexões e contradições à margem de um livro”, em que critica a aliança entre o clero e o capital no Brasil, “coisa que (...) não pode deixar de revoltar um liberal como eu”.

⁶⁰ BARRETO, A. H. de Lima. “Alguns reparos”, in *A Estação Teatral*, 15 de julho de 1911.

Aceitar a hipótese de seu desligamento de toda e qualquer corrente política é recusar a possibilidade de conhecer melhor as convicções deste escritor que a cada pouco se anuncia vinculado a esta ou aquela ideologia. Exemplo disso foi o que aconteceu por ocasião da passagem do 1º de maio em 1913, quando publicou no jornal *A Voz do Trabalhador*, sob o pseudônimo de Isaías Caminha, o seu célebre personagem, um artigo em que se denominava um “snob anarquista”⁶¹. O periódico quinzenal pertencia à Confederação Operária Brasileira e chegou a alcançar a tiragem de 4000 exemplares, “vultosa para a época e para o gênero”⁶². No seu texto, o escritor expressa sua solidariedade e defende a causa operária:

“Teimam também os jornais em encontrar nessa questão da reforma social uma simples questão de salário. É uma teima que lhes fica bem, mas, é preciso que se lhes diga, não é das mais dignas nem das mais brilhantes.

“Há em tal questão, mais uma questão de dignidade humana, de direito que têm todos a encontrar na terra felicidade e satisfação, do que mesmo desejo de um maior ou menor ganho.

“O que não é justo, é que muito poucos possam encontrar na vida mais que o supérfluo e alguns mais, unicamente o necessário.

“Nessa questão, os jornais e os jornalistas são de uma coerência a toda prova. Eles gabam os altíssimos salários que os operários têm nesta terra, mas nenhum deles quer ser o operário que os vence. Porque? Porque à situação de operário está ligada uma diminuição de personalidade, de consideração à sua importância necessária e puramente humana.

“De resto, o trabalho é árduo, além de árduo é feito durante muitas horas seguidas e o cansaço tira e embota a alegria das restantes horas de repouso”⁶³.

Recusando-se a reduzir a luta do movimento operário à conquista de melhores salários, Lima Barreto observa que a questão é mais ampla e abrangente, inserida que está no

⁶¹ BARRETO, A. H. de Lima. “Palavras de um snob anarquista” in *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1913. Ver também: BARRETO, A. H. de Lima. *Feiras e Mafuás*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 213-218.

⁶² SODRÉ, N. W. *Op. Cit.* P. 361.

bojo de uma “reforma social” capaz de promover uma distribuição mais igualitária de renda e a “felicidade e satisfação” das maiorias. Está presente em seu argumento a esperança de que venha a desenvolver-se no país um projeto alternativo à sociedade capitalista, filiado a ideologia anarquista:

“As condições, portanto, da civilização do Brasil, quer as econômicas, quer as morais, quer as de território, justificam que haja quem desinteressadamente, brasileiro ou não, seja anarquista.

“[...] É justo que o esforço de tantos séculos, que a inteligência de tantas gerações, que o sangue de tantos homens de coração e o sofrimento de tantas raças, que tudo isso, enfim, venha simplesmente terminar nessa miséria, nesse opróbrio que anda por aí? É justo?”⁶⁴

O artigo acima na verdade é utilizado pelo escritor para dialogar com os grandes jornais da cidade que “tiveram que tratar da questão social”⁶⁵ em face da passagem do 1º de Maio. Diante dos ataques dirigidos aos anarquistas, Lima Barreto faz do órgão da Confederação Operária Brasileira sua tribuna e coloca em discussão “o regímen da propriedade privada, base última do regímen burguês-capitalista”⁶⁶. E ainda que seja por esnobismo ou ignorância – como querem os jornaistas conservadores⁶⁷ –, se assume como anarquista ou um “snob anarquista” chegando às páginas da imprensa.

Resta saber de que anarquismo estamos falando, ou seja, onde poderíamos situar Lima Barreto no mapa do pensamento político e ideológico vigente na época, particularmente no movimento operário? Em que tendência do anarquismo poderíamos inseri-lo? Para além da defesa de uma sociedade livre de tantas e tão profundas desigualdades sócio-

⁶³ BARRETO, A. H. de Lima. “Palavras de um snob anarquista” in *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1913. Ver também: BARRETO, A. H. de Lima. *Feiras e Mafuás*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 216.

⁶⁴ *Ibidem*. p. 218.

⁶⁵ *Ibidem*. p. 213.

econômicas, que outras propostas defenderia o escritor? Vejamos como responder a essas perguntas no próximo capítulo.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 215.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 218.

Capítulo 4

“Ave Rússia!” - A militância maximalista

“[...] Do calvário e porres desse grande pingente suburbano, urbano, brasileiro e universal é possível extrair tanta coisa, que encabulo. Só é possível dizer que as mais jovens gerações brasileiras estão perdendo muito por não conhecerem o criador de homens que sabiam javanês, de gentes que refletiam – sem postiços – um Rio suburbano ainda agora, como naquele tempo, esquecido; de uma arraia-miúda carioca de que talvez nunca mais se tenha tido notícia – com tal vigor, coerência, paixão e humanismo – na literatura deste país.

“De Afonso Henriques de Lima Barreto está tudo aí, vivo, pulando, nas ruas, se mexendo, incrivelmente sem solução, [...] anos depois de sua morte. Da forma descarnada, crua, tupiniquim com que o mulato flagrou esta vida carioca, brasileira, sul-americana”. (**João Antônio**¹).

Pudéssemos nós viajar no tempo e voltar ao Rio de Janeiro do início do século, teríamos a deliciosa oportunidade de testemunhar o surgimento da música popular brasileira. Na verdade, desde o século XIX, diferentes gêneros musicais europeus como a polca, a valsa e o tango vinham sendo “abrasileirados” pelos músicos cariocas, dando origem a estilos

¹ ANTÔNIO, João. **Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977, p. 14.

musicais com ritmos tipicamente locais - como o samba e o choro. São novos ritmos aos quais vem se juntar temáticas do início do século, como é o caso de uma canção de sátira política do teatro de revista, gravada originalmente pela Discos Phoenix, que disputava o nascente mercado fonográfico da época com a lendária Casa Edison do Rio de Janeiro, primeira empresa gravadora de discos 78 rpm, fundada em 1902.

Carestia, tida como cançoneta humorística, é uma música de autor desconhecido gravada em 1914 por Aristarcho Dias, autor da letra, e pela atriz Arminda Santos. A interpretação original da época, recentemente recuperada num CD produzido pelo Instituto Moreira Salles, retrata os tempos difíceis vividos no Rio de Janeiro dos idos da década de 1910. Em pouco mais de dois minutos, os intérpretes encarnam um casal de noivos que, em três estrofes e um refrão, contam o drama que dá título à música e, certamente, é vivido pela maioria da população brasileira naqueles anos.

Na estrofe inicial, o cantor avisa: “Maricota não podemos casar mais, oh não!”, para em seguida explicar que “os feijões subiram tanto e ainda mais o pirão”. Enfim, “Subiu tudo, carne seca, carnes e feijões / Subiu tudo, sobe tudo, tudo há de subir/ Carne fresca, amado meu, já custa dez tostões”. Diante de tamanha carestia, o refrão revela a única solução percebida pelo letrista: “Esperar a crise passar / é melhor para o nosso amor / que desgraça, nunca vi / eu senti, eu senti”².

A crônica alta do custo de vida impôs inúmeras dificuldades e precárias condições de sobrevivência a grande parte da população brasileira das primeiras décadas do século XX. O adiamento do casamento entre Maricota e seu noivo serviu de mote para a

² As breves informações sobre o contexto da produção musical no início do século e a música *Carestia* foram extraídas do texto do Professor Samuel Araújo, Doutor em Etnomusicologia, disciplina que leciona na Escola de Música da UFRJ, encartado no CD **Rio de Janeiro 1842-1920 / Uma trilha musical**, produzido pelo Instituto Moreira Salles.

música e demonstrou a irreverência com que este grave problema econômico e social podia ser comentado. No campo das letras, Lima Barreto também colocava o dedo nesta ferida:

“As várias partes do nosso complicadíssimo governo se tem movido para estudar e debelar as causas da crescente carestia dos gêneros de primeira necessidade à nossa vida. As greves que tem estalado em vários pontos do país muito têm concorrido para esses passos do Estado. Entretanto, a vida continua a encarecer e as providências não aparecem”³.

A economia brasileira nesse período da Primeira República passava realmente por um momento crítico. As camadas populares urbanas percebiam isto no seu cotidiano, sobretudo através dos frequentes aumentos dos preços dos gêneros alimentícios. A década de 1910 foi particularmente dolorosa para o bolso das classes sociais mais baixas, pois a grande guerra agravaria os problemas que já vinham se acumulando desde o final do século XIX.

Tal como no período imperial, a Agricultura continuava a ser o principal setor da economia nas primeiras décadas republicanas, visto que em 1920 verifica-se que 66,7% da população economicamente ativa do país ocupa-se dessa atividade⁴. Esta predominância coincide com a permanência de uma estrutura fundiária de forte concentração. Em face da falta de liquidez e de crédito que marcaram o fim do século passado, o governo busca uma forma de financiar a lavoura e adota uma política de ampliação do crédito interno e emissão de moeda, lastreada por empréstimos tomados no exterior.

Deste modo, pelo menos por duas vezes, em 1898 e 1914, o país esteve à beira de um colapso financeiro, tendo sido salvo pela assinatura de acordos com os credores externos, os chamados *Funding Loans*. Nessas ocasiões, o Tesouro Nacional conseguiu

³ BARRETO, A. H. de Lima. “Sobre a carestia” in *O Debate*, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1917. Ou em: *Marginália*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 191-194.

refinanciar suas dívidas, dispondo-se a pagar os antigos empréstimos com novos empréstimos e juros elevados. Mudaram os credores e os nomes dados aos acordos, mas a prática parece ter se eternizado na República até os dias que correm.

Paralelamente, os governos da Primeira República ainda procuravam contemplar os interesses dos produtores de café, que viam o preço e as exportações do produto despencar no mercado externo ao longo dos anos. Tentando ignorar a lei da oferta e da procura, os produtores reuniram-se em Taubaté, em 1906, a fim de implementar uma frustrada política de valorização e sustentação do preço do café, que consistiu em reduzir a oferta do produto e a taxa cambial.

“A redução da oferta de café seria alcançada através da retirada de parte deste produto do mercado, o que por sua vez seria viabilizado por compras custeadas por empréstimos externos. Devido à resistência dos bancos internacionais, temerosos diante da situação financeira do Brasil, aqueles empréstimos seriam fornecidos por negociantes internacionais diretamente ligados ao comércio do café. Este último dado levou parte da historiografia a enfatizar que os grandes beneficiados pelas políticas de valorização do café foram os comerciantes e banqueiros internacionais, e só em segundo plano os fazendeiros. Seja como for, o fato é que tais políticas foram, na verdade, pagas pelo conjunto da sociedade (em particular pelas classes trabalhadoras)”⁴.

Enquanto o café mostrou-se um produto lucrativo e interessante, fazendeiros e comerciantes foram os primeiros a ganhar com isso. A partir do momento em que este produto se desvalorizou, o prejuízo foi “democraticamente” compartilhado pelo conjunto da sociedade, reservando-se parte substancial do mesmo às classes trabalhadoras.

⁴ FRAGOSO, João Luís. “O Império escravista e a República dos plantadores” In: LINHARES, Maria Yedda L. (Coord.). **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro, Campus, 1990. p. 167.

⁵ *Ibidem*. p. 167. A reunião dos produtores de café ocorrida em 1906 ficou conhecida como o Convênio de Taubaté.

A esse contexto de crescente endividamento externo, vinham somar-se a inflação e a carestia generalizada. Cresce a demanda por gêneros alimentícios na Europa em guerra e, conseqüentemente, diminui a sua oferta no mercado interno, contribuindo ainda mais para a alta dos preços destes produtos. De novo, a conta vai parar no bolso dos menos favorecidos, que sofrem um aviltamento cada vez maior nas suas condições de vida. Como dizia a canção do teatro de revista: “Subiu tudo, sobe tudo, tudo há de subir” ...

Diante disso, lá estava Lima Barreto a protestar pelas páginas d’*O Debate*, que começou a circular na segunda quinzena de julho de 1917, sob a direção de Adolpho Porto e Astrojildo Pereira. Foi a convite de Pereira que o escritor veio a colaborar neste jornal de 16 páginas, vendido à 100 réis todas as quintas-feiras. Talvez esse tenha sido o periódico em que o escritor sentiu-se mais à vontade, depois da sua própria revista, a *Floreal*. É o que se pode supor a partir das palavras de Porto e Pereira, anunciando seus objetivos:

“O programa desta folha, pode dizer-se, está contido no seu próprio título - O DEBATE. Com efeito, o intuito que principalmente nos moveu a organizá-la foi o de criar órgão de debates, cujas colunas, (...) se abram à discussão dos mais interessantes problemas da atualidade, na política, na economia, nas letras, nas artes ... Abordando os mais variados assuntos, enfrentando rijamente as questões mais graves, sustentando campanhas ardorosas, - em suma, agitando a opinião pública e refletindo as suas ações e reações n’O DEBATE, assim o desejamos, será uma folha ardente, cálida, impetuosa.

“(...)“Sem ligações políticas ou sociais de quaisquer espécies, O DEBATE surgido dessa necessidade inadiável terá sempre as suas páginas inteiramente consagradas às grandes causas das liberdades coletivas e individuais, indefectivelmente guiado por um amplo ideal de justiça e de equidade”⁶.

⁶ PORTO, Adolpho e PEREIRA, Astrojildo. In: *O Debate*, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1917, p. 4.

Esta proposta resume os ideais de imprensa almejados pelo literato militante: o enfrentamento das questões mais graves do momento, com a finalidade de agitar a opinião pública, aliado a possibilidade de escrever com autonomia e independência, sem vinculação a quaisquer correntes políticas. Nesse sentido, é importante registrar que, também em 1917, o escritor acalentava repetir o sonho de ter a sua própria revista. Desta vez ela se chamaria *Marginália* e o seu “programa” seria parecido com o da *Floreal* de dez anos atrás e o d’*O Debate*. Apesar da revista não ter passado de um projeto, podemos imaginar como ela seria pelo que ficou redigido no diário do escritor:

“Tendo nós notado que artigos de certos dos nossos autores, quando aparecem em publicações difundidas, são lidos com interesse e avidez; e notando também que muitos escritores não possam fazê-los com independência e necessária autonomia intelectual, para não ferir interesses e susceptibilidades das grandes empresas dos nossos cotidianos, revistas e *magazines*; resolvemos editar uma pequena revista quinzenal em que coubessem artigos de semelhante natureza e onde também fossem feitos, sem a dependência de pequeninos interesses do momento, largos e francos comentários aos sucessos da nossa atividade, em todos aqueles departamentos onde os nossos colaboradores entendessem buscar assunto.

“(…) O que nós desejamos é esclarecer fatos e opiniões, sob a luz de uma livre crítica, de forma que aqueles leitores, pouco enfronhados nos bastidores de certos aspectos da nossa vida e deles só tendo diante de si o fato bruto, possam melhor julgar o desenrolar dos acontecimentos políticos, literários e outros, assim também as individualidades envolvidas nesses acontecimentos”⁷.

No referido programa consta ainda um parágrafo revelador da identidade que o próprio escritor pretendia imprimir à revista: “Com esse espírito, resolvemos pôr, na direção intelectual da publicação, o Senhor Lima Barreto, moço autor, cujos livros, por demais

⁷ BARRETO, A. H. de Lima. *Diário íntimo*. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 193-5.

conhecidos, são fiadores da diretriz que ele imprimirá a *Marginália*, de acordo com o que desejamos”⁸.

Editar uma nova revista seria reviver os tempos da *Floreal* dez anos mais tarde e, portanto, numa conjuntura bastante diversa. Em primeiro lugar porque à frente desta nova publicação estaria um escritor mais maduro e vivido, aos 37 anos de idade, ao contrário do jovem impetuoso e pouco conhecido de 27 anos, que buscava ainda uma inserção no meio literário da Capital Federal. Além disso, essa experiência de vida, que incluía livros publicados e passagens por vários periódicos da época, certamente levariam-no a imprimir a esta revista um caráter muito mais assumidamente militante das causas que defendia, como se pode verificar pela sua atuação na imprensa neste momento.

Se a *Marginália* não chegou a ganhar as ruas, Lima Barreto terá então n’*O Debate* a oportunidade de exercer a sua militância crítica com autonomia e independência na companhia de outros colaboradores, como Agripino Nazareth, Domingos de Castro Lopes, Domingos Ribeiro Filho, Fabio Luz, Georgino Avelino, Gustavo Santiago, José Félix, José Oiticica, Luis Moraes, Manuel Duarte, Mauricio de Lacerda, Max de Vasconcellos, Pedro do Coutto, Robespierre Trovão, Sarandy Raposo, Santos Maia, Theo-Filho, Theodoro de Albuquerque e Theodoro Magalhães.

Nesse grupo, alguns nomes já soam conhecidos e identificá-los representa a possibilidade de conhecer a rede social na qual o escritor se movia. Afinal, são seus companheiros e interlocutores nas páginas de um jornal que surgia no auge da efervescência do movimento operário na década de 1910. Domingos Ribeiro Filho foi companheiro de

⁸ *Ibidem*.

repartição pública de Lima Barreto e um anarquista que também participou da *Floreal*.

Astrojildo Pereira nos dá um perfil da sua personalidade ao narrar como o conheceu:

“Eu o conheci em 1910, quando era ele o colaborador principal de Renato Alvim no semanário ‘A Estação Teatral’. Pequenininho de estatura, muito feio, o nariz recurvo, Domingos Ribeiro Filho constituía-se logo, em qualquer grupo, a figura central, graças ao sortilégio de um espírito em fulguração permanente. Era na verdade um conservador admirável, e escrevia como falava, com a mesma abundância e o mesmo encanto. Os seus ditos, os seus epigramas, os seus sarcasmos demolidores se sucediam e multiplicavam com uma vivacidade absolutamente pasmosa. Mas não só pela figura irreverente do espírito ou pelo talento perdulário de escritor exercia ele tal fascinação. Domingos era também o melhor dos camaradas, cordialíssimo com os amigos, sempre cheio de cuidados e ternuras com os companheiros, e nisso residia o segredo das amizades fiéis que conservou até os últimos dias de vida.

“Lembra-me bem das longas tardes que passávamos a sua volta, no antigo Café Jeremias [...] ou no velho Papagaio da rua Gonçalves Dias. Eu era o mais jovem da turma, e também o mais tímido, ouvindo muito mais do que falando, mas estou certo de que foi ali que eu aprendi melhor a rir com otimismo e a sentir como é realmente boa a alegria de viver”⁹.

No julgamento que faz anos depois, já na década de 1940, Astrojildo considera Domingos um “conservador admirável”. Contudo, ficamos sem saber exatamente em que aspectos o anarquista Domingos seria um conservador, na avaliação do companheiro. De qualquer forma, isso é indício de que sob a tenda do anarquismo podiam abrigar-se diferentes adeptos desta doutrina libertária.

José Oiticica foi um intelectual que acompanhou atentamente os desdobramentos da Revolução Russa. Tanto é que, no início de 1920, escreveu na *Voz do Povo*, uma série de artigos intitulados “Mau caminho”, exprimindo seu descontentamento com os rumos da revolução russa¹⁰. Esse jornal diário foi fundado – em 1920 – pela Federação Operária, era

⁹ PEREIRA, Astrojildo. “Domingos Ribeiro Filho” in *Tribuna Popular*, 15/7/1945.

¹⁰ BANDEIRA, Moniz e outros. *O ano vermelho*. São Paulo, Brasiliense, 1980, p. 256

dotado de “oficinas próprias e um corpo de redatores recrutado entre os elementos que militavam à frente do movimento operário e tinham reais qualidades como dirigentes”¹¹. Com sucessivas edições apreendidas e com agentes da polícia vigiando permanentemente as imediações da redação, este periódico em que *Oitica* militar acabou tendo seus gráficos e redatores presos e deixou de circular: “não foi empastelado, mas estrangulado”¹².

Oitica e Fábio Luz, junto com Lima Barreto compunham um grupo de intelectuais que atuava n’*O Debate*. *Oitica* era um crítico literário, filósofo e poeta que chegou a cursar Direito e Medicina. Declarava-se um anarquista com idéias próprias e independente¹³. Fábio Luz, higienista carioca e também anarquista, escreveu alguns romances de conteúdo libertário que tiveram repercussão nos meios culturais operários: *Ideólogo* (1903), *Os emancipados* (1906), *Elias Barrão* e *Xica Maria* (1915), *Virgem-mãe*, *Sérgio* e *Chloé* (1910)¹⁴.

O Debate também teve vida curta e contou com Mauricio de Lacerda em suas páginas, que fez carreira política e foi relator do primeiro Código do Trabalho, além de ter militado na defesa dos direitos trabalhistas, dos direitos civis da mulher e do direito de greve, prestando assim um importante apoio ao movimento operário do início do século.

Os colaboradores dividiam-se entre seções que saíam consecutivamente ou alternadamente, com os seguintes títulos: “Os pais da pátria”, dedicada à cobertura dos acontecimentos no Congresso Nacional; “Os livros”, “Os teatros” e “As exposições de arte”,

¹¹ SODRÉ, N. W. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966. P. 368

¹² *Ibidem*. p. 368.

¹³ DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977. P. 35. Em balanço historiográfico sobre o movimento operário, Batalha observa que este livro de Dulles consiste num dos exemplares da safra de brasilianistas que estudaram o tema. Mas trata-se de um historiador de posicionamento político conservador, cujo livro reúne um grande volume de informação e pouca análise própria. Aqui fazemos uso precisamente desse vasto volume de informações disponibilizado por Dulles. Ver BATALHA, Claudio H. de Moraes. “A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências” in FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo, Contexto, 2000. P. 150.

contendo a crítica literária, teatral e das artes em geral; “Os tribunais”, sobre a rotina dos tribunais e julgamentos, como o do assassino de Pinheiro Machado, abordado no número de estréia; “Os esportes”, cujo título diz tudo; “Os fatos do interior” e “Os fatos do exterior” fazendo a cobertura dos acontecimentos na esfera nacional e no exterior; e por fim, a seção “Os ridículos ...”, com ares de coluna social.

O Debate torna-se significativo na trajetória de Lima Barreto porque expressará com clareza e didatismo sua crítica política e social, como o fez a respeito da carestia, naquela edição de 15 de setembro de 1917. Não se deixando enredar por argumentos mirabolantes e cálculos de difícil compreensão, explica:

“Não há necessidade de ser muito enfiado nos mistérios das patifarias comerciais e industriais, para ver logo qual a causa de semelhante encarecimento das utilidades primordiais a nossa existência.

“Nunca o Brasil as produziu tanto e nunca elas foram tão caras. O plantador, o operário agrícola continua a ganhar o mesmo; mas o consumidor as está pagando pelo dobro. Quem ganha? O capitalista. Ele e unicamente ele, porquanto o fisco mesmo continua a receber o mesmo ou quase o mesmo que antigamente”¹⁵.

A Primeira Guerra e a Revolução Russa, assim como o agravamento da crise econômica pela qual passava o país, parecem cobrar de Lima Barreto um engajamento mais efetivo nas lutas políticas e sociais daquele momento e isso se reflete na sua passagem pelo *O Debate*. O que podemos observar cada vez mais nos seus artigos e crônicas publicados a partir de 1916 e 1917 é uma inclinação cada vez maior pelas idéias socialistas difundidas na época. Infelizmente este jornal, como tantos outros, também terá duração efêmera e não

¹⁴ HARDMAN, Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil (das origens aos anos 20)**. São Paulo, Ática, 1991. P. 258.

¹⁵ BARRETO, A. H. de Lima. “Sobre a carestia” in *O Debate*, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1917. Ou em: *Marginália*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 191-194.

sobreviverá sequer ao fim da guerra. Contudo, foi nele que veiculou algumas de suas críticas mais contundentes à conjuntura política, econômica e social do país naquele 1917.

Neste ano, governava o Brasil o presidente Venceslau Brás, que externamente lidava com os desdobramentos da Grande Guerra iniciada em 1914 e, internamente, administrava um país em crise. Se até o começo do grande conflito mundial sediado na Europa, o Brasil importava a grande maioria dos produtos manufaturados que consumia, a partir daí viveu-se um incremento significativo da indústria nacional. “Súbito tudo faltou e o Brasil teve que produzir. O precário parque industrial que se arrastava desde os começos da República, deu um salto”¹⁶. Salto que pode ser medido pelo crescimento do percentual da população brasileira considerada como “operários industriais” nos recenseamentos oficiais. No início da República, em 1889, apenas 0,4 % da população se enquadrava nesse segmento, representando cerca de 54 mil operários. Em 1919, logo após a Guerra, esta porcentagem alcançava 1% da população, ou cerca de 275 mil operários.¹⁷ O país onde até então predominara a agricultura como principal atividade econômica, vê entrar em cena nos grandes centros urbanos um número cada vez maior de operários empregados na indústria. Foi durante os anos que durou a guerra, o proletariado ultrapassou a casa dos 200.000, chegando a totalizar no censo de 1920 o contingente de 293.673 operários. Essa parcela da população enfrentava então duras condições de vida e de trabalho: eram baixos salários, longas jornadas de 10 a 12 horas por dia, crianças e mulheres percebendo salários mais aviltantes ainda, e além disso, os preços dos gêneros alimentícios andavam em constante alta, o que tornava a carestia insuportável.

¹⁶ BANDEIRA, Moniz, CLOVIS, Melo e ANDRADE, A. T. **O ano vermelho**; a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1980. p. 48.

Nesses momentos de crise, estabelecia-se uma dinâmica que

“só poderia se manter às custas de uma superexploração das massas trabalhadoras, através da queda dos salários reais, aumento do desemprego, com a consequente carestia do custo de vida, escassez de gêneros básicos e fome. Uma dessas crises que mais atingiu as condições de vida dos trabalhadores foi a que despontou no final da Primeira Guerra Mundial. Numa pesquisa de preços feita pelo operário carpinteiro Marques da Costa, no Rio de Janeiro, enquanto o custo de vida, considerados apenas os itens básicos, havia aumentado 189% - no período de 1914-23 -, o salário médio profissional havia subido apenas 71%, no mesmo intervalo, significando uma queda de quase dois terços no valor real dos salários.”¹⁸

Segundo Foot Hardman e Victor Leonardi, um dos levantamentos mais completos sobre a pauperização crescente das famílias proletárias nesse momento foi feito por Hélio Negro e Edgard Leuenroth, mostrando que “a situação concreta da vida operária era mais grave do que essas estatísticas sugeriam”¹⁹. Vejamos:

“Cinquenta por cento dos chefes de família ganham, nas cidades e nos campos do Brasil, salários que variam entre 80\$000 e 120\$000. Uma família composta de marido, mulher e duas crianças, gastando o estritamente necessário, precisa, pelo menos de 200\$000, como abaixo demonstramos.

“[...] Resumo:

Alimentação.....	89\$000
Alojamento.....	45\$000
Outras necessidades.....	32\$000
Vestuário, calçado e outras necessidades.....	40\$000
Total.....	207\$000

“Como se vê, nestas despesas não estão incluídos quaisquer divertimentos, bebidas, bonde, luz, educação das crianças, nada

¹⁷ HARDMAN, Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil (das origens aos anos 20)**. São Paulo, Ática, 1991. P. 146. Ver também: ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Dois Pontos Editora Ltda., 1986. pp. 33-133.

¹⁸ HARDMAN, F. e LEONARDI, V. **Op. Cit.** P. 156.

¹⁹ **Ibidem.** p. 157.

absolutamente que vá além do que é estritamente necessário à vida de 4 entes humanos.

“Foi calculada uma alimentação parca e da mais inferior qualidade, e só para quatro pessoas, não obstante as famílias de operários serem geralmente mais numerosas.

“Supomos também que o chefe da família trabalha desde o primeiro ao último dia do ano, embora saibamos que há as paragens forçadas, por doença, desemprego, greve, etc.”²⁰

Morando no distante subúrbio de Todos os Santos - subúrbio que certa vez descreveu como o “refúgio dos infelizes”²¹ -, sendo usuário frequente dos trens da Central do Brasil e sustentando a família com o minguado salário de amanuense do Ministério da Guerra, Lima Barreto não só convivia de perto com a parcela da população que mais sofria com a crise e a carestia, como sentia na própria pele as dificuldades impostas por uma vida material cheia de limitações.

Essa convivência permanente com a arraia-miúda salta frequentemente para as páginas da sua literatura. Mas nos artigos e crônicas que publicava na imprensa, ela ganha contornos nada ficcionais. O escritor insistentemente questiona a origem de tanta desigualdade imposta à sociedade e protesta contra esse estado de coisas. Nos periódicos onde atuou podemos perceber mais detalhadamente de que modo a crise por que passava o país e as idéias ligadas à Revolução Russa se refletiram nos seus textos.

Em 1918, as páginas de *Brás Cubas*, por exemplo, expressam a fúria do escritor contra um certo representante da firma Zamith, Meireles & Cia, chamado apenas de Franco, que vai à Associação Comercial do Rio de Janeiro - “ninho de malvados açambarcadores” - pressionar contra uma possível regulamentação sobre a exportação do açúcar e defender que o mesmo produto seja exportado por menos da metade do preço pelo

²⁰ NEGRO, Hélio e LEUENROTH, Edgard. *O que é o maximismo ou o bolchevismo*. São Paulo, Editora Semente, s.d. Este livro foi publicado pela primeira vez em São Paulo, em 1919.

qual é vendido no mercado interno²². Num recado direto aos que “querem enriquecer com a miséria dos outros”, Lima Barreto observa e alerta:

“Se o senhor enriquece ou enriqueceu com açúcar, não sabe quanta dor, quanto sofrimento, quanto sangue, custaram os maquinismos com que o açúcar é fabricado nas suas usinas.

“(…) As firmas de São Paulo, Matarazzo, e outros, Martinelli, aqui, e várias mais que eu não quero citar têm tido lucros fabulosos, sem que isso tenha vindo em melhoria dos operários que a elas servem.

“Diz esse Senhor Franco que, se houver a regulamentação da exportação, dezenas de milhares de indivíduos, irão para a miséria. Pergunto eu agora; o que eles têm lucrado com os dividendos fabulosos que vocês têm tido?

“Os salários não aumentaram, enquanto todas as utilidades necessárias à vida sobem sempre de preço.

“(…) Desejo simplesmente dizer-lhes que tomem cuidado; que não é possível estar a abusar da paciência de nós todos, não é só dos operários aos quais não adulo, mas dos pequenos burgueses como eu, que receberam mais instruções do que todos os ‘francos’ e não admitem esses insultos de tirano, tirano do comércio, da agiotagem, da pirataria com que vocês querem saquear o mundo”²³.

O artigo acima registra o descompasso profundo que atinge preços e salários no Brasil, no momento em que começam a chegar ao país as primeiras notícias do que ocorrera na Rússia. Embora nesse texto o escritor sequer aborde o tema da revolução, veremos que é o estado de miséria em que boa parte da população vai progressivamente mergulhando que desperta-lhe a defesa de uma revolução capaz de inverter o quadro vigente na época. Por isso avisa, em tom de ameaça, aos capitalistas: “tomem cuidado”!

Note-se também que Lima Barreto se autodenomina um pequeno burguês, pois além do emprego público e da casa própria em que reside no subúrbio de Todos os Santos,

²¹ BARRETO, A. H. de Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo, Brasiliense, 1956.

²² BARRETO, A. H. de Lima. “O Franco ...” in *Vida Urbana*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 143-144. (Publicado originalmente em *Brás Cubas*, em 4-7-1918).

²³ *Ibidem*.

essa condição surge associada ao grau de instrução que possui. Apesar de todas as dificuldades que enfrenta, das dívidas que em diversas ocasiões lhe pesam sobre os ombros, sua cultura e sua vida intelectual fazem dele um pequeno burguês assumido.

Por outro lado, faz questão de explicitar sua postura em relação aos operários, ressaltando que não se inclui entre os seus aduladores circunstanciais, mas apenas defende posições que considera justas sob o seu ponto de vista. Embora assumindo sua condição de pequeno burguês, não hesita em reconhecer a legitimidade das reivindicações do operariado sacrificado pela carestia e os baixos salários.

A edição inaugural d'*O Debate* trazia um artigo intitulado “A Revolução Russa”, assinado por Astrojildo Pereira, que mostra certa sintonia com Lima Barreto. Mesmo admitindo que um “movimento de tal magnitude e complexidade, revolvido por mil correntes diversas, há de por força manifestar-se confuso e contraditório, com altos e baixos, com claros e escuros violentos”, o articulista e diretor da folha apostava na vitória do “proletariado socialista e anarquista”²⁴. Aliás, a seção mantida por Astrojildo para tratar de assuntos externos, terá sempre espaço reservado para informar o leitor sobre os acontecimentos na Rússia.

Além disso, um artigo assinado por J. Gonçalves da Silva e intitulado “Regime da rolha para os operários”²⁵, que condena a truculência repressiva do chefe de polícia Aurelino Leal e perfila-se ao lado dos operários grevistas, evidencia o caminho escolhido pelo jornal, que surgia na contramão de outros, como *O País*, por exemplo - um dos órgãos mais conservadores do período²⁶.

²⁴ *O Debate*, Ano I, nº 1, 12 de julho de 1917. p. 12.

²⁵ *O Debate*, Ano I, nº 1, 12 de julho de 1917. p. 7-8.

²⁶ Essa polarização é frequentemente reafirmada. Já no segundo número d'*O Debate*, um artigo não assinado chama João de Souza Lage, dono d'*O País*, de “picareta” que “destila diariamente objurgatórias

Aliás Astrojildo sentiria na própria carne a repressão desencadeada por Aurelino Leal, amargando pouco mais de dois meses na prisão (entre 18 de novembro de 1918 e 26 de janeiro de 1919). Data desse período um hino cuja autoria lhe é atribuída e cujo mote inspirador teria sido a figura do Chefe de Polícia. Esta pérola jaz entre os documentos do seu arquivo particular:

“Ó seu doutor aurelino,
Digno chefe da polícia;
Quero aqui tecer-lhe um hino
De admiração e respeito.
- Falo sério, sem malícia,
Mão ambas postas no peito...

“Dentro desses cinco meses,
que vão de agosto ao corrente,
Preso hei sido duas vezes,
Para alegria e vingança
Sua e mais da boa gente
Do corpo de Segurança

“Ah! Imagino que alegria
Deve dar-lhes a prisão
De quem, como eu, não perdia
Nenhuma oportunidade
De abaixo do cú de um cão
Botar-lhes a dignidade!

“É verdade aqui estou preso,
entre estas grades metido,
exposto à chufa e ao desprezo
dos seus homens latrinários
que fazem grande alarido
da caçada aos libertários

“Centenas de encarcerados,

de pús sífilítico”. O confronto se deve à interpretação que João Lage dá ao movimento grevista em curso em São Paulo. “Quando mesmo os capitalistas não vacilam em reconhecer a justiça dos reclamos dos operários (...), é admirável audácia essa do Lage atribuir a estrangeiros perniciosos a formulação de queixas justíssimas, que ele (...) tem como impertinências de escorraçados de outras plagas”. **O Debate**, Ano I, nº2, 19 de julho de 1917. p. 10.

Na Detenção e na Central,
 Há também, que eu sei, pegados
 Em virtude de motivo
 Semelhante ao pelo qual
 Encontro-me aqui cativo

“Purgamos todos, de certo,
 Este enormíssimo crime:
 Pugar, peito descoberto,
 Pelos direitos do povo,
 Contra este mundo que o oprime
 Em prol de outro mundo novo.

“Somos todos criminosos
 Da mesma idéia maldita
 Que quer perturbar os gozos
 Da atual casta dominante,
 Dessa voraz comandita
 Que você guarda, arrogante.

“Ora, pois
 Pois bem vou usar da maior
 Vou usar, seu chefe, da mór
 Franqueza, aqui nesta carta:
 Se a canzoada do Major
 A tempo não nos pegasse
 (Não minto, raio me parta!)
 Antes que esse ano acabasse,

“Toda a ilustre burguesada
 Da nossa plutocracia
 Estaria destronada,
 Reduzida a rebotalho,
 Vencida pela Anarquia,
 Batida pelo Trabalho!

“Seria um golpe de arromba,
 que havia de desmanchar
 Essa prosapia e essa tromba
 Que lhe ornaram as qualidades:
 E aqui neste lugar
 Você estaria, entre grades
 E agora no meu lugar

“Pois seu chefe, aqui lhe digo
 Bem alto e publicamente,

Sob palavra de inimigo:
Neste caso desastrado
Você mostrou amplamente
Que é mesmo um cabra sarado

“Atacou-nos, féro e duro
A nós outros anarquistas,
Metendo-nos num apuro,
Sob o sabre da Ordem Pública:
Cousa entre nós nunca vista
Desde que existe a República
Nos anais desta

“Dos operários no lombo
O peixe-espada roncou;
E a greve, de tombo em tombo,
Esboroou-se na impotência;
E no fim você ganhou
Mais esta benemerência.

“Espancaram-se mulheres,
Velhos inermes, petizes...
Gentes de vários misteres
Que clamavam por mais pão
Para as bocas infelizes...
E você: pau e facão!

“Que importa que a fome impere
Nos lares dos proletários?
Mais vale que não se altere
O bom sono aos rapinantes,
Gatunos e mais sicarios
Das altas classes mandantes...

Por isso tudo, louvores
Você merece, seu chefe.

- Do futuro entre os rumores
Há de se ouvir o seu nome:
‘Aurelino – Magarefe,
Pior que a peste e que a fome!’”²⁷

²⁷ O hino de 16 estrofes em “louvor” de Aurelino Leal, chefe de Polícia, data de 16 de dezembro de 1918, não está assinado mas é atribuído a Astrojildo Pereira. Esta é sua transcrição integral, respeitando a forma como foi originalmente redigido. Ver **Arquivo Astrojildo Pereira**, Doc. PP1P6, no Arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp.

O “hino” do diretor de *O Debate* revela não só a perseguição sofrida pelo seu autor, como também denuncia a situação vivida pelos operários que vimos descrevendo aqui. Serve ainda como testemunho dos desdobramentos das greves ocorridas em 1918, no Rio de Janeiro.

Na verdade *O Debate* constitui-se numa folha genuinamente militante no que diz respeito ao movimento operário. Nas suas edições predominam os artigos e matérias de conteúdo político, com destaque especial para a cobertura das greves que se espalham não só pelo Rio de Janeiro e São Paulo, como pelo resto do país, e até mesmo países vizinhos, como a Argentina²⁸. Trata-se de um jornal movido por preocupações com as condições de vida das camadas mais pobres da população e, particularmente, dos operários. Por isso discute a cada número o problema da carestia e expressa enorme entusiasmo com os acontecimentos que tomam conta da Rússia nesse momento, chegando mesmo a identificar indícios da formação aqui no Brasil (mais especificamente em São Paulo e no Rio de Janeiro) de comitês de operários e soldados, a exemplo do que ocorria naquele país²⁹. Este entusiasmo certamente é compartilhado pelos seus colaboradores.

Consequentemente, não houve uma edição desse periódico que perdesse a oportunidade de bater duro no governo de Venceslau Brás, criticando-o sob os mais variados aspectos. Além disso, o jornal abria espaço para questões polêmicas, como o debate a cerca do voto feminino e da participação política da mulher na sociedade brasileira, ou da

²⁸ A cobertura das greves para além do eixo Rio-São Paulo, pode ser verificada na edição d' *O Debate*, Ano I, nº 10, 15 de setembro de 1917, p. 11, onde uma fotografia ocupa metade da página, registrando um comício realizado em Salvador, e abaixo da foto a legenda diz: “Um atestado fotográfico do que foi a última greve na Bahia”. Na edição de 29 de setembro de 1917 (Ano I, nº 12), a matéria intitulada “As greves na Argentina” também é acompanhada de uma foto de comício realizado em Buenos Aires.

²⁹ Os indícios da formação de comitês de operários e soldados no Brasil são acompanhados pelo jornal a partir da edição de 26 de julho de 1917 (Ano I, nº 3), em que aparece na pág. 7 a matéria intitulada “O exemplo da Rússia - Graves revelações de um soldado do exército - Teremos também um Comitê de Soldados e Operários?”

importância do Judiciário e da justiça num período tão frequentemente abalado pela decretação sucessiva de estados de sítio. É nas páginas d'*O Debate* que Maurício de Lacerda defende o direito das mulheres ingressarem na cena política como eleitoras e candidatas, ao mesmo tempo em que Fabio Luz argumenta em sentido contrário, pois vê o papel transformador da mulher no interior da família e na criação e educação dos filhos³⁰. É também nas páginas desse semanário que se discute à exaustão a necessidade de um judiciário menos comprometido com os desmandos do poder executivo e mais disposto a fazer cumprir os direitos garantidos pela Constituição, num momento em que operários são perseguidos e expulsos do país ao arrepio da lei, e em que um chefe de polícia como Aurelino Leal faz escola pelo país afora com as inúmeras arbitrariedades que comete na repressão ao movimento operário e às greves.

Ainda no campo da justiça, *O Debate* abre considerável espaço para o rumoroso julgamento do autor do assassinato de Pinheiro Machado, ocorrido dois anos antes, em 1915. Consta que o júri teria sido duramente pressionado e até subornado por aliados do falecido político, tendo inclusive Rivadávia Correa comparecido ao tribunal acompanhado de um bando de capangas armados, a fim de concretizar a condenação do suposto assassino. Após a leitura da sentença de 30 anos de prisão, o advogado de defesa, Caio de Barros, protestava contra a iniquidade do júri quando Max de Vasconcelos, colaborador do jornal que acompanhava pessoalmente o julgamento, causou grande confusão ao manifestar seu apoio ao protesto de Barros. Vasconcelos descreveu o episódio da seguinte forma: “Ao ler o juiz o ‘verdictum’ tremendo, ou melhor, ao haver a defesa, após a sua leitura, protestado contra a iniquidade do júri, em desrespeito à majestade do lugar e do ato, bradei: - Bravo! - e em

³⁰ Ver *O Debate*, Ano I, nº 1, 12 de julho de 1917, p. 3, artigo de Maurício de Lacerda intitulado “O voto das mulheres”. Ver também *O Debate*, Ano I, nº 4, 2 de agosto de 1917, p. 3, artigo de Fabio Luz

seguida pus-me a insultar os jurados, sendo apoiado pela maioria da assistência”³¹. O fato é que tudo isso levantou um debate sobre a instituição do júri e foi nas páginas deste semanário que Lima Barreto publicou um dos seus artigos mais contundentes em defesa do júri, desde que constituído democraticamente por pessoas comuns, ao contrário de João Lage, que propunha que somente os possuidores de canudos - diplomados - ali se sentassem³².

Pois é esse jornal, onde uma charge de Fritz quase sempre ocupa todo o espaço da folha de rosto, anunciando de forma satírica o crítico conteúdo das páginas seguintes, que abre espaço para alguns textos significativos de Lima Barreto, principalmente no que diz respeito ao tema da carestia. Atribuindo ao capitalista e, conseqüentemente, ao capitalismo a origem da alta do custo de vida, o escritor propõe um caminho a ser seguido. Aliás, o alicerce sobre o qual Lima Barreto formula o seu pensamento e suas idéias parece ser mesmo a vivência e a observação da realidade cotidiana com a qual convive. O anarquismo ou o maximalismo jamais se apresentaram como um mero capricho intelectual. A dura experiência de uma vida repleta de dificuldades financeiras e a convivência com a ralé dos subúrbios, que igualmente padece diante da alta do custo de vida, servem de base para suas reflexões, para as escolhas que faz e as propostas que formula. Nesse instante conturbado que é o ano de 1917, é sobretudo a carestia de vida que o impulsiona a defender publicamente o direito de greve e o leva a ver com crescente simpatia a Revolução em curso na Rússia.

É certamente por isso que direciona toda sua indignação contra os capitalistas que por aqui especulam com os preços do açúcar, do feijão, da carne verde e outros produtos. Eis o caminho proposto:

intitulado “Feminismo”.

³¹ Ver **O Debate**, Ano I, nº 4, 2 de agosto de 1917, p. 12, artigo de Max de Vasconcelos intitulado “Um incidente no júri”.

“Em presença deles, devo proceder como em presença do salteador que me toma os passos, em lugar ermo, e me exige os níqueis que tenho no bolso. Só há um remédio, se não quero ficar sem os magros cobres: é matá-lo.

“Não há necessidade, entretanto, de o fazer, na parte relativa a esses cínicos do açúcar e outros. Semelhante gente não se incomoda em morrer: incomoda-se em perder dinheiro, ou em deixar de ganhá-lo. É tocar-lhes na bolsa que eles choram que nem bezeros desmamados.

“O povo até agora tem esperado por leis repressivas de tão escandaloso estanco (...). Elas não virão, fique certo; mas há ainda um remédio: é a violência.

“Só com a violência os oprimidos têm podido se libertar de uma minoria opressora, ávida e cínica; e, ainda, infelizmente, não se fechou o ciclo das violências.

“(…) A nossa república com o exemplo de São Paulo, se transformou no domínio de um feroz sindicato de argentários cúpidos, com os quais só se pode lutar de armas na mão. Deles saem todas as autoridades; deles são os grandes jornais; deles saem as graças e os privilégios; e sobre a nação eles teceram uma rede de malhas estreitas, por onde não passa senão aquilo que lhes convém. Só há um remédio: é rasgar a rede à faca, sem atender a considerações morais, religiosas, filosóficas, doutrinárias, de qualquer natureza que seja”³³.

A preocupação com o custo de vida não é monopólio de Lima Barreto. De certa forma, grande parte da imprensa abordava o tema que era de enorme apelo nesse período, mas jamais os grandes jornais abririam espaço para alguém que quisesse vir à público propor “rasgar a rede à faca”, “lutar de armas na mão” ou o “remédio” amargo da violência. No próprio *O Debate*, o problema é atentamente acompanhado e, no mês anterior à publicação desse artigo de Lima Barreto, chegou a ocupar quatro páginas seguidas do jornal

³² BARRETO, A. H. de Lima. “Ao Caio M. de Barros” in *Marginália*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 199-200. (Publicado originalmente em *O Debate*, Ano I, nº 5, 9 de agosto de 1917, p. 10).

³³ BARRETO, A. H. de Lima. “Sobre a carestia” in *O Debate*, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1917. Ou em: *Marginália*. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 192-194.

com o relatório de uma Comissão de Intendentes Municipais do Distrito Federal, encarregada de estudar e procurar soluções para a alta dos preços dos gêneros de primeira necessidade³⁴.

O semanário *A.B.C.*, dirigido por Ferdinando Borla, também se mostrava sintonizado com a agonia da população em face dos altos preços. Em 1917, publica uma série de artigos com o título “O ventre da cidade”, sempre seguido de subtítulos que mudavam a cada nova edição. Em 24 de março trazia a seguinte reportagem: “O ventre da cidade - O prefeito confessa que, em grande parte, o encarecimento dos gêneros de primeira necessidade é devido à ganância comercial - As leis sobre a matéria são deficientes; mas S. Ex. fará o possível para remediar o mal”³⁵. Após afirmar que “a situação de miséria em que se afundou o país com a grande guerra” e a “carestia” da vida no Brasil, sobretudo no que concerne à alimentação popular”, têm como causa principal “a ganância dos nossos comerciantes, bafejada pelo platonismo de nossas leis”, o *A.B.C.* observa que o Prefeito Amaro Cavalcanti, “um homem inteligente, ilustrado, probo”, concorda com esse diagnóstico e promete fazer o que estiver ao seu alcance para alterar esse quadro.

Nota-se, pelos elogios ao prefeito, que no *A.B.C.* Ferdinando Borla imprime um tom mais ameno do que se verifica n’*O Debate*. Como de hábito, uma nota publicada no primeiro número procura dizer um pouco sobre a linha a ser adotada pelo jornal.

“A tarefa, que ele pretende desempenhar, é menos maquiavélica e mais didática. Procuraremos iniciar o nosso público na compreensão elementar de certas verdades sobre as quais se costuma basear, na generalidade dos países cultos, o juízo da opinião.

³⁴ *O Debate*, Ano I, nº 7, 23 de agosto de 1917. pp. 12-15. : “Conselho Municipal - Relatório lido na sessão de 6 do corrente dos trabalhos da comissão encarregada de estudar as causas do encarecimento dos gêneros de alimentação”.

³⁵ *A.B.C. - Política, Atualidades, Questões Sociais, Letras e Artes*, Ano III, nº 107, 24 de março de 1917, p. 7.

“Enfrentaremos as incógnitas da nacionalidade, estudaremos os problemas genéticos da nossa formação étnica, econômica, cultural, para decifrarmos, no meio desta confusa e tumultuosa e obscura alquimia de raças, o mote do porvir do país.

“Faremos com que este povo de funcionários públicos, de candidatos a funcionários públicos, de aposentados do funcionalismo público, olhe um tanto mais para dentro de si mesmo e um tanto menos para o Estado-Providência, para o Estado-cozinha econômica, para o Estado-albergue noturno.

“E pregaremos - porque *le rire est propre de l'homme* - pregaremos com o ar mais carnavalesco que nos for possível o sermão mais ortodoxo que, por ventura, as quaresmas da Nação aconselharem”³⁶.

Percebe-se que o *A.B.C.* opõe-se à existência de um Estado que tudo pode prover e não vê com bons olhos um povo que almeja sobretudo tornar-se funcionário público. Adotando uma postura de tom liberal, o jornal franqueia suas páginas tanto às autoridades republicanas quanto aos artigos, crônicas e contos de Lima Barreto contendo pesadas críticas sociais. Vale lembrar que é nas páginas do *A.B.C.*, que pela primeira vez são publicados os contos que mais tarde vão compor o volume *Os Bruzundangas*. A coletânea³⁷ consiste numa sátira mordaz à sociedade, à política e aos políticos da imaginária República da Bruzundanga - um artifício ficcional utilizado pelo escritor para se referir ao Brasil daqueles tempos. O tal país imaginário, “no dizer de todos, é rico, tem todos os minerais, todos os vegetais úteis, todas as condições de riqueza, mas vive na miséria”³⁸.

³⁶ *A.B.C. - Política, Atualidades, Questões Sociais, Letras e Artes*, Ano I, nº 1, 27 de fevereiro de 1915, p. 5.

³⁷ Os contos reunidos no livro *Os Bruzundangas* são inicialmente publicados no *A.B.C.*, a partir de dezembro de 1916. Em julho de 1917, Lima Barreto passa por dificuldades financeiras e vende, por 70 mil-réis, os direitos autorais do livro ao editor Jacinto Ribeiro dos Santos. Contudo, a publicação do volume só acontecerá mesmo em dezembro de 1922, um mês após o falecimento do escritor. BARRETO, A. H. de Lima. *Os Bruzundangas*. São Paulo, Brasiliense, 1956.

³⁸ BARRETO, A. H. de Lima. “A política e os políticos da Bruzundanga” in *Os Bruzundangas*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 65-68. (Publicado originalmente no *A.B.C.*, em 27-01-1917). Ainda nesse conto, temos mais detalhes sobre o tal país: “a terra vive na pobreza; os latifúndios abandonados e indivisos; a população rural (...) oprimida por chefões políticos”.

O *A.B.C.* é um jornal capaz de franquear suas páginas até mesmo para interlocutores dos quais discorda abertamente, como é o caso de Basílio Torrezão, que vê seu artigo intitulado “Conselho aos operários” publicado no semanário, seguido de uma ressalva irônica do editor: segundo nota da redação, o autor “deu para aplicar o próprio humor ao comunismo. Assim é que aparece hoje, nas nossas colunas, macaqueando com dramática seriedade que, como disfarce, é dum cômico irresistível, os planos revolucionários do notável conspirador Dias Martins. (...) O ‘diasmartinismo’ do nosso colaborador não passa, repetimos, duma atitude mimética”. No artigo em que incentiva os operários que estão passando fome a se organizarem e praticarem o saque aos armazéns, a redação vê a influência de Dias Martins, considerado um dos mentores intelectuais da Revolta da Chibata³⁹.

“O proletariado, que constitui a maioria absoluta da população da cidade, atravessa uma crise profunda de trabalho e de salários. (...) Noutros termos: há falta de trabalho, os salários são escassos e os preços dos gêneros de consumo indispensável sobem cada vez mais. (...) Mas a alta de preços não se baseia como poderia supor-se na raridade dos gêneros. (...) Os armazéns se acham peçados, abarrotados (...). Eu aconselho o saque aos famintos. Se os armazéns estão cheios, devem esvaziar-se em benefício de quem tem fome”⁴⁰.

Duas semanas depois, a redação do *A.B.C.* faz novamente uma ressalva junto a outro artigo de Basílio Torrezão, ressaltando que não concorda com as idéias desenvolvidas pelo autor, mas lhe franqueia suas colunas porque preza o princípio da liberdade de crítica. Desta vez o artigo tratava da guerra e da Liga da Defesa Nacional.

³⁹ NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. **Marinheiros em revolta; recrutamento e disciplina na Marinha de Guerra, 1880-1910**. Campinas, 1997. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do IFCH/Unicamp).

⁴⁰ *A.B.C. - Política, Atualidades, Questões Sociais, Letras e Artes*, Ano III, nº 104, 3 de março de 1917, p. 13. Artigo de Basílio Torrezão, intitulado “Conselho aos operários”.

Tal episódio ilustra um pouco a diferença entre a postura d'*O Debate* e do *A.B.C.*, pois no primeiro Astrojildo Pereira e Adolpho Porto não faziam qualquer tipo de ressalva quanto ao conteúdo dos textos de seus colaboradores. Já o *A.B.C.*, em nome de uma suposta “liberdade de crítica”, abre espaço a qualquer um, ainda que se veja na obrigação de apor sua discordância em relação ao que ali vai escrito.

Essa postura do *A.B.C.* levará Lima Barreto a um breve rompimento com o jornal em fevereiro de 1919. Nessa ocasião, o autor suspendeu sua colaboração pelo fato de ter sido publicado em suas páginas um artigo contra a raça negra. Somente após uma retratação, o escritor retoma sua participação neste periódico.

Em meio às agruras impostas pela carestia, órgãos da grande imprensa, como o *Jornal do Brasil*, por exemplo, expressam temor⁴¹ em relação a possíveis levantes que possam surgir a partir das greves dos operários em 1917. Lima Barreto encaminha-se para uma evidente adesão às teses maximalistas difundidas no país nesse período e solta o seu “manifesto maximalista”. Pregando abertamente contra a propriedade privada e defendendo a socialização da mesma, o artigo dá início a uma série de textos em que o autor demonstra sua convicção na necessidade urgente de mudanças nessa direção.

Seus textos revelam sobretudo a atitude de alguém que, ao deparar-se com um quadro de profundas desigualdades sociais, exploração capitalista e miséria crescente, não tolera mais assistir a tudo isso passivamente. Indivíduo letrado e culto, escritor por vocação, numa sociedade majoritariamente composta de analfabetos, Lima Barreto põe a pena à serviço da sua indignação e exerce, no campo das letras, a sua militância. Vê as greves se

⁴¹ Em 1-3-1917, o **Jornal do Brasil** noticia um comício realizado no Engenho de Dentro, contra a carestia de vida e o aumento dos impostos, sob o título “O proletariado agita-se”. Exatamente dois meses depois, em 1-5-1917 alerta sobre a possibilidade de ocorrerem levantes na cidade. Em 6-6-1917 um artigo intitulado “A loucura revolucionária” repercute a crescente agitação do período.

multiplicando e sabe que na Rússia está em curso uma Revolução. Acredita então que aqui possa ocorrer algo semelhante. Isto faz de Lima Barreto um literato singular na Primeira República: é um dos poucos a ocupar-se da Revolução Russa e dos seus ideais com tanto empenho.

Em 1919, os anarquistas Hélió Negro e Edgard Leuenroth publicavam uma brochura intitulada *O que é o maximismo ou o bolchevismo*⁴², que pretendia ser também um programa comunista. Note-se que os anarquistas ainda constituíam nesse momento a corrente dominante no movimento operário brasileiro. Logo no início do primeiro capítulo da brochura, os autores procuram explicar aos trabalhadores brasileiros - a quem o texto se dirige - o que é o bolchevismo ou maximismo:

“‘Bolche’ significa máximo e ‘Menche’ quer dizer mínimo, assim como ‘viki’ corresponde à nossa terminação ‘ismo’. Portanto, a tradução de ‘Bolcheviki’ é ‘Maximismo’ e a de ‘Mencheviki’ é ‘Minimismo’.

“Maximistas são os adeptos do programa máximo do partido socialista, e minimistas são os partidários do programa mínimo.

“‘Maximalismo’, ‘Bolshevismo’, etc. são idiotismos que tiveram origem na tradução do idioma russo para o inglês e deste para o português”⁴³.

Lima Barreto aparentemente não sabe que, para definir suas posições políticas, está fazendo uso do que aqueles autores chamariam posteriormente de idiotismo. É provável até que desconheça o fato de estar empregando uma expressão que viajou de tradução em tradução, do russo ao inglês, e do inglês ao português. Além disso, o maximalismo de Lima Barreto poderia ser entendido - ou confundido - com o anarquismo, visto que antes mesmo de

⁴² NEGRO, Hélió e LEUENROTH, Edgard. **Po. Cit.**

⁴³ NEGRO, Hélió e LEUENROTH, Edgard. **op. cit.**, p. 7.

1917, como já vimos, Lima Barreto se intitulara um “esnobe anarquista”⁴⁴. Considere-se ainda que não era muito fácil compreender o que se passava na Rússia no ano da Revolução.

“O Brasil acompanhou a queda do Czar e a deposição de Kerenski com a retina de Havas, United Press e outras agências internacionais. (...) O volume de mentiras era de tal monta que Gilberto Amado escreveu na Gazeta de Notícias: ‘A United Press e a Havas continuam a nos julgar indignos da verdade, pobres bugres que convém manter no alheamento completo do que se passa no mundo’”⁴⁵.

Tantas notícias deturpadas e desencontradas - que chegaram a dar Lênin como morto algumas vezes - levaram Astrojildo Pereira a escrever cartas para diversos jornais, que assinava com o pseudônimo de Alex Pavel, tentando rebater e contra-argumentar o noticiário sobre os acontecimentos na Rússia. As cartas, que foram reunidas e publicadas num folheto, em fevereiro de 1918, sob o título *A Revolução Russa e a Imprensa*⁴⁶, dão um testemunho da luta que se travava no campo da informação. Em meio a tudo isso, Lima Barreto comparecia nos jornais e revistas, com seus artigos e crônicas, defendendo suas idéias, seus pontos de vista, demonstrando todo o seu empenho em compreender o que se passava naquele momento. Estava sempre pronto a expor sua crítica social e perfilava-se também ao lado dos operários, por ocasião das greves que sacudiram o país em 1917 e 1918.

Certamente as idéias que defendeu foram forjadas não só a partir da dura realidade vivida naqueles tempos, como também a partir das leituras que pôde fazer ao longo da sua vida. No próximo capítulo abordaremos justamente esse universo de leituras com o qual teve contato, considerando a sua biblioteca particular e suas impressões de leitura.

⁴⁴ BARRETO, A. H. de Lima. “Palavras de um Snob Anarquista” in *Feiras e Mafuás*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 213-218. (Originalmente publicado em *A Voz do Trabalhador*, em 15 de maio de 1913)

⁴⁵ BANDEIRA, Moniz, CLOVIS, Melo e ANDRADE, A. T. *op. cit.*, p. 73.

Um dos reflexos mais concretos da revolução russa no Brasil foi a tentativa de organizar uma greve geral de cunho revolucionário em novembro de 1918. Várias categorias aderiram e até mesmo junto aos soldados da Vila Militar os trabalhadores fizeram circular boletins sediciosos. A tarde da segunda-feira, 18 de novembro de 1918, por exemplo, foi marcada por uma greve simultânea, iniciada às 16 horas, nas fábricas de tecidos do Rio de Janeiro, Niterói, Petrópolis e Magé. Um comício deveria reunir os trabalhadores no campo de São Cristóvão, no fim daquela tarde, mas a repressão violenta transformou o local numa praça de guerra.

“O bairro fabril de São Cristóvão, onde os trabalhadores se defenderam da ação repressiva, detonando dinamites de explosão por contato e tiros de revólver, tornou-se o epicentro dos episódios. O exército ocupou as represas de Ribeirão das Lajes e desarmou os Tiros de Guerra, a que pertenciam numerosos operários.

“Depois de restabelecida a calma no Campo de São Cristóvão, chegou ali um piquete de cavalaria da Brigada Policial. Como medida preventiva, a polícia fechou todos os botequins da redondeza, a fim de evitar aglomerações”⁴⁷.

Aquele 18 de novembro encontraria Lima Barreto internado no Hospital Central do Exército. Foram dois longos meses de internação a partir de 4 de novembro. Há mais de um mês desaparecera da repartição e se entregara por inteiro à bebida. Em seguida sumiu de casa e se pôs a vagar pelos subúrbios. A pedido da família, o fiel amigo Antônio Noronha Santos saiu a sua procura, tendo o encontrado junto à plataforma da estação de Todos os Santos completamente desvairado, em plena crise de alucinação alcoólica e com a clavícula quebrada⁴⁸.

⁴⁶ *Ibidem.*, ver Apêndice, p. 285-298.

⁴⁷ *Ibidem.*, p. 122.

⁴⁸ BARBOSA, F. de A. *op. cit.*, p. 214-215.

No *Diário íntimo* do escritor há registros referentes ao ano anterior, de 1917, dos problemas enfrentados com relação ao alcoolismo. Em junho, inicia algumas notas sobre a participação do Brasil na guerra com as seguintes palavras: “Hoje, depois de ter levado quase todo o mês passado entregue à bebida, posso escrever calmo”. Em setembro, novamente reconhece a sua dificuldade em livrar-se do vício: “De há muito sabia que não podia beber cachaça. Ela me abala, combale, abate todo o organismo, desde os intestinos até a enervação. Já tenho sofrido muito com a teimosia de bebê-la. Preciso deixar inteiramente”. E conclui agoniado: “Se não deixar de beber cachaça, não tenho vergonha. Queira Deus que deixe”⁴⁹.

Porém, mesmo internado acompanha atentamente os episódios daquele 18 de novembro de 1918. Primeiro lê cuidadosamente a cobertura feita pelos jornais e faz anotações em seu diário⁵⁰. Em seguida escreve artigo para o *A.B.C.* solidarizando-se com os grevistas, atacando o chefe de polícia Aurelino Leal e os jornalistas que defenderam a repressão policial:

“Ri-me muito gostosamente do pavor que levaram a todo o Olimpo governamental, os acontecimentos de 18.

“(…) O que os jornais disseram, uns de boa fé e outros cavilosamente inspirados, sobre o maximalismo e anarquismo, fez-me lembrar como os romanos resumiam, nos primeiros séculos da nossa era, o cristianismo nascente. Os cristãos, afirmavam eles categoricamente, devoram crianças e adoram um jumento.

“(…) O Senhor Aurelino (...) deu agora para Fouché caviloso, para Pina Manique ultramontano do Estado, para Trépoff, para inquisidor do candomblé republicano, não hesitando em cercear a liberdade de pensamento e o direito de reunião, etc.

“(…) Esse ódio ao maximalismo russo que a covardia burguesa tem, na sombra, propagado pelo mundo; essa burguesia cruel e sem coragem, que se embosca atrás de leis, feitas sob a sua inspiração e como capitulação diante

⁴⁹ BARRETO, A. H. de Lima. *Diário íntimo*. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 191-3.

⁵⁰ BARRETO, A. H. de Lima. *Diário íntimo*. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 202.

do poder do seu dinheiro; essa burguesia vulpina que apela para a violência pelos seus órgãos mais conspícuos, detestando o maximalismo moscovita, deseja implantar o 'trepoffismo', também moscovita, como razão de Estado; esse ódio - dizia - não se deve aninhar no coração dos que têm meditado sobre a marcha das sociedades humanas. A teimosia dos burgueses só fará adiar a convulsão que será então pior"⁵¹.

A Revolução Russa incendiara os seus ânimos e fizera crescer a sua esperança de ver o país mudar. Nesse momento em que caminha-se para o fim da Primeira Guerra Mundial e que, no Brasil, é marcado pelo agravamento das condições de vida e pela intensa mobilização dos operários que sacode o país - particularmente Rio de Janeiro e São Paulo - com inúmeras greves, Lima Barreto publica um texto que sintetiza as propostas que gostaria de ver implantadas na nossa sociedade.

Intitulado "No ajuste de contas"⁵², este artigo de Lima Barreto foi publicado em 1918, no mesmo *A.B.C.* que fizera ressalvas quanto ao comunismo de Basílio Torreção. Dessa vez, contudo, Ferdinando Borla absteve-se de apôr qualquer comentário ao ajuste de contas que o literato ousava propor à sociedade brasileira. Assumindo declaradamente que se inspirava nos acontecimentos que tiveram lugar na Rússia - "confesso que foi a Revolução Russa que me inspirou tudo isso" - o escritor veria o artigo ser reconhecido dali para frente como um "manifesto maximalista"⁵³.

⁵¹ BARRETO, A. H. de Lima. "Da minha cela" in **Bagatelas**. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 101-103. (Originalmente publicado no *A.B.C.*, em 25 de novembro de 1918). No ataque aos jornalistas, o artigo de Azevedo Amaral n° *O País*, intitulado "A posição do operariado", publicado em 22 de novembro de 1918, recebe atenção especial de Lima Barreto.

⁵² BARRETO, Afonso Henriques de Lima. "No ajuste de Contas" in **Bagatelas**. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 88-96. (Publicado originalmente no *A.B.C.*, em 11-05-1918).

⁵³ BARRETO, Afonso Henriques de Lima. "Sobre o maximalismo" in **Bagatelas**. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 157-165. (Publicado originalmente em 01-03-1919). "Em 11 de maio do ano passado, na revista *A.B.C.*, desta cidade, na qual durante muito tempo colaborei, tive ocasião de publicar um longo artigo - 'No ajuste de contas' - que as bondosas pessoas que o leram, tacharam-no logo de manifesto maximalista. O artigo não tinha esse pomposo intuito, mas, sendo tomado por tal, eu deixei que ele assim corresse mundo e fui desde logo classificado e apontado como maximalista".

O texto certamente foi taxado de manifesto mais pela força e intensidade do seu conteúdo e das propositas que continha, do que pelo formato com que chegara ao público, que em nada assemelhava-se a um manifesto, a não ser pela eloquência da saudação que o encerra: “Ave Rússia!” O argumento central gira em torno da seguinte idéia: “A propriedade é social e o indivíduo só pode e deve conservar, para ele, de terras e outros bens tão-somente aquilo que precisar para manter a sua vida e de sua família”⁵⁴.

Antes de formular as propostas propriamente ditas que constam do manifesto, Lima Barreto mostra-se indignado com a insensibilidade dos sucessivos governantes e parlamentares daquela época, que desprezam acintosamente a miséria e as desigualdades econômicas e sociais impostas à população em geral. Suas palavras iniciais dão uma boa demonstração disso:

“A nossa burguesa finança governamental só conhece dous remédios para equilibrar os orçamentos: aumentar os impostos e cortar lugares de amanuenses e serventes. Fora desses dous paliativos, ela não tem mais beberagem de feiticeiro para curar a crônica moléstia do déficit.

“(…) Enquanto as reformas com as hipotéticas economias são em geral obra dos ministros, o aumento de imposto parte, em geral, dos nossos financeiros parlamentares. Eles torram os miolos para encontrar meios e modos de inventar novos.

“(…) Essa pesada massa de impostos, geralmente sobre gêneros de primeira necessidade, devendo ser democraticamente igual para todos, vem verdadeiramente recair sobre os pobres, isto é, sobre a quase totalidade da população brasileira que é de necessitados e pobríssimos, de forma que as taxas dos Colberts da nossa representação parlamentar conseguem esta cousa maravilhosa, com as suas medidas financeiras: arranham superficialmente os ricos e apunhalam mortalmente os pobres”.⁵⁵

⁵⁴ BARRETO, Afonso Henriques de Lima. “No ajuste de Contas” in **Bagatelas**. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 90. (Publicado originalmente no **A.B.C.**, em 11-05-1918).

⁵⁵ *Ibidem*, p. 88-89.

O que ninguém haveria de imaginar é que, passado quase um século, a fórmula aplicada pelos governantes, em sua essência, ainda permanece a mesma e obtém os mesmos resultados. Ou seja, para combater o déficit (dívida interna, dívida externa, balança cambial equilibrada, etc.) lançam mão de novos impostos (empréstimos compulsórios e contribuições provisórias, entre outros) e do aumento progressivo dos já existentes. Tal achaque vem sempre acompanhado de demissões e, conseqüentemente, desemprego. Com tudo isso, segundo o escritor, continuam apenas arranhando superficialmente os ricos e apunhalando mortalmente os pobres.

O fato é que este estado de coisas, que gerava gritantes injustiças sociais, é que leva Lima Barreto a formular as quatro medidas radicais propostas no manifesto maximalista e posteriormente resumidas pelo próprio escritor do seguinte modo:

“No meu artigo ‘No ajuste de contas’ inspirado nas vagas cousas sobre a Revolução Russa, de que tinha notícia, eu pedia que se pusesse em prática quatro medidas principais:

- a) supressão da dívida interna, isto é, cessar de vez, o pagamento de juros de apólices, com o qual gastamos anualmente cerca de cinquenta mil contos;
- b) confiscação dos bens das ordens religiosas, sobretudo as militantes;
- c) extinção do direito de testar; as fortunas, por morte dos seus detentores, voltavam para a comunhão;
- d) estabelecimento do divórcio completo (os juristas têm um nome latino para isso) e sumário, mesmo que um dos cônjuges alegasse amor por terceiro ou terceira”.⁵⁶

Certamente sua concepção de como deve ser entendida a propriedade privada vai ser bastante reforçada pelos acontecimentos que marcaram a Rússia em 1917. Talvez por isso, em julho de 1918, dois meses após o “manifesto maximalista” vir a público, o escritor publica um artigo que, comparado àquele, bem poderia ter sido chamado de “manifesto

⁵⁶ BARRETO, Afonso Henriques de Lima. “Sobre o maximalismo” in **Bagatelas**. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 162. (Publicado originalmente na **Revista Contemporânea**, em 01-03-1919).

socialista". Acreditando que o movimento revolucionário na Rússia abalaria "não unicamente os tronos, mas os fundamentos da nossa vilã e ávida sociedade burguesa"⁵⁷, o articulista aponta o caminho que gostaria ver seguido e chega mesmo a desejar que ocorra no Brasil uma revolução nos moldes da que ocorrera na Rússia em 1917:

"Não posso negar a grande simpatia que me merece um tal movimento; não posso esconder o desejo que tenho de ver um semelhante aqui, de modo a acabar com essa chusma de tiranos burgueses, acorados covardemente por detrás da lei, para nos matarem de fome, elevando artificialmente os preços dos gêneros e artigos de primeira necessidade, como: o açúcar, a carne, o feijão, o arroz, o café, o sal, o pano, à custa de estancos, de *trusts*, de *corners*, de 'alívios', tráficos de homens e outras inacreditáveis espécies de assaltos à economia de toda uma população miserável (...).

"Ninguém vê que o Estado atual é 'dinheiro' e o 'dinheiro' é a burguesia que açambarca, que fomenta guerras, que eleva vencimentos, para aumentar os impostos e empréstimos, de modo a drenar para as suas caixas fortes todo o suor e todo o sangue do país, em forma de taxa alta de preços e juros de apólices.

"Precisamos deixar de panacéias; a época é de medidas radicais.

"Não há quem, tendo meditado sobre esse estupendo movimento bolcheviquista, não lobrigue nele uma profunda e original feição social e um alcance de universal interesse humano e de incalculável amplitude sociológica.

"(...) Todos os homens de inteligência e de coração, independentes, tanto aqui como acolá, ficaram pensativos diante de uma revolução que tão fundamente atingiu os alicerces, não só os de um grande e poderoso império, como também os de todas as concepções matrizes das atuais aglomerações humanas, chamadas civilizadas"⁵⁸.

Esse desejo de ver acontecer no Brasil um movimento semelhante ao que estava em curso na Rússia, leva Lima Barreto ao debate sobre o tema na imprensa. Em meio a uma série de artigos publicados n'*A Lanterna*, em janeiro de 1918, veio a público no dia 21, um texto inédito em livro sob o título "Do Duque de Lafões a Budha", assinado - tal como os

⁵⁷ BARRETO, A. H. de Lima. "Vera Zassúlitch" in *Bagatelas*. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 72. (Publicado originalmente em 14-07-1918).

⁵⁸ *Ibidem*, p. 72-4.

demais artigos dessa série - com o pseudônimo Dr. Bogoloff⁵⁹. Tecendo comentários sobre a edição do jornal *A Noite*, provavelmente do dia anterior, volta suas atenções particularmente para a coluna “Ecos e Novidades”. “O primeiro tópico tratava das medidas sociais que os maximalistas russos pretendem pôr em prática, estando entre elas a supressão das heranças. O redator da seção ria-se da idéia; e, constantemente, aludia à Praia Vermelha, isto é, ao Hospício”.⁶⁰

Como se vê, tratava-se de uma questão de grande interesse para Lima Barreto, visto que a supressão das heranças era um dos itens do seu “manifesto maximalista”. Assim sendo, o escritor não hesita em expressar sua discordância com o redator da seção:

“Julgo, portanto, que o apreciado comentador dos ‘Ecos’ da popular *A Noite* não deve ter, assim, um sorriso escarninho pelas maluquices dos russos, tanto mais que as idéias que eles querem fazer passar para o campo prático de há muito são debatidas e conhecidas por toda a Europa que lê.

“A nossa preguiça mental leva-nos a fugir do estudo desses problemas que, há tantos anos, estão no taboleiro das idéias. Quando sabemos de surpresa que alvitres dessa natureza foram tomados em qualquer parte, achamos muito tolamente que não passam de fantasias de malucos e não vale a pena discuti-las.

“Ao terem notícias deles os nossos sábios doutores fazem girar o anel simbólico, no indicador, e, superiormente, dão de ombros: mas Nicolau II, é bom lembrar, foi para a Sibéria e ainda está lá o Romanoff.

“Entretanto, na Europa, não há quem não tome a sério essas idéias extremadas; e aqueles aos quais essas medidas radicais, por isso ou aquilo, não agradam, tratam de combatê-las, em jornais e revistas, mantidos certamente pelos que têm interesse em que elas não se venham a realizar.

“Uma idéia só pode ser morta pela sua discussão, em que seja mostrado à evidência o absurdo dela. A arma que a pode matar é a inteligência. Só o diamante lapida o diamante. Chamar os arautos dessas concepções extremadas, loucos, nada adianta, pois não lhes destroem as teorias, que ficam de pé, ao alcance de outros que vierem”.⁶¹

⁵⁹BARRETO, A. H. de Lima. “Do Duque de Lafões a Budha”. *A Lanterna*, Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1918. Ou no Arquivo Lima Barreto, pasta 879-A. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos.

⁶⁰ *Ibidem*.

⁶¹ *Ibidem*.

Lima Barreto procura conferir ao debate uma outra qualidade, chamando o interlocutor para uma discussão teórica sobre as idéias que respaldam uma tal medida. Colocando-se em oposição ao redator dos “Ecos” d’ *A Noite*, o escritor busca retirar o debate da esfera das ofensas, das agressões e do escárnio, desmontando a estratégia que consiste em desqualificar o interlocutor, para da mesma forma desacreditar os seus argumentos. E na defesa do seu ponto de vista, resgata os fatos, lembrando Nicolau II e Romanoff, o que justifica um diálogo “sério” sobre “essas idéias extremadas”. Por isso, o último parágrafo fecha o artigo com uma segura e prudente recomendação:

“Alonguei-me e não pude aconselhar ao redator da seção do jornal citado que não embale os interessados na permanência das heranças com tão fugaz argumento. O mundo, diz o povo, dá muitas voltas; e, até hoje, ninguém as pôde calcular e prever que direção tomam”.⁶²

Entre os “nossos sábios doutores”, que fazem girar “o anel simbólico” no indicador, e a sabedoria popular, que não esquece que o mundo dá muitas voltas sem que se possa calculá-las ou mesmo prever a direção que tomam, Lima Barreto há muito já escolhera de que lado ficar. Certamente não é junto aos que dão de ombros com desprezo e arrogância diante das notícias que chegam da Rússia, porque nestes reconhece a “superstição do doutor” ou a “doutoromania”⁶³. Prefere a humildade do que “diz o povo” e procura investir e acreditar nas idéias que estão no “taboleiro”, ainda que sejam idéias extremadas.

⁶² *Ibidem*.

⁶³ BOTELHO, Denilson. “A superstição do doutor” in “**A pátria que quisera ter era um mito**” - Uma introdução ao pensamento político de Lima Barreto. Campinas, 1996. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Depto. de História da Unicamp, mimeo).

Segundo Francisco de Assis Barbosa, biógrafo do escritor, *A Lanterna* é um dos órgãos da “imprensa libertária” onde Lima Barreto passa a divulgar “suas idéias maximalistas”, após o desaparecimento d’*O Debate* ⁶⁴ - jornal que publicou alguns de seus artigos mais críticos e contundentes.

Embora utilize *A Lanterna* como tribuna para criticar uma seção específica d’*A Noite*, aparentemente Lima Barreto é bastante grato a este jornal de Irineu Marinho. Foi nas páginas d’*A Noite*, entre março e julho de 1915, que Lima Barreto publicou em folhetins, a convite de Irineu Marinho, o romance *Numa e a Ninfa*. Posteriormente, ao publicá-lo em livro, dedicaria o volume ao dono d’*A Noite*, numa demonstração de gratidão. Portanto, o alvo de suas críticas é mesmo o redator da seção “Ecos e Novidades”.

D’*O Cosmopolita* vem um outro artigo ainda inédito em livro, intitulado “Receita republicana”⁶⁵, publicado em 20 de julho de 1918. Este jornal é um órgão sindical dos empregados na indústria hoteleira que começou a circular em dezembro de 1917 e apoiava abertamente a Revolução Russa, que apresentou logo nos primeiros números como uma vitória do proletariado mundial. É também mais um dos periódicos para os quais Lima Barreto passa a escrever com o fim d’*O Debate*.⁶⁶ E no artigo citado, retoma um assunto já abordado, ou seja, o pagamento de juros de apólices, que considera “um dos males do orçamento da República, um dos seus cancrios”, ou simplesmente “papel sujo” que o governo deve simplesmente não pagar.⁶⁷

⁶⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 212.

⁶⁵ BARRETO, A. H. de Lima. “Receita republicana”. **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1918. Ou no Arquivo Lima Barreto, pasta 879-A. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos.

⁶⁶ SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966. p. 363.

⁶⁷ BARRETO, A. H. de Lima. “Receita republicana”. **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1918. Ou no Arquivo Lima Barreto, pasta 879-A. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos.

Dentre os órgãos da imprensa em que escreveu, devemos registrar também a passagem de Lima Barreto pelo periódico em que publicou o maior número de artigos e crônicas ao longo de sua trajetória na imprensa. A *Careta* começou a circular em 1908 e foi criada por Jorge Schimidt. Integrando a geração de revistas ilustradas que assinalam o início da fase da fotografia, em que a ilustração se liberta das limitações da litografia e da xilogravura, a *Careta* disputa as preferências dos leitores do início do século com a *Revista da Semana* - já emancipada do *Jornal do Brasil* -, *O Malho*, que circula a partir de 1902, a *Kosmos*, de 1904, e a *Fon-Fon*, que veio à público um ano antes da *Careta*, em 1907.⁶⁸ Além das páginas da *Careta*, Lima Barreto se fez presente também n' *O Malho* (em 1919) e na *Fon-Fon*, da qual foi redator nos seus primeiros meses de circulação e onde escreveu utilizando os pseudônimos "Philéas Fogg" e "S. Holmes"⁶⁹.

Contando com o traço inconfundível de J. Carlos - cuja história quase se confunde com a da *Careta*, já que se fez presente em suas páginas ao longo de vários anos - a revista circulava semanalmente aos sábados, com cerca de 44 páginas. Recém-nascida, tinha pela frente a disputada campanha presidencial de 1910, entre Hermes da Fonseca e Rui Barbosa. Embora ainda não contasse com o nome de Lima Barreto em suas páginas, ambos - o escritor e a revista - formariam do mesmo lado da trincheira, apoiando a candidatura civilista de Rui Barbosa. Esta eleição dividiu a imprensa da época: aderiram à proposta civilista, além da *Careta*, o *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *O Século* e *A Notícia* ;

⁶⁸ SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966. p. 343-344.

⁶⁹ Ver BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 133. BARRETO, A. H. de Lima. **Correspondência**. São Paulo, Brasiliense, 1956. Tomo I, pp. 161-164.

tomaram posição ao lado de Hermes da Fonseca o *Jornal do Comércio*, *Jornal do Brasil*, *O País*, *A Tribuna*, *Revista da Semana* e *O Malho*.⁷⁰

Ao contrário do que já acontecera em outra revista, como a *Fon-Fon*, por exemplo, na qual apesar de ocupar a função de redator, Lima Barreto não encontrou o espaço que desejava para expor as suas idéias, com a *Careta* surgirá um longo e profícuo relacionamento, onde diversas vezes terá publicado mais de um texto por edição. Na *Fon-Fon*, como redator, aos 26 anos de idade, já manifestava a mesma preocupação com o tema das eleições. Cobrindo logo no primeiro número, em 13 de abril de 1907, o pleito para o Conselho Municipal, a revista comenta com ironia a “fantasia das últimas eleições municipais” e o “sistema de votação póstuma”. Mas a função que ocupava na redação não lhe garantiu espaço para mais do que três crônicas⁷¹ durante o primeiro ano de circulação da revista. Talvez por isso, já em junho, terceiro mês de vida da *Fon-Fon*, Lima Barreto escreveria uma carta (que não se sabe se foi ou não enviada) a Mário Pederneiras, um dos fundadores da revista, comunicando o seu afastamento, que só viria a se concretizar no final daquele ano. Já na *Careta* foram 8 anos de assídua colaboração na forma de artigos e crônicas.

Mas voltando ao debate sobre as idéias socialistas, cabe destacar um artigo de Oliveira Lima, intitulado “Idéias russas - I”⁷², que consiste no primeiro de uma série de artigos deste autor, em que analisa os acontecimentos em curso na Rússia, nos anos de 1917 e 1918. Este texto foi publicado no mesmo *A.B.C.* no qual Lima Barreto também escrevia na época, tendo sido recortado por Lima Barreto e incluído na sua coleção particular de recortes de

⁷⁰ SODRÉ, N. W. *Op. cit.*, p. 375.

⁷¹ Lima Barreto publicou essas crônicas na *Fon-Fon* assinadas com os seguintes pseudônimos: “Falsificações”, em 20 de abril de 1907, e “Um novo sport”, em 13 de julho de 1907, por Philéas Fogg; “O fio de linha”, em 11 de maio de 1907, por S. Holmes.

jornais⁷³, numa atitude reveladora do modo como o escritor se organizava para dialogar com seus interlocutores.

Convém ressaltar que Oliveira Lima foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras e que sempre viu com bons olhos a literatura produzida por Lima Barreto. Foi assim no lançamento de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, recebido com uma crítica bastante favorável, na qual se lia que “o Major Quaresma viverá na tradição, como um Dom Quixote nacional”⁷⁴. A boa receptividade repetiu-se com a publicação em livro de *Numa e a Ninfa*, quando afirmou que “ninguém hoje, no Brasil, cultiva o gênero literário do romance com tanto talento e tanta felicidade quanto esse ironista sem rebuscos nem artifícios”⁷⁵, referindo a Lima Barreto. E a mesma admiração verifica-se na minguada correspondência que ambos chegaram a trocar⁷⁶.

Pelas cartas que trocaram, descobre-se que Oliveira Lima também prometeu ler com “interesse e gosto” a 2ª edição de *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, que Lima Barreto lhe enviara. Além disso, percebe-se que o respeitoso diálogo estabelecido na correspondência retoma o tema do artigo do acadêmico sobre as idéias russas, publicado no *A.B.C.* em 1918.

Antes contudo, é interessante lembrar que nos primeiros anos após a Proclamação da República, Oliveira Lima envolveu-se em renhida polêmica com Eduardo Prado, a respeito da influência dos Estados Unidos sobre o Brasil. A polêmica materializou-

⁷² LIMA, Oliveira. “Idéias russas” in *A.B.C.*, 11 de maio de 1918.

⁷³ Lima Barreto colecionava diversos recortes de jornais e revistas. Arquivo Lima Barreto 879-A. Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos.

⁷⁴ LIMA, Oliveira. “Policarpo Quaresma” in *O Estado de São Paulo*, 13 de novembro de 1916. Mais tarde, em 1956, este texto se tornaria prefácio do referido romance, na edição da Brasiliense.

⁷⁵ LIMA, Oliveira. “Numa e a Ninfa” in *O Estado de São Paulo*, 18 de agosto de 1917.

⁷⁶ BARRETO, A. H. de Lima. *Correspondência*. São Paulo, Brasiliense, 1956. Tomo II, p. 37-41.

se em dois livros. O primeiro foi *A ilusão americana*, de Eduardo Prado⁷⁷, lançado em 1893, cujo texto assumidamente panfletário fazia um alerta antiamericano. Em meio ao estado de sítio decretado por Floriano Peixoto, o livro foi apreendido e proibido sob a alegação de propagandear a restauração monárquica. Em 1899, Oliveira Lima publicou *Nos Estados Unidos*,⁷⁸ uma defesa aberta desse país, cujo modelo político se mostrava, aos olhos do autor, como o único a ser seguido.

Lima Barreto nutria certo ódio aos Estados Unidos, entre outros motivos, por causa do modo violento como o racismo se disseminara naquele país. Nesse debate, preferia posicionar-se junto a Eduardo Prado⁷⁹, embora não fosse monarquista. E numa carta de 29 de junho de 1919, perguntava a Oliveira Lima: “eu, homem de cor, mulato, etc. etc., posso e devo concorrer de alguma forma para reforçar a influência ou o predomínio, no Brasil, dos Estados Unidos; e, também, se não é minha obrigação de modesto homem da pena combater de todas as maneiras essa influência?”⁸⁰

Na resposta, Oliveira Lima argumenta que nunca foi a favor do predomínio americano sobre o Brasil, que sempre esteve infenso ao pan-americanismo e mostrou-se “partidário de uma *entente cordiale* de igual para igual”. Diante da indagação de Lima Barreto, “responderei que não há o menor perigo de que esse prejuízo entre jamais na nossa psicologia”. Afinal, observa: “O Brasil foi sempre, socialmente, uma democracia, que a

⁷⁷ PRADO, Eduardo. *A ilusão americana*. São Paulo, IBRASA, 1980.

⁷⁸ LIMA, Oliveira. *Nos Estados Unidos*; impressões políticas e sociais. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1899.

⁷⁹ Sobre o livro de Eduardo Prado, escreveria em 1919: “Se lêssemos os autores corajosos, sinceros e honestos, veríamos bem que os processos políticos dos Estados Unidos são os mais ignóbeis possíveis; que eles têm por todos nós um desprezo rancoroso e humilhante; que quando falam em liberdade, em paz e outras coisas bonitas, é porque premeditam alguma ladroeira ou opressão”. Ver: BARRETO, A. H. de Lima. “São capazes de tudo ...” in *Bagatelas*. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 155-156. (Publicado em 6 de janeiro de 1919). *A Ilusão Americana* constava na *Limana* (nº 216) e, pelos comentários feitos por Lima Barreto, deduz-se que foi efetivamente lido.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 39.

política quer converter em oligarquia, mas não o logrará porque a resistência é por assim dizer automática, e aí temos, e ainda bem, para fortalecê-la, a inundação maximalista”⁸¹.

Uma tal afirmação não surpreenderia Lima Barreto, pois no artigo que recortara e selecionara para sua coleção, Oliveira Lima desenvolvera uma análise dos desdobramentos que se seguiram à Revolução Russa - servindo-se em larga escala de uma entrevista concedida por Lênin a um jornalista americano - que o levava a fazer o seguinte alerta:

“É bom que toda a gente se vá inteirando de tais idéias porque são as do futuro. Pelo menos assim o julgam os chefes revolucionários maximalistas que na Rússia se têm mantido no poder contra toda a expectativa estrangeira e mal grado os vexames a que os sujeitou a celebração da paz”⁸².

Acompanhado a atuação de Lima Barreto nos diversos jornais e revistas em que escreveu, bem como os interlocutores com os quais debateu suas idéias, vai-se tecendo o seu perfil político. Passados aqueles primeiros anos de quase “anonimato” e da busca do reconhecimento literário, que só viria com a publicação do *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, podemos identificar uma fase intermediária de aproximação e encantamento com as idéias e o movimento anarquista. Um período marcado pela conquista de novos espaços na imprensa da época e pelo envolvimento cada vez maior com as questões políticas da década de 1910. E podemos observar também que a partir de 1916 e 1917 intensifica-se a sua presença em vários pequenos jornais e revistas, através dos quais exercerá sua militância literária, tornando-se cada vez mais um intelectual engajado na luta política por mudanças que

⁸¹ *Ibidem*, p. 40.

⁸² LIMA, Oliveira. “Idéias russas - I” in *A.B.C.*, 11 de maio de 1918

levassem o Brasil a viver uma revolução nos moldes da que ocorrera na Rússia em 1917, ou seja, de caráter socialista.

Contudo, há que se ressaltar que, embora tivesse explicitado sua adesão aos ideais maximalistas que tanto o fascinavam na época, Lima Barreto jamais aceitou submeter-se à qualquer doutrina política. Ao longo de sua curta trajetória de vida e de militante das letras, fez questão de que prevalecesse a sua liberdade de pensamento e de opinião e, sobretudo, a sua autonomia e independência, tendo recusado filiar-se a grupos ou correntes políticas. As páginas do *A.B.C.*, por exemplo, nos dão testemunho desta sua opção:

“Não sei quem foi que disse que a Vida é feita pela Morte. É a destruição contínua e perene que faz a vida.

“A esse respeito, porém, eu quero crer que a morte mereça maiores encômios.

“(…) A vida não pode ser uma dor, uma humilhação de contínuos e burocratas idiotas; a vida deve ser uma vitória. Quando, porém, não se pode conseguir isto, a morte é que deve vir em nosso socorro.

“A covardia mental e moral do Brasil não permite movimentos de independência; ela só quer acompanhadores de procissão, que só visam lucros ou salários nos pareceres. Não há entre nós, campo para as grandes batalhas de espírito e inteligência. Tudo aqui é feito com o dinheiro e os títulos. A agitação de uma idéia não repercute na massa e quando esta sabe que se trata de contrariar uma pessoa poderosa, trata o agitador de louco.

“(…) O que é preciso, portanto, é que cada qual respeite a opinião de qualquer, para que desse choque surja o esclarecimento do nosso destino, para própria felicidade da espécie humana.

“Entretanto, no Brasil, não se quer isto. Procura-se abafar as opiniões para só deixar em campo os desejos dos poderosos e prepotentes.

(…) Dessa forma, quem, como eu nasceu pobre e não quer ceder uma linha da sua independência de espírito e inteligência, só tem que fazer elogios à Morte”.⁸³

Temos acima um dentre vários outros artigos em que o escritor reafirma sua condição de independência, sobrepondo-se a sua inegável militância maximalista, apesar do

desencanto com o país e a sensação de derrota. Estranhamente, este artigo de 1918 presta homenagem à morte que, precocemente, o retiraria de combate quatro anos mais tarde.

Diante da trajetória percorrida por Lima Barreto na imprensa do Rio de Janeiro do início do século XX, em que procuramos identificar alguns dos interlocutores com os quais manteve um diálogo político, cabe retomar a questão central desta tese: como situar o escritor no campo político da época? Vimos como ele próprio se declarou um anarquista, depois maximalista e socialista, embora paralelamente reafirme sua independência política frente a essas ideologias ou correntes políticas. Então, como definí-lo politicamente?

Ao invés de considerá-lo como contraditório ou independente, dada a imprecisão com que desenvolve seus argumentos, convém observar que no próprio seio do movimento operário há muita imprecisão também. Segundo Claudio Batalha, apesar das análises clássicas sobre o movimento sindical no Rio de Janeiro apontarem uma suposta hegemonia do anarquismo antes de 1930, o que se verifica é a existência de um mosaico de tendências e ideologias, que reproduzem as diferentes posições do movimento operário na Europa⁸⁴.

A fim de propiciar uma melhor compreensão dessas tendências, Batalha as agrupa em duas grandes linhas comuns de ação: o sindicalismo libertário ou de ação direta e o sindicalismo reformista ou os amarelos.

⁸³ BARRETO, A. H. de Lima. "Elogio da morte" in *A.B.C.*, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1918. Ver também: *Marginália*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 42-3.

⁸⁴ BATALHA, Claudio H. de Moraes. *Le syndicalisme "amarelo" a Rio de Janeiro (1906-1930)*. These de Doctorat de l'Université de Paris I. Paris, 1986. P. 164. Uma versão resumida da tese foi publicada recentemente no Brasil: *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000. Sobre a historiografia, que incluem as análises clássicas, do movimento operário ver: BATALHA, Claudio H. de Moraes. "A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências" in FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo, Contexto, 2000.

“[...] D’une part, le syndicalisme libertaire ou d’action directe – privilégié dans la plupart des analyses – composé d’une variété de tendances anarchistes e du syndicalisme révolutionnaire; d’autre part, les amarelos (jaunes) – ignorés dans la plupart des analyses – que baptisés ainsi avec dérision par leurs adversaires, étaient en réalité un groupement hétéroclite de socialistes, républicains sociaux, positivistes et réformistes de plusieurs types”⁸⁵.

Uma terceira tendência deve ser considerada, a partir de 1922, com a fundação do Partido Comunista do Brasil, o PCB.

O fato é que entre os adeptos da ação direta é notória a influência anarquista, dominante no cenário do movimento operário da Primeira República, embora sejam minoritários no Rio de Janeiro. Destacam-se entre os princípios que defendiam a rejeição de intermediários no conflito entre trabalhadores e patrões; a condenação à organização partidária e à política parlamentar; a proibição da existência de funcionários pagos nos sindicatos; a adoção de direções colegiadas e não-hierárquicas; a reprovação dos serviços de assistência nos sindicatos; a recusa da luta por conquistas parciais; e a defesa da greve como principal forma de luta, apontando para a greve geral. Esses princípios estiveram presentes nas resoluções dos congressos operários realizados em 1906, 1913 e 1920⁸⁶.

Sob o guarda-chuva do sindicalismo revolucionário ou de ação direta, abrigam-se todas correntes do anarquismo internacional. Como assinala Batalha, reina uma certa “confusão ideológica”⁸⁷ no nascente movimento operário brasileiro.

Já os amarelos ou reformistas, corrente menos influente – embora mais visível na Capital, principalmente junto aos portuários e ao setor de transportes - e adversária da anterior, defendem concepções políticas sobre o funcionamento dos sindicatos que eram

⁸⁵ *Ibidem.*, pp. 164-165.

⁸⁶ *Ibidem.*, pp. 164-184. Ou: BATALHA, Claudio H. de Moraes. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000. p. 29.

compartilhadas por socialistas de diferentes matizes, positivistas, republicanos sociais e sindicalistas pragmáticos. Entre os princípios que defendiam destacam-se a necessidade de organizações duradouras, fortes e financeiramente sólidas para alcançar seus objetivos; o caráter mutualista, como forma de garantir a permanência dos associados, pagando suas mensalidades; a greve como último recurso, jamais como um fim em si mesmo, pois o que importava era a obtenção de ganhos, ainda que parciais; que as reivindicações fossem intermediadas por advogados, políticos e autoridades; a consolidação dos ganhos através das leis, já que toda conquista obtida podia ser provisória; e a participação na política oficial e a apresentação de candidatos operários às eleições legislativas⁸⁷.

Em meio a tão variadas correntes ideológicas que disputam espaço na sociedade e, particularmente, no movimento operário, ressaltar o anarquismo ou o socialismo de Lima Barreto pode significar muito pouco. Afinal, se vimos o escritor algumas vezes defender a ação direta, recusando muitas vezes os canais e os meios oficiais de condução das demandas populares e dos trabalhadores, numa atitude que supostamente estaria em consonância com algumas correntes do anarquismo; o vimos também valorizar o parlamento, os programas políticos em detrimento dos nomes que se colocam a sua frente, as eleições e os meios formais de se fazer política tão ao gosto de correntes ligadas aos socialistas, por exemplo.

Deslocando o escritor do contexto histórico e político em que viveu, suas idéias podem se apresentar um tanto quanto incoerentes ou contraditórias, mas inseridas na “confusão ideológica” – apontada por Batalha - que caracteriza o período, torna-se possível

⁸⁷ *Ibidem.*, p. 166.

⁸⁸ *Ibidem.*, pp. 164-184. Ou: BATALHA, Claudio H. de Moraes. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000. p. 33.

compreender o significado da sua militância político-literária. Afinal, “même les syndicats dits d’obédience anarchiste étaient loin de montrer une cohérence idéologique”⁸⁹.

Note-se ainda mais uma vez que estamos tratando de uma militância que se desenvolve no âmbito dos jornais e revistas, circunscrevendo-se nos limites no mundo das letras da República Velha. Lima Barreto nunca foi um operário ou sequer um militante sindical. Sua aproximação dos temas políticos em discussão na arena do movimento operário se dá através da sua colaboração para a imprensa, em que o seus textos devem ser tomados como acontecimentos que movem a história, e não como mera representação do passado. Como observa Todorov,

“Sozinhas, as idéias não fazem história, as forças sociais e econômicas também agem; mas as idéias não são apenas puro efeito passivo. De início tornam os atos possíveis; em seguida, permitem que sejam aceitos: trata-se, afinal de contas, de atos decisivos. Se eu não acreditasse nisso, por que teria escrito este texto, cujo objetivo é também agir sobre os comportamentos?”⁹⁰

No que diz respeito a filiação ideológica, tudo nos leva a crer que Lima Barreto, não age de forma singular ou muito diferente da conduta que tiveram as próprias lideranças políticas do movimento operário. A história do movimento sindical brasileiro durante a Primeira República é sobretudo a história dos seus dirigentes, que fazem prevalecer muito mais os seus pontos de vista do que os seus programas ou o que preceitua a doutrina político-ideológica a qual se filiam⁹¹.

⁸⁹ *Ibidem.*, pp. 171-172.

⁹⁰ TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros; a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993. Volume 1. Pp. 14-15.

⁹¹ BATALHA, Claudio H. M. *Le syndicalisme “amarelo” a Rio de Janeiro (1906-1930)*. These de Doctorat de l’Université de Paris I. Paris, 1986. P. 173.

Não é à toa que os quadros do PCB, ao ser fundado em 1922, virão surpreendentemente, na sua maioria, dos militantes do anarquismo (que negavam a via partidária) e não do socialismo, como aconteceu no resto do mundo⁹².

Portanto só é possível compreender a militância de Lima Barreto analisando a sua trajetória na literatura e na imprensa – tal como fizemos – e contextualizando-a em meio aos embates políticos e ideológicos dos quais o escritor pretendeu participar.

⁹² *Ibidem*, p. 181.

Capítulo 5

Livros, leituras e idéias

Em artigo sobre a história da leitura, Robert Darnton teceu a seguinte observação: “um catálogo de uma biblioteca particular pode servir como um perfil do leitor, ainda que não tenhamos lido todos os livros que nos pertencem e tenhamos lido muitos livros que nunca adquirimos”. Portanto, “o estudo das bibliotecas particulares tem a vantagem de unir o ‘o quê’ com o ‘quem’ da leitura”¹.

Neste último capítulo é nossa intenção proceder justamente a uma breve análise de uma biblioteca particular, com o objetivo de concluir o perfil que vimos traçando das idéias políticas do leitor e proprietário da mesma. Trata-se na verdade de um inventário que Lima Barreto fez dos livros de sua biblioteca em 1917. Em 1º de setembro desse ano, o escritor resolveu começar a fazer uma lista dos cerca de 700 livros que abrigava no seu quarto da casa onde morava, no subúrbio de Todos os Santos. No caderno que contém o inventário, fez a seguinte anotação logo na primeira folha: “Este livro é destinado a inventariar as obras existentes na minha pequena biblioteca. O catálogo farei depois, por intermédio dele”². Certamente não podemos afirmar que Lima Barreto leu todos os livros de sua biblioteca

¹ DARNTON, Robert. “História da Leitura” in BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, Editora da Unesp. 1992. P. 208.

² Arquivo Lima Barreto. Ref. 883. Biblioteca Nacional. Seção de Manuscritos.

particular, mas podemos supor que eles representam um mapa dos interesses literários do escritor.

Com sua caligrafia nem sempre de fácil leitura, dividiu cada página do caderno em três colunas e foi lançando, metodicamente, na primeira coluna, um número - em sequência, de 1 a 800 - para cada volume; na segunda coluna, os respectivos nome do autor e o título da obra; e na terceira coluna, observações a respeito do volume, como por exemplo, se era encadernado ou brochura. Pelo caderno percebe-se ainda a localização física - ou topográfica - dos livros dispostos nas prateleiras das quatro estantes e duas mesas de trabalho que disputavam espaço com a cama do seu quarto. Duas estantes eram maiores e tinham cinco prateleiras, a outra tinha quatro prateleiras e uma pequena apenas duas.

A iniciativa realizada apenas 5 anos antes do seu falecimento não deu origem a um catálogo, como anunciara inicialmente. E o inventário, embora metódico, não se revela um primor de organização. Não constam informações preciosas como as notas tipográficas dos livros - local, editora e data da publicação. É frequente também a indicação do autor apenas através do sobrenome. E a numeração dos livros em sequência, que de início faz supor que temos 800 títulos na Limana - nome que o escritor atribuiu a sua biblioteca - contém alguns inexplicáveis saltos, sendo o mais expressivo deles o do volume 447 para o 551. Daí que encontremos somente 707 obras no caderno e não 800.

A razão pela qual nos debruçamos sobre o inventário da Limana e não sobre a própria Limana é porque esta não mais existe. Na ocasião do falecimento de Lima Barreto, a biblioteca foi doada pela família do escritor como forma de agradecimento a José Mariano Filho, que custeara as despesas do sepultamento. Mas José Mariano Filho aparentemente não dera tanta importância aos livros que recebera de presente, abandonando-os no porão de sua

chácara em Jacarepaguá. Desta forma, traças e cupins encarregaram-se de devorar o precioso acervo.³

Como observa Tania Bessone, “a preservação de bens culturais tem-se mantido como um problema que não deixou para trás suas limitações. Pelo contrário, aumenta dia-a-dia sua atualidade. Inúmeras bibliotecas se perderam por falta de recursos para mantê-las”⁴. Ao estudar a biblioteca de Francisco Ramos Paz, um imigrante português que se instalou no Rio de Janeiro no século XIX e tornou-se um bibliófilo, a autora nos mostra que este acervo teve um destino diferente da Limana e da maioria dos acervos particulares. Graças a Arnaldo Guinle, que arrematou a biblioteca de Paz - falecido em 1919 - por 75 contos num leilão e doou-a à Biblioteca Nacional, seus livros foram preservados⁵.

Guardadas as devidas proporções entre uma e outra biblioteca, visto que o bibliófilo reunira 11 mil volumes em seu acervo, enquanto Lima Barreto cerca de 700 títulos, se compararmos os destinos que ambas tiveram, nota-se que os livros de Paz salvaram-se ao serem incorporados ao acervo da secular Biblioteca Nacional, já a Limana teve fim semelhante a tantas outras:

“Os acontecimentos têm mostrado, de forma implacável, que o fim de muitas bibliotecas ocorre de forma amiadada e que a diminuição da prática do mecenato e a crescente ausência do poder público as colocam à mercê de diversas pragas: as físicas, como pragas de insetos, fungos e inundações; e as humanas, com oportunismos de toda sorte. Geralmente, para formá-las, foram necessários muitos anos e tenacidade, mas para desmanchá-las basta um comerciante inescrupuloso ou um herdeiro desavisado”⁶.

³ BARBOSA, Francisco de Assis. “Prefácio” in BARRETO, A. H. de Lima. **Recordações do escrívão Isaías Caminha**. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 22.

⁴ BESSONE, Tania Maria. **Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920**. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1999. P. 176.

⁵ *Ibidem*. O Capítulo 3 é dedicado a Francisco Ramos Paz e sua trajetória de bibliófilo.

A biblioteca de Lima Barreto parece ter sido devorada tanto por pragas físicas quanto humanas, pois a família do escritor não viu naquelas centenas de livros nada além da oportunidade de demonstrar gratidão pelo gesto derradeiro de José Mariano Filho.

Mesmo diante dessas limitações, vemos no inventário da Limana uma oportunidade singular de conhecer melhor ainda o suposto perfil do leitor Lima Barreto. Além de contribuir de alguma forma para os estudos sobre a leitura que vem ganhando espaço na historiografia, certamente estamos contribuindo efetivamente para a compreensão das idéias políticas esposadas por este escritor. Segundo Francisco de Assis Barbosa,

“A Limana reflete, contudo, a própria formação intelectual de Lima Barreto. Ali estão os autores prediletos do escritor, a começar por Balzac e a terminar em Descartes, com o *Discours de la Méthode*, que lera ainda na juventude, na sua fugaz incursão pelos domínios do Apostolado Positivista Brasileiro. Lá também estão: Rousseau, Renan, Spencer, Taine, Brunetiere, Guyau, Bouglé, para lembrar tão-somente os mais constantemente citados na obra do improvisado bibliotecário, além dos teóricos ou simples vulgarizadores do socialismo ou do anarquismo, como Benoit-Malon, Hamon, Malato, Eltzbacher, Kropotkine”.⁷

A idéia de procurar conhecer um pouco mais sobre a formação intelectual de um indivíduo através da sua biblioteca particular está sugerida no trecho acima, extraído da biografia do escritor, e não é original - embora até aqui a Limana não tenha sido objeto de qualquer estudo. Foi a leitura do ensaio de Eduardo Frieiro sobre a biblioteca do Cônego Luís Vieira da Silva⁸, um dos integrantes do movimento que ficou conhecido como a Inconfidência Mineira, que instigou-nos bastante a olhar para a Limana com mais atenção. Com o

⁶ *Ibidem.* p. 176.

⁷ BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1988. P. 249.

⁸ FRIEIRO, Eduardo. **O Diabo na Livraria do Cônego**. São Paulo, Editora Itatiaia / Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

sugestivo título de *O Diabo na Livraria do Cônego*, Frieiro desenha um perfil da personalidade do inconfidente que acumulara cerca de 270 obras num tempo em que era proibido ter livros no Brasil. Naturalmente o autor serviu-se também de outras fontes, entre elas os *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira*, publicados pela Biblioteca Nacional.

Sobre a biblioteca de Machado de Assis também já escreveu Jean-Michel Massa⁹. Sua análise pauta-se na seleção dos títulos de acordo com o país de origem das obras, contendo uma classificação do conteúdo da biblioteca segundo esse critério. Este artigo instigou-nos a pensar sobre a forma mais adequada de analisar a Limana. No mesmo século XIX de Machado de Assis, um manual de orientação para livreiros organizado por Brunet¹⁰ propunha algumas categorias como forma de catalogar os livros de acordo com os assuntos. Tais categorias surgiram como resultado da rotina empregada na catalogação de bibliotecas européias e de algumas bibliotecas do Rio de Janeiro. Segundo Bessone, que adotou o “método” de Brunet para algumas bibliotecas que analisou, a classificação dos livros os dividiria entre os seguintes assuntos: Teologia, Jurisprudência, Ciências e Artes, Belas-Letras e História. A autora acrescentou ainda uma categoria de “Periódicos” e registrou também aqueles casos em que não foi possível definir o assunto como “Não identificados”.

Note-se que, além do bibliófilo Francisco Ramos Paz, Bessone privilegia em seu estudo bibliotecas de médicos e advogados. Nesse sentido, a classificação proposta por Brunet lhe foi útil e também lhe possibilitou empregar categorias em uso na época estudada, escapando assim de cometer qualquer anacronismo.

⁹ MASSA, Jean-Michel. “La Bibliothèque de Machado de Assis” in *Revista do Livro* - Órgão do Instituto Nacional do Livro / MEC. Rio de Janeiro, Ano VI, nº 21-22, março-junho 1961, pp. 195-238.

¹⁰ BESSONE, Tania M. *Op. Cit.* P. 179.

No caso da Limana, optamos por investir o máximo possível no que o seu inventário pode nos oferecer, sem contudo recorrer a Brunet como fez a autora supracitada. Vejamos então o que aquela biblioteca de Todos os Santos tem a nos dizer por si mesma.

Inicialmente convém tecer algumas considerações sobre os idiomas dos livros que Lima Barreto acumulara. Observando o universo de 707 títulos listados no inventário, concluímos que trata-se de uma biblioteca predominantemente francesa, pois 423 títulos estão em francês. Seguem-se o português, com 225 títulos, o italiano, com 23, o espanhol, com 10 e o inglês com 9.

Tudo indica que o escritor lia fluentemente o francês e este era o seu idioma preferido em caso de traduções de obras originalmente escritas em outras línguas, como o inglês. Ou seja, é provável que diante de uma obra em inglês ou qualquer outro idioma e sua tradução para o francês, Lima Barreto optasse pela segunda. É o caso, por exemplo, da obra de Thomas Huxley (1825-1895), naturalista e viajante inglês, que na Limana aparece com o título em francês *Évolution et Origine des Espèces*, ao invés do idioma original. Ou do escritor italiano Gabriele D'Annunzio (1863-1938), autor de poesias, peças de teatro e romances que se encontra traduzido para o francês em *Le Martyre de St. Sébastien*, ao invés do próprio italiano de origem.

O fato de mais da metade da Limana constituir-se de livros em francês também pode ser explicado pela forte influência francesa que paira sobre o Rio de Janeiro do início do século XX. Afinal, Pereira Passos não foi o nosso Haussman tropical – numa clara alusão ao prefeito parisiense? E não coube ao nosso Haussman abrir os novos boulevards com os quais se pretendia modernizar a cidade colonial? Não surpreende portanto que tal influência se

fizesse presente também no ramo livreiro, em que se destacava um Garnier e sua célebre livraria no centro do Rio de Janeiro.

Outro fator a ser considerado é que não dispunhamos tão fartamente de traduções para o português, como ainda hoje não dispomos, ainda que este problema atualmente seja bem menos grave do que naquela época. O leitor assíduo daquele tempo tinha que ser necessariamente versado em outras línguas, sob pena de não entrar em contato com o que se publicava de mais significativo pelo mundo afora.

Assim, nota-se que Lima Barreto lia comumente publicações em francês e consta até que falecera abraçado a um exemplar dentre os inúmeros que adquirira da *Revue des Deux Mondes*.¹¹ Somados os livros em francês (423) e em português (225) temos um perfil dos idiomas predominantes na Limana. Tudo indica que não fosse o escritor versado em alemão, russo e qualquer língua oriental, pois pelo menos estas não aparecem em sua biblioteca.

O tema mais recorrente entre os seus livros é, como se poderia esperar, a literatura – com 178 títulos entre os 707 listados. São romances de toda ordem, clássicos da literatura universal – principalmente a francesa – e textos sobre literatura, como crítica e história da literatura.

Entre os autores brasileiros no campo da literatura, aquele que se faz presente com mais títulos é Machado de Assis (1839-1908), com três romances: *Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Esau e Jacó*. Há também um texto deste escritor numa obra coletiva sobre o Marquês de Pombal publicada por ocasião do centenário da sua morte, em 1882, pelo Club de

¹¹ BARBOSA, F. de A. *Op. Cit.* P. 275. “Lima Barreto sentara-se na cama, enquanto Evangelina dispunha a bandeja no travesseiro, que havia colocado sobre as pernas do doente. Uma hora depois, retornando ao quarto, encontraria o irmão morto. Continuava sentado, abraçado a um volume da *Revue des*

Regatas Guanabara. Mas a presença dos romances de Machado nas estantes dessa biblioteca confirmam o que Sérgio Buarque de Holanda comentou sobre as impressões que teve de Lima Barreto ao conhecê-lo em 1922, mesmo ano em que viria a falecer.

Holanda, que exerceu a crítica literária durante as primeiras décadas de sua atividade intelectual, observou certo despreço de Lima Barreto pela obra de Machado de Assis, que julgava inferior à de Aluísio de Azevedo.

“É muito possível que entrasse em tais manifestações menos uma convicção firmada do que o ressentimento de quem, zeloso ao extremo da própria originalidade, não tolerava de bom grado as filiações literárias que esboçava a crítica do tempo. Não é talvez descabido, a esse respeito, notar que num inventário dos livros da biblioteca de Lima Barreto, organizado em 1917 [...] não consta nenhum livro de Aluísio Azevedo, ao passo que lá estão as obras mais conhecidas de Machado”¹².

E de fato o que se verifica é a ausência de Aluísio de Azevedo, embora seja sempre importante lembrar que o inventário da Limana não é uma lista dos livros que o escritor leu, mas apenas dos livros que possuía. Portanto, não é possível confirmar tal juízo de valor pela simples ausência de Azevedo na sua biblioteca, já que Lima Barreto bem poderia ter manifestado semelhante parecer com base em leituras feitas em bibliotecas públicas ou em livros emprestados.

Além disso, investigando um outro conjunto de fontes constituído pela crítica literária exercida por Lima Barreto verifica-se que as suas convicções à respeito de Machado são bem diversas de um suposto ressentimento, tal como Holanda havia sugerido. Esse

Deux Mondes”. O autor descreveu este momento com base no relato de Evangelina de Lima Barreto, irmã do escritor.

¹² HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Em torno de Lima Barreto” in **Cobra de vidro**. São Paulo, Perspectiva, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978. P. 134. Este artigo

conjunto de artigos de crítica estão em grande parte reunidos no volume *Impressões de Leitura*¹³ e foram publicados inicialmente em jornais e revistas do Rio de Janeiro como: *Revista Contemporânea* (1918-1919), *Careta* (1920-1922), *A.B.C.* (1918-1922), *Gazeta de Notícias* (1920-1921) e outros.

Em artigo para a *Revista Contemporânea*, de 10 de maio de 1919, o livro em questão é de autoria de Nestor Vitor com o título de *A Crítica de Ontem*, publicado por Leite Ribeiro & Maurillo neste mesmo ano. Após reproduzir alguns trechos da obra, com os quais Lima Barreto parece concordar, destaca o que seria um dos seus pontos altos:

“Este estudo, que tem toda a atualidade, dá bem a medida da capacidade de crítica do Senhor Nestor Vitor, da sua aguda visão intelectual, da sua independência de julgar; e o seu paralelo entre Machado de Assis e José de Alencar, é profundo, exato, verdadeiro, embora executado em ligeiras proposições.

“Pela primeira vez, li alguma coisa sobre Machado de Assis, em que não se falasse profundamente, transcendentalmente sobre o humorismo, sobre os autores ingleses, etc., etc.

“Nós todos temos a mania de procurar sempre a verdade muito longe. O caso de Machado de Assis é um deles. Ele e a sua vida, o seu nascimento humilde, a sua falta de títulos, a sua situação de homem de côr, o seu acanhamento, a sua timidez, o conflito e a justaposição de todas essas determinantes condições de meio e de indivíduo, na sua grande inteligência geraram os disfarces, estranhezas e singularidades do Brás Cubas, sob a atenta vigilância do autor sobre ele mesmo e a sua obra.

“Penso que um estudo nessa direção explicaria melhor Machado de Assis, do que todos os Lambs, Swifts, Thackerays e outros autores da Grã-Bretanha, Escócia, Irlanda e ilhas adjacentes. Para fazê-lo, preciso é franqueza, além de não esquecer os seus primeiros livros; e o Senhor Nestor Vitor tem aquela qualidade de sobra e é de boa memória”.¹⁴

foi parcialmente publicado pela primeira vez no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, em 23 e 30/01/1949, tornando-se em seguida prefácio de *Clara dos Anjos* na edição da Editora Brasiliense de 1956.

¹³ BARRETO, A. H. de Lima. *Impressões de Leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956.

¹⁴ BARRETO, A. H. de Lima. “A Crítica de Ontem” in *Revista Contemporânea*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1919. Ou: *Impressões de Leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956. Pp. 250-1.

Não se percebe ressentimento em relação a Machado nas palavras de Lima Barreto. Nota-se sua preocupação em indicar o melhor caminho para explicar o autor de *Brás Cubas*, que é analisar as determinantes ou as condições do meio e da própria trajetória individual do escritor que fizeram surgir a sua obra. Determinantes essas que, curiosamente se assemelham aquelas que nortearam também a obra de Lima Barreto: nascimento humilde, falta de títulos, a côr, o acanhamento e a timidez.

Fica implícito nesse artigo que não há um questionamento quanto ao valor ou importância da obra de Machado de Assis, mas sim o reconhecimento da sua relevância para a literatura brasileira. Tanto é que a discussão gira em torno da forma mais conveniente de se explicar o significado da sua obra, que enseja a rejeição de métodos baseados em teóricos estrangeiros e a defesa do estudo da trajetória e das condições de vida do escritor.

Além de Machado, podemos destacar alguns outros literatos que aparecem na Limana e, coincidentemente, fazem parte do que Roberto Ventura chamou de “geração de 1870”¹⁵, como José Veríssimo, Sílvio Romero e Araripe Júnior. São autores que chegaram ao auge da sua produção durante o turbulento período de transição entre a escravidão e o trabalho livre, a monarquia e a república, e que se caracterizaram pelas intensas polêmicas literárias travadas através da imprensa.

De José Veríssimo (1857-1916), o crítico literário que descobriu a *Floreal* de Lima Barreto em 1907, constam algumas obras na Limana. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, dirigiu a *Revista Brasileira* da qual haviam 16 volumes encadernados na biblioteca do escritor. Além disso, lá também estavam *Estudos de literatura* e *Que é a literatura*, do mesmo autor.

¹⁵ VENTURA, Roberto. **Estilo tropical**; história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

De Araripe Júnior (1848-1911), também membro fundador da ABL existiam dois textos dos menos conhecidos que são na verdade estudos sobre José de Alencar e Gregório de Matos. Não manteve relações pessoais com Lima Barreto, mas acusou o recebimento de *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* que lhe foi enviado por ocasião do lançamento. Se não chegou a publicar nenhuma crítica à respeito do volume, dando-lhe a divulgação que o autor certamente almejava, pelo menos enviou-lhe um cartão agradecendo pelo “belo livro” que “leu com o mais vivo prazer, devendo dizer-lhe que esse romance contém páginas muito intensas, principalmente na parte referente à psicologia da redação de um jornal, como é o Globo, onde se retratam as misérias do ofício da imprensa”¹⁶. Pelo visto, o romance lhe agradara, mas não a ponto de tornar públicas tais impressões.

Desse grupo, Sílvio Romero (1851-1914) foi certamente o polemista mais exacerbado. Dele, Lima Barreto possuía apenas sua *História da Literatura Brasileira*, publicada inicialmente em 1888 e com 2ª edição em 1902-1903.

Dentre os demais autores nacionais ligados à literatura que poderíamos mencionar, cabe ainda destacar Monteiro Lobato (1882-1948). O editor de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, publicado em 1919, e autor de *Urupês* e *Negrinha* teve esses dois livros – que constavam na biblioteca de Lima Barreto - analisados em artigo intitulado “A Obra do criador de Jeca-Tatu”, que veio à público pela *Gazeta de Notícias* de 11 de maio de 1921.

É evidente a admiração que o escritor nutre por Lobato, embora dele tenha divergido respeitosamente quanto aos problemas da vida no campo tratados no *Problema Vital*. Enquanto Lobato defendia a urgência do saneamento, Lima Barreto preconizava que o

¹⁶ BARRETO, A. H. de Lima. **Correspondência**. São Paulo, Brasiliense, 1956. Tomo I, p. 201. Cartão de Araripe Júnior a Lima Barreto.

nosso problema vital era o latifúndio, para o qual apontava sua artilharia verbal.¹⁷ Mas no artigo acima referido, “o criador de Jeca-Tatu é um caso muito curioso nas nossas letras. Tendo uma forte capacidade de trabalho propriamente literário, ele é ainda por cima um administrador excelente, um editor avisado, um ativo diretor de uma revista sem igual no Brasil de hoje”¹⁸.

A *Revista do Brasil*, editada por Monteiro Lobato recebe entusiasmados elogios de quem conhece as dificuldades da imprensa da época e já se aventurara a ter sua própria revista que malograra no quarto número:

“Ela se publica na cidade de São Paulo e é a *Revista do Brasil*, já bem conhecida aqui, no Rio de Janeiro.

“Com uma clarividência difícil de se encontrar em brasileiro, o Senhor Monteiro Lobato conseguiu atrair para ela a atenção de todas as atividades intelectuais deste vasto país, como diz a canção patriótica, e fazê-la prosperar, como prospera.

“Não está no seu primeiro ano, não está no terceiro; está no quinto de sua útil existência – coisa rara entre nós”.¹⁹

Três anos antes, em 1918, Lobato já tentara trazer Lima Barreto para o grupo de colaboradores da sua revista. Do convite resultaria a publicação de *Gonzaga de Sá*, e já se notava naquela época que a admiração nesse caso era mútua. Lobato citava as principais qualidades que reconhecia no literato, procurando seduzí-lo a participar da sua publicação:

“Prezadíssimo Lima Barreto,

“A *Revista do Brasil* deseja ardentemente vê-lo entre os seus colaboradores. Ninho de medalhões e perobas, ela clama por gente

¹⁷ LOBATO, Monteiro. *O problema vital*. São Paulo, 1919. BARRETO, A. H. de Lima. “O problema vital” in *Bagatelas*. São Paulo, Brasiliense, 1956. P. 162.

¹⁸ BARRETO, A. H. de Lima. “A obra do criador de Jeca-Tatu” in *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de maio de 1921. Ou: *Impressões de Leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956. Pp. 107-11.

¹⁹ *Ibidem*.

interessante, que dê coisas que caiam no gosto do público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõezinhas de *toilette* gramatical que inutiliza metade de nossos autores. Queremos contos, romances, o diabo, mas à moda do *Policarpo Quaresma*, da *Bruzundanga*, etc. A confraria é pobre, mas paga, por isso não há razão para Lima Barreto deixar de acudir ao nosso apelo”.²⁰

Detalhe curioso nesta carta é que, provavelmente por ter sugerido que Lima Barreto faria uma espécie de contraponto aos “medalhões e perobas” que já colaboravam na revista, Lobato faz-lhe um pedido ao final da missiva: “PS – Pelo amor de Deus, leia e rasgue isto”. O gesto revela a cumplicidade que se estabeleceria entre ambos, permitindo que Lobato lhe segredasse a real impressão que tinha dos “medalhões”? Nesse caso, o editor da *Revista do Brasil* parece ter sido também um bom administrador de egos.

Apesar das inúmeras correspondências que Lima Barreto e Monteiro Lobato trocaram, parece que só se viram frente a frente uma única vez.. Em carta a Francisco Schettino, datada de 21 de abril de 1921, Lima Barreto comenta brevemente: “Conheci Lobato e ele já me enviou pra aqui diversos livros editados por ele. Encontro simples e cordial”²¹. Encontrava-se o escritor a caminho de Mirassol e passando por São Paulo foi visitar o editor²². Contudo, 20 dias depois, no artigo em que analisava a obra de Lobato na *Gazeta de Notícias*, afirmava que “só epistolarmente conheço o autor do *Urupês*”²³. É provável que o artigo tenha sido escrito antes do citado encontro, embora sua publicação só tenha ocorrido depois.

²⁰ BARRETO, A. H. de Lima. **Correspondência**. São Paulo, Brasiliense, 1956. Tomo II. P. 49. Carta de Monteiro Lobato a Lima Barreto, de 2 de setembro de 1918.

²¹ **Ibidem**. p. 122.

²² BARBOSA, F. de A. **op. cit.** P. 264.

²³ BARRETO, A. H. de Lima. “A obra do criador de Jeca-Tatu” in **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 11 de maio de 1921. Ou: **Impressões de Leitura**. São Paulo, Brasiliense, 1956. Pp. 107-11.

Mas voltando à crítica literária, Lima Barreto observa que o Jeca-Tatu que emerge de *Urupês*, um volume de contos, não é o símbolo do roceiro, do sertanejo ou do caboclo que se pretendeu lhe atribuir: “Monteiro Lobato não quis simbolizar em Jeca-Tatu, nem o sertanejo, nem coisa alguma”²⁴. É o vale do rio Paraíba do Sul na parte de São Paulo que Lobato quis descrever: “ele viu sua decadência; ele relembra seu esplendor passado”²⁵. Tanto em *Urupês* quanto em *Negrinha*, ou ainda em *Cidades Mortas* – livro sobre o qual Lima Barreto expressa predileção embora não faça parte da *Limana* -, o que “Lobato vê e sente é o seu Taubaté, o seu Guaratinguetá”, sem pretensões de alçar o seu Jeca-Tatu a símbolo nacional, pois “tais pretensões são cabíveis nos transcendentais autores que ninguém lê”. Para Lima Barreto, a impressão geral que Lobato lhe causa é a seguinte:

“Toda a sua obra é simples e boa, animada pela poesia da sua terra, seja ela pobre ou farta, seja agreste ou risonha: mas é cheia de sadia verdade a sua literatura.

“A sua visualidade artística e literária, apesar da limitação do campo, abrange um arco de horizonte muito mais amplo do que o do comum dos nossos escritores.

“O que se evolva de suas palavras não é ódio, não é rancor, não é desprezo, apesar da ironia e da troça; é amor, é piedade, é tristeza de não ver o ‘Jeca’ em condições melhores”²⁶.

Em última instância, Lima Barreto compartilhava com Monteiro Lobato o ideal comum de ver o homem do campo desfrutando de melhores condições de vida e trabalho, ainda que os meios mais adequados para alcançar esse ideal passassem antes por uma necessária reforma agrária que fizesse desaparecer a “fazenda”, o latifúndio.

²⁴ BARRETO, A. H. de Lima. “A obra do criador de Jeca-Tatu” in *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de maio de 1921. Ou: *Impressões de Leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956. P. 109.

²⁵ *Ibidem*.

²⁶ *Ibidem*.

Nestes artigos de crítica literária, Lobato é um dos poucos elogiados, em contraposição, por exemplo, a Coelho Neto (1864-1934), alvo recorrente de ataques, ainda que não tenha sequer conquistado uma vaga nas estantes da Limana. O primeiro petardo é lançado por ocasião da sua nomeação para a diretoria-geral do Teatro Municipal. Através d'A *Estação Teatral*, Lima Barreto contesta a conveniência de se entregar a Coelho Neto a iniciativa de se tentar criar uma corrente de autores e uma escola dramática junto ao Teatro recém construído em plena Avenida Central.

“Decididamente, o imortal romancista está ficando um ditador das nossas letras; e me parece, vai sair-nos um Porfírio Diaz da pena. Tem em cada jornal de importância um embaixador; possui na Academia um bando, o dos *cabots*; é conselheiro dos editores e, agora, toma conta do maior teatro oficial do Brasil.

“Não há remédio! Qualquer que seja o caminho que tomemos, o encontro com ele é inevitável. Ai dos vencidos!

Tenho até certa admiração por Coelho Neto; mas essa ditadura dá-me medo, por isso simplesmente por isso, saio-lhe na frente, antes que me possa fuzilar.

“Não posso compreender que a literatura consista no culto ao dicionário; não posso compreender que ela se resuma em elucidações mais ou menos felizes dos estados d'alma das meninas de Botafogo ou de Petrópolis; não posso compreender que, quando não fôr esta última coisa, sejam narrações de coisas de sertanejos; não posso compreender que ela não seja uma literatura de ação sobre as idéias e costumes; não posso compreender que ela me exclua dos seus personagens nobres ou não, e só trate de Coelho Neto; não posso compreender que seja caminho para se arranjar empregos rendosos ou lugares na representação nacional; não posso compreender que ela se desfaça em ternuras por Mme Y, que brigou com o amante, e condene a criada que furtou uns alfinetes – são, pois, todas essas razões e motivos que me levam a temer que a ditadura de Coelho Neto me seja particularmente nociva”.²⁷

Acuado diante da ascensão de Coelho Neto, Lima Barreto assume abertamente o confronto com um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras, que usa

habilmente as suas relações sócio-profissionais para obter colocações como esta, à frente do Teatro Municipal. Julgando-se um dos “vencidos”, questiona os pressupostos que supostamente regeriam a criação literária de Coelho Neto. Seria este o ponto que retomaria anos mais tarde, ao cobrar-lhe “um critério filosófico ou social seguro”²⁸. Em nova e virulenta crítica, desta vez nas páginas da *Revista Contemporânea*, declara que “o Senhor Coelho Neto é o sujeito mais nefasto que tem aparecido no nosso meio intelectual”²⁹ porque deturpa e amesquinha a nossa literatura fazendo crer ao público brasileiro que a missão do literato “é escrever bonito, fazer brindes de sobremesa, para satisfação dos ricos”³⁰.

Se no título desse artigo o autor coloca-se em dúvida ao modo pelo qual deve caracterizar o alvo de suas críticas – trata-se, afinal, de um histrião ou de um literato? -, ao concluí-lo anuncia a certeza de que ao rebaixar a sua arte para simples prazer dos ricos, Coelho Neto não passa de um histrião sem qualquer compromisso com os nossos problemas ou a nossa realidade:

“O que me move escrever estas linhas é, como escritor, como literato que tem fé na sua atividade, protestar contra a deturpação que o Senhor Neto tem querido impor à consciência do Brasil a respeito do que seja literatura.

“[...] A missão da literatura é fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade.

“Onde está isso na obra do Senhor Neto? Onde está isto nos seus cinquenta e tantos volumes?

²⁷ BARRETO, A. H. de Lima. “Qualquer coisa” in *A Estação Teatral*, Rio de Janeiro, 24 de junho de 1911. Ou: *Impressões de Leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956. P. 261.

²⁸ BARRETO, A. H. de Lima. “Histrião ou Literato?” in *Revista Contemporânea*, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1918. Ou: *Impressões de Leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956. P. 189.

²⁹ *Ibidem*, p. 189.

³⁰ *Ibidem*, p. 190.

“Viveu no interior e só sabe dar uma máscara do sertanejo. É homem da moda e não entende a alma de uma criada negra”.³¹

Por trás dessas críticas virulentas endereçadas a Coelho Neto, há uma situação concreta que deve ser considerada. Esses dois escritores construíram trajetórias diametralmente opostas: enquanto a de Coelho Neto foi marcada pelo êxito incontestável, sendo um literato muito lido na Primeira República, Lima Barreto compôs o retrato do fracasso, muitas vezes custeando as despesas de suas edições cuja vendagem era com frequência insatisfatória – e o seu diário dá testemunho disso. Talvez isto explique, em parte, o tom agressivo com o qual Lima Barreto se referia a Coelho Neto.

O fato é que Neto e Barreto tinham também concepções bem diversas sobre qual deveria ser a finalidade da literatura. Vejamos o que a Lima tem a nos dizer sobre a concepção de literatura forjada por Lima Barreto. No texto de uma conferência que acabou jamais proferindo e que veio à público pelas páginas da *Revista Sousa Cruz*, o escritor apresenta a seguinte indagação:

“Muitas vezes todos vós que me ouvis, haveis de formular intimamente, de vós para vós mesmos, ao topardes, em um jornal ou em uma revista, com um soneto ou um artigo, perguntas como estas: para que serve ‘isto’? [...] Em que pode a Literatura, ou a Arte contribuir para a felicidade de um povo, de uma nação, da humanidade, enfim?”³²

Nota-se que, pela maneira de formular as questões, não existe literatura que não seja engajada para o escritor. A Arte tem que ter uma finalidade, um objetivo, tem que estar à serviço de alguma causa, não pode ser mero diletantismo ou servir apenas para tornar a vida

³¹ *Ibidem*, p. 190.

³² BARRETO, A. H. de Lima. “O Destino da Literatura” in *Revista Sousa Cruz*, Rio de Janeiro, out./nov. de 1921. Ou: *Impressões de Leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956. P. 55-56.

mais bela e engraçada ou menos enfadonha. “São perguntas naturais e espontâneas que não há um homem que as não tenha feito no seu foro íntimo e que eu mesmo as fiz, quando, há cerca de vinte anos, me pus juvenilmente a escrever para o público, em revistas e jornalecos [...]”³³. Assim sendo, para responder a tais questões, são citados os principais referenciais teóricos que influenciaram o seu conceito de arte e literatura. Lá figuram Tolstói, Taine, Brunetiere e Guyau.

Do escritor russo Leon Tolstoi (1828-1910) constam cinco títulos na sua biblioteca particular: *La Réssurrection, Souvenirs, Shakespeare, Les Cosaques* e *Qu'est-ce que l'Art?* Sobre este último há citações e comentários no texto da conferência não proferida. Remete-se a “sólida e acessível obra – O que é a Arte?”³⁴ para explicar que a definição de Arte geralmente baseia-se no conceito de beleza ou do se seja o belo. E “essas definições de arte, em que se inclui a Literatura, sugerem logo a interrogação: o que é a Beleza?”³⁵

Para Lima Barreto, convém buscar a resposta para essa questão em Hippolyte Taine (1828-1893), filósofo, historiador e crítico literário francês do qual possuía os seguintes textos: *Vie et Opinions de F. T. Graindorge, Nouveaux Essais de Critique et d'Histoire, Philosophie de l'Art, La Littérature Anglaise, Origens de la France Contemporaine* e *Essais de Critique et d'Histoire*. Taine fez escola entre críticos literários ao propor que se tentasse compreender a obra de um escritor considerando basicamente a influência de três fatores: a raça, o meio e o tempo em que viveu o autor em questão. No mesmo artigo, aparece Taine e sua definição de beleza, segundo o escritor:

³³ *Ibidem*, p. 56.

³⁴ *Ibidem*, p. 57.

³⁵ *Ibidem*, p. 57.

“A Beleza, para Taine, é a manifestação, por meio dos elementos artísticos e literários, do caráter essencial de uma idéia mais completamente do que ela se acha expressa nos fatos reais.

“Portanto, ela já não está na forma, no encanto plástico, na proporção e harmonia das partes [...].

“Não é um caráter extrínseco de obra, mas intrínseco, perante o qual aquele pouco vale. É a substância da obra, não são as suas aparências.

“Sendo assim, **a importância da obra literária [...] deve residir na exteriorização de um certo e determinado pensamento de interesse humano**, que fale do problema angustioso do nosso destino [...] e aluda às questões de nossa conduta de vida”.³⁶

Para reforçar tal pressuposto, afirma ainda que essa é também a concepção de Ferdinand Brunetiere (1849-1906), o crítico literário francês do qual possui uma *Littérature Française* em suas estantes, e de Jean-Marie Guyau (1854-1888), filósofo francês autor de *Arte sob o ponto de vista sociológico* – título que não aparece no inventário da Limana. Lima Barreto se refere a Guyau como “genial filósofo, esteta, moralista e poeta, morto prematuramente aos trinta e três anos” que também não vê a beleza como algo exterior ao objeto e concebe a literatura como expressão de um pensamento.³⁷

Assim, na concepção de literatura almejada pelo escritor, a importância da obra literária não está nos “atributos externos de perfeição de forma, de estilo, de correção gramatical, de ritmo vocabular, de jogo e equilíbrio das partes em vista de um fim”³⁸, mas sim na sua capacidade de transmitir habilmente uma idéia, um pensamento ou um sentimento. É assim que o literato resume o sentido que pretendeu imprimir a sua obra:

“[...] A arte literária se apresenta com um verdadeiro poder de contágio que a faz facilmente passar de simples capricho individual, para traço de união, em força de ligação entre os homens, sendo capaz, portanto, de concorrer para o estabelecimento de uma harmonia entre eles, orientada para um ideal

³⁶ *Ibidem*, p. 58-9. O grifo é meu.

³⁷ *Ibidem*, p. 65-6.

³⁸ *Ibidem*, p. 58-9.

imenso em que se soldem as almas, aparentemente mais diferentes, reveladas, porém, por ela, como semelhantes no sofrimento da imensa dor de serem humanos.

“É por aí, segundo a minha humilde opinião, que devemos orientar a nossa atividade literária, e não nos ideais arcaicos e mortos”.³⁹

O que estaria por trás desse ideal de literatura cuja missão é disseminar a união, a ligação ou a solidariedade entre os homens capaz de soldar as almas “aparentemente mais diferentes”? Mais do que os livros que leu e colecionou ao longo da vida, o que talvez se revele em tal concepção é a herança das relações paternalistas vigentes na sociedade escravista do século XIX. Aos olhos de Lima Barreto, o regime republicano fora incapaz de resolver as desigualdades sociais resultantes de três séculos de escravidão. E além disso, pôs fim ao paternalismo que, embora se sustentasse pela força, também permitira que um mulato como ele, neto de uma escrava, tivesse como padrinho de batismo o Visconde de Ouro Preto, que mais tarde custearia os seus estudos.

Tendo em vista que, com a República, instalara-se uma nova ética e escala de valores em que se destaca o arrivismo, a concepção de literatura do escritor parece impregnada de um certo saudosismo dessa pseudo-solidariedade ou falsa união que deu sustentação à sociedade escravista que sucumbiu em 1888. Podemos supor que Lima Barreto considerava que na monarquia as desigualdades sociais eram evidentes, mas existiam laços de solidariedade entre senhores e escravos. Com a República, agravaram-se as desigualdades e a solidariedade desapareceu.

Essa concepção de literatura como forma de intervenção na realidade deve ser compreendida à luz de algumas idéias políticas das quais o escritor se aproximou. A Limana pode ser vista como um testemunho desta aproximação. Retomando então a análise do

inventário de sua biblioteca, já vimos que a literatura é o tema com maior número de títulos nas estantes de Lima Barreto. Outro tema que se destaca é a História: são no total 63 livros que contemplam a história da França, Inglaterra, Roma, Itália, Espanha, Portugal, Estados Unidos, o Oriente, a América, a Grécia Antiga, a Idade Média e a Pré-história. Nota-se um interesse amplo e diversificado pela história em geral e pela história do Brasil em particular. Convém lembrar que na juventude, aos 22 anos de idade, o escritor registrara em seu diário a intenção de produzir algo neste campo: “No futuro, escreverei a *História da Escravidão Negra no Brasil* e sua influência na nossa nacionalidade”⁴⁰. Se não o fez, pelo menos colecionou alguns exemplares da historiografia pátria, como algumas clássicas *Histórias do Brasil* de Southey, Frei Vicente do Salvador (duas edições) e Matoso Maia. Possuía também *D. João VI*, de Manuel de Oliveira Lima, *A ilusão americana*, de Eduardo Prado e as *Falas do Trono do Imperador do Brasil*, de 1828 a 1872, entre outros.

A Filosofia também é outro tema que se destaca na Limana, incluindo-se aí os autores relacionados ao positivismo. Entre os estrangeiros constam *Philosophie Positive*, de Bourdet, *La Philosophie Positive* e *L'Oeuvre et la vie d'Auguste Comte*, ambos de Robinet, outro *La Philosophie Positive* de Jules Rig e *La Morale Evolutioniste* de Herbert Spencer. É possível que tais livros tenham entrado na vida do escritor no período em que foi contaminado pelo “sarampo positivista”⁴¹, ainda no final do século XIX. Segundo o biógrafo Francisco de Assis Barbosa, em 1897 Lima Barreto “com certeza frequentou”⁴² o templo do Apostolado Positivista erguido na rua Benjamin constant, no qual Teixeira Mendes pregava o “catecismo” Comteano para jovens de 14 a 21 anos. A pregação deve ter seduzido o jovem Afonso, pois

³⁹ *Ibidem*, p. 62.

⁴⁰ BARRETO, A. H. de Lima. *Diário íntimo*. São Paulo, Brasiliense, 1956. P. 33.

⁴¹ BARBOSA, F. de A. *op. cit.* A expressão foi empregada pelo autor nas páginas 61-62.

⁴² *Ibidem*, p. 62.

até *O Regulamento das Escolas do Exército*, de Teixeira Mendes ele adquiriu, assim como *Filosofia Positiva no Brasil*, de Clóvis Beviláqua, *Filosofia Positiva*, de Teófilo Braga e o curioso título *Teoria das Quantidades Negativas*, de Benjamin Constant.

Mas como sugere o seu biógrafo, o positivismo parece ter sido passageiro, pois o próprio escritor o admitiria em 1920, num comentário sobre a sua juventude: “Nessa idade, porém, não tinha a mínima preocupação literária; havia até abandonado o meu Júlio Verne e todo eu era seduzido para o positivismo e cousas correlatas”⁴³. O sarampo passou, mas certamente deixou suas marcas. Afinal, aquela literatura que tinha como objetivo estabelecer a solidariedade entre os homens também guarda um certo cheiro, ainda que distante, de um positivismo requentado.

A reconstrução da trajetória intelectual de Lima Barreto passa pela sua concepção de literatura, pelo positivismo e tem o seu ponto alto nos seus “namoros” com as idéias anarquistas e socialistas. Nesse sentido, a Limana pode contribuir significativamente para a compreensão da militância político-literária do escritor. São quatro os títulos sobre anarquismo que fizeram parte da sua biblioteca particular: *Entraide*, de Kropotkine, *Filosofia del Anarquismo*, de C. Malato, *Socialismo y Anarquismo*, de Hamon e *O Anarquismo*, de Paulo Eltzbacher.

Segundo Claudio Batalha, o anarquismo começa a se difundir no Brasil a partir de 1890, através de grupos de propaganda e de periódicos, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Entre os teóricos de maior influência sobre o país está justamente o russo Kropotkine (1842-1921), um dos representantes da corrente anarco-comunista que dominou o

⁴³ BARRETO, A. H. de Lima. “Vários Autores e Várias Obras” in *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1920. Ou: *Impressões de leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956. P. 97.

anarquismo internacional a partir de 1880.⁴⁴ Fazia parte do ideário dos anarquistas propostas como o antiestatismo, o federalismo, a recusa da luta político-parlamentar, o anticlericalismo e a rejeição de qualquer forma de opressão sobre o indivíduo. Havia ainda uma divergência entre os anarquistas que se dividiam em anarco-comunistas e anarco-individualistas, visto que os primeiros defendiam a ação coletiva e outros a ação individual.⁴⁵

Podemos acrescentar ainda mais duas obras da Limana relacionadas ao socialismo: *Le Socialisme Utopique*, de Lichtenberger e *Le Socialisme Intégral*, de Benoit-Malon. O socialismo difundido no Brasil entre o final do século XIX e o início do XX tem como características predominantes o ecletismo e o forte viés cientificista e positivista que conduziam a uma proposta de fundo reformista.⁴⁶ Ainda segundo Batalha, “Benoît Malon representa, sem dúvida, a principal fonte de influência do socialismo europeu entre os grupos socialistas brasileiros desse período”.⁴⁷ É interessante observar as linhas gerais dessa proposta socialista que circulou pelo Brasil e provavelmente foi lida por Lima Barreto nesse momento:

“O socialismo integral de Malon sintetiza as suas concepções de um socialismo fortemente influenciado pelo positivismo e pela tradição humanista francesa, que pretende englobar não apenas a luta política e econômica, mas todos os campos da atividade humana, como a ciência, a filosofia e a moral. Nessa obra, o autor vê duas vias para a ação dos socialistas: a via revolucionária e a via das reformas possíveis.

“A primeira só seria possível em certos momentos de crise, raros na história dos povos, e as tentativas intempestivas poderiam piorar dolorosamente o presente e comprometer gravemente o futuro (a experiência da Comuna de Paris está na raiz dessa análise).

⁴⁴ BATALHA, Claudio H. M. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000. P. 23

⁴⁵ *Ibidem*, p. 24.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 22.

⁴⁷ BATALHA, Claudio H. M. “A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX” in **História do Marxismo no Brasil**. Campinas, Editora da Unicamp, 1995. Volume II. P. 22

“Já a segunda via poderia ser trilhada em qualquer momento, o que o leva a concluir: ‘sejamos revolucionários quando as circunstâncias o exigirem e reformistas sempre’.

Para atingir seus fins, segundo Malon, os socialistas devem ter como programa, entre outros pontos, os seguintes:

- estimular todas as formas de organização do proletariado, como as cooperativas de consumo e, sobretudo, os sindicatos;
- lutar por uma legislação internacional do trabalho;
- criar instâncias de arbitragem dos conflitos entre capital e trabalho, compostas por patrões e representantes sindicais dos trabalhadores;
- buscar a administração estatal das instituições de crédito, das estradas de ferro, das minas e canais, e dos grandes estabelecimentos siderúrgicos;
- bem como a administração pela comuna (municipalidade) dos transportes, do fornecimento de energia, do serviço de águas e dos grandes estabelecimentos comerciais.

Estes dois últimos pontos - o controle estatal e o controle comunal - constituem o que Malon chama de ‘coletivismo reformista’. E, dentro da via reformista, os socialistas devem procurar alcançar seus objetivos arrancando o máximo de concessões do poder através da pressão do sufrágio universal, até que seja alcançada uma maioria parlamentar ‘bem intencionada e consciente das reformas mais imediatas necessárias’.⁴⁸

Se voltarmos aos artigos de Lima Barreto sobre o maximalismo, publicados no período da Revolução Russa e das greves operárias de 1917 e 1918 no Rio de Janeiro e em São Paulo, podemos supor que há naqueles textos alguma influência que os aproxima da máxima professada por Malon: “sejamos revolucionários quando as circunstâncias o exigirem e reformistas sempre”. Não seria de todo absurdo enxergar nos seus artigos a influência de Malon. Em “No ajuste de contas”, por exemplo, que ficou conhecido como “manifesto maximalista”, formula quatro propostas para uma “reforma social” no Brasil:

“A muitos leitores parecerão absurdas essas idéias; não pretendo convencer desde já todos, espero que o tempo e o raciocínio irão despertar neles simpatia por elas e a convicção de sua utilidade social. Apelo para todos aqueles que não têm a superstição da lei, dos códigos, [...]; quanto a tais chacais e hienas a serviço dos burgueses, eu tomo a liberdade de dizer-

⁴⁸ *Ibidem*, p. 23.

lhes que, tarde ou cedo, sem eles ou com eles, há de se fazer uma reforma social contra o 'Direito' de que são sacerdotes, pois o seu deus já está morto no coração da massa humana e só falta enterrá-lo [...]"⁴⁹.

E encerra o artigo avisando: "Iremos, porém, devagar e por partes; e, logo acabada esta guerra que é o maior crime da humanidade, [...] nós, os brasileiros, devemos iniciar a nossa Revolução Social, com essas quatro medidas que expus. Será a primeira parte; as outras, depois"⁵⁰. Aí aparecem claramente propostas de caráter reformista e a ameaça revolucionária condicionada pelas circunstâncias - neste caso, a Grande Guerra.

Portanto, essa breve "visita" ao inventário dos livros que compunham a Limana coloca-nos diante de autores que possivelmente foram lidos por Lima Barreto, e que podem nos revelar um pouco mais sobre a sua militância político-literária, como é o caso de *Le Socialisme Intégral*, de Benoit-Malon. Se não revelam, pelo menos reafirmam algumas impressões que temos sobre o universo das idéias políticas no qual se move o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Reafirmam o perfil eclético e impreciso do anarquismo e do socialismo professado pelo escritor. Ecletismo que de tão impreciso, talvez até mesmo confuso, levam-no a afirmar, vez por outra, uma suposta independência e autonomia política.

Mas o fato é que Lima Barreto militou sim na defesa de idéias anarquistas e socialistas, ainda que ele próprio não tivesse clareza absoluta sobre o teor dessas doutrinas, misturando concepções ora de uma corrente de pensamento, ora de outra – como, aliás, procediam até mesmo as lideranças do movimento operário e sindical nesse momento. Trata-se de uma militância que restringiu-se efetivamente ao mundo das letras, posto que jamais foi visto cerrando fileiras com os operários em greve, nas ruas, diante da polícia. O que tinha a

⁴⁹ BARRETO, A. H. de Lima. "No ajuste de contas" in **Bagatelas**. São Paulo, Brasiliense, 1956. Pp. 95-96.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 96.

oferecer aos operários era a sua palavra e assim publicou em alguns dos seus jornais suas letras militantes.

Do recôndito da sua casa em Todos os Santos, a sua “Vila Quilombo” no “refúgio dos infelizes” - como chamava o subúrbio do Rio daqueles tempos -, resgatamos para estas páginas a história do engajamento político de Lima Barreto. Não para levá-lo ao panteão dos heróis populares. Fosse esse o nosso objetivo, não desvendaríamos aqui episódios de racismo explícito do escritor, ou em que acreditava-se dotado de uma cultura superior àquela dos seus vizinhos negros e suburbanos – episódios que boa parte da bibliografia insiste em não abordar.

Sobre Lima Barreto já se produziram as mais variadas sentenças, desde aquelas que o julgaram um monarquista e liberal, até um anarquista subversivo. Sabemos agora como se construiu a sua pregação anarquista e socialista, tendo por base a sua trajetória na imprensa e na literatura, o seu processo de se fazer escritor, os debates políticos em que se envolveu e até mesmo os livros que possivelmente leu e colecionou.

Fontes

1. Biblioteca Nacional:

1.1. Seção de Manuscritos:

Arquivo Lima Barreto

1.2. Seção de Periódicos:

Careta, 1915-1922

O Debate, 1917

Revista Contemporânea, 1918-1919

Fon-Fon, 1907

O Malho, 1919

A Voz do Trabalhador, 1913

O Paiz, 1922

"A.B.C. - Questões sociais, políticas, letras e atualidades", 1915-1922

Correio da Noite, 1913-1915.

Hoje, 1919-1922

Gazeta de Notícias, 1920-1922

Gazeta da Tarde, 1911

Braz Cubas, 1918-1919

A Estação Theatral, 1910-1911

Floreal, 1907.

2. Arquivo Edgard Leuenroth / Unicamp:

2.1. Arquivo Astrojildo Pereira

3. Obras completas de Lima Barreto (17 volumes), publicadas pela Brasiliense em 1956:

I – Recordações do Escrivão Isaías Caminha

II – Triste fim de Policarpo Quaresma

III – Numa e a Nínia

IV – Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá

V – Clara dos Anjos

VI – História e Sonhos

VII – Os Bruzundangas

VIII – Coisas do Reino do Jambon

IX – Bagatelas

X – Feiras e Mafuás

XI – Vida Urbana

XII – Marginália

XIII – Impressões de Leitura

XIV – Diário Íntimo

XV – O Cemitério dos Vivos

XVI – Correspondência. 1º Tomo.

XVII – Correspondência. 2º Tomo.

BIBLIOGRAFIA:

- ABREU, Marcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP, Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo, Fapesp, 1999.
- ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Dois Pontos Editora Ltda., 1986.
- AIEX, Anoar. **As idéias sócio-literárias de Lima Barreto**. São Paulo: Vértice / Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- ANTÔNIO, João. **Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- AZEVEDO, Elciene. **Orfeu de Carapinha; a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo**.
- BANDEIRA, Moniz, CLOVIS, Melo e ANDRADE, A. T. **O ano vermelho; a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- BANN, Stephen. **As invenções da História; ensaios sobre a representação do passado**. São Paulo, Unesp, 1995.
- BARATIN, Marc e JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente**. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2000.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- BARBOSA, Marialva Carlos. **As representações do "Correio da Manhã" na pena de escrivão Lima Barreto; a introdução do jornalismo em moldes empresariais no Rio de Janeiro da Belle Époque no discurso ficcional**. Niterói: 1988. (mimeo.)
- BARBOSA, Marialva. **Os Donos do Rio: Imprensa, poder e público**. Niterói, 1996. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Vício de Leitura, 2000.
- BARBOSA, RUI. **Rui Barbosa: escritos e discursos seletos**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995.
- BARROS, Diana L. Pessoa e FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo, Edusp, 1994.
- BATALHA, Claudio H. M. **Le syndicalisme "amarelo" a Rio de Janeiro (1906-1930)**. These de Doctorat de l'Université de Paris I. Paris, 1986.
- BATALHA, Claudio H. M. "A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX" in **História do Marxismo no Brasil**. Campinas, Editora da Unicamp, 1995. Vol. II.
- BATALHA, Claudio H. M. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.

- BATALHA, Claudio H. de Moraes. "A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências" in FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo, Contexto, 2000.
- BEIGUELMAN, Paula. **Por que Lima Barreto?** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: um Haussmann tropical**. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.
- BESSONE, Tania Maria. **Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920**. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1999.
- BLOCH, Marc. **Introdução à história**. s.l., Publicações Europa-América, 1974.
- BOSI, Alfredo. "O romance social: Lima Barreto" in **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo, Cultrix, s.d.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- BOTELHO, Denilson. "A pátria que quisera ter era um mito" - **Uma introdução ao pensamento político de Lima Barreto**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do IFCH/UNICAMP. Campinas, 1996.
- BOTELHO, Denilson. **A fábrica de loucos da República Velha: loucura, cidadania e exclusão no Rio de Janeiro de Lima Barreto..** Monografia de Bacharelado em História. - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- BRAYNER, Sônia. "Lima Barreto: mostrar ou significar?" In: **Labirinto do espaço romanesco**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- BRAYNER, Sônia. "A mitologia urbana de Lima Barreto" in **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, Abril-Junho 1973, nº 33/34.
- BRETAS, Marcos Luiz. **A guerra das ruas; povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1997.
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil - 1900**. s.l., Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, s.d.
- BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales, 1929-1989; a revolução francesa da Historiografia**. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo, Editora da Unesp, 1992.
- BURKE, Peter. **A arte da conversação**. São Paulo, Unesp, 1995.
- CAMINHA, Adolfo. **Cartas literárias**. Frotaleza, EUFC, 1999.

- CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do picapau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato**. São Paulo, Martins Fontes, 1986.
- CAMPOS, Cristina Hebling. **O sonhar libertário. Movimento operário nos anos de 1917 a 1921**. Campinas, Pontes/Unicamp, 1994.
- CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976.
- CÂNDIDO, Antonio. “A passagem do dois ao três; contribuição para o estudo das mediações na análise literária” in **Revista de História**,. São Paulo, vol. Nº 100, pp. 787-800.
- CÂNDIDO, Antonio. “Os olhos, a barca e o espelho” in **A educação pela noite** e outros ensaios. São Paulo, Ática, 1987.
- CÂNDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**; ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Ensaio racionalistas**. Rio de Janeiro, Campus, 1988.
- CARONE, Edgard. **A República Velha**; instituições e classes sociais. Rio de Janeiro, Difel, 1978.
- CARONE, Edgard. **A Primeira República (1889-1930)**. Rio de Janeiro, Difel, 1976.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**; o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- CARVALHO, José Murilo de. Aspectos históricos do pré-modernismo brasileiro. *In*: **Sobre o modernismo**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisas. Setor de Filologia. Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.
- CARVALHO, José Murilo de. “História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura” in **Topoi – Revista de História**. Rio de Janeiro, 7Letras, 2000, pp. 123-152.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **Quatro vezes cidade**. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1994.
- CASTRO, Celso. **A Proclamação da República**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.
- CASTRO, Celso. **Os militares e a República**; um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- CASTRO, Hebe. “História social” in CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro, Campus, 1997.
- CASTRO, Sertório de. **A República que a revolução destruiu**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- CELSONO, Afonso. **Porque me ufano do meu país**. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1901.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, Vozes, 1995.
- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). **A história contada**; capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

- CHALHOUB, Sidney. "A história nas histórias de Machado de Assis: uma interpretação de Helena". **Primeira Versão**. Campinas, SP, n° 33, 1991.
- CHALHOUB, Sidney. "A guerra contra os cortiços: cidade do Rio, 1850-1906" in **Primeira Versão**. Campinas, SP, n° 19, 1990.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**; cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**; o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. "A história hoje: dúvidas, desafios, propostas" in **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13. 1994.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**; entre práticas e representações. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil; Lisboa, Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**; Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- CHARTIER, Roger. "Debate – História e Literatura" in **Topoi – Revista de História**. Rio de Janeiro, 7Letras, 2000, pp. 197-216.
- COELHO NETO, H. M. **O meu dia**. Porto, Chardron, 1922.
- CORREA, Mariza. **Morte em família**; representações jurídicas de papéis sexuais. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- COSTA, Angela Marques da e SCHWARCZ, Lília Moritz. **1890-1914: no tempo das certezas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- COUTINHO, Carlos Néelson. "O significado de Lima Barreto em nossa Literatura". In: **Cultura e sociedade no Brasil**. Rio de Janeiro: Oficina de Livros, 1991.
- CUNHA, Euclides da. **Euclides da Cunha: obra completa**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira da. **Liberalismo & Oligarquias na República Velha: O Paiz e a campanha do Marechal Hermes da Fonseca (1909/1910)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas de São Paulo. São Paulo, 1976
- D'INCAO, Maria Angela (org.). **História e ideal; ensaios sobre Caio Prado Júnior**. São Paulo: Editora Unesp, Editora Brasiliense, Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette; mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DARNTON, Robert. **Boemia literária e revolução**; o submundo das letras no antigo regime. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

- DARNTON, Robert. **Edição e sedição**; o universo da literatura clandestina no século XVIII. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos**; e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- DARNTON, Robert. **O iluminismo como negócio**; história da publicação da Enciclopédia, 1775-1800. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- DASCAL, Marcelo (Org.). **Conhecimento, linguagem, ideologia**. São Paulo, Perspectiva, 1989.
- DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Fiction in the archives**. s.l., Polity Press, 1988.
- DEL BRENNA, Giovanna Rosso (org.). **O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II**. Rio de Janeiro: Index, 1985.
- DIMAS, Antonio. **Tempos eufóricos: análise da Revista Kosmos, 1904-1909**. São Paulo, Ática, 1983.
- DUBY, Georges. **Guilherme Marechal**; ou o melhor cavaleiro do mundo. 2ª ed.. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Graal, 1987.
- DUBY, Georges. **A história continua**. Rio de Janeiro: Zahar/UFRJ, 1993.
- DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Rio de Janeiro, Conquista, 1957. 5 v.
- ENGEL, Magali Gouveia. "Paixão, crime e relações de gênero (Rio de Janeiro, 1890-1930)" in **Topoi – Revista de História**. Rio de Janeiro, 7Letras, 2000, pp. 153-177.
- ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores**; saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo, Brasiliense, 1989.
- FANTINATTI, C. E. **O profeta e o escrivão**; Estudo sobre Lima Barreto. São Paulo: ILPHA-HUCITEC, 1978.
- FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social**. São Paulo: Difel, 1986.
- FEIJÓ, Martin Cezar. **O revolucionário cordial**; Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural. São Paulo, Boitempo Editorial, 2001.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo, Ática, 1988.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil 1880-1920**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1978.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **A República na Velha Província**. Rio de Janeiro, Rio Fundo Ed., 1989.

- FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. **Lima Barreto e o fim do sonho republicano**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1995.
- FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. **O fim do sonho republicano: o lugar da ironia em Lima Barreto**. Dissertação de Mestrado. - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1990.
- FONSECA, Gondin da. **Santos Dumont**. Rio de Janeiro, Vecchi Editor, 1940.
- FRAGOSO, João Luís. "O Império escravista e a República dos plantadores" In: LINHARES, Maria Yedda L. (Coord.). **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro, Campus, 1990.
- FRIEIRO, Eduardo. **O Diabo na Livraria do Cônego**. São Paulo, Editora Itatiaia / Editora da Universidade de São Paulo, 1981.
- GILENO, Carlos Henrique. **Lima Barreto e a condição do negro e do mulato na Primeira República (1889-1930)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e ciências Humanas da Unicamp. Campinas, 1997.
- GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil; Lisboa, Difel, 1989.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- GINZBURG, Carlo. **El juez y el historiador; anotaciones al margen del caso Sofri**. s.l., Anaya, s.d.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais; morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GINZBURG, Carlo. "Apontar e citar: a verdade da história" in **Revista de História**. São Paulo, Primavera, 1991, n° 2/3, pp. 91-106.
- GEREMEK, Bronislaw. **Os filhos de Caim**; vagabundos e miseráveis na literatura européia, 1400-1700. São Paulo, companhia das Letras, 1995.
- GLEDSON, John. **Machado de Assis: ficção e história**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- GOMES, Angela Maria de Castro. **Burguesia e trabalho**; Política e legislação social no Brasil 1917-1937. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1979.
- GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro, IUPERJ, 1988.
- GOMES, Angela de Castro (Coord.). **Velhos militantes**; Depoimentos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
- GOMES, Angela de Castro. **Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo**. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GOMES, Angela de Castro. **História e historiadores**. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- HARDMAN, Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil** (das origens aos anos 20). São Paulo, Ática, 1991.
- HERRON, Robert. "Lima Barreto's Isaías Caminha as a psychological novel" in **Luso-Brazilian Review**, December 1971, Vol. VIII, n. 2, pp. 26-38.
- HOBSBAWN, Eric J. **Era dos extremos; o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- HOBSBAWN, Eric J. "O ressurgimento da narrativa: alguns comentários" in **Revista de História**. São Paulo, Primavera, 1991, n° 2/3, pp. 39-46.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. "Em torno de Lima Barreto". In: : **Cobra de vidro**. São Paulo: Perspectiva Secretaria de Cultura e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.
- HUNT, L. **A nova história cultural**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- JAMESON, Fredric. **O inconsciente político; a narrativa como ato socialmente simbólico**. São Paulo, Ática, 1992.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **Os subversivos da República**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- KOVARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem; a origem do trabalho livre no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- KURY, Adriano da Gama. "A linguagem dos pré-modernistas. Alguns problemas na fixação de textos" in **Sobre o modernismo**. Rio de Janeiro: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. SETOR DE FILOLOGIA., 1988. pp. 205-215.
- LACAPRA, Dominique. "História e romance" in **Revista de História**. São Paulo, Primavera, 1991, n° 2/3, pp. 107-124.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura?** São Paulo, Brasiliense, 1982.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo, Ática, 1996.
- LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1998.
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (dir.). **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (dir.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (dir.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.

- LEMAIRE, Ria. e DECCA, Edgard S. de (Orgs.). **Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura.** Campinas, Porto Alegre, Editora da Unicamp, Editora da Universidade – UFRGS, 2000.
- LEPAPE, Pierre. **Voltaire; Nascimento dos intelectuais no século das Luzes.** Rio de Janeiro, Zahar, 1995.
- LESSA, Renato. **A ordem oligárquica brasileira: esboço de uma reflexão alternativa.** Rio de Janeiro: CPDOC, 1978.
- LESSA, Renato. **A invenção republicana;** Campos Sales, as bases e a decadência da primeira República brasileira. Rio de Janeiro: Vértice, 1988.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. *In:* : P. BURKE. **A escrita da história;** novas perspectivas. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista - UNESP, 1992. Pp. 354.
- LIMA, Oliveira. **Nos Estados Unidos;** impressões políticas e sociais. Leipzig,, F. A. Brockhaus, 1899.
- LLOYD, Cristopher. **As estruturas da história.** Rio de Janeiro, Zahar, 1995.
- LOBATO, Monteiro. **O problema vital.** São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1919.
- LOBATO, Monteiro. **Urupês.** São Paulo, Brasiliense, 1948.
- LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação.** São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1999.
- LUSTOSA, Isabel. **Brasil pelo método confuso;** humor e boemia em Mendes Fradique. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1993.
- MACHADO NETO, A. L. **Estrutura social da República das Letras.** São Paulo, Grijalbo, EDUSP, 1973.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária.** São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira: 1897-1914.** São Paulo: Cultrix, 1978.
- MASSA, Jean-Michel. “La Bibliothèque de Machado de Assis” in **Revista do Livro** - Órgão do Instituto Nacional do Livro / MEC. Rio de Janeiro, Ano VI, nº 21-22, março-junho 1961, pp. 195-238.
- MATTOS, Marcelo Badaró. **Vadios, jogadores, mendigos e bêbados na cidade do Rio de Janeiro do início do século.** Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1991.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945).** Rio de Janeiro, DIFEL, 1979.
- MICELI, Sérgio. **Poder, Sexo e Letras na República Velha;** estudo clínico dos anatólios. São Paulo, Perspectiva, 1977.

- MONTELLO, Josué. **Os inimigos de Machado de Assis**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.
- MORAIS, Evaristo de. **Reminiscências de um rábula criminalista**. Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Editora Briguier, 1989.
- MORAIS, Regis de. **Lima Barreto; o elogio da subversão**. São paulo, Brasiliense, 1983.
- MURICY, Katia. **A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. **Marinheiros em revolta; recrutamento e disciplina na Marinha de Guerra, 1880-1910**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do IFCH/Unicamp. Campinas, 1997.
- NEGRO, Hélio e LEUENROTH, Edgard. **O que é o maximismo ou o bolchevismo**. São Paulo, Editora Semente, s.d.
- NEVES, Margarida de Souza. "História da crônica. Crônica da história". in RESENDE, Beatriz (Org.). **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro, José Olympio, CCBB, 1995.
- NEVES, Margarida de Souza. "O bordado de um tempo (A história na estória de Esaú e Jacó)" in **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, Abril-Junho de 1985.
- NEVES, Margarida de Souza. "Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas" in **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, Editora da Unicamp; Rio de Janeiro, FCRB, 1992.
- NORA, Pierre. "Entre Mémoire et Histoire: la problématique des lieux". In: **Les lieux des memoires - La République**. Paris: Gallimard, 1984.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. "O romance e o pensamento político nos anos 30" in PORTELLA, E. **Romance de 30 no Nordeste**. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará – PROED, 1983.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. "Literatura e sociedade: teoria literária e análise sociológica" in KHEDE, S. S. **Contrapontos da literatura**. Rio de Janeiro, Vozes, 1984.
- PANSARDI, Marcos Vinícius. **Republicanos e operários: os primeiros anos do movimento socialista no Brasil (1889-1903)**. Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1993.
- PENNA, Lincoln de Abreu. **República brasileira**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.
- PEREIRA, Asatrojildo. **Crítica Impura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- PEREIRA, Asatrojildo. **Interpretações**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1944.

- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O Carnaval das Letras**. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**; uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. "Por trás das máscaras: Machado de Assis e os literatos cariocas no carnaval da virada do século" in **Monografia**. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, Ano 2, nº 3, 1992.
- PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1996.
- PIZARRO, Ana (Org.). **América Latina: palavra, literatura e cultura; A emancipação do discurso**. Campinas, Unicamp, 1994. Vol. 2.
- PRADO, Antonio Armoni. **Lima Barreto, o crítico e a crise**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- PRADO, Antonio Armoni. **Libertários no Brasil**; memórias, lutas, cultura. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- PRADO, Eduardo. **A ilusão americana**. São Paulo, IBRASA, 1980.
- QUEIROZ, Suely Robles Reis de. **Os radicais da República**; Jacobinismo: ideologia e ação 1893-1897. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar (Brasil: 1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- RAGO, Margareth e GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (Orgs.). **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas, SP, UNICAMP/IFCH, 2000.
- RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RANCIERE, Jacques. "As palavras da história" in **Novos Estudos / CEBRAP**. São Paulo, julho de 1991, nº 30, pp 131-148.
- REIS FILHO, Daniel Aarão, FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX**, o tempo das certezas; Da formação do capitalismo à Primeira Grande Guerra. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000. Volume 1.
- RESENDE, Beatriz. "Em caso de desespero, não trabalhem. A política nas crônicas de Machado de Assis" in **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, Editora da Unicamp; Rio de Janeiro, FCRB, 1992.
- RESENDE, Beatriz. "Um cronista na cidade das letras" in **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, abril/junho de 1986, v. 85, pp. 89-100.

- RESENDE, Beatriz Vieira de. "Lima Barreto e a República". **Revista da USP**, v. nº 3, pp. 89-94, set./nov. 1989.
- RESENDE, Beatriz Vieira de. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ / Editora UNICAMP, 1993.
- RESENDE, Beatriz Vieira de. "A representação do Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto". In: **Sobre o pré-modernismo**. Rio de Janeiro, FCRB., 1988. pp. 107-114.
- RESENDE, Beatriz Vieira de. "Lima Barreto: a opção pela marginália". In: SHWARZ, R. **Os pobres na Literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- RESENDE, Beatriz. "Introdução" in BARRETO, A. H. de Lima. **O Subterrâneo do Morro do Castelo**. Rio de Janeiro, Dantes, 1997.
- RESENDE, Beatriz. **Dentes negros cabelos azuis; Lima Barreto e a cidadania em fragmentos**. Tese de doutorado em Letras, apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 1989.
- RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto crítico da modernidade**. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária apresentada à UFRJ. Rio de Janeiro, 1979.
- REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas; a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- RIBEIRO, Gladys Sabina. **Mata galegos; os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ROCHA, Oswaldo Porto. **A era das demolições; Cidade do Rio de Janeiro: 1870-1920**. Rio de Janeiro, Secr. Mun. de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1986.
- RUY, José Carlos. "A pátria que quisera ter era um mito". **Leia**. São Paulo, Ano X, nº 120, pp. 41-42.
- SALES, Campos. **Da propaganda à presidência**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1983.
- SANTOS, Affonso C. Marques (org.). **O Rio de Janeiro de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Rioarte, 1983. 2 v.
- SCHWARTZMAN, Simon. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro, Paz e Terra; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1984.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas; forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1988.
- SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo, Duas Cidades, 1990.
- SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina; mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo, Editora Scipione, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. **Pindorama revisitada; cultura e sociedade em tempos de virada**. São Paulo, Peirópolis, 2000.

- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SILVA, Eduardo. **As queixas do povo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- SILVA, Helcio Pereira da. **Lima Barreto escritor maldito**. Rio de Janeiro, Gráfica do M.A.F.C., 1976
- SILVA, Maurício. "Primeira República e o maximalismo no Brasil". **Leitura**, v. nº 12 (142), março de 1994.
- SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Cultura histórica em debate**. São Paulo, Unesp, 1995.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890**. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.
- SODRÉ, Nelson W. **A História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966..
- SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência; mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.
- SOUZA, Maria do Carmo Campello de. "O processo político-partidário na Primeira República" in MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Brasil em perspectiva**. Rio de Janeiro, Difel, 1977. pp. 162-226.
- STAROBINSKI, Jean. **A invenção da liberdade, 1700-1789**. São Paulo: Unesp, 1994.
- STONE, Lawrence. "O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história" in **Revista de História**. São Paulo, Primavera, 1991, nº 2/3, pp. 13-37.
- SUSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?** Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. Rio de Janeiro, Achiamé, 1984.
- SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras; literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- SUSSEKIND, Flora. **As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, FCRB, 1986.
- SUSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- TÁTI, Miécio. **O mundo de Machado de Assis**. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1991.
- TEIXEIRA, Vera Regina. "Clara dos Anjos de Lima Barreto: Biópsia de uma Sociedade" in **Luso-Brazilian Review**, Summer 1980, Vol. 17, n. 1, pp. 41-50.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum; estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

- THOMPSON, E. P. **Witness against the beast**; William Blake and the Moral Law. New York, The New Press, 1993.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**; a questão do outro. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo, Perspectiva, 1979.
- TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros**; a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993. 2 v.
- VAINFAS, Ronaldo. "História das mentalidades e história cultural" in CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro, Campus, 1997.
- VASCONCELLOS, Eliane. **Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto**. Rio de Janeiro, Lacerda Ed., 1999.
- VASCONCELLOS, Eliane. "Lima Barreto: misógino ou feminista?" In: : CANDIDO. Antonio e outros. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas/Rio de Janeiro: Editora da UNICAMP/FCRB, 1992.
- VECCHI, Roberto. "Seja moderno, seja brutal: a loucura como profecia da história em Lima Barreto" in HARDMAN, Francisco Foot (Org.). **Morte e progresso**: cultura brasileira como apagamento de rastros. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1998. Pp. 111-124.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. **As tradições populares na Belle Époque carioca**. Rio de Janeiro, FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.
- VENTURA, Roberto. **Estilo tropical**; história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- WHITE, Hayden. **Meta-História**; a imaginação histórica do século XIX. São Paulo, Edusp, 1992.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**; ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo, Edusp, 1994.
- WHITE, Hayden. "A questão da narrativa na teoria contemporânea da história" in **Revista de História**. São Paulo, Primavera, 1991, nº 2/3, pp. 47-89.
- WITTER, José Sebastião. **República, política e partido**. Bauru, SP, EDUSC, 1999.

Anexo: Ilustrações*:

Figura 1 – Retrato de Lima Barreto, tirado por ocasião do lançamento da 2ª edição de *Recordação do Escrivão Isaías Caminha*, em 1917.

Figura 2 – Folha de rosto do primeiro número da revista *Floreal*.

Figura 3 – Índice do primeiro número da revista *Floreal*.

Figura 4 – Folha de rosto do segundo número da revista *Floreal*.

Figura 5 – Índice do segundo número da revista *Floreal*.

Figura 6 – Página inicial do artigo de Manuel Ribeiro de Almeida, intitulado “Spencerismo e Anarchia”, publicado no segundo número da revista *Floreal*.

Figura 7 – Página da *Careta*, de 17 de setembro de 1910, com duas fotos do Tribunal do Júri, por ocasião do julgamento da chamada “Primavera de Sangue”.

Figura 8 – *A Noite*, de 12 de março de 1915, anuncia na sua primeira página, o lançamento de *Numa e a Ninfa*.

Figura 9 – Página com artigo inicial da *Careta*, de 6 de fevereiro de 1915.

Figura 10 – Página da *Careta*, de 6 de fevereiro de 1915, com foto dos membros da mesa eleitoral dormindo.

Figura 11 – Página da *Careta*, de 6 de fevereiro de 1915, com foto de “eleitores vivos” votando na Saúde.

Figura 12 – Primeira página da *A Estação Theatral*, em 1º de julho de 1911, que comemora o seu aniversário e homenageia os seus colaboradores, dentre os quais está Lima Barreto.

Figura 13 – Primeira página d’*A Voz do Trabalhador*, de 15 de maio de 1913.

Figura 14 – Página 3 d’*A Voz do Trabalhador*, de 15 de maio de 1913, contendo o artigo “Palavras de um ‘snob’ anarquista”, de Lima Barreto.

Figura 15 – Capa do primeiro número d’*O Debate*, de 12 de julho de 1917.

Figura 16 – Página com o “programa” d’*O Debate*, de 12 de julho de 1917.

Figura 17 – Página d’*O Debate*, de 15 de setembro de 1917, contendo o artigo “Sobre a carestia”, de Lima Barreto.

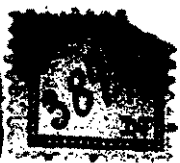
Figura 18 – Página d’*O Debate*, de 15 de setembro de 1917, contendo a cobertura da greve geral, com fotografia do movimento em Salvador.

Figura 19 – Capa d’*O Debate*, de 9 de agosto de 1917.

* Todas as ilustrações foram reproduzidas a partir do acervo da Biblioteca Nacional. A Figura 1, da Seção de Iconografia, e as demais, da Seção de Periódicos.



FIGURA 1



ANNO I

N. 1

FLOREAL



Publicação bi-mensal
de critica e litteratura



DIRECTOR
Lima Barreto

REDACÇÃO
Rua Sete de Setembro, 89
1º Andar

Rio de Janeiro — Brazil — 1907

EXPEDIENTE

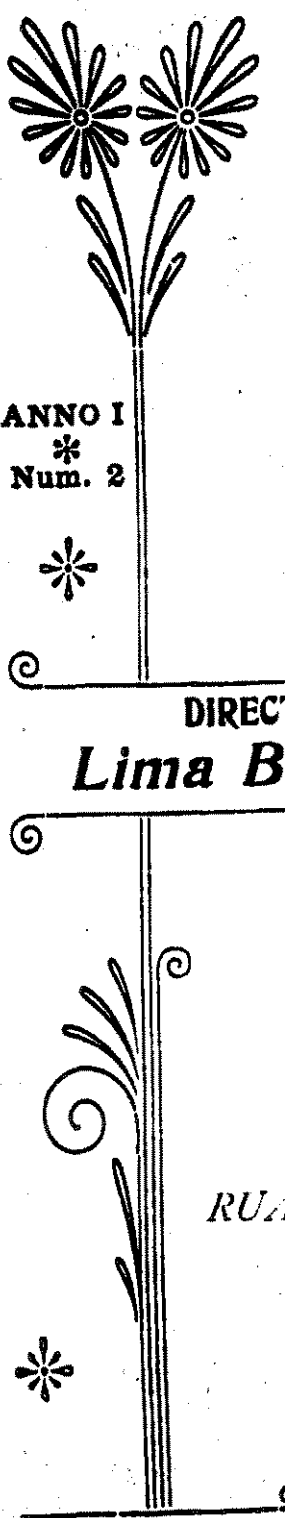
Assignaturas

Trimestre... 3\$000 — Semestre... 6\$000
 Anno..... 12\$000
 Avulso..... \$500

Rio, 25 de Outubro, 1907.

Summario

Artigo inicial — *Lima Barreto*; Dialogo — *A. Noronha Santos*; Dia de Amor — *D. Ribeiro Filho*; Ossos (versos) — *M. Pinto de Souza*; Recordações do Escrivão *I. Caminha* — *Lima Barreto*; Revista da Semana: Pretextos — *Lima Barreto*; Jornaes e Revistas — *A. Noronha Santos*; Echos, &.



Floreal

ANNO I

*
Num. 2

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL
DE
CRITICA E LITERATURA

DIRECTOR

Lima Barreto

REDACÇÃO

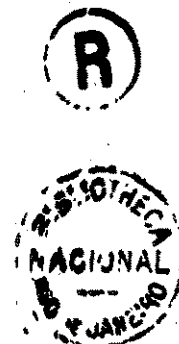
RUA SETE DE SETEMBRO, 89

(1.º andar)

BRAZIL

RIO DE JANEIRO

1907



EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Trimestre.....	3\$000	— Semestre.....	6\$000
Anno.....			12\$000
Avulso.....			\$500



Rio, 12 de Novembro, 1907



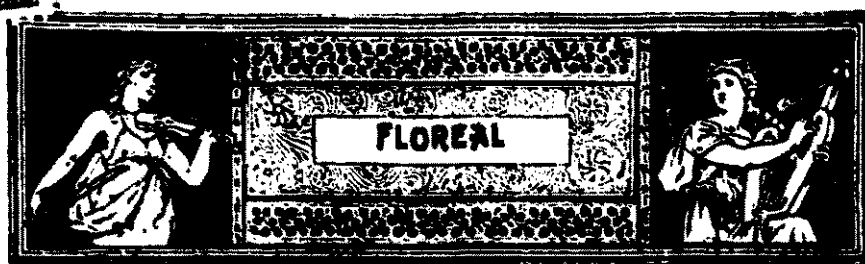
Summario :

<i>Spencerismo e Anarchia.....</i>	M. Ribeiro de Almeida
<i>Face a Face.....</i>	J. Pereira Barreto.
<i>Historia Triste.....</i>	Carlos de Lara.
<i>Recordações do escrívão Isaias Caminha (Continuação)..</i>	Lima Barreto.

Revista da Quinzena :

<i>Pretextos.....</i>	A. Noronha Santo
<i>Questões actuaes.....</i>	Edmundo Enéas Galvão
<i>Protocollo.....</i>	
<i>Echos.....</i>	



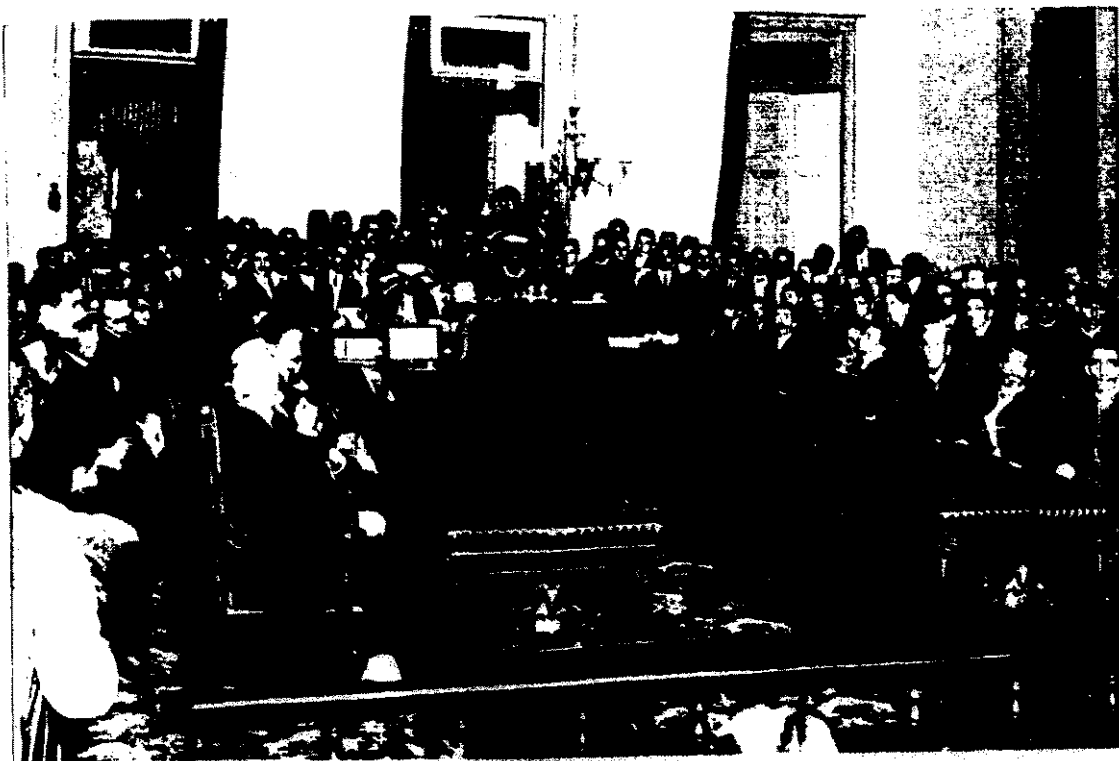


Spencerismo

e Anarchia

UMA pedra, lançada no espaço, não seria por isso considerada um planeta ou um astro — seria, quando muito, um bolido. Mas imagine-se agora que essa pedra, que poderia não ser bem uma pedra, que poderia ser apenas um grão de areia, cresça, por grãos imperceptíveis, até se tornar, por exemplo, do tamanho do Sol. Chega um momento em que se pôde dizer d'ella, positivamente, que é um astro. O que não se pôde dizer é o momento preciso em que o grão de areia passou a ser pedra, e o momento preciso em que a pedra passou a ser astro. Assim em uma infinidade de casos. Uma despesa de 1 real, por exemplo, ou de 20 réis pôde não arruinar absolutamente um individuo. Essa despesa pôde crescer ainda, dobrar, triplicar-se, augmentar constantemente, por parcelas muito pequenas, sem que, por largo espaço, deixe de poder ser feita sem constrangimento, sem soffrimento; em dado instante, porém, percebe-se que ella seria penosa. Qual o instante preciso ou, pelo menos, com approximação de 100 réis em que isso passaria a acontecer? E' o que não existe ou o que não se pôde dizer. N'uma téla branca que tivesse recebido uma aguada de Nankin que fosse desde o negro, esbatendo-se insensivelmente, até uma zona que não houvesse recebido tinta alguma, não se

TRIBUNAL DO JURY



Julgamento dos accusados como responsaveis pelo assassinato dos estudantes Gilmar e seu irmão. O juiz Machado Guimarães preside os trabalhos. Os jurados, entre os quaes estão o Dr. Bernaldo, o Dr. Castro, professor da Faculdade de Medicina, e o escriptor Lima Barreto, to que está com a mão no queixo, ante das Memórias do escravo Isaias Camargo.



Julgamento dos accusados como mandante e executores do assassinato dos estudantes Gilmar e seu irmão. Os jurados, entre os quaes estão o Dr. Bernaldo, o Dr. Castro, professor da Faculdade de Medicina, e o escriptor Lima Barreto, to que está com a mão no queixo, ante das Memórias do escravo Isaias Camargo.

Um romance que vae causar successo

A NOITE começará a publicar por estes dias um livro novo de Lima Barreto



A galeria onde Lima Barreto foi buscar os personagens do "Numa e a Nymppha"

Uma noticia excellente. A A NOITE vae publicar um romance genuinamente nacional e a que desde já podemos garantir o mais justificado successo.

Esse romance já tem uma pequena historia; um dia encontravam-se aqui na redacção varios escandalos dos milhares que assignalaram o governo Hermes como o mais corrupto da historia quando alguém teve esta phrase:

— Mas é preciso que appareça algum escriptor, com qualidades de estilo e de observação, para conter as proezas desta gente. É um crime que um periodo como este não fique indelevelmente assignalado em uma obra mais resistente á acção do tempo que as simples collecções dos jornaes.

Boa idea. Era preciso pô-la em pratica.

Mas, qual seria o escriptor nacional a quem daríamos a incumbencia de romantisar os protagonistas do momento politico e social brasileiro? A indecisão foi rapida; veio logo á idéa o nome de Lima Barreto, o festejado autor das "Memorias de Isaias Caminha", incontestavelmente um dos nossos romances nacionais mais bem escriptos e mais populares.

Lima Barreto, apesar da sua despreocupação pelo successo na vida, apesar dos seus habitos bohemios, é um excellent observador. Não ha facto ou acontecimento politico ou social que elle não commente com uma ironia causticante. Algumas das suas observações mais felizes e mais promptas conseguem mesmo atravessar as rodas bohemias para que são ditas e vêm escandalisar a burguezia indigena.

Era, pois, o homem naturalmente indicado para o trabalho.

Lima Barreto accoitou a incumbencia. Dê-lhe antes carta branca para tratar de

qualquer assumpto ou de qualquer pessoa — politico, jornalista ou honra do negocio — sem limitações de especie alguma.

— Si você achia, dissennos-lhe, até aqui na redacção da A NOITE pôde encontrar algum personagem para o seu romance, não faca economias; Utilize-se de qualquer de nós, á vontade.

Poucos dias depois Lima Barreto trouxe-nos o primeiro numero de frás, e só então ficámos sabendo que elle baptisara o nosso romance — delle o da A NOITE — com o suggestivo e pittoresco nome de "Numa e a Nymppha".

Os nossos leitores vão, pois, se deliciar com o "Numa e a Nymppha". A publicação do novo trabalho de Lima Barreto vae ser, indiscutivelmente, o grande successo literario e politico do momento.

Successo literario, porque está escripto em uma linguagem sobria e castigada, dons requisitos que tão raramente se encontram juntos nos romances indigenas. Ha em "Numa e a Nymppha" descrições que são verdadeiros primores de estilo e de observação.

Successo politico, porque "Numa e a Nymppha" é uma "charge" inclemente aos honens politicos do momento. Alguns delles o leitor facilmente reconhecerá, apesar da mascara que Lima Barreto lhes affivelou ao rosto. Mas, si o nome é supposto, os seus vicios e processos são por demais conhecidos para que não sejam apanhados em flagrante.

Lima Barreto poderia abrir "Numa e a Nymppha" com a celebre phrase, ora de novo na moda, depois do attentado de Lisboa: "Sobre a nudez forte da Verdade o manto diaphano da Phantasia".

Mais alguns dias e os leitores da A NOITE vão se regalar — regalar é o termo justo — com a leitura de "Numa e a Nymppha".

Carta

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO. 15\$000 | SEMESTRE. 8\$000
NUMERO AVULSO
CAPITAL. 300 Rs. — ESTADOS. 100 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS

TELEPHONE N. 5341

N. 346 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 6 — FEVEREIRO — 1915 — ANNO VIII

POLITICA

As ultimas eleições, para renovação de mandato legislativo, ás camaras federaes, vieram demonstrar ainda uma vez as falhas praticas do regimen vigente. Ninguém no Brasil se illude com o resultado desses pleitos. Falta-lhes o concurso da opinião nacional, da verdadeira, da grande opinião, da que se funda nos interesses essenciaes do paiz e resume as varias correntes de ideias predominantes no seio do povo.

Entre nós, a politica, avassallada pelos corrilhos, não se diferenciou em partidos de principios. Não ha programmas, não ha bandeiras, não ha ideias. Os elementos conservadores isolam-se na sua esphera particular de actividade; o radicalismo descamba para uma vaga propaganda platonica, sem applicações; ainda se não organisou a opinião média, que em todas as democracias serve para ligar ou neutralizar, segundo os assumptos e os factos, os conceitos extremados de reacção ou progresso. Em taes circumstancias, a lucta das urnas ficou entregue aos *politicians* sem escrupulos e aos seus *capangas*.

Proval-o-ia um rapido exame do nosso eleitorado, se não o dispensassem os acontecimentos, aqui verificados todas as vezes que os cidadãos são chamados ao cumprimento desse dever.

Remédios para o mal? Estão de ha muito indicados. O que determina a abstenção, eleitoral, — disse-o conhecido publicista nosso, de responsabilidade na vida do regimen, — é a falta de confiança no resultado dos pleitos. Ora, parodiando outro ensaista, esse estrangeiro, poderemos attribuir semelhante suspeita ao *envenenamento constitucional* de que vamos morrendo aos poucos. A má interpretação de todos os textos legais, o desrespeito ás garantias civis e politicas, a ambição de mando, a ausencia de programmas, tudo isso havia de produzir ao cabo de algum tempo o retrahimento lamentavel do eleitorado livre. E que estranheza causará a violencia grosseiramente partidaria dos arrebatamentos de urnas e das actas falsas?

Findou a primeiro acto da comedia. Esta corrido o velario. Mas não tarda a apuração e o reconhecimento de poderes. Quando o panno subir de novo, assistiremos divertidos ás duplicatas, ás triplicatas, ás quadruplicatas. Esses motivos comicos abrirão a nova phase da nossa vida legislativa...

AS ELEIÇÕES

Tanto mais isso muda quanto mais fica a mesma coisa... Nenhuma phrase define melhor as nossas eleições do que esta.

De facto. Para provar-o basta considerar as que se realizaram sabbado passado.

O Dr. Wenceslão Braz prometeu assegurar a liberdade das urnas e o que presenciamos a 30 de Janeiro nesta capital foi uma comedia porca, abaixo de toda a critica, tal qual como nos desopilantes tempos do marechal Hermes.

Parece incrível que no Districto Federal, no centro mais adiantado e mais culto do paiz, onde estam os representantes diplomaticos de todas as nações civilisadas do mundo, onde rezidem numerosas colonias estrangeiras, onde a imprensa independente é arregimentadissima, as eleições sejam a mesma farsa inqualificavel do mais remoto dos sertões do norte!



As eleições de 30 de Janeiro. — A meza na Prefeitura Municipal. Na hora puderam dormir por terem trazido o trabalho prompto de casa



Escola Modelo da Saude. — Pessoal que não votou no Rapadura



00

AS ELEIÇÕES



Escola Modelo da Saúde. Os eleitores vivos



Repartição dos Telegraphos, Praça 15 de Novembro. Os futuros eleitores a se votar

O DEBATE

ANNO I - N 1
RIO. 12 de Julho de 1917

DIRECTORES : — Adolpho Porto e Astrojildo Pereira
Redacção e Administração :
RUA DA ALFANDEGA N. 42 -- 2 andar

Assignatura — anno 5\$000
Numero avulso 100 rs.

NE'O - MONROISMO



A America (do Sul) para os americanos (do Norte)

O DEBATE

O programma desta folha pode dizer-se está contido no seu proprio titulo -- O DEBATE. Com effeito, o intuito que principalmente nos moveu a organizal-a foi o de crear um organ de debates, cujas columnas, liberrinas, se abram á discussão dos mais interessantes problemas de actualidade, na politica, na economia, nas letras, nas artes... Abordando os mais variados assumptos, enfrentando rijamente as questões mais graves, sustentando campanhas ardorosas, -- em summa, agitando a opinião publica e reflectindo as suas acções e reacções, O DEBATE, assim o desejamos, será uma folha ardente, calida, impetuosa...

Entendemos que este momento, prenhe de gravidades presentes e futuras, não deve decorrer nessa aviltante pasmaceira em que nos vão arrastando. De renuncia em renuncia, de miseria em miseria, de cobardia em cobardia. E' necessario fazer reboar, sobre o charco e em meio da calmaria podre, o grito das consciencias insatisfeitas e ainda não annulladas na unionsacréização dos rebanhos submissos.

Sem ligações politicas ou sociaes de quaesquer especies, O DEBATE, surtido dessa necessidade inadiavel tem sempre as suas paginas inteiramente consagradas ás grandes causas das liberdades collectivas e individuais, indefectivelmente guiado por um amplo ideal de justiça e de equidade.

Conando com um grupo de collaboradores effectivos, de que fazem parte nomes de eleição nas letras, no jornalismo, na critica social e artistica, nós esperamos, firmes e confiantes no apoio publico, possa O DEBATE satisfazer cabalmente tão vasto programma.

Não alimentamos illusões enton-tecedoras, e sabemos nos aguarda uma rude e rispida tarefa, mas encaramos o futuro animados por um saudoso e vigoroso optimismo, e affronta-

mos serenamente o caminho a seguir, de fronte erguida e musculosos tendidos.

ADOLPHO PORTO
ASTROJILDO PEREIRA

São collaboradores d'O DEBATE, entre outros, os Srs.:

AGRIPINO NAZARETH, DOMINGOS DE CASTRO LOPES, DOMINGOS RIBEIRO FILHO, FABIO LUZ, GEORGINO AVELINO GUSTAVO SANTIAGO, JOSE FELIX, JOSE OTICICA, LIMA BARRETO, LUIS MORAES, MANUEL DUARTE, MAURICIO DE LACERDA, MAX DE VASCONCELLOS, PEDRO DO COUTTO, ROBES, PIERRE TROVÃO, SARANDY RAPOSO, SANTOS MAIA, THEO-FILHO, THEODORO DE ALBUQUERQUE, THEODORO MAGALHÃES.

Desde já, consecutivamente ou alternativamente, O DEBATE manterá as seguintes secções, confiadas a conhecidos especialistas:

Os paes da patria...
Os livros
Os theatros
Os tribunaes
As exposições de arte
Os sports
Os factos do interior
Os factos do exterior
Os ridiculos...

Dentro em breve O DEBATE abrirá um concurso litterario, para contos, distribuindo premios em dinheiro e outros.

Estamos organizando as bases do concurso, as quaes serão opportunamente divulgadas.

E' nosso intuito incentivar os novos, premiando os verdadeiros talentos, apresentando-os ao grande publico, tão ludibriado pelo cabotismo das panellinhas e panellonas.

A Fatalidade

Que lições individualmente aprendemos nós desde 1914?

Os homens, que eu conheci antes d'aquelle tempo, são ainda hoje os mesmos desde então, e o nosso paiz é invariavelmente o mesmo, ou antes invariavelmente peor.

A meu ver não aprendemos nada, e quanto a mim proprio desaprendi tudo quanto imaginei saber.

E' que para o homem não ha lições; não ha ensinamentos nem educação. Tudo isso quanto se vê e se estuda no decurso de uma existencia individual ou collectiva é mera fantasmagoria.

Uma ideia vem e outra ideia vem; passa uma e outra se transforma; é tudo em pura perda. O acervo das acquisições intellectuaes da humanidade é um montão de fumo espesso que o vento leva e desloca, mas que envolve com o gaz asphyxiante...

Emquanto o homem pensar hão de acontecer-lhe irreparaveis desastres; e o desengano é o maior dos desastres.

Porque pensar é fazer inutil violencia á fatalidade.

Os annos que passaram da batalha geral na Europa, passaram, e os seus vestigios na Russia e no Brazil são exactamente os mesmos que haveria deixado a paz geral.

Somos os mesmos, eu, a patria e todos; seremos sempre assim.

Apenas em tres annos o homem realizou um formoso ideal: o de matar e morrer.

Matar e morrer é uma synthese formidolosa de toda a metaphysica scientifica e moral que tortura a gente.

Vivemos para isso. Os pensadores generosos e sentimentaes perdem-se na illusão contraria e architectam paraizo para a habitação dos tigres e das gazellas humanas.

E' possivel? Que cá um de nós olhe o seu passado e note quantas vezes ergueu e demoliu a sua choupana ou o seu castello.

Entretanto, não a intelligencia, nem mesmo os factos, não a sociologia, nem a historia, mas a fatalidade ahi está sobre toda a Creação:

Sejamos irracionais: aves ou hyenas, mas sejamos irracionais: Nada aprender e nada ensinar.

E nós temos tres quartos de caminhos percorridos para atraz na fatalidade: nós somos Brasileiros.

D. RIBEIRO FILHO.

15/sep/1917

SOBRE A CARESTIA

As varias partes do nosso complicado governo se têm movido para estudar e debellar as causas da crescente carestia dos generos de primeira necessidade á nossa vida. As grovas que têm estalado em varios pontos do paiz muito têm concorrido para esses passos do Estado. Entretanto, a vida continúa a encarecer e as providencias não apparecem.

Não ha necessidade de ser muito enfiado nos mysterios das patifarias commerciaes e industriaes, para ver logo qual a causa de semelhante encarecimento das utilidades primordiales á nossa existencia.

Nunca o Brazil se produziu tanto e nunca ellas foram tão caras. O plantador, o operario agricola continúa a ganhar o mesmo; mas o consumidor as está pagando pelo dobro. Quem ganha? O capitalista. Elle e unicamente elle, porquanto o fisco mesmo continúa a receber o mesmo ou quasi o mesmo que antigamente.

O assucar, por exemplo, que descera de preço nestes ultimos annos, é um caso typico da ladroesia capitalista, da mais nojenta.

Os usineiros e os seus comparsas, commissarios, etc., no intuito de esfolarem a população nacional ou residente no Brazil, descobriram que o melhor meio de o fazerem era vender grandes partidas, para o estrangeiro, pela metade do preço por que as vendem aqui.

Semelhanes patifes, com umas theorias economicas da Escola do Pinhal de Azambuja, dizem que, si não fizessem tal coisa, seria a "débauche" do seu negocio. Isto veiu escripto nos jornaes, com aquella arrogancia peculiar a fazendeiros, especialmente os de canna, e fabricantes de assucar. E' o que elles chamam o "alívio".

Nada mais absurdo e mais besta. Todo o fito do aperfeiçoamento das nossas machinas, dos nossos processos industriaes (é o caso do assucar), tem sido produzir muito, rapidamente, para vender barato, de modo que o lucro, por mais insignificante que seja em um kilo, somado nas toneladas, dê, por fim, um lucro fabuloso.

O Portella, ahi da Casa Colombo, sabe bem disso, no tocante ao seu commercio, pois affirma que a sua divida é "Vender muito, para vender barato".

Si o assucar que elles vendem á Republica Argentina fosse lançado nos nossos mercados, o pequeno lucro que desse, junto ao lucro obtido com aquelle que até agora fica aqui, seria suffi-

ciente para remunerar o capital mais judeu deste mundo.

Não é necessario ir buscar autoridades em finanças e economia politica, para demonstrar coisa tão evidente.

Entretanto, a ganancia, o cynismo, a desfaçatez, a alma de piratas dos caciques do assucar não querem ver isto e esfomeam os seus patricios. Por falar em patria...

A patria é um laço moral, dizem; mas, quando os Zéa-Bezerras, os Perelras Limas e outros rompem esse laço, de tórma tão bucaneira, como acabo de mostrar no caso do assucar, de que modo posso mais respeitá-los, a elles, nas suas vidas e nos seus haveres? Creio que me acho desobrigado de toda e qualquer prisão moral com semelhantes patifes.

Em presenca delles, devo proceder como em presenca do salteador que me toma os passos, em lugar ermo, e me exige os nickéis que tenho no bolso. Só ha um remedio, si não quero ficar sem os magros cobres: é matá-lo.

Não ha necessidade, entretanto, de o fazer, na parte relativa a esses cynicos do assucar e outros. Semelhante gente não se incommoda em morrer: incommoda-se em perder dinheiro ou em deixar de ganhar-o. E' tocar-lhes na bolsa, que elles choram que nem bezerras desmanhados.

O povo até agora tem esperado por leis repressivas de tão escandaloso estanco, que é presidido por um ministro de Estado. Ellas não virão, fique certo; mas ha ainda um remedio: é a violencia.

Só com a violencia os opprimidos têm podido se libertar de uma minoria oppressora, ávida e cynica; e ainda, infelizmente, não se fechou o cyclo das violencias necessarias.

Quando um ministro de Estado, como o Rufino o é, cuja missão, na especialidade do seu departamento, é prover ás necessidades geraes da população, attender aos seus clamores, impedir a oppressão de uma classe sobre as demais, regular o equilibrio das forças sociais, se faz caixeiro ou chefe de "trust", para esfomear um paiz, não ha mais para onde appellar sinão para a violencia, para a brutalidade da força!

Não ha outra esperança, pois elles dominam todo o mecanismo legal — o Congresso, os juizes, os tribunaes — e tudo isto só fará o que elles quiserem, e seria vão soccorremo-nos desse appa-relho.

E' doloroso chegar a semelhante conclusão; é doloroso ver tanto sangue ge-

neroso derramado, tanta lagrima chorada, tanto estudo, tanta abnegação, tanto sacrificio, tanta dôr de grandes homens e daquelles que os amaram e apoiaram, é doloroso, dizia, ver acabar tudo isto nas mãos de um typo alvar, idiota, ignorante, cúbido e cynico, como Zé Bezerra, para, com o trabalho de tantas gerações e a meditação de tantos sábios, trabalho e meditação que estão nas machinas de suas usinas e nos processos do fabrico, esfomear um paiz e rir-se de sua miseria.

Nós sabemos porque elle ri-se: é porque conta com a força armada para apoiar o seu saque legal.

Mas, Bezerra, é bom não contar com ella sempre. O soldado obedece sem saber, talvez; mas o official sabe ler e, quando se convencer de que pôde comprar o teu assucar ao kilo, dando-te lucro, por \$500, pois tu por esse preço o vendes ao argentino, elle não commendará a descarga sobre os desgraçados que forem expropriar os teus armazens de açambarcador ministerial.

"Rira mieux qui rira le dernier"...

O que fica ahi dito pôde-se applicar ao feijão, com Mattarazzo á frente; á carne verde, com o açougueiro Antonio Prado e o seu caixeiro viajante Graça Aranha, ambos á testa da especulação indecente das carnes frigorificadas, fornecidas, a baixo preço, aos estrangeiros, enquanto nós, aqui, pagamos o dobro pelo kilo da mesma mercadoria; e assim por deante.

Meditem que elles mesmos ou os seus prepostos são os fabricantes das leis e á sombra delias, estão organisando esse torpe saque á miseria dos pobres e á mediania dos remedidos, sem dó nem piedade, sem freio moral, religioso, philanthropico, patriótico, cavalheiresco ou outro de qualquer natureza; e digam si podemos nós outros, que soffremos as agruras da sua crueldade gananciosa, da sua avidéz cynica, da sua immunda traficancia, ter em relação a elles qualquer prisão por laços moraes, religiosos, patrióticos, cavalheirescos ou outros queesquer?

Todos elles estão rompidos, todos elles não existem mais, e toda e qualquer violencia, sobre elles ou sobre as suas propriedades, é justa e legitima.

E', porém, preferivel sobre os teres e haveres delles, antes do que sobre as suas pessoas, pois só assim esses Shylocks chorarão como bezerras ou bezerras desmanhados.

A nossa Republica, com o exemplo de S. Paulo, se transformou no domi-

Edição provinciana do Sr. Aurelino

Os telegrammas do Recife annunciam que a grève geral que, como nesta capital, como em S. Paulo, como em todos os pontos do paiz onde o movimento do proletariado reflecte a situação angustiosa em que se debatem as classes pobres, havia sido declarada, cessou, graças ás "energicas medidas" postas em pratica pelo governador do Estado.

Essas medidas energicas do governo de Pernambuco nada mais são do que a cópia fiel, uma segunda edição das violencias que a policia do sr. Aurelino aqui poz em pratica, quando se declarou a ultima grève. E o sr. Borba que, aliás, sem paradigmas, já se revelára completo nas suas arbitrariedades e prepotencias, restabelecendo naquella Estado o regimen do cacete e do bacamarte para os que não dizem amen aos

seus processos, sente-se agora muito á vontade para suffocar e estrangular os pacificos operarios em parede, escudado no exemplo que lhe dá a capital da Republica.

Abroquelado atraz do cangaceirismo facinoroso, recrutado para a policia, quando o matuto timbaúbense, visionario delirante de revoluções phantasticas, andava apavorado com o sr. Dantas Barreto, o sr. Borba não trepidou em utilisar seus capangas fardados contra os operarios, fazendo-os acutillar e pisar nas ruas do Recife, conforme os telegrammas que toda a imprensa carioca publicou.

Como o bacharel pedante e conferencista auto-reclamista que, com esse bôbo-alegre, esse exhibicionista idiota, major Bandeira, seguindo-lhe as pegadas como um cão fiel, andou nesta capi-

tal invadindo associações operarias e prohibindo "meetings", tambem a policia do tabaré de Goyanna impediu a realisação dos comícios operarios em Recife, deixando-se empolgar pelo medo que não raro se apodera dos tyrannetes do seu estofó.

O sr. Borba, porém, por prudencia, deve recuar na pratica de taes violencias. Por prudencia, dizemos, porque ninguem mais acredita nas fumaças democraticas do vulgar politiqueiro traidor. E é uma cautela elementarissima essa para quem, como o actual governador pernambucano, sabe ser o povo do seu Estado, muito capaz de, num daquelles movimentos insoffreaveis, como o de 1911, enxotar-o do palacio do Campo das Princezas, sem deixar-lhe tempo nem para tomar as calças e o casaco...



Um attestado photographico do que foi a ultima grève na Bahia

O DEBATE

P 1

ANNO I — N 3

RIO, 9 de Agosto de 1917

DIRECTORES: — Adolpho Porto e Astrojildo Pereira

Redacção e Administração:

RUA DA ALFANDEGA N. 42 — 2º andar

Assinatura — anno 5\$000

Numero avulso 100 rs.

